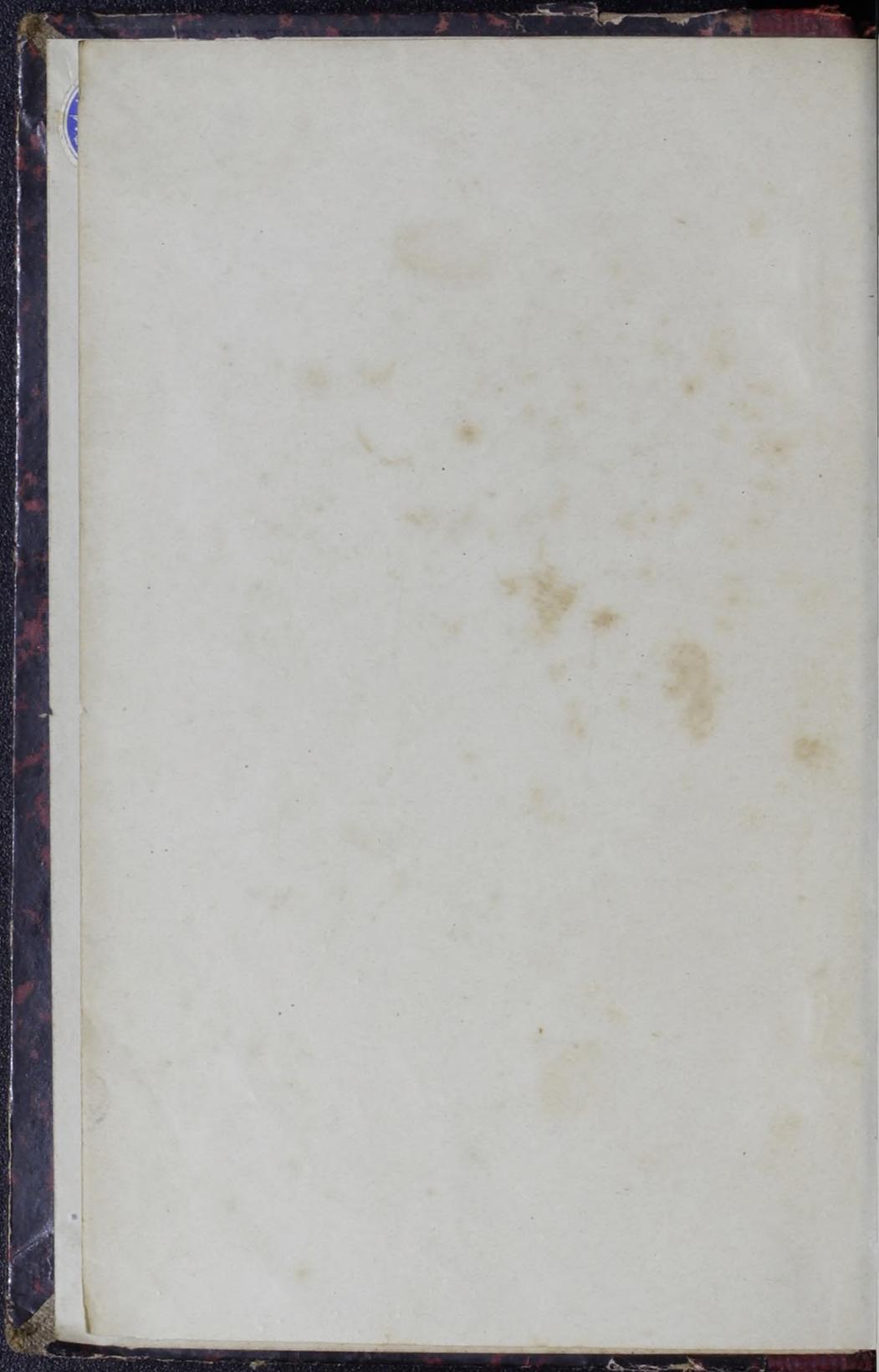




LIVRARIA  
CONTEMPORANEA  
RAMIRO M. COSTA  
PERNAMBUCO

tussis



DO CIVISMO  
E  
DA ARTE NO BRAZIL



DO MESMO AUCTOR :

*O Almirante dos Mares Orientaes* — (1898, S. Paulo, Brazil) — terceiro milheiro exgottado.

*A Peste* — (1899-1900, pamphletos mensaes. Lisboa — Livraria Central, editora).

*Do Civismo e da Arte no Brazil* — 1900. Lisboa.

JOAQUIM LEITÃO

---

DO CIVISMO

E

DA ARTE NO BRASIL

BIBLIOTECA MUNICIPAL

"CRISTENES LESSA"

Tombo N.º 33.197

MUSEU LITERÁRIO

---

LISBOA

LIVRARIA EDITORA TAVARES CARDOSO & IRMÃO

5, Largo de Camões, 6

1900

Typ. a vapor da Empresa Litteraria e Typographica

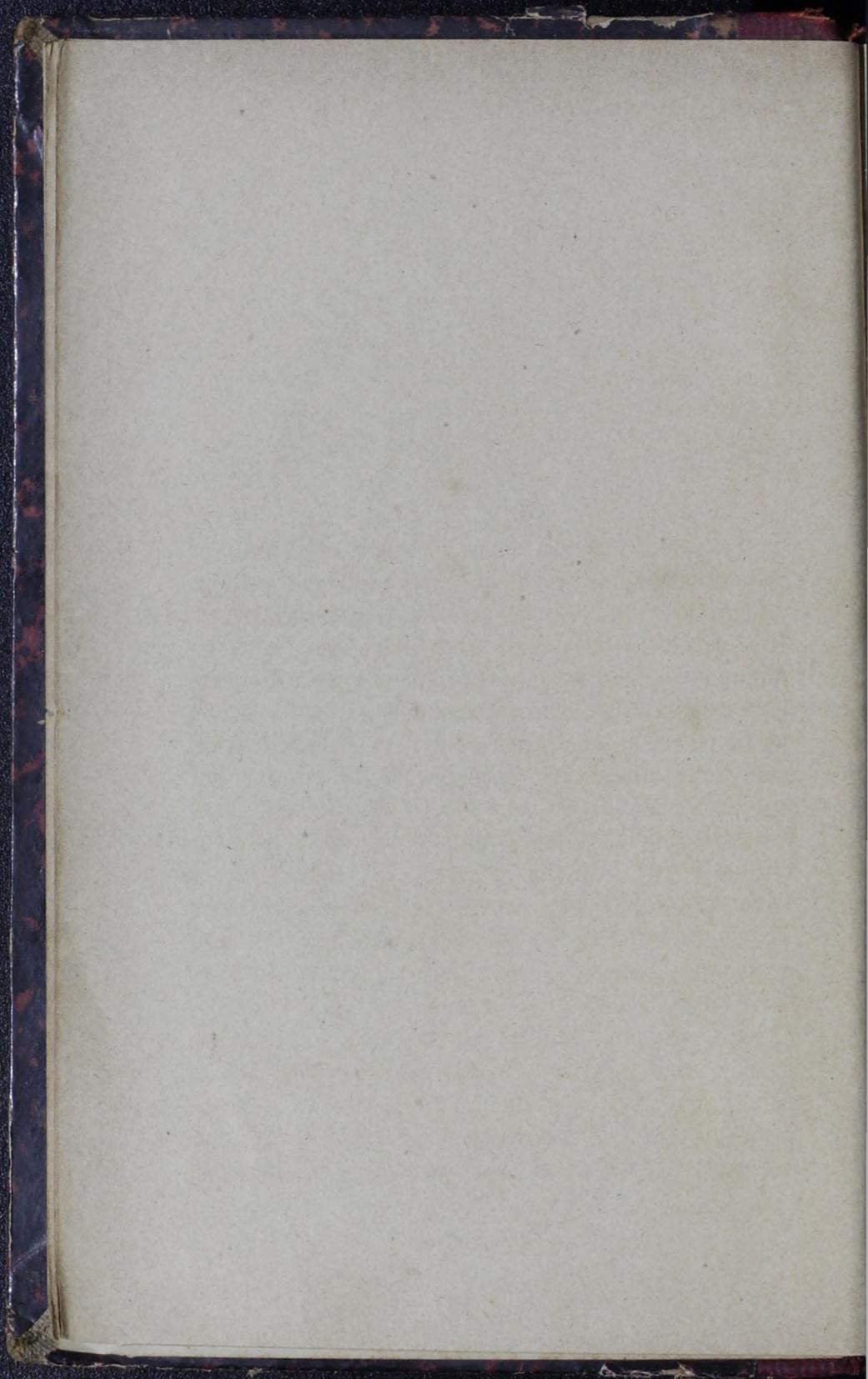
Rua de D. Pedro, 184 — Porto

*O triumpho esplendoroso d'esse povo novo que é o Brasil, constitue para nós outros, raça adormecida, um exemplo mais fructificante que as flambagens epicas das nossas historicas glorias.*

*Esta obra onde, nas sombras apagadas d'aquelle triumpho, um sopro de Esperança na Vida Nacional perpassa, dedico-a*

## *A MEU PAE*

*porque a sua vida de trabalhador, — feita das sublimes luctas, sabendo querer, sabendo soffrer, sabendo vencer, no supremo heroísmo da sua existencia — attingiu as bellas proporções d'uma divisa civica, de que tanto carece a Mocidade Portugueza, a fim de se reanimar para as bellas energias, preparando pela acção, pela alegria, pela saude, pelo amor e pela fé, a estridente victoria d'Amanhan.*



Pela minha mente jámais passou a idéa de dar a este estudo sobre o Brasil a feição d'uma carteira de *touriste*. Um livro de viagens, n'este seculo?... Ora, não me faltava mais nada! hoje, hoje que, na minha terra, toda a gente viaja, quando mais não seja, pela estação calmosa, uma fugidinha ás Caldas ou aos banhos do mar, uma excursão a Braga, n'uma lua de mel, entrecortando os beijos primeiros com uma bucha de frigideiras e uma visita aos judeus, para esmoer; que não morre pessoa que se preze sem ter ido a Paris ver os armazens de modas; que o Hyde-Park é uma coisa batida e os thesoiros da Corôa já não fazem arregalar o olho de nenhum visitante de Londres; hoje que basta tomar um *expresso*, para correr a Europa ao longo e ao travez, ou um transatlantico para desembarcar na America, na Asia, no Canadá, no Cap-Farewell; hoje, que tudo está descoberto, povoado, estudado e... explorado; que os proprios mares só teem por descobrir o fundo; que a terra está batida por todos os lados e se pensa de

dia e de noite na direcção dos balões ; que os audazes e os aventureiros vão refrescar as suas almas fervidas ás caiadas pyramides do pólo boreal ; que o novo e o imprevisto estão exhaustos como uma terra cansada de produzir ; que o exotismo da litteratura franceza nos serve desenhoadas stereotypias do Japão, nos presenteia com açafreados crysanthemos abrigo á sua umbella rabichos submissos, e, indo a New-York, nos traz sabido de cór quantos andares teem os monstruosos edificios ; hoje, hoje um livro de viagens !

Então logo, sobre o quê ? sobre o Brasil, esse colosso outr'ora nosso e nosso ainda pelo coração !

Parece que devia ser um assumpto gasto, não é verdade ? um assumpto que todo o portuguez pudesse tratar de improviso, n'uma conferencia, n'um artigo de jornal, n'um livro. Isso, sim ! quem trouxesse noticias do outro-mundo não seria escutado com mais sofreguidão e pasmo.

Declarar-se n'uma sala de qualquer paiz da Europa ter viajado o Brasil, é assumir, involuntariamente, proporções de heroe, soffrer as interpeilações mais disparatadas.

Porque a Europa forma a respeito do Brasil o juizo mais triste, mais injusto. A França, vá ! que continua a merecer o epigramma de Goethe : *«le français c'est un monsieur décoré qui ne connaît pas la géographie»*.

Mas Portugal, mas nós, os portuguezes ! que diariamente recebemos do Brasil os nossos irmãos e os

nossos filhos... Chega a ser absurda tal ignorancia e, verdade, verdade, não nos fica bem. Havemos de concordar que os nossos avoengos, aquelles desgraçados, viajando sessenta dias em navios veleiros, conheciam e sabiam dizer mais ao certo, melhor do que nós, o que era o Brasil do seu tempo. E tão bem nol-o deixaram dito que ainda hoje se faz do Brasil a idéa do que elle era vae em quatrocentos annos.

Para a maior parte de nós o Brasil é ainda hoje a voragem, o abysmo de onde ninguem consegue sahír uma vez lá cahido — é o matadouro.

O viajante fornece-se de roupas para tres annos, deixa a medida na camisaria e pouco falta para levar mantimentos. Ao despedir-se, é como se abraçasse pela ultima vez os entes queridos, ás portas da morte, de longada para a outra vida. Tão pessima idéa do Brasil lhe haviam feito crear, que, ao pôr pé nas calçadas do Rio de Janeiro, magnifica impressão o acommette, impressão de sobra para suppôr que o transportaram a um paiz encantado onde tudo fosse paz, ventura, riqueza, as ruas cheias de povo em perpetua festa, o céu sempre azul, aquecido e illuminado d'um sol inapagavel.

Permanece no seu espirito uma pontinha de desconfiança, de duvida e de receio inconfessado, vago. Como succedeu com uma familia portuense, cuja esposa se queixava a M.<sup>me</sup>... (Senhora de toda a respeitabilidade, pertencente á aristocracia montevideana, que me referiu o facto) de não poder socegar durante a noite.

— Ora essa! porque?...

— Porque meu marido, como faz muito calor, não quer dormir com a janella fechada... e eu passo toda a noite d'olhos abertos, cheia de mêdo.

— Mas mêdo de quê? Aqui, no centro do Rio de Janeiro, n'uma rua tão bonita e tão tranquilla como é esta de *D. Luiza*?!

— Mêdo das cobras, que podem entrar pela janella!...

A vida, porém, apaga esses e outros temores... O meio alliciente absorve. A realidade desvanece a lenda. Dentro em pouco, quando nos recordamos da idéa que formavamos d'aquelle paiz, sentimo-nos corar, varridos de vergonha, vexados da nossa ignorancia, sendo todo o nosso cuidado occultar ao brasileiro o juizo que Portugal faz da sua patria.

Isto, por delicadeza e por pudor.

É que, presencendo o amor e o culto que o Brasil vóta aos nossos homens, aos nossos monumentos, á nossa natureza, ás nossas glorias, ás nossas tradições, ás nossas Artes,—custa-nos que tão pouco se saiba d'um paiz que caminha a nosso lado como uma sombra colossal.

Infelizmente, tem Portugal uma boa desculpa a dar ao Brasil, se quizer confessar-lhe que bem pertinho está aqui a Hespanha e bem pouco ou nada conhecemos d'ella. Alguma coisa se conhece, valha a verdade:—o toureio, a *habanera* e o aniz. Tambem era melhor! qualquer comadre velha sabe os fracos da vizinha.

Se quizer ser franco, Portugal pôde mesmo dizer-lhe ao ouvido—que diria a verdade—: eu nem me conheço a mim!...

Portugal tem vivido de olhos pregados na França. De Paris vinha tudo: a moda, os figurinos, as revistas d'arte, os catalogos typographicos, as traducções das obras primas hespanholas, italianas e inglezas, o talho dos vestidos e o modêlo dos edictoriaes dos periodicos.

Tudo! inclusivamente o nosso vinho, depois de chrismado. Só não veio aquelle pouco de saude e de força que a França herdou da Revolução. Aquelle som de oiro e de bronze dos versos de Hugo abafava a epopaica symphonia da luz, da justiça, da liberdade, do trabalho.

Imitando uma raça superficial, quando d'ella surge um povo empunhando um facho, nós cerramos os olhos, e nas poucas occasiões em que esse povo dá ao mundo um grande exemplo não queremos imital-o, seguil-o. Nas poucas occasiões em que elle deixa de ser um povo de operetta para ser um precursor, nós ficamos teimosamente na nossa futilidade, recusamos abrir os olhos, receber o influxo da luz, e, ao rythmo embalador dos lyricos, adormecemos profundamente, á espera que esse povo volte a ser banal, degenerado, cretino.

Ainda bem que esse povo teima em manter-se de pé, em toda a eclusão do seu ideal, prégando—portabandeira do seculo vinte—a religião da verdade; a unica religião augusta e moral, explicando a sua dou-

trina christianissima com os sãos exemplos d'uma forte sciencia experimental!

Um dia virá em que nos convertamos a essa religião... Entretanto, parece que uma parte do povo portuguez tem embevecidamente os olhos pregados nas farripas da rainha Victoria; a outra espia, curiosa, tentada, os movimentos dos sabios allemães.

Antes isto do que macaquear Paris. O perigo, porém, subsiste.

Mal habituados a triumphar pelo sentimento apenas, a raciocinar com o coração e a decidir, nos momentos supremos, pelos actos impulsivos d'um temperamento meridionalmente ousado, nós temos por guia o preconceito, a superstição por dogma—, commodos ideaes para a nossa arabe indolencia, um pouco corrigida no norte, onde o elemento ethnico é outro mais forte.

E vamos passando a existencia, assistindo a todas as convulsões sociaes, de perna cruzada, encostados ao balcão das donas, a cabeça dolentemente reclinada, gemendo fadinhos na guitarra, olhos em alvo no alvo luar, desgarrando trovas melancolicas, lyricas, epopéa d'um povo contemplativo e fatalista.

Inevitavelmente ha em nós outros a consciencia da nossa fraqueira, que nos levará cambaleantes perante a augusta figura da sciencia moderna, mãe salubre da moderna Arte.

Por consequente, hoje mais que nunca, muito mais arriscados estamos a importar idéas, theorias, artes, que venham desnacionalisar-nos, uma vez que nos fal-

ta o tino preciso para as apropriar á nossa indole e destino, sabido e certo quão fatal é a nossa tendencia para o estrangeirismo, incapazes de nacionalisar as doutrinas fortes accites lá fóra, robustecendo-nos com ellas. Ahi o risco.

Queira Deus que não tenhamos mudado de figurino apenas, trocando um mau por outro peor, e que, mais conhecedores da França que os proprios francezes, não passemos a estudar a Allemanha, a ponto de discutirmos politica com o Guilherme, admittindo-lhe como verdadeiro ideal dos seculos futuros, o despotismo em vez da liberdade e da justiça, o militarismo pelo trabalho.

Sômos hem capazes d'isso. Basta que continue-mos a deixar-nos levar por esta lufada de sonho, que incessantemente nos arrebatá ao dominio da nossa vida pratica e social.

Devastadora lufada que nos varre da lembrança as preocupações mais serias da nossa vida !

Porque, o que sabe Portugal dos seus interesses, com que conta para arcar com as difficuldades temerosas da vida moderna, que fundo de reserva tranquillisa assim os seus espiritos? — Um pouquinho de historia quinhentista e já não é pouco ; para se fazer um figurão nas camaras, nos jornaes, nas assembléas e nas sessões solemnes, ou para rimar estrophes commemorativas, chega de sobra, sendo-se bacharel.

O resto é com os inglezes. Elles é que sabem se o Brasil é ou não um paiz habitavel e de futuro, e se

as linhas ferreas dão grossos dividendos... E com os italianos, tambem, que, recolhendo oiro, vencendo pelo argumento irrespondivel do numero, vão fazendo de S. Paulo uma colonia sua, sem derramar sangue na conquista.

E, todavia, ás terras de Vera-Cruz tem ido tanta gente! Ultimamente até homens de letras e jornalistas. De nada tem servido, porém; uns não teem querido escrever não sei por que... Outros teem-se limitado a uma ou outra monographia incompleta.

O unico que fez alguma coisa foi o jornalista João Chagas. Não se tendo, comtudo, demorado no Brasil o tempo sufficiente para lhe apanhar as intimas delicias, para o conhecer a fundo, para o apreciar, deixou em todo o seu livro um travo de nostalgia, que trespassa até as ultimas paginas. Apesar de toda a sua boa vontade é ainda, portanto, um livro de contra-propaganda para o Brasil.

Chega a minha vez.

Que bello romance social a fazer! Mas, como? se a *Fécondité* de Zola é tida aqui por uma obra metade idealista, metade immunda! Tudo cahiria em estilhas deante d'um povo, que ainda não conhece outro meio de propaganda senão o pamphleto ou o artigo, no jornal de combate. Só a paizagem se salvaria. O mais: meio, caracteres de personagens, a grande these a erigir, tudo tombaria derrubado, ao sopro d'uma incredulidade, que levaria á conta da imaginação do romancista o que a maior verdade-experimental tivesse construido sobre as bases d'uma observação segura e d'um

critério logico. Depois qual o romance que desse a idéa de todo o Brasil com as suas mil differenciações, de costumes, de linguagem mesmo, de caracteres talvez?

Se é obra para occupar toda uma vida de escriptor! deixemol-a a Coelho Netto, que tão bem comprehendeu a sua missão de nacionalista, dentro da litteratura.

E atiremo-nos á ingloria tarefa d'uma obra, que — por maior que fosse! — jámais ultrapassaria as tristes proporções d'um *croquis*, tão grande é o objecto.

Não creada ainda, já se lhe vêem resaltar os defeitos: a sua grande diffusão a roubar-lhe a intensidade, rachitizando-a pela omissão de preciosas minacias fortalecentes, negando-lhe a abundancia da documentação scientifica na critica, e, — como resultado total — a accusar o escriptor d'esse pouco folego que o impede de mergulhar inteiramente no phenomeno e o não deixa demorar no fundo, por ter de repetir esse exercicio por toda a costa norte d'esse mar, cuja musica a poesia brasileira guarda de cór para transfundir em sonho.

Tudo isto porque o Brasil é demasiadamente grande para caber n'um livro. Quem o quizer abranger, recolherá, quando muito, um *aperçu*.

E o escriptor confunde-se aqui com uma creança que tentasse agarrar o oceano com a mão, surprehendendo-se, desanimada, ao lograr, em troca da vastidão das aguas, a posse mesquinha d'algumas gottas per-ladas, escapando-se-lhe surrateiramente por entre os

dedos. Outras virão, após, mais documentadas e desenvolvidas, ficando então esta obra a servir-lhes d'uma como introdução.

Que a sinceridade que a concebeu e creou a absolva, a esta obra. Que n'ella triumphe a expressão perfeita d'esta saudade e d'esta como gratidão pelo paiz, pelo clima, pela natureza e pelos homens que nos dão tão proficuos exemplos de civismo — d'esse civismo forte, viril, base das grandes nacionalidades n'este pleno imperio do trabalho e da liberdade. Que d'ella transpareça o grande sôpro de justiça que a anima! e isso pagar-me-ha da sua logica mediocridade.

Porque é por um alto sentimento de justiça, para o Brasil, de patriotismo para Portugal, que eu vou tentar exprimir n'essas pobres paginas — restabelecendo factos, desfazendo lendas, desmentindo boatos, que correm de bocca em bocca com tregeitos de verdade, — esta saudade rediviva que incessantemente desperta em mim a recordação d'aquelles bons dias de sol americano, no qual os seus filhos vão banhar-se de força e de sonho, retemperando-se para a grande batalha social, para a sublime marcha triumphal do Progresso.

E tenho a certeza de causar uma alegre surpresa a Portugal, que ao ver já tão desenvolvido o seu Brasil, dirá, como os paes tornando a abraçar, trinta annos depois, um filho cêdo partido a ganhar a vida : estás um homem, meu filho!

# PRIMEIRA PARTE

---

## DO CIVISMO

### I

#### O HOMEM E A TERRA

Deixemos para depois o cosmopolismo incaracterístico da cidade brasileira.

Não vamos nós cahir no mesmo erro do emigrante portuguez, a quem o vicio da centralisação nacional impelle geralmente para os centros populosos, onde a actividade humana dá de cara com uma concorrência excessiva, exigindo faculdades excepcionaes e condições milagrosas para o triumpho da individualidade e a civilisação tornou já conhecidos todos os recantos da vida, mesmo as curiosidades tragicas da miseria.

É preciso fugir d'esses grandes centros, em que o progresso é um facto e o excesso da população recusa, na sua soberba de victoriosa, a nossa collaboraçaõ; e que não teem sequer, para attrahir-nos, as originalidades d'um povo nem os vestigios animados

d'uma raça, porque o pittoresco da sua tradição capitulou com a invasão cosmopolita.

Para que um paiz nos seja util, forçoso se torna saber onde devemos ir offerecer a utilidade das nossas forças; para lhe prestarmos reaes serviços precisamos conhecê-lo e isso só se aprende depois de lhe descobirmos os seus sulcos característicos, não os tomando pelos vincos que a superficialidade do contacto migratorio deixa ao roçar por elle as suas ranhuras.

A fonte da riqueza brasileira não está no Rio de Janeiro, como não brota de S. Paulo ou de outra qualquer cidade.

Essa vida farta de conforto e luxos caros do Rio é o producto da germinação exuberante d'aquella terra, é o sangue, feito vida, entumescendo as veias d'aquella sólo uberrimo do Interior, cujo ventre atira annualmente á cara da Europa com os fructos d'ouro da sua fecundidade, inundando o mundo de riqueza e de força.

Para acreditar-nos n'essa vida das cidades americanas é indispensavel ir ao sertão, receber o choque do seu deslumbramento biblico, ouvir a pastoral da sua flora magnificente, calcar os diamantes brutos que essa prodiga millionaria despreza ou ignora possuir.

Nem os caracteres do brasileiro passariam d'uma lenda, sem o conhecimento summario mas previo da sua mesologia.

Libertemo-nos, pois, d'esta perigosa fatalidade que nos conduz ao cego alistamento no funccionalismo offi-

cial ou particular. Recusemos o emprego ao balcão de commercio ou n'uma secretaria d'Estado. E disputamo-nos, emfim, para a verdadeira vida, no contacto leal da terra, d'essa vasta terra brasileira, onde por muito haver a inaugurar, o nosso empreendimento e a nossa energia podem ser ainda a fonte de uma obra fertilissima, grandiosa e eterna.

Ella ahi está, a terra amiga, estendendo-vos os braços n'uma acolhida hospitaleira, disputando-vos cada torrão, á porfia.

Ajoelhae a vossa alma ante a doce symphonia rustica de Minas-Geraes; deixae-vos commover pela supplica plangente de S. Paulo offerecendo os seus milhões áquelle trovador audaz que ouse desposal-a, fecundando a sua inquieta puberdade agricola; atirae n'um grande vôo de sonho o vosso olhar azul pela magnificencia dos pampas Rio-Grandenses; escolhei d'entre as suas manadas um pôtro selvagem e ide percorrer a *campanha*, n'uma imprevista aventura de guerrilhas, olhos postos n'esse exemplo rude do sobrio gaucho a quem uma manta de carne salgada e uma fogueira bastam para o seu frugal churrasco, com que resiste a sangrentas correrias de tribus primitivas n'um estremecimento de raças puras, não o suffocando a polvora, não o destribando o somno nem conseguindo desembuçar-lhe uma prega do poncho, os pontões hervados das hordas inimigas.

Depois de trepar aos mirificos pendores de Ouro Preto e de vos haverdes perdido no mysterio sumptuoso de Goyaz, atirae-vos de novo pelo Rio Grande

afóra. Atravessae Santa Catharina, onde, sobre um vasto mundo de campina verdejante, gados nédios folgam no pascigo; e seguindo a brenha eriçada, que mura Goyaz, após a noite da plena floresta, ireis amanhecer nos seringaes da Amazonia, rolando sempre por uma cachoeira volumosa de frondes, apenas entreaberta para dar caminho á arteria caféeira de S. Paulo, desviando-se para não atulhar os poços de oiro de Minas, detendo-se para acenar-vos, como n'um premio de sonho, tentador, com a feeria luxuriante do Guanabára.

Vale tambem a pena deslisar pela vertente de Minas, para na serena figura do *mineiro*—symbolo da honradez nacional — colher a boa-fé perdida, retemperar a abalada confiança nos homens.

Acampae com elle n'um *arraial*.— Se vos offerecer da sua carne de porco, um pouco de pirão ou uma mão-cheia de mandovi torrado, acceitae, que é a sua mesa, de bom grado repartida comvosco.

Mas não julgueis por essa apparente pobreza, a qual, muitas vezes, não é mais do que a simplicidade typica do Caipira, occultando no seu costume de brim um rodhésio poderio, como a sua fleugma tradicional disfarça a faculdade da extrema violencia, sempre justa, sempre leal, avisando antes de apontar a caçadeira, se a isso é levado pela evidencia d'algum factó, para o seu brio, grave.

E não tendes que vos admirar se elle vos amostrear artisticas preciosidades, reliquias da edade d'oiro portugueza, um cravo de museu, evolando eccos mor-

tos d'alguma saudade de galantes minuêtes, as commodas antigas, volutas preguiçosas ascendendo no delirio das talhas, colchas de seda e maravilhosas loiças da India em que os primeiros fidalgos portuguezes alli parados trinchavam os fructos preciosos de Diamantina.

Quando a vossa alma cançar na penetração suave de tanta primitividade unida a imprevistos legendarios de chimera, pedi-lhe que vos arranje uma *tropa*, para vos guiar rumo da cidade, sob a enternecida toada dos tropeiros, que se evolará na solidão calma das varzeas, como um pallio ondeante de gemidos magoados. Não falleis, porém, em partir de noite. A sua voz espaçada suspiraria a ballada dramatica das superstições sertanejas; a sua imaginação de simples desfiaria as lendas tragicas das mandingas, errando pelos môrros e barrancos.

Acceite essa condição, elle abalará comvosco, tangendo a cavallhada, mal no horizonte rutillem pespontos flammineos da manhan.

Quando a hora media abraçar, amollentando-vos no seu mormaço, podeis adormecer sobre os estribos, deixando guiar-vos pela sua experiencia e lealdade, entregando-vos de olhos cegos á sua guarda. Se acontecer elle apear-se, fação em punho, não vos assusteis. — Talvez algum ramo de cipó que outro tropeiro alli atravessára, assignalando qualquer perigo aos que viessem a passar, para de longe os prevenir e afastar, symbolo da solidariedade sertaneja, que o vosso destróe agora, para não se converter em falsi-

dade. Além, vel-o-heis aprear-se de novo, praticando o inverso. Ireis conhecendo assim a sua lealdade, usada com aquelles que seguem confiadamente as pegadas das suas mulas, lavradas no pó, com aquelles que elle não sabe sequer quem serão.

Tendes todo o caminho por vós, para lhe arrancardes, então, a historia d'aquelle temor em viajar pela impassibilidade morna das noites, buscando inexplicavelmente a luz caustica dos sóes flammejantes.

Reportar-vos-ha á chronica das eras coloniaes, tempos em que S. João d'El-Rei e Diamantina attrahiam, ao faro do oiro, salteadores destemidos que alijavam a carga e a vida dos cargueiros, de longada para o Rio. E essas scenas de sangue e de rapina saberá elle reconstruil-as tão ao vivo que ouvireis distinctamente zoar, na espessura, balas de arcabuzes e vereis, no fundo verde da matta impenetravel, clavinêtes lampear. Não desdenheis de benzer-vos com elle ao desfiar da sua crença em lobishomens—«minha nossa senhôôôra!»—e almas penadas a galopar vagueando pelas serras.

Ao transpôr esse infinito virgem do sertão, ide desde logo meditando na grande seára ahi perdida, como um thesouro encantado, n'uma somnolencia sáfara, pelos vossos braços rubustos suspirando de sob as folhas e musgos que arrecamam o sólo e por vós clamando n'um appello desesperado á vida.

Cada dia a mais que a vossa travessia dure, será mais um cantico d'esse bello poema que se inscreverá na vossa alma ! e em vós outros crescerá assim o di-

vino sonho da fecundidade; subirá por vós acima, como uma seiva ascendendo n'uma planta, uma necessidade avassalante de cooperar na sublime obra da criação e da vida, com uma fé imperecível devotados á terra, que virá a reconquistar-vos, esperando serêna o dia em que terá de abrir-vos o portico da sua néo-religião de felicidade, de saude, de força, de riqueza, de amor e de paz. E vós estremecereis, n'um arrepio de orgulho victorioso, ao percorrer o ultimo esteio d'esse sonho, vendo-vos já a vós mesmo triumphando d'esse matto bravio, pelo trabalho conquistador, derramando a felicidade e a riqueza dos seus flancos germinados a indecisa e quasi cosmica virginidade florestal, tornada fecunda; transformada n'um campo d'ouro immarcessível, a selva abrupta.

Uma nova fé e novas forças despertarão em vós. Sentir-vos-heis capazes das façanhas heroicas do gaúcho, embora na vossa alma, de irresolutos filhos das glebas minhôtas ou da tristeza das charnecas, os eccos das superstições mineiras resôem plangentemente como dobres. Em todo o vosso ser haverá a insurreição de bellas energias e, inconscientemente, carecendo de transformar subito, em acção, a vertigem dos nossos pensamentos e das vossas emoções, com um movimento nervoso raspaveis nas ancas do animal as *chilenas* prateadas, que reluzirão n'uma lagrima de sangue, emquanto vós trotaes, pisando o hausto quente da terra, no esplendor do céu immaculado, ao sol calido do pleno estio.

Tereis entrevisto a estrada real que leva direito

á felicidade. E os vossos olhos — d'onde transparece agora a verdade da vida —, volver-se-hão n'um saudoso adeus para essa terra, quando, ao cabo d'alguns dias, o tropeiro vos deixar a bom caminho do Rio.

Essa cidade de sonho que vos deslumbrava e atrahia, parecer-vos-ha agora sem interesse nem encantos. O vosso coração vae protestar sem duvida, reclamando de novo o grande ar das selvas livres, a egualdade grandiosa da natureza repartindo fraternalmente a vida pelas sebes e pelos homens.

É aproveitar esse estado d'alma e partir costa arriba.

Subi! Subi sempre. Que não vos arrependereis d'essa viagem: mil impressões novas, qual mais intensa, vos esperam, desde o deslumbramento da bahia do Guanabára aos seringaes do Rio Negro.

Furtae-vos á emoção communicativa dos companheiros de bordo, que na amurada do vapor encontrareis, de olhos alagados, dizendo um mudo adeus á cidade calumniada, temida, e por fim adorada por todos aquelles que lhe penetraram no coração. Deixae-os sosinhos, enlevados n'essa saudade, que cresce á medida que se apartam d'aquelle presepio de montes e cômas d'arvorêdos, e que vêem a ridente casaria dos bairros aristocraticos sumir-se á sombra do derradeiro môrro, apagarem-se nas cinzas da distancia as linhas esguias dos palmeirae copados, perderem-se de vista a pouco e pouco as areias do Flamengo, o panorama de Villegagnon, o magestoso Pão d'Assucar, até que, transpostas as fortalezas que

defendem a enseada — já não cheguem até ao barco, os habituaes ruidos d'aquella babylonia, tornada um ponto, não se ouça mais a rala do trabalho, a effervescencia da sua politica, o embate das suas ambições, a agitação da sua vida rejubilante, feita de amor, de paixões, de odios, de ideaes, lavrando n'um incendio maravilhoso, ateadado pelo sol americano.

Fugi ao contacto d'essa tristura, que pôde abater-vos. Precisaes de todo o bom humor e da mais despreendida alegria para vos tonificardes nos claros dias de sol limpido, banhar-vos na vivificante ternura d'essa natureza forte, que jorra n'um fertilizador álveo da vastidão do seu dominio inviolado.

Pena é que o vapor mal vos dê tempo para contemplar o espectaculo variado d'essa costa norte, espreguiçando-se lascivamente n'um dórso de gigante, a cada caricia das verdes aguas atlanticas, que a afaçam e cortejam entre sonoridades de beijos. Serão dezeseite dias que, d'esse territorio, apenas vos podem dar a vaga noção da sua immensidade.

Vamos ainda no terceiro dia de viagem e já percorremos dois Estados, que são dois paizes.

Eis-vos na hospitaleira e aristocratica Bahia, outro emporio do café e do assucar, em cujos sertões o fanatico de Monte-Santo com uma reduzida tribu de jagunços rechassou, ha tres annos, intrepidas hostes regulares, episodios sangrentos que fizeram perder a originalidade ás victorias rutilantes dos Boers.

Sempre o grande brado heroico da alma nacional,

rebelde ás tradições do marasmo, inquieta na sua força e na sua audacia latejante.

Mas a demora é curta. O vapor parte para vos desembarcar pouco depois em Maceió, onde a costa abrazante, inhospita, volve de novo a sugerir-vos annunciações de selva.

Sahis d'ahi á bocca da noite, predispostos para dormir um somno sem surpresas, quando pela madrugada, vozes de estibordo chegam aos vossos mal despertos ouvidos, marulhando, confusas.

Erguei-vos e ide para a coberta contemplar o mais maravilhoso espectáculo que fóra do Japão vos é dado pedir. Já avistaes o pharol de S. Agostinho. Dentro de tres horas surgirá das trevas e das aguas a formosa cidade do Recife, como um baixo relevo talhado na porcelana colorida d'um *écran*.

Tendes dois dias para vos perder nas suas sete pontes, cortando, como veiasinhas azues uma cutis eburnea de vallado em vallado, a magnificente cidade pernambucana, que o mar defende ciumentamente, espumando em impetos desesperados sobre o molhe.

Subindo sempre, vislumbraeis de longe as soberbas arvores do pão, de fructos colossaes, da Parahyba. Depois costeaes ao largo uma cidadezinha do Rio-Grande do Norte, que alguém passou em noite boa e appellidou Natal.

Olhae agora, o Maranhão! exausto de ter produzido tanto genio, agonizando na febre industrial da tecelaria, que o assolou. Do ventre lhe saíram

as maiores glorias da litteratura nacional e heroes da inspiraço e do estro foram, como Gonçalves Dias, perpetuados na memoria purificada do bronze, como a attestar que nem o vento rijo da barra nem o vagalhão dos tempos atirarão a terra a sua gloria musical. Ponde os olhos na sua decadencia economica. Vêde que feito levou esse pequenino paiz, que, sendo como nós outros um povo de agricultores, suppondo-se destinado para as rijas aventuras da industria, se despenhou, n'um mão-sonho, do seu leito de rosas. Elle que vos diga como a sua desgraça começou e como o seu dinheiro se sumiu, a sua riqueza devorada por qualquer pavoroso incendio, que tivesse estado a minar, alapardado nos fardos d'algodão, desapparecidos de conjuncto com os braços, foragidos para o sul, para o norte, abandonando-o á fome e á crise... E assim, á mingua de materia prima, escasseando os motores vivos, os capitães maranhenses, que haviam desamparado o seu commercio, para convergir na industria, viram-n'ò oscillar, sem elles paralysados lhes poderem valer, porque os teares, certo dia, digerido o ultimo fio, se declararam em greve e as fabricas desertas, inermes, se quedaram, n'um prolongado espasmo, estereis, como se por ellas tivesse passado o vento gelido da morte.

Uma aura começa de adejar. Oxalá que ella annuncie uma nortada rija e que aquelles sonhadores da industria algodoeira, arrojados mas imprevidentes, se escapem do naufragio, para onde os iam atirando aquelles cabeços da Crise negra.

Saudae mais uma vez, n'um alto preito, essa patria que tem dado á luz romancistas e poetas, berço fadado para embalar glorias!

E, agora, entoae, com toda a vossa doçura aromatisada de mysticismo e lenda:

«Verdes mares bravios da minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnauba.

«Verdes mares que brilhaes como liquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros:

«Serenai, verdes mares, e alisae docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro manso resvalle á flôr das aguas».

E ellas, as aguas, recuarão n'um marulho, ao ouvir a symphonia d'um dos seus grandes poemas. Volverão, porém, logo, de remêssô, como desesperadas na dôr rediviva de ter perdido o immortal cantor; e só lograreis pisar as areias do Ceará, atirando-vos da jangada aos braços rijos dos caboclos, que entram pelo mar, a receber-vos n'um vivo symbolo de hospitalidade.

As ruas fartas de luz, largas e longas, que parecem ir dar ao infinito, despertar-vos-hão logo a saudade da sombra dos altos joazeiros. E a aragem abraçadora, em linguas de fôgo, perpassará, levando-vos á bocca a igaçaba d'agua fresca, que vos estanque a sêde. Vereis, pelas janellas d'uma ou outra casa, ondular a rêde macia, onde Iracêmas cantam languidamente, acalentando os filhos, que serão os trabalhadores do futuro, os heroes e as glorias do Brasil d'amanhan. E nos murmurios do vento tepido chegarão até

vós os aromas bravios dos fructos silvestres, invocando frescuras de varzeas pittorescas. Com o ruido secco dos vossos passos marchará o farfalhar dos coqueiros. Em vão vos refugiareis na auto-sugestão das sombras frescas e dos succos refrigerantes do ananaz ou do caju. Sobre as espathas das plantas, sobre as areias cearenses, sobre o collo das aves indigenas como sobre o vosso dorso, crepitará doirado o sol a pino inclemente, pondo languescencias em toda a natureza, incendiando, em seccas ruinosas, sólo, aves, homens e flores.

É a grande calma trópical, lavrando a secca dos campos, queimando as sementeiras e tisanando as carnes. É a aridez em pleno parque! um ventre esteril entre tanta fecundidade.

Oiticasas derramam pállios clementes das suas franças e jacarandás marinham para o céu fulgido.

A mesma grande onda de mysterio e grandiosidade sulense inundará a vossa alma. N'um mesmo halito impregnado de poesia virá o mesmo sôpro de florestal virginidade. Para todo o sempre, vos lembrará a inclemencia d'aquelle sol que sorve a terra, como um beijo soffrego que asphixiasse, n'um exagero de paixão, a deusa branca d'um amor incomparavel, gerando a esterilidade—que é a morte—quando quizera tornal-a fecunda, para que fosse a vida.

Quando a estrella morta vos apontar á noite, para bordo, com o dedq immobil o paiz dos gêlos, não tendes que estremecer ao ouvir o cantico triste dos pobres cearenses, que debandam, para o seio do Ama-

zonas, n'uma expedição de fome, acossados pela praga que lhes devorou as seáras.

São homens, mulheres e creanças arrastando-se, como uma tribu em exodo; são os foragidos, as victimas das famosas seccas do Ceará. Bello exemplo! esse d'um pedaço de raça, que vae na sua marcha heroica e resignada, a caminho de melhores terras, com a companheira e os filhos, empilhados á prôa, de cambulhada na rêde—collo fiel onde choram as suas dôres e espargem os raros hymnos de ventura.

Isto, porém, não é mais que um plangente *intermezzo* cortando aquella ode pantheista, que canta em cada atomo a victoria estridente da fecundidade. São as eternas lagrimas e as eternas dôres entremeando-se com as conquistas humanas. Entre uma legião de fortes, um ser rachitico, infecundo! Logo após, encontrareis de novo o oasis de calma e de esplendor, immenso, que vos fará esquecer esse pequeno deserto donde se evolum fremitos de derrotas. A vegetação sobrenatural, excessiva, do Amazonas, abafará essa tristeza. Subi, subi sempre! mas não salteis no Pará.

N'uma conspiração de hospitalidade, a sua formosura e a sua opulencia enlaçando-os nos seus claros braços prender-vos-hiam no azul immaculado do seu véo; e, dando-vos a beber por taças de nacar a frescura do seu assahy<sup>1</sup>, adormecer-vos-hiam—o vosso

---

<sup>1</sup> O assahy é um fructo saboroso e farinaceo com que se faz uma bebida succulenta, um pouco acida e tão deliciosa que os paraenses dizem: «Quem vem ao Pará e toma assahy não sae mais d'aqui.»

mo perdido e em vão buscado por atalhos irreaes n'um mundo de sonho — como se tivesseis cahido ao lago d'um poente abrasado, onde mysteriosos philtros de encantamento corressem liquefeitos.

Ao movimento sereno do barco, garrando de Belem, quando as luzes do caes se afastarem soluçando, ide para a vossa camara e fazei por adormecer, preparando-vos para esse sonho apotheotico que é a Amazonia.

As trevas cahem, como o panno d'um theatro sobre uma scena tragica, para subir depois n'uma aurora de felicidade offuscadora.

Despertareis alegres. Não se ouve o rumor da vaga mordendo a quilha. Falta o marulhar das aguas arre-mettendo enraivecidas contra o casco e recuando, vencidas, para formar novo salto e avançar logo impetuosamente, n'aquella lucha de monstros. Supporeis estar fundeados. Mas mesmo da *cabine*, soerguendo-vos no cotovello, entrevereis pelas frestas da veneziana uma margem verdejante, que corre de manso, franças de arvoredos que se diffundem loucamente e que parecem querer agarrar a embarcação, fugindo umas para virem outras.

Ficareis deitados, gozando aquelle singrar voluptuoso, sem ruidos nem balanços, por entre uma alleuia de selva, n'um espreguiçamento longo, como se acordasseis no vosso quarto da cidade e vos demoras-se no leito o prazer contemplativo de olhar o céu por entre os vidros, para além dos quaes, no jardim da

*terrasse*, plantas frescas e fios d'agua, cahindo na piscina, cantassem a symphonia languida d'uma manhan.

Uma curiosidade, porèm, arranca-vos da *cabine* e faz-vos vestir n'um impeto, febris, como se fosseis chegar em breve a um porto.

Chegae á *ponte*: é o extasis. Atravessaes um paraná, cujo leito o vapor occupa quasi todo e por um triz que o costado não raspa pelas trepadeiras espessas das fachas marginaes, fertilmente cobertas de verdes macissos, franjadas de touceiras de jupatys, de asahyzeiros e muritys, n'um liame emmaranhado de folhagem, que mal baloiça á viração cahida. O céu parece arder no sol flammineo. Fere-vos a vista. Desviando o olhar, ao poisal-o nas aguas, dareis com frequentes nucleos de plantas aquaticas que se desprendem e vão na correnteza, até se fixarem no meio do rio, ondulando lascivamente, em ilhotas fluctuantes, que verdejam. E esses mururés, pelas suas folhas carnosas, enconchadas, recordar-vos-hão a imagem lyrica dos *nemuphars*.

A embarcação vae agora aos bordos, contornando lentamente ilhotas, transpondo paranás, vagarosa que nem havendo parado a enxugar a carcassa ao sol resplandecente. Ás vezes ao dobrar um estreito, o comprimento do vapor parece maior que a largura das margens e um receio nos toma de que se vá encastrar. Dir-se-hia que as margens vão esganar o rio; o vapor caminha rente a ellas, a dois metros de terra, assignalando o declive brusco das aguas, que se afundam subitamente como um dédalo. Depois são as lon-

ginguas margens, que se apartam de nós, para se mostrarem distantes. Ondas ligeiras, arrepiadas pelos dentes da helice, acavallam-se no rio barrento, cuja vasante caudalosa prejudica a marcha, pondo a descoberto troncos pödres e deixando em secco praias de lôdo, onde, n'uma molleza, jacarés se espapacam, á borda da agua. Sósinha n'um *reboque*, uma caboclinha, vestida de branco e flôr na grenha, atravessa o estreito, marinhando com a canôa pela marezia esfarfalhada, que o vapor levanta ao rasgar do sulco, remando á pôpa, de pé como as mulheres de Valbom.

Da prôa do vapor vem uma gritaria de vivas descontraídos: são os immigrants e a soldadesca saudando uma barraca de palmeiras, especada na margem, sobranceira ao rio. N'uma linguêta de madeira, que, em pontão de embarcadoiro, sae da porta da barraca, assoma uma familia inteira: o tapuyo, a cabocla e a filhaçada, sete ou oito creanças, quasi todas do mesmo tamanho, attestando a harmonia da fecundidade da mulher com a fertilidade d'aquella natureza exuberante.

No cotovêlo do paraná, que o vapor costeia, a barraca some-se.

Depois, feitas de mucajá, de bossu ou de coqueiro, outras e outras barracas se encontram, apenas espaçadas d'alguns kilometros, quaes marcos milliaros dos seringaes realengos, por assim dizer sem dono, que esperam a machadinha dos primeiros benvindos, para verterem o seu leite cinzento, alliviados do intumescimento que lhes engorgita as fibras, como uma

mãe fecundada, a quem o filho desinflamma os peitos. Na frente das barracas, estendidas na linguêta de madeira, mantas de pirarucú enxugam ao sol. Pelo valle fecundo arriba, a população de cada um d'esses acampamentos accorre, vestida do seu longo camisão abotoado no pescoço e solto depois, á guiza de tunica, saudando alegremente com o chapelão de carnaúba.

E a não ser este ephemero arruido de festa, nenhum outro soluço de vida corta o espaço. Tudo recae n'aquelle silencio virgem como antes das creações.

Tudo volve á mesma paz antiga. Donde a onde o vapor alcança montarias tripuladas por um ou dois tapuyos. Outras, avistando-vos ao longe, para escapar á vaga refluida da vossa marcha, abrigam-se junto á margem, n'uma enseadasinha que um molhe de frondes pesponta. E n'aquelle menisco de verdura, a magreza musculosa e suada do tapuyo rebrilha ao sol, como se da sua carne, tismada e quasi nua, scentelhas de aço fagulhassem.

A vossa vista, porém, não se saciará com isto. Quererá adivinhar por entre a olorada almandra das tonalidades altas e magnificas; e sómente avistareis além um immenso ponto escuro onde se presente a floresta.

Tres tiros, que estrugem na espessura, varam aquelle silencio feito de palpitações, com suspiros bailando em flôr.

Botando sentido acolá para estibordo vereis a mancha negra que na vossa deanteira caminha ha instantes, deter-se ao primeiro tiro, a modos d'uma embarcação

que pára sobre rodas, para esperar alguma canôa que lhe vae trazer passageiros ou carga ; mas ao terceiro estampido, vel-a-heis atracar á margem. É uma *gaiola*, vapor curto e bojudo, semelhante á forma das dragadeiras, cuja construcção especial lhe franqueia todos os canaes e a relaciona com todos os povoados. Ao passardes por ella, milhares de vozes crivirão pelos ralos da grade, que a circula a toda a altura, vivas estridulos, um jubilo de quem se encontra imprevisitamente na mesma róta.

Dentro em pouco, retoma a sua marcha, alcançavos e desaparece logo nas frestas do arvorêdo, escondendo-se nos recantos dos paranás, sumindo-se nas ilhas, esfusiando de vez em quando um silvo ou uma baforada de fumo negro, que sobe além em nuvem, n'um alarde da sua fuga victoriosa.

Lavram incendios, que rescaldam no mormaço. Á luz crua do dia, após um rapido poente maravilhoso succede-se o negrume do matto phosphorecente. Apenas a metade d'um disco vermelho indica a boia rubra onde o sol amarrou a sua jangada d'oiro, para dormir tranquillo aquellas noites de calma. A cada aurora, veloz como os poentes, reaccende-se o sol e de repente toda a terra parece arder.

As plumas brancas d'um cacual em flôr lembram a guarda-avançada da floresta immaculada, que houvesse formado na margem em linha de batalha, levando uma vanguarda de flammulas.

Ao cabo de tres dias, porém, o extasis, enfadandovos, parecer-vos-ha mesquinho. A vegetação continúa

inalteravelmente a mesma; somente as flores maceradas da imbaúba e os tachys com a sua cymeira côr de canela suavizam a monotonia dos assahyzeiros e dos juritys.

Demais esta vegetação viçosa, que brota abundantemente de torrões ribeirinhos, cobertos de touceiras de arvorêdo, espessas e bastas como muralhas verdes, sem um tronco nú nem á primeira mirada um ramo secco, espumando seiva e vertendo côr, é todavia uma vegetação nova. E estes terrenos, que tampouco são os primitivos mas terras de alluvião revolvidas pelas cheias do Amazonas e trazidas depois rio abaixo, grupando-se até formarem esta continuidade de ilhotas, despertar-vos-hão de novo a ante-saudade d'essa lendaria Amazonia, gigante, disforme, grandiosa, primitivamente grande, cheia de pujante majestade, ante a qual o homem se sente como que esmagado pela força dos seculos.

Tomae, então, uma *gaiola*, que embrenhando-se n'esse Interior,— por entre a orquestração estridente d'uma flora, que, na sua lingua estranha de côres exóticas e rescendencias bravias, canta celticas inspirações,— vos transportará a um scenario de Opera, a uma região de sonho, a uma perpetua alleluia de deslumbramentos.

Dos troncos senis folhas rugosas resvalam para a terra, contorcendo-se n'aquella collectiva dôr, que punge toda a floresta, por vêr desprezada a sua rara faculdade de fertil; de galho a galho, emmaranhadas, lianas prendem-se, rojando-se n'uma dansa serpentina

que envolve toda a allucinada vegetação florestal ; ramunculos pendem, sumindo-se na terra, a enraizar-se ; filandras d'oiro tecem rêdes inconsutis nas frondes revoltas ; repercutem cantos e silvos d'aves indigenas ; a principio como o marulhar de beijos, entoando depois a marcha heroica d'alguma raça banida coroando, na basilica florestal, um chefe da selva augusta, uma cachoeira estúa na distancia.

Sob a abobada immensa, n'um leito de musgos jazem galhos d'arvores encanecidas, folhas apodrecidas e troncos mortos, que a agua das chuvas triturrará e o vento seccará após n'um hausto abrasado, fermentando-os o esplendor caustico do sol vivido, para os restituir outra vez á vida n'uma assumpção de seiva jubilosa. Corados espelhos de luz flambam nos meandros da floresta centenaria ; e do collo cinzelado dos igarapês ou d'uma lagoa coalhada troços de insectos emigram, n'uma jangada multicôr, ascendendo para os espaços, a proclamar a Liberdade.

Nos braços gigantesocos dos jequitibás desmaiam parasitas. No ar adusto flôres immaculadas desabotoam nelumbos d'oiro. Á alpendrada do sol abraçam-se, delirantes, as folhas desmudas e n'um hymno de pujança, sonoro e cadente, farfalham os palmares. Amorosamente enlaçado ao perfume secco dos heruaes, que a brisa sertaneja furta n'uma caricia leve, ao passar, um fragor convulsionado desce das franças auri-crinitas.

Um sussurro de mysterio arrepia a folhagem labyrinthica, estremecendo por vezes n'um sôpro drama-

tico de floresta ancestral, — côrte de raças desaparecidas. Emquanto a flora gloriosa canta, altiva, n'um delirio de seiva e de luz, um hymno de estival triumpho, a alma barbara da Floresta soluça elegias nos ramos epilepticos, nos prantos suffocados das aguas lascivas, nos crespos da brisa que tiritá pelas moutas.

E o Amazonas, desenrolando o seu manto real, de procreador ancestral, constellado de archipelagos, com lantejoilas de ilhas sempre-verdes, roja-se, n'um impeto de gigante feroz, sobre as arvores independentes, estrancinhando barreiras, galgando entravos, como affrontado pela arrogancia d'aquella vegetação adamica, — filha do seu sangue, producto das suas aguas fecundantes —, que disputa com elle a reconquista da terra, ambos audazes, ambos temiveis, allucinados, n'um desvairamento de odios; mas — como todos os fortes — tendo uma grande piedade pelos humildes, ajoelhando de rastos ante a afflicção desesperada d'uma trepadeira indefesa, o gigante immenso feito uma creança, o caudal poderoso, que aterra as cachoeiras e affronta o mar, tornado uma garganta dôce, que esfia cavatinas na amplidão das noites, para embalar as estrellas e adormecer os peixes.

A terra, essa, em toda a gloria da sua virtude, no pleniluneo da sua robustez, acolhendo-se á justa esperanza do libertamento, isola-se abrigada sob a ogiva florestal, esperando no seu mystico recolhimento o esposo forte, promettido nos seus sonhos, guardando-se para o sagrado epithalamio, donde ha-de nascer

n'uma cooperação de amor, de saúde, de trabalho e de fé, o fructo doirado da divina paz.

Deus sabe se vos não sentis já attrahidos arrebatadamente para essa terra de magica, onde bailam as lendas no gorgulhar rythmado dos igarapês bordados!

E, todavia, na vossa derrota maritima, como na anterior peregrinação pelas elegias sertanejas e n'esta acoçada travessia pela floresta millenaria, apenas haveis presentido o Brasil, mal haveis suspeitado os encantos e as riquezas d'esse ôdre d'oiro. Oh! esse Brasil! elle é o valle fecundo das gommas, a floresta milagrosa da therapeutica, a aerea mina das odoriferas madeiras, o celleiro transbordante dos cereaes indigenas, — inexgottavel mina, cujo filão as cabelleiras sombrias dos cafezaes occultam.

Mas, sem fallar na colheita expontanea, que esse sólo pujante semeia e germina sósinho, sem ajudas, que seára preciosa! não se colheria no dia em que, com alguma coragem e alguma sciencia, se amanhasse aquella terra. E que de terra por lavrar! promettendo ricas fertilidades a quem a fecundar, fertilidades que ninguem colhe, mas que ella — a desdenhada — conserva intactas na sua vîrginidade de selva, em plena rejuvenescencia.

Rendei-vos á seducção da sua formosura forte! Pensae na miseria da familia humana, resvalando para a ignominia dos vicios e dos crimes, pela ladeira da fome, quando alli sob os humbraes d'aquelle templo pagão se abriga um dogma compassivo e cle-

mente, onde o amor e a felicidade refloresceriam triumphantes, se ella quizesse desertar das cidades, para a vida fecunda e pura dos campos, n'um jurado culto á terra. Ide povoal-a! vós outros que pertenceis á mais fecunda das raças; ide regal-a do vosso amor incomparavel, fundando com esse vosso temperamento aventureiro, as bases d'uma grande, d'uma nova humanidade.

Ha lá em baixo terras virgens, immensas, pelas quaes perpassa um sopro de infinito, onde vós todos achareis logar, onde podereis á vontade deixar pullular a vossa fecundidade, tão opprimida nas estreitas areias portuguezas que parece asphixiar no seu solo antigo. Só a chamma do divino amor—que cria os mundos e as eternas obras—espera essa terra, intumescida de vida, eternamente pubere, que nem que houvesse sido regada pela mesma chuva d'oiro, que além anda farandolando consumições offuscadoras no sol ardente. Só uma nova floração de seres é precisa a esse dominio sem limites, para que as prodigiosas colheitas brotem do solo, n'um immarcessivel oceano de verdura.

Tendes planicies alfombradas offerecendo-se amorosamente para nutrir os vossos rebanhos sem numero, doando-vos o thrôno da sua côrte de pastores. Algares escachoantes galopam espumando á procura do vosso gado, que ao tornar das pastagens lhes beijará com soffreguidão rejubilante o collo argenteo e fresco.

Leguas e leguas de terra aguardam-vos impacientes,

para distribuir comvosco o trigo, o milho, todo um grande celleiro atulhado d'oiro, as grandes ceifas conquistadas ás selvas. Arvores centenarias separam-se dos filhos, n'uma abnegação heroica, para vol-os sacrificar, enviando-os a proteger-vos da inclemencia dos tempos. Troncos herculeos, como braços de gigantes, compromettem-se a deixar-vos enxutos, em qualquer margem dos esteiros ou a cavalgar comvosco pelas grimpas das cachoeiras. Se vos faltar a caça bravia ou alguma tempestade dissolver os *meetings* agitados dos peixes, pondo-os em fuga, fructos silvestres sustentar-vos-hão com o seu perfumado leite. Desde os prados mysticos do sul ao rebelde acampamento dos indios do Purus e do Madeira, por toda a parte a rainha das floras festejará a vossa passagem com os bailes deslumbrantes da sua côr gloriosa, por toda a parte ouvireis o hymno epico da invencivel fecundidade.

Terras, aguas para as regar, sol para as enxugar, nada vos falta para erigir um grande reino de amor e de trabalho.

Podeis escolher todos os climas e todos os misteres, reclamar não importa que cantico do divino poema da natureza. Lá muito em baixo, n'um paiz de pastos e gados, o luxo sideral d'um céu invocará o céu que adocelou o primeiro minuto da vossa vida; e os mesmos fructos vos trarão, no perfume e no sabor, a recordação inteira da vossa patria. A propria flora mitigar-vos-ha a nostalgia dos vossos campos abandonados, a ponto de vos parecer que é verdadeira-

mente aquella a vossa terra. Vereis cahir geadas ; e o vento molhado levar-vos-ha os sussurros patheticos do vosso elegiaco inverno. Mas se em vós borbulhar o sangue aventureiro d'algum antepassado que acabasse nas Indias ou n'outra qualquer epica sortida, e se a perfeição do vosso firmamento d'um azul perpetuo vos der adoentadas melancolias, clamando pelo divino espectaculo das coisas imprevistas, n'uma especie de desejo informulado, fazendo-vos anear por outros céos, por outros rios e outros sóes, então atirae-vos para o mysterio das planicies virgens, luctae com a adustez, feri a cruzada epica da paz, convertei as terras barbaras ao nêo-christianismo da fertilidade, que saireis gloriosos, tornados os heroes da palingenesia florestal. Se um dia perderdes a vossa Africa, o sol calcinante do Sertão consolar-vos-ha n'esse lucto. Passeando igarapés, as canôas parecer-vos-hão maiores que caravelas e os cotovêlos dos estreitos surgirão terríveis como cabos tenebrosos.

Sereis pastores, navegantes, vivereis da caça ou da pesca, cultivareis cereaes ou cuidareis flores, colhereis a seára facil do café ou da borracha na quasi-commoda canceira dos seringaes, que percorrereis sentados em reboques, ou semeareis por vossas mãos o pão que preciseis, expondo-vos ao calor inclemente ou recolhendo-vos á alfombra humida dos logares temperados, ouvindo cantar a agua, espadanando em cascatas por entre córregos velludineos, ou aprendendo a compôr operas com o mar no estuario onomatopaico da costa.

Ide! ide povoar essa terra! que virá a pertencer ao trabalhador ousado, que com ella coopere na divina obra da vida, creando, amando, alargando incessantemente o seu dominio, luctando pela fecundidade e pelo amor. Prestae-lhe os vossos braços, regae-a do vosso sangue, protegei-a com a vossa fé, fecundae-a com o vosso amor victorioso e do immenso jazigo das selvas desprezadas vereis surgir ignorados thesoiros, que cantarão em cada aurora a victoria da vida.

No longo recolhimento das solidões sertanejas concebei a planta da cidade da fortuna, da gloria e da paz. As florestas silenciosas, como se estivessem mortas na sua velhice millenaria, agitae-as com os grandes tumultos da vossa força e da vossa fé. Do nada das terras incultas fazei um illimitado imperio de fertilidade, para que, se vos roubarem amanha o que hontem conquistaram os vossos avós —, vos possaes vingar, dando riquezas aos famintos que esmolarem uma côdea, acclamando pela bocca dos revoltados e dos opprimidos a soberania da Verdade e da Justiça.

D'aquella virgindade florestal, arrancae a vida, pela fecundidade imperecivel, que é a verdade santa com resplandecencias rutilas de futuros melhores.

Quem sabe? senão está em vós o remedio do tremendo mal humano; senão é de vós que depende a resolução da sublime obra social. Deixae, pois, transbordar a vossa raça, na divina imprevidencia dos que cumprem d'olhos cegos o seu fim, trabalhae com fé na grande paz agricola e conquistareis o pão, para matar a fome a milhões de miseraveis. Deixae correr

o vosso sangue por cima das planicies virgens, a tra vez do mar, alastrae-vos, inundae o mundo e haveis fundado uma néo-lusitania que renascerá lá baixo ao sol rejubilante da America e um novo Portugal, gigantesco, amanhecerá no outro polo.

Tendes sêde de glorias? Sentis a flamma divina dos feitos d'armas? Quereis continuar o vosso passado de fulgurações? Pois bem! Elles abriram clareiras á espada e descerraram trevas a golpes de fé; povoando e conquistando o que elles descobriram, alirae-vos n'uma grossa onda de fé, de vida, de amor, de saude, de trabalho, para esse mundo novo e abri com a charrua clareiras rutilantes, por onde se escôe a raça transbordante, que resurgirá feliz, além, n'aquelle campo abençoado! capaz de dar seáras d'ouro bastantes para nutrir á farta um povo de espartanos.

---

## II

### A MULHER

N'aquella fertilidade do solo concorre em nobre cooperação, para não dizer rivalidade, a fecunda belleza da mulher brasileira.

Como a de nenhuma outra raça, ella é a pura essencia da paixão, e, no seu seio forte, a religião do Amor guarda todo o prestigio integro d'um culto.

O seu typo original, que é como o concertante dos traços mais bellos de todas as outras raças, fez — já na segunda metade do seculo XVIII —, o desespero d'um dos maiores lyricos portuguezes, a quem todavia um excepcional amor servia os inspirativos engenhos da divina flamma; tanto que ao invocar a sua formosura exuberante, feita de estonteantes voluptuosidades e de redemptoras consolações, a penna cae-nos ante a sua soberana realleza, e estes eccos, que uma lyra deixou em eterna vibração, ascendem aos labios tremulando: «Vou retratar a Marilia, a Marilia meus amores».

E vemo-nos com esse poeta, que muito soffreu quando amou e que muito amou mesmo quando soffreu, andar de porta em porta mendigando do céu, dos mares, do amor, da desdita e da saudade as suas tintas mais ricas e mais raras, para ao cabo nos rendermos ao desalento de em vão comparar a intraduzível belleza da mulher brasileira.

Marilia era uma resplandecencia d'aquelle sol de Ouro-Preto, um pedaço do céu da manhan sanctificada de Minas. Mas, que fôsse o céu do Ceará, dos prados do Rio-Grande ou dos pendores da Mantiqueira o céu que colmasse o tugurio de Marilia, seria sempre bem uma mulher brasileira, e isso bastava para trazer o cunho vago — proprio ás coisas divinas — d'essa raça, cujas mulheres, embora se vejam muitas vezes e se saibam de côr, nunca se podem contar, nunca se descrevem; e no emtanto, vel-as uma só vez basta para que não se esqueçam mais.

Depois, descrever é preferir um modêlo e isso importa fixar um typo. Mas, qual? Meu Deus! se elles são tão diversos e todos tão gloriosos como a paysagem alagada de flagrantes côres, se cada talhada de terreno parece ter caprichado na escolha do exemplar da sua raça, como ao escolher o perfume e o sabor estranho dos fructos, a diffusão das suas bahias, o talho dos seus môrros, a esculptura das suas arvores. Em cada pedaço de céu, dir-se-hia que o sol tem uma alchimia differente, para que no mesmo paiz, a par das gestações contradictorias da natureza, assim nos dê alli uma mulher maneirinha com vassallagens se-

ductoras no olhar negro, acolá uma nympha grega d'olhos azues, de subidas espaduas, que nem andando habituadas ao carrêgo das preciosas amphoras.

Esta é a subtil filha do olympico Rio-Grande. Conserva no olhar de onda desbotada, luminoso, a frescura suave e aromatica do nectar do Rheno. Mas, os seus cabellos doirados, nem sempre evitam que os creste o sol e que o pampeiro, passando no seu furacão revolto, os encrespe.

Outras vezes, a sua cabecita languida, como um fructo que pende saciado de luz, segura ainda o aureo resplendor, mas os olhos, talvez de tanto fixarem aquellas messes eternas destingem para a côr ineffavel do mel. Assim, ella é o fructo divino d'uma bizarra enxertia, o equilibrio sublime da flacidez das raças hybernaes com a excessiva impetuosidade das gentes dos tropicos, a paz admiravel entre os povos do gêlo arctico e os filhos do sol ardente. Por isso tambem a sua figura soberba, que apparenta a eterna fragilidade das deusas immortaes e alembra as virgens loiras das estampas, não é todavia a melancolica expressão da feminilidade imperfeita, porque sob o seu corpo de neve o sangue inquieto do gaúcho refulge agitando-a, arremessando-a ás emprezas heroicas. Eil-a, então, arrebatada pela potranca impetuosa, estremecendo de intrepidez e de gozo a cada vergastada do pampeiro nas suas faces velludinosas, onde o sangue transparece como as manchas rosadas d'um fructo amadurecido. E, correndo ao estricote pelas naves immensas da *campanha*, ella dispõe da mesma trium-

phante perfeição e da mesma graça, com que nos oferece a trabalhada cuia do *mate* cheiroso e aconchega aos seios fortes de mulher amplamente fecunda o futuro guerreiro desabrido, embalando-o ao rythmo da sua voz de fada, arfando em langorosas cadencias, que veem bater na nossa alma como d'um grande mar de leite tepido a espuma fulgurante e magnifica.

E essa doçura no fallar é o traço de união lavrando a alliança de todas aquellas dissidencias da raça que surge differente em cada cantão de differente natureza. Nos labios da mulher brasileira, em perpetua prece de beijos, essa pronuncia alada, embebida de affavel calor rescende a uma voluptuosa suavidade, a uma harmonia enebriante que sussurra mais branda e mais lasciva que os murmurios amaciados dos fulcos d'agua faiscante, que o marulhar das aves silvestres noivando nos caules exaltados. É uma ballada de ondas adormecidas, com sonhos ditosos, n'um leito de jaspe, um lavrado maravilhoso fiado por fusos d'ouro, essencias que volitam de conchas de nacar fumegando volupias; falla-nos de preguiças, de sonhos fulvos, de desejos frementes, de saudades; acaricia-nos com petalas de sêda, transporta-nos a um reinado da graça, onde o amor se mantivesse inviolado na espiritualisante condensação da galanteria. E a rigida lingua portugueza rejuvenesce modelada n'uma gracilidade esculptural, dulcificada pelo hausto sensual d'aquella natureza lubrica, exprimindo agora as côres subtilissimas dos gosos e das paixões, e deixando sempre no ouvido a sensação ineffavel d'uma symphonia

de quebrantos. Providencialmente decerto, foi dado á mulher brasileira esse canto de sereia, para que ella tivesse o poder de acalmar a rivalidade do clima com o homem, deleitando-nos, adormecendo-nos, fazendo-nos esquecer tudo o mais com aquellas fallas translucidas e dôces, como abelhas adejantes, que nos trazem á alma lagrimas já choradas e gozos já promptos.

Pela pronuncia ainda, tem ella o condão magico de se transformar n'uma rainha altiva, n'uma senhora feudal habituada a ser obedecida por escravos ou n'uma gatinha blandiciosa, alongando o corpo n'um espreguiçamento lento, as fibrilhas escuras inteiriçadas de amor retrahindo-se ao afago da luz; e das gengivas vermelhas os dentinhos resahindo gulosos. Mais cariciosa, mais meiga que a mulher portugueza, ella resume toda a doçura da alfacinha derretida ao sol dos tropicos. Oh! esse *me dá* nos labios da fluminense! Elle evoca, como uma brisa de perfumes, uma hora inteira, todo um dia vivido, e, atravez o afastamento no tempo ou no espaço, a enlevadora impressão fica para sempre.

... Á 1 hora da manhan, o Vice-Presidente retirava-se do Palacio do Cattete, inaugurado n'essa noite, depois de ter conversado com os diplomatas estrangeiros e com os homens de letras brasileiros que — mais considerados do que nós em Portugal —, são e sempre foram convidados para todas as grandes solemnidades officiaes do seu paiz. Quando elle descia a escadaria, as damas correram a buscar as suas *sorties*, ao vestiario.

Ouviam-se na rua vozes de commando, bater de aços e de coronhas. Soava estridente um clarim, atirando na noite uma mancha rubra.

As senhoras voltaram ás varandas do palacio presidencial, ainda a tempo de ver o dr. Manuel Victorino romper por entre as alas dos aspirantes d'armada e corpo de marinheiros, que formavam em guarda de honra, desde o portão ao côche de oito molas, para o qual crescia o povo delirante.

Mal a multidão o viu de pé, na carruagem, um viva á Republica estridulou, unisono, que me disse quanto aquelle povo sentia já o orgulho da sua constituição livre. O Vice-Presidente, descoberto, agradecia. Dos terraços agitavam lenços. As charangas tocavam o hymno Brasileiro.

Uma dama passou-me a sua *sortie*, para se achegar ao parapeito.

Coberto de flores, o côche rodava vagarosamente, pesado de triumpho, parecendo empurrado pelo povo. Viam-se no ar mãos convulsionadas agitando chapéos, lenços, e um clamor de enthusiasmo batia-se com o estridor dos metaes.

Já se haviam sumido ao longe as flammulas es-carlates dos lanceiros, que ladeavam o côche, seguido por uma onda volumosa de vivas que ficaram ainda durante minutos resoando n'um fremito geral.

Assistindo áquella poderosa manifestação da consciencia nacional ao symbolo da sua democracia recongnata, fiquei-me absorto, pensando no jubilo que

deve banhar a alma d'um povo ao eleger seu chefe um da sua egualha...

Despertou-me d'esse somno embalador, uma voz humedecida de ternuras:

— «Mi dá a minha capa, mi dá!...»

Ou fosse o contraste d'aquella voz de anjo com o esfuziar d'uma multidão vibrante de civismo ou fosse que ella tivesse, realmente, uma bocca de nereida que enchia de lyrismo o coração, as suas fallas tiveram n'esse momento authenticos eccos de effluvios ethereos, que embebiam a alma d'uma espiritual voluptia.

Ella congraçava todas as essencias d'esse typo ideal de mulher, que é a fluminense. A fluminense! Modelação estonteante, que tem a espiritualisada limpidez d'uma espelhada ribeira, cujas aguas se en-crespam sensualmente donde a onde, tocadas d'uma brisa de volupias, que veem do Sol ás espargeladas de calor e de luz! Pequenina, o seu busto preguiçoso alemma as petalas das gardenias cantando a gloria da carne perfumada. O corpo flexivel alonga-se mansamente n'uma linha ondulante e graciosa, que se espraia n'uma cheia de amor pelos seios poderosos, projectando a gloria de fecundidades sãs, resvalando pelo declive lento dos flancos n'um contorno macio e harmonioso e adelgaçando-se depois como a haste d'um lyrio, até ir expirar no balbuciar d'um pé.

D'uma nuca provocante, feita para escriptorio de beijos, cabelos negros sobem a coroar-lhe uma cabecinha artistica de boneca; e dois olhos orvalhados, muito

grandes e inquietos sempre, na constante preocupação de se libertarem d'aquellas palpebras de velludo alagam de luar uma fronte hellenica.

N'uma bocca queixosa e d'uns dentes incomparavelmente lactescentes vem raiando a manhan d'um sorriso perpetuo. Creatura de seducção, possui todos os motivos para o *andante* do gozo e todas as sublimidades da Pureza para a rapsodia do Amor.

Se a vemos na rua, deixa-nos a impressão de que passou por nós uma parisiense, tão *coquétée* ella vae, amostrando logo nos seus vestidos leves de sêda ou de cassa, quanto é n'ella instinctiva toda essa complicada sciencia feminil da elegancia e da graça.

E toda a sua figura de mulher robusta, esculpida para ser mãe e ao mesmo tempo com a flexidez d'um idolo de delirios magneticos, são invocadoramente de uma redoma de perfumes, que as suas mãos longas e finas parecem distillar, perfumes penetrantes e exquisitos; tanto, que criam a suspeita de serem quintessencias deervas virtuosas, para ella colhidas nas mattas virgens do sertão. Um demoniosinho! uma Rainha!

Sobretudo, a mulher fluminense, sem duvida uma das maiores obras d'arte do Rio de Janeiro, rendenos, como todas as mulheres brasileiras, por aquella magia da sua linguagem rythmosa, que é uma orquestração cadenciada de extasis, soluçando amortecidas queixas por entre o rumorejar de beijos discretos. As palavras, d'uma doçura que suggestiona o aroma espiritual da fructa do Conde, saem-lhe natu-

ralmente cinzeladas em notas musicaes. D'ahi, a brasileira ser por vezes uma excellente poetisa, que attinge, pela musica e pela esculptura, nobre, do seu verso, a gloria de muitos poetas portuguezes consagrados. E se, quando falla, a sua bocca é um metometro de versos, é musica que ella cria compondo estrophes. Essa sonoridade musical do verso constitue a inconfundivel caracteristica de todos os poetas brasileiros. Mas, talvez, ninguem conseguisse ainda a perfeição impecavel que se encontra, entre outras poesias de D. Francisca Julia da Silva, n'este sonêto:

## MUSA IMPASSIVEL

Musa! um gesto sequer de dor ou de sincero  
Lucto jámais te afeie o candido semblante!  
Deante de um Job, conserva o mesmo orgulho, e deante  
De um morto, o mesmo olhar e sobreceño austero.

Em teus olhos não quero a lagrima; não quero  
Em tua bocca o suave e idyllico descante.  
Celebra ora um phantasma anguiforme de Dante,  
Ora o vulto marcial de um guerreiro de Homero.

Dá-me o hemistichio d'ouro, a imagem attractiva;  
A rima cujo som, de uma harmonia crebra,  
Cante aos ouvidos d'alma; a estrophe limpa e viva;

Versos que lembrem, com seus barbaros ruidos,  
Ora o aspero rumor de um calhão que se quebra,  
Ora o surdo rumor de marmores partidos.

Recitassemos nós toda a deslumbrante partitura  
dos *Marmores* — marmores sem veios! — e em to-

dos esses versos da poetisa paulista, pela imprensa e pela critica brasileira acclamada desde os famosos concursos da *Semana*, assistiríamos á gloria d'essa victoriosa cultora d'uma architectura hellenica e excepcional creadora d'uma symphonia inquebrantavel. Todavia, em D. Francisca Julia, provavelmente por a sua sensibilidade apuradissima ter preferido occultar-se na rigida sonoridade dos seus versos classicos, o temperamento da mulher brasileira revela-se apenas pelo rythmo, o qual existe já em forma incipiente, sem a sublimação artistica e perfeita que a admiravel poetisa lhe deu, nas fallas de toda a brasileira, — encandores apontamentos de harmoniosas balladilhas. Porque, esse rythmo é evidentemente a expressão d'um temperamento, requintadamente sensivel, as ondas sonoras d'um fio d'oiro em perenne vibração.

De facto, o harpejo melodioso do fallar brasileiro traduz flagrantemente toda a escala chromatica d'um temperamento nascido para o triumpho do Amor, com todos os seus arrebatamentos, todos os seus sublimes exageros, todos os seus divinos heroismos.

E a mulher brasileira, tornada no Amor uma esculptura, attingiu as proporções d'um symbolo. É pela sua excepcional faculdade de amorosa que ella se caracteriza e se divinizou; pelo amor tambem que ella revmdica para si, com toda a justiça d'um direito conquistado, a nossa admiração exaltada. Tanto ou mais que nas riquezas do sólo, na mulher brasileira reside o segredo da fascinação que ao Brasil prende os estrangeiros. Quem sabe até que ponto a tentadora Marqueza

de Santos contribuiu para que D. Pedro IV trocasse tudo o mais pela corôa de Imperador do Brasil?!

Cada casa brasileira é uma cabana de Araken onde uma virgem de labios de mel quebra a flecha da paz com o estrangeiro. Em cada cabocla parece ter ido refugiar-se a alma de Iracema, accendendo o fogo da hospitalidade e embalando, com o seu canto mavioso concertado pelo do sabiá, o somno dos guerreiros brancos, que a alva rêde incensada a benjoim aguarda, como a Martim a filha do chefe das tribus tapajaras.

À luz doce, que bota o olhar quebrado da caipira, ver-se-ha melhor a magnificencia do temperamento da brasileira. A sua mascara d'uma brancura mate, de marfim ennobrecido pelo tempo, parece ter sido estyllisada pelas sublimes mortificações. A sua retina escura tem o luar d'um coração magoado pela bondade e pela candura. Os cabellos pretos, que chegam a ter a refulgencia d'oxidados, dir-se-hiam que se velaram assim de crêpes, para não afugentarem os corações com o temor da sua belleza irresistivel. E o seu corpo maneirinho faz suspeitar que ella se ennovêla, reduzindo a sua exuberancia invasora para arrumar o maior numero de hospedes, na sua casa, sem sobrado, humilde.

Como a mulher dos campos portuguezes, a côr fascina-a. Mas os seus atavios são mais discretos: uma fitinha côr de rosa no chambre branco, muito fresco, é tudo. Do alvo chambre só para as chitas ternas, o côr de rosa, o azul celeste, o verde claro, o

encarnado, pondo uma flagrante distincção entre a sua faceirice mais feminil, mais amorosa e a garridice aberta da camponeza minhota ou da mocetona do Douro. N'um bocejo do chambre vêem-se as pontas d'uma laçada agarrar o entremeio da cãmisa, occultando castamente o collo.

As ancas firmes e doces, surgindo d'um physico reforçado, tranquillizam o futuro da sua missão de mãe, asseguram o triumpho do filho, pela superioridade da força e da saude fadado para a gloria n'aquella lucta, que o espera, com a terra. O convívio directo e proximo com aquella natureza de fôgo desperta cêdo a fecundidade prodigiosa da mulher. Aos doze annos, feita bruscamente a transicção da creança para a adulta, a puberdade põe-lhe no sangue agitações irrequietas. D'ahi, pela vida afôra a sua missão de procriadora cumpre-se n'um zelo sublime, botando ao mundo cada anno uma nova fonte de energia e de felicidade.

N'uma abençoada intuição, ella comprehende, em plena lucidez d'alma, as necessidades da sua patria. E na obscuridade da sua choça de caniço ou no regalo da sua casa sumptuosa, ella faz por essa patria mais do que os grandes cerebros geradores das medidas luminosas. Nem por serem passados no recato do seu lar, esses triumphos são menos esplendorosos. A sua divina tarefa recompensa-a de todos os sacrificios, que ella acolhe como premio. Escutando apenas a voz da sua fé na vida, ella continua assim a obedecer-lhe, amando, creando, fundando a familia numerosa de que necessita a sua terra, pouco menos que deserta, atirando

em cada primavera o fructo d'um beijo, germinando a terra de heroes, n'uma cheia periodica de amor.

A essa comprehensão na necessidade que o paiz tem de ser povoado, pacificado por uma humanidade transbordante que o cultive e o glorifique, com uma grande fé na vida sã e livre, foi ella buscar talvez a energia para essa campanha em favor dos ventres escravizados, cuja victoria tanto deve ao seu coração de mulher. N'ella encontrou a cruzada da abolição o mais devotado propagandista. O 28 d'Agosto, antes de decretado pelo Imperio, já estava em vigor, porque o coração da mulher brasileira o tinha sancionado. Forrar um escravo era o maior presente que um pae podia dar a uma moça no dia dos seus vinte annos; e esse habito existia em algumas familias. Pela vontade da mulher nunca a Fazenda haveria sido esse theatro de tragedia humana, de que falla a negra tradição. Tanto que os fazendeiros evitavam, o mais que podiam, levar a familia para a Fazenda, para que a sua auctoridade absoluta não fosse desarmada pelo grito de piedade revoltada, d'esses entes, que, se podessem, baniriam do mundo a dôr. Era um prolongamento, um excesso do seu amor, essa protecção que ellas davam ao escravo. A sua rara organização, destinada prodigiosamente para a maternidade dava-lhes assim a lucida noção d'esse martyrio, que deveria ser para a mulher vendida o saber que achando-se mãe nunca poderia dar ao filho a liberdade com a vida.

Na sua sublime missão de libertadora, uma lei cruel transformava-a em perpetuadora da escravidão!

Proclamada a primeira conquista da abolição, que foi o 28 d'agosto — a lei do ventre livre — a mulher brasileira não descansou ainda.

Eil-a, de novo, ao lado dos avançados espiritos, cúmplice pelo coração e pelo facto, muitas vezes, d'essa soberba conspiração. Extincta a grande dôr da mãe, era preciso poupar ao filho o desespero de não poder restituir á sua libertadora — a liberdade. Apparece assim, n'uma contradicção resplandecente, a fazendeira, a dona dos escravos, conspirando pela alforria d'essas *vidas*...

José do Patrocinio — a consciencia luminosa do Brasil, o genio inspirador da abolição, o seu chefe heroico e nunca bastante victoriado — é o primeiro após a refulgente victoria a apertar a mão á sua Cúmplice, em alguns artigos da *Cidade do Rio*, d'esses que a sua penna, animada a ponto de parecer a voz quente d'um orador, escreve, para a gloria d'um jornalismo.

Se assim não succedesse, seria essa a primeira conquista da Humanidade, a primeira batalha do Bem ganha sem o prestigioso e sublime concurso da Mulher. Em face da Historia e em face de si propria, a mulher brasileira, feita de amor e para o Amor, não podia negar o escudo branco da sua alma a uma divisa muitas vezes sagrada. Mais uma vez ella provou quanto a Mulher nos é infinitamente superior nos bellos esforços da abnegação, de fé, nas luctas pelo universal amor.

Todas as conquistas do povo brasileiro foram, como esta, ganhas pela suprema influencia da mulher. Esse

proprio ideal de liberdade que hoje anda espiralando de todos os corações brasileiros, saiu-lhe do seio com o leite vivificador. Ella nasceu para amar e ser amada, para eterna fonte da vida, da saude, da abundancia e da felicidade. Ella é a divina cooperadora d'esse sólo incansavel, em constante germinar; ella é a fecunda; ella é boa, portanto, porque os bons são certamente os mais fecundos.

A terra, a generosa mãe-commum, labuta incessantemente para que não falte pão aos seus filhos; concebe, cria, reforça e, n'essa canceira eterna, tem sempre uma canção alegre para ensinar aos homens a ter fé na vida, para os alentar quando elles desfallecem ao pêso d'uma noite escura. É a canção em voga, que anda no bico garrulo dos ticos-ticos, no halito abrasante do sertão, nos labios brincalhões dos regatos, na garganta d'ouro dos mares, dos rios, das cachoeiras, das aguas, que são o sangue da terra e que, de concerto com a natureza inteira, vão cumprindo o seu fado, entoando o hymno da Vida.

Então, ella, a Mulher, paga fidalgamente essa generosidade da terra e a cada messe, a cada ceifa, a cada colheita reenvia á terra uma nova esperanza e uma nova força.

A sua belleza excelsa, dispondo de delirios para escravisar despotas, abdica do seu throno para se exilar nas heroicas abnegações da mãe, destruindo as linhas inspirativas e transformando-as em formas solidas, que se desdobram em outras tantas modelações vivas. Na alma rasga-se-lhe uma janella, por onde o

luar pleno das noites de calma, entra perpetuamente a blandiciar-lhe o sangue. De lá escuta ella o fremito procreador que percorre os campos virgens, sem fim, deixando em cada atomo a vibração subtil do soberano desejo.

Sobe da terra vasta um longo fluido de amor. No céo, sem a suspeita d'uma nuvem, fulgido, calcinado, um sol crú dardeja insubmissamente, desafiando-nos com espadas rebrilhantes para o grande duélo do perpetuo amor victorioso. Galgando a assomada dos môros, mães d'agua purissima ajoelham em cachoeira, n'uma intuitiva adoração pagan, deixando pelo trajecto a abençoada semente da sua caricia nupcial.

Pela natureza inteira vão fremitos de vida: no ramalhar lascivo das arvores, na respiração offegante da terra electrizada, no gorgueio libidinoso das aves cortejando-se á luz flagrante dos grandes dias cálidos, na limpidez serena do azul victorioso, nas aguas que se espreguicam sensualmente, nas proprias folhas seccas remoinhando ao vento tepido, ha como que uma jubilosa alleluia de força e de saude, uma plena communhão das coisas, que se attrahem e se buscam incessantemente para as bodas esponsalicias da materia, para a sublime fecundação universal.

Em torno, tudo é exuberancia, tudo proclama a Vida, a grande Vida, remunerante, sagrada, que se revesa da flôr ao homem, da gotta d'agua á sebe, no supremo triumpho da sua labutante germinação eterna.

Por toda a parte a mesma fartura, o mesmo latejar de seiva, reclamando um beijo fecundo, para pro-

criar e reproduzir-se em fructos d'ouiro. O murmurio das aguas é como que a lamentação anonyma da materia, chorando as vidas perdidas em cada gotta d'orvalho, o mundo de seres que deixam de nascer, por a humanidade se recusar a deixar correr livremente o seu amor como ellas as suas ondas fecundas, em que um mundo microscopico de germens corre, afforando a vida. Do hausto farto das florestas e dos campos immensos, vem um continuo gemido, um fragor de suspiros abafados, que são como que a voz mysteriosa da terra implorando sêres, que a germinem, que a povoem, que a fecundem.

E pelo sangue da mulher parece andar transfundida a mesma força e a mesma crepitação vital, que se diffunde pelo ar e se espargêla na terra! aquella terra ubere, que a mão d'alguma fada arroteou; aquella terra ubere onde nada falta para gerar gigantes e fecundar vegetações portentosas! onde o proprio luar como que emana um bafo protector para adocelar perpetuas maturidades e o proprio silencio mystico do sertão é um estridente cantico á fecundidade.

Porque ella, a Mulher, n'uma serenidade grandiosa, dilata a cada raio de sol a onda da sua fertilidade incomparavel, fundando um novo mundo feliz, porque d'este foi banida a paixão esteril. E o bom exemplo civico que o seu Amor proclama, do seu ventre fecundo jorrando a patria, forte, livre, poderosa, invencivel! É a alegria, a felicidade que ella espalha na sua terra sem fim, pela victoria natural da sua obra, que consiste em muito amar, em muito crear, invadindo

o sólo, tomando conta das suas riquezas, conquistando-o, para que a grande aza dos povos migratorios se não estenda sobre elle, cobrindo-a do padrão da sua irrefutavel conquista.

Da sua carne soberba, como do sólo, irradia o triumphante desejo, com que ella domina, para da sua belleza soberana fazer uma fonte de prodigiosa fertilidade, geradora da vida e vencedora da propria vida, pela sublime confiança no seu amor, na sua energia, na sua existencia aureolada de esperanças. Eil-a, em toda a eclosão da sua tarefa heroica, atirando pela immensidade virgem dos seus campos, a sublime promessa da grande victoria final, ganha pela legião invencivel dos seus filhos, dos que brotarão fortes do seu amor forte, e que ella destina á continuacão da sua obra eterna, á colheita d'aquellas messes incalculaveis, triumphando da selva inculta pelo trabalho, suffocando a insurreicão d'aquelles terrenos sobreexcitados de seiva, como ella sahio victoriosa da esterilidade pelo amor, agitado de paixão, em que ella não pôz apenas o egoismo de gozar, mas o ideal de crear.

Assim emquanto a Terra, regando de seiva as florestas invioladas e os campos desertos, na providencia de que algum dia alli vá pedir o pão branco uma humanidade esfomeada, vae elaborando incessantemente um reino d'oiro, creando, concebendo n'um longo espasmo gerador, partilhado pelas aguas intumescidas de sementes e pelas proprias essencias silvestres, carregando os germens impalpaveis de milhares de seres — a Mulher, no divino arrebatamento

da sua paixão, espargindo por essa mesma terra a divina semente do seu amor, enchendo-a de filhos, como outras tantas braçadas de flores, caminha, dia a dia para o triumpho definitivo da destruição, lança a cada beijo um hymno de alegria.

Ambas são igualmente fortes, igualmente generosas, igualmente fecundas.

Tudo é fecundo alli, tudo canta a victoria do amor, tudo exalta o espasmo da sublime concepção, tudo affirma o triumpho da universal lei que attrahe as almas e os mundos. Por toda a terra se evola uma mysteriosa assumção de seiva, que passa n'um demorado beijo abraçado ao hausto soffrego do vento, n'um convite de nupcias. Até a voz colleante dos regatos sussurra passionaes endeixas — eccos d'algum epithalamio a que decerto assistiram de passagem.

O sangue da raça, ao sentir o rescaldo do sol re-jubilante, desperta, para prolongar uma dynastia de gigantes, n'um jorro inexgotavel de seiva renovada, o immenso platano da humanidade viva, ramificando a sua fronde pelos seculos afora.

Assim pela victoriosa omnipotencia da sua fecundidade, abandonando-se ao seu divino destino, a mulher vae tornando n'uma aurora o pesadelo, fazendo de cada campo deserto uma constellação de seres.

E, no horizonte infinito que limita a terra sem fim, ao beijo fecundante do sol, uma manhã de esperanças rutila. É a esperança de ver emfim povoado esse mundo-novo, d'uma grande geração de homens, que se vão expandindo, n'uma invasão de fé, de amor e

de saude, creando outros homens, tirando a vida da propria vida, fazendo de cada coração uma energia, e de cada trabalhador um heroe.

O dominio immenso tornar-se-ha a pouco e pouco um campo semeado, alargando-se, crescendo n'uma arca prospera, as riquezas esparsas apparecendo ao sol, radiosas.

E as refulgencias magnificas do Cruzeiro toparão um dia na terra, que sómente o pallor do seu diamantino rebrilhamento preenchia, com um povo de victoriosos, disposto para as humanas luctas, amando, luctando, propagando a vida por sobre essas planicies virgens.

Um divino poema cantará, então, a obra sublime da Mulher — a heroica cooperadora da Terra, o soberbo symbolo da força creadora, que jámais descança, jámais esquece que a sua missão não será completa, enquanto as terras virgens não estiverem coalhadas de vidas, fertilisadas pela cheia transbordante do Amor.

---

### III

#### A FAMÍLIA

O ininterrupto canticó á fecundidade, que vem da natureza em perpetuo epithalamio, estimula as hereditarias faculdades d'esse ser affectivo, que é o brasileiro, tornando o amoroso um apaixonado, com arrebatamentos e exacerbações trovadorescas. O seu inimigo é a mulher. Por um sorriso d'ella, daria toda a sua fortuna. A vida é facil, tudo em volta lhe falla de abundancia, inculcando-lhe coragem, porojando fé. Elle confia na vida, cegamente.

Por isto, sem que os futuros encargos e difficuldades do *ménage* o preoccupem um momento sequer, o brasileiro casa-se, como prêga *Michelet*: moço, pobre, ao despontar da vida.

E é vél-os partir, de braço dado, pela vida fóral na edade em que as almas teem a frescura aroma, das rosas, rimando a beijos o santo madrigal, repletos de uma alegria de namorados grêgos, perfumando os caminhos com a sua felicidade extravasante, certos de

vencer com o seu despreoccupado amor e a sua ventura dominadora.

Se teem ambições lá estão os seus braços fortes para garantir-lh'as. O futuro é proximo e seguro: uma banca de advogado, uma clinica medica, uma vida de agronomo na mina da Amazonia, a terra, o commercio, o negocio, o trabalho, e, em poucos annos eil-os de viagem para a Europa com um bando alacre de rebentos, em que desabrochou a arvore d'aquelle estival amor, fonte da vida e da alegria.

Entretanto o seu lar é modestissimo: uma casinha com muita luz, muito asseio, trespasada de sol, guardada por uma grade, atravez da qual, franças de arvorêdo filtram, em osmoses subteis, como suspiros, olores e boas sombras.

Desconhecem o viver de Lisboa, de Madrid, de Paris, aos andares, onde as populações se arrumam empilhadas, em sordidos predios, sem ar, muitas vezes sem luz.—Exigem a sua *house*. Remediados ou ricos teem habitos de asseio e de conforto. A casa mais pobre, não dispensa o seu banheiro; como a pessoa mais miseravel não abdica o seu banhinho diario, que, com o café, faz o grande calmante e o grande estimulante, reparador das perdas d'aquelle clima ardente. Mais uma razão, talvez, para que a população brasileira não possua, como a de Lisboa, esse stygma degenerativo d'um pedaço de raça, que vive n'um accúmulo, respirando o ar d'um saguão e secando ás janellas—quando não é dentro de casa—as camisas e as piugas remendadas, que fazem esse tris-

tissimo embandeiramento da Baixa, esse permanente decorativo de Miséria e de Immundície. Provavelmente por isto, também, é que elles não chegaram ainda a apurar esse definhamento da lisboeta, cujos corpos afusados e enfermigos, tidos por estheticos, são de inspirar dó.

Elles comprehendem bem que, para ter habitos de asseio e de elegancia... caseira, não é necessario habitar palacios. Pequenas são, ás vezes, as casas brasileiras e jamais lhes falta ar, luz e agua. E com ar, luz, e agua, muita agua, n'um *chalet* a meia legua do centro, muito distante da cidade commercial, aonde não se ouça a rala do trabalho e o sussurro da lucta não chegue, o brasileiro considera-se feliz. Felizes e serenos como bons hollandezes.

Alli esperam a fortuna, que se vae aproximando a cada filho que nasce, o dominio crescendo á medida que a prole augmenta, o trabalho e a vida realisando a sua obra, n'uma harmonia abençoada.

E nada mais encantador do que ver no paiz do dinheiro, na terra da abundancia, esse par de amorosos amando-se corajosamente, intransigentemente, atravez as luctas e as dôres. Como elles se accommodam e sabem ser felizes n'esse começo de vida, em que os meios são poucos! Ella, então, sujeita-se aos trabalhos mais pesados, pratica heroismos de economia, com a alegria consciente de quem está esperando a felicidade.

Marcham assim felicissimos na communhão d'aquellas duas pobrezaas, com a mesma despreocupação,

que qualquer d'elles, sendo rico, ligaria o seu poderio monetario a uma fortuna millionaria de affectos. Porque, para elles, o casamento não é um meio mas um nobre fim. A ignominia do calculado casamento rico não se encontra lá. O que nós presenciámos é a consummação d'um desprendido amor, o arrebatamento, a paixão, com todas as loucuras das almas moças e generosas; só assim se comprehende a architectura, ao mesmo tempo forte e graciosa, d'aquelle paraizo familiar.

Tambem, passados tempos, encontral-os-hemos de mãos dadas, deante da sua obra que perdurou pelo amor, sempre bons, sempre fortes, heroes pacificos, após as luctas, depois de muito crear, de muito soffrer, de muito vencer, gosando o premio da sua bravura, tendo emfim a sua *chacara*, isto é, a abundancia e a paz.

Quando poderdes dispôr d'uma noite, ide assistir á coroação d'aquella felicidade, conquistada por um incomparavel amor. Ireis ter com o vosso amigo ao escriptorio, á casa de negocio; e, antes de abalar no *bond* tereis apenas o incommodo de passar n'uma confeitaria, porque elle é incapaz de regressar a casa, pelas seis, sem o seu embrulhinho côr de rosa: umas fructas, um dôce. Elle tem sempre para a sua mulherzinha attentões de noivo. Com a esposa, na rua, no *bond*, nos theatros, em casa, procede com a gentileza de qualquer mundano, ao conduzir a uma mesa de jantar alleman, as damas que o dono da casa lhe indica. Não se peja de ser cortez, não lhe falta esse vi-

ril orgulho do homem, que leva ao seu lado a mulher, que lhe pertence de corpo e alma.

Talvez mais que a franceza, mas certamente como poucas, ella, por sua vez possui disciplinarmente a noção d'esse primeiro dever da mulher: o cuidado da sua pessoa. Veste-se para esperar o marido, á hora do jantar, e põe na sua *toilette* de casa, a mesma graça que empregaria nos tempos de solteira.

Eis metade do segredo d'essa perenne lua de mel, cujo espectáculo se vos vae deparar, deixando-vos adivinhar a predestinação d'aquelle entesinho, para alentar o seu homem e amar os seus filhos.

Ao saltardes do *bond*, vel-a-heis retirar-se subitamente da janella, correr para o *perron*, onde aguarda o marido, e conduzil-o entre garrulices á salêta, emquanto a pequenada se suspende dos joelhos do pae, despojando-o dos embrulhos e dos jornaes, aos beijos, ás risadas.

Na affabilidade com que ella vos receberá, na naturalidade com que conversará, logo percebereis que a sua distincção exterior não é artificial e nada tem de affectado. Continua a ser a mesma rainha, que não abdica, nem perante o marido, as suas faculdades de demoniosinho . . . Ah! mas não uma rainha d'uma altivez fria, d'uma magestade de estatua, não! uma soberana que domina o seu mundo côr de rosa com o aureo sceptro do seu divino amor.

Mas, são luzes accesas. A sopa espera-vos.

Eis-vos, emfim, na sala de jantar, que diz muito mais o que é uma familia, do que a anodyna e des-

caracterizada sala de visitas. Muito fresquinha da vi-  
ração, que entra livremente pelas veneſianas, ostenta  
uma natural decoração, feita de gosto, mais do que  
de luxo, essa arte de encantos, que as mãos feiticeiri-  
ras das mulheres sómente sabem encontrar. A mesa  
cheia de alliciencias, tem rebrilhamentos alvos e flo-  
res perfumosas em cantoneiras de crystal, em solita-  
rios esguios, como bicos de cysne, com laçadas de  
sêda. Jorros de luz, mancham fartamente a sala. No  
chão, em baixas *étageres*, begonias, abetos e vasos de  
plantas diversas exhalam as suas respirações fres-  
cas.

Uma cadeira de balanço, que não sabe bem se  
vindes para jantar se para esperar, regaladamente no  
seu collo embalador, a hora do café, cumprimenta-vos  
insistentemente. Como pessoa bem educada, cumpri-  
mentae-a também se quereis e sentae-vos á mesa. Po-  
deis estar descansados, que não vos atufareis de carne  
sêcca ou de vatapá, essa incomprehensivel gloria dos  
bahianos. Quando se lembrarem de vos fazer a honra  
d'um jantar á brasileira, em regra, com todo o ritual  
da tradição, isto é, com toda a pimenta-do-reino... e das  
ilhas, terão o cuidado de prevenir-vos. N'esses janta-  
res—que apenas teem o defeito de ser intermina-  
veis, defeito muito portuguez, vamos...—, encontra-  
reis de ordinario todos as *raffineries* da culinaria, essa  
arte das deusas! Não vos deixarão saudades da cozi-  
nha franceza. E mesmo achareis lá os pratos mais  
finos d'esta. A sobremêsa, então, é um deslumbra-  
mento; dir-se-hia que a mulher brasileira foi educada

em conventos, tal é a sua sabedoria na arte de cozinha e doçaria.

Ella obrigar-vos-ha a provar um pouco de cada doce e depois de ter exgottado o argumento da vossa guloseima, passará a recorrer ás virtudes therapeuticas dos fructos que os compõem: este, rico de terebinthina faz bem á tosse, aquelle acalma-vos a sêde e evita que tomeis tanto gêlo, que tambem faz mal... Porque ella entende egualmente um pouco de medicina caseira e conhece mésinhas, milagrosas algumas, que enuméra com esse quê de superstição feminil, commum nas mulheres, e, em que ellas são d'uma ingenua intransigencia, respeitavel e encantadora.

A sua vozinha de velludo entretêm-vos durante todo o jantar, como uma orchestra harmoniosa, com uma conversa saltitante, que só se interrompe para irmos tomar o café a outra sala ou na varanda sobranceira á chacara, em cadeiras commodas, vendo a noite tepida lucilar no cimo.

O seu espirito do qual cuida, como de si propria e dos seus filhos, interessa-vos a comêço. Por fim, deleita-vos.

Como a litteratura franceza lhe é familiar, a conversa deriva naturalmente para esse campo ameno, folheando paginas lidas de romances, recordando expressões, invocando typos, discutindo theses, com uma despreocupação e bonhomia que tira a gloria a um escriptor para a dar a outro, n'esse suave estado de espirito, tão proprio das horas que se seguem a uma excellente refeição, entre flores e sêdas, quando

o charuto nos esboça mundos ideaes, ante os olhos benevolos.

Pela frente da chacara, na rua, passam grupos de moças, em cabello, n'esse á-vontade das praias e das thermas; vão decerto a qualquer chacara proxima ou talvez andem mesmo a percorrer os passeios longos e largos, como alas de uma avenida, o que dá a esses bairros o ar de burgos aristocraticos.

Na impassibilidade morna da noite, um piano desfere, com paixão, os compassos d'uma peça classica. As palmeiras hirtas parecem suster a aragem, para ouvir melhor. E a conversa desvia-se mais uma vez, tomando agora o rumo do sonho; como ella possui, igualmente, uma perfeita educação de *musicienne* — que causa a admiração de todos os compositores, pianistas e violinistas, que teem visitado o Brasil, o qual, referindo-se especialmente ao Rio, reputam um dos meios musicaes mais adeantados da America do Sul —, vós percorrereis, então, toda a grande musica, dizendo-vos todas as vossas respectivas devoções pelos compositores celebres. E uma deliciosa discussão sobre tal sonata ergue-se, levando-vos para dentro, para ella, a *pianoter*, exemplificar, provar que era quem tinha razão. Oh! as mulheres teem sempre razão!...

Junto d'esse piano, que as magicas mãos da *virtuosi* animam, o tempo despercebidamente vôa. N'um egoismo de delicados amadores ieis ainda a pedir-lhe que vos recordasse certa peça... Cruelmente, ella fechando o piano, recusa-vos a mercê; são horas do chá.

Muito admirados de passar assim uma noite, sem saudades dos amigos nem do theatro, haveis de querer retirar-vos. Sereis, porém, obrigados a ficar ainda um instante, a acceitar mais dôces. E á despedida tereis por força de vos comprometter a voltar mais a meudo.

Como este, outros convites affluirão, pondo-vos em breve na difficuldade de repartir o tempo pelas relações e honrar todos os jantares e almoços que vos são offerecidos; como seria impossivel do mesmo modo accommodar no estomago todos os *chops*, todos os *vermouths* e todas as chavenas de café, que tereis ensejo de acceitar diariamente. Na Europa, uma pessoa de fóra ao jantar, é um acontecimento; entre elles, um facto habitual. Todos os dias ha hospedes, que vão sem ser esperados, á hora de jantar, a hora das visitas. E quem quizer ver contente o brasileiro é frequentar-lhe a casa e devorar-lhe os jantares, porque elle tem, como o portuguez do norte, a imprescindivel necessidade de ver muita gente á sua mesa farta e ruidosa. Essa franqueza não chega a ser um sentimento — é um feitio.

O não fazer cerimonia revela, pois, uma prova de amisade. Aquella franqueza, modulo do character brasileiro, leva á hospitalidade, com uma semceremonia que dá, então, logar a factos incomprehensiveis para nós outros, europeus. — A cosinheira despede-se, a creançada adoece com tosse convulsa ou o medico descobriu microbio na casa?

— «Não tem mal, não.»

Vae-se para casa d'uma familia amiga, com a intima certeza de que nos acolherão sorrisos, beijos, o café, o mate, e uns magnificos aposentos, aromatisados pelas mangabeiras da chacara, socegada e fresca. Tambem se quinze dias depois succeder outro tanto a estes, elles lá estão promptos a pagar-lhes, de cara alegre, o obsequio.

Repetem-se estes factos frequentemente, mesmo com quem não tem familia para invadir a casa do amigo ou uma casa para os invasores. Basta que um amigo dê comnosco um pouco pallidos, convalescentes d'uma febricula ou simplesmente adoentados de cansaço, para nos intimar a que vamos para a sua chacara ou para a sua Fazenda. Ora, ir para a chacara ou para a Fazenda d'um amigo é ter como certo o cafésinho de manhan, inda no leito, o almoço farto, o jantar a horas, o cavallo para as passeiadas, sobre a banca flores inda humidas do sereno, uma estante de livros, aberta, creados a servir-nos e uma visinhança affavel que nos obsequieia e nos distrahe.

A chacara é a vivenda opulenta da cidade, n'um suburbio hygienico, aristocratico—é o palacête, circulado d'um pequeno parque de bambus e palmeiraes.

A Fazenda é a grande propriedade rural, a quinta, o castello. Como nos campos portuguezes, a sua importancia vem-lhe não dá casa do proprietario, da moradia, mas do cafésal com os seus milhares de pés, das plantações de canna de assucar, do cultivo, da colheita, das terras extensas e ferteis. Quanto melhor seria habitar alli esse benedictino retiro, do que a cot-

*tage*, a aristocratica chacara! Além d'isso hoje já não ha a temer o espectáculo cruento do *tronco*, os gritos desesperados dos escravos, cujas carnes vão sendo cortadas pelo relho. A unica inclemencia será esse trajecto da *gare* á Fazenda, no *trolley* sem molas, por maus caminhos, sob o incendio do sol. Demais vós sois o hospede real, e, n'aquelle desterro feudal ireis dar com o conforto e a ostentação civilisada d'uma vivenda rica em pleno coração d'uma cidade europêa. São primeiro os moveis de gosto, os habitos requintados, as modernas machinas photographicas, a diversidade do *sport*, as boas clavinas, os cavallos apuradissimos, de raça, as bicyclettas, os pianos de auctor, e, depois, a intermina serie dos jornaes, das revistas estrangeiras, dos romances, que ainda trazem fresca, a tinta da sua faixa de recém-nascidos—*Vient de paraitre*,—e que vos levam com um pouco do seu calor, do seu ruido, a vida turbulenta da civilisação, uns restos palpitantes do bulicio, da agitação, cuja saudade enublará ás vezes, durante aquella pacificação bucolica, os vossos suaves vagares. De quando em quando, uma caravana de amigos chega, nos seus cavallos, nas suas carruagens, com as mulheres e os filhos, esquecendo-se alli, oito, quinze dias, elles que vinham apenas passar o dia, fazer uma visita. Será, então, um renovamento de alegrias, uma perturbação de festa, que se expandirá nas expedições equestres ao cafesal, pela frescura das manhãs azues ou pelas tardes socegadas, quando o sol bate em retirada. Ouvireis fallar de milhares de arrobas de café, este anunciará uma nova plantação de tan-

tos mil pés, aquelle aludirá á sua criação de gado, um terceiro abençoará os resultados de certa machina para a limpa do café, um outro elogiar-vos-ha o trabalho de tantas familias de colonos italianos, queixando-se apenas da sua indisciplina, das continuas revoltas que elles fomentam na Fazenda, cada um tendo algumas gottas ebullescentes do sangue de Garibaldi.

As senhoras assentadas, em rancho, sobre o capinzal macio ou descansando nas rêdes da varanda, fallam das creanças, queixando-se das suas turbulencias, outros tantos prenuncios de força e de esperança, admirando-se aquella d'esta ir já no nôno filho, esta de que a sua amiga não tenha querido ajuntar mais um ao quinto, para arredondar a conta.

E, em torno de vós, perpassará n'um lauto sonho, a abastança prodigiosa d'aquelles dominios, a multiplicação phantastica da riqueza d'esses proprietarios, que vão alastrando o cultivo das suas terras infinitas, augmentando as suas colheitas, fomentando a resurreição agricola, de anno para anno, emquanto as mulheres lhe preparam, com o seu amor, um numero crescente de futuros trabalhadores, a familia alargando-se, fortalecendo-se pelo numero, que amanha, depois de cultivados aquelles terrenos, acabará por invadir os outros.

Por entre o ranger das argolas das rêdes, que baioçam, a voz da dona da casa elevar-se-ha, n'um cantico de meiguice, propondo um fresco. Uma mucama entra, da parte do feitor, trazendo rosas. A toda a hora, infatigavelmente, o mesmo cuidado com os

hospedes, o mesmo carinho que nunca se desmente.

É decerto um reflexo, um vestigio da tradicional hospitalidade do Interior, onde ninguem, que viaja, se preocupa com o acolhimento que lhe fará além aquella choça, cuja luzerna bruxolêa, como uma estrella guiadora na amplidão das noites. Ao chegar lá, nem tendes necessidade de vos apeiar; o tropeiro gritará de cima do macho:

—«Ó de casa!... Eh! gentes!...»

Estae certos, que sereis acoutados, nutridos, os vossos cavallo recolhidos; e de manhan, tomado o leite aureolado e peitoral, tendo pago somente a forragem dos machos, ensinar-vos-hão o caminho, n'uma derradeira sollicitude, abençoando os vossos passos.

Cautela, porém, com as galanterias ás mulheres. Que o sertanejo defende a honra com mais ciume do que as terras. Um olhar mais demorado para a filha d'um caipira, um galanteio ligeiro aos seus olhos, que teem todo o calor do sol, expôr-vos-ha a que elle amanhan, sem attender á vossa qualidade de janotas citadinos nem medir desigualdades de posições, vos pergunte abertamente, com o ar mais tranquillo e mais decidido d'este mundo:

—«Então, seu home! mecé sempre casa cum Candinha?...»

Olhando aquelle homem, descalço, de calça de brim arregaçada, fazendo-vos pergunta tão grave emquanto corta na palma da mão o rôlo do fumo com o enorme facão, tereis de responder affirmativamente,

sem hesitações, de forma a não deixar a menor dúvida no seu espirito, mesmo a desconfiança sequer de que partireis amanhã, a refugiar-vos no labyrintho da cidade.

Fóra isto podeis ir abertamente a sua casa, usar e abusar da sua hospitalidade. Nunca vos negará a sua rêde e a sua farinha de mandioca, para acompanhar a carne salgada, uma cuia de café ou de mate e fumo para pitar. Isto, nos *sítios*, na roça somênos, porque quanto ás Fazendas, ás grandes propriedades, o caso é differente: a creação variada e numerosa, — *graças a Nosso Senhor Pae* — com os legumes e os fructos, chega para nutrir um batalhão. Mas que seja a d'um rico ou a d'um pobre, a porta a que bateis abrir-se-ha, como ás palavras da lenda, e dois braços hospitaleiros vos agradecerão a boa-ida. Lá encontrareis sempre na cabana ou no castello, a mulher brasileira, que vos acolherá como a um irmão de sangue. Senão tiver esse absoluto refinamento da fluminense, a mulher dos outros Estados resumirá todavia essas condições geraes que fazem da brasileira um typo ideal de esposa e de mãe.

Dedicada em extremo, interessa-se pelos negocios do marido e essa identificação d'alma, esse interesse que ella vota a tudo quanto diz respeito á vida do seu homem, leva-a a interessar-se tambem pelos destinos da patria.

E, uma vez que o seu papel no lar não se reduz á condição de uma escrava e o homem lhe confia todas as suas alegrias, as suas apprehensões, os seus odios e

as suas esperanças,— a mulher brasileira recebe diariamente pela bocca do marido a chronica viva dos acontecimentos da patria. Está, pois, ao corrente dos successos politicos, discutindo-os apaixonadamente por vezes.

Quer tanto ao seu paiz como ao seu lar. Tem zêlos patrioticos e zanga-se se alguem offende a sua patria.

Os nomes dos seus filhos revelam as suas paixões politicas, os seus idolos partidarios, sendo hoje vulgares no Brasil, os *Deodoros*, os *Florianos*.

D'ahi a educação civica que os filhos recebem desde o berço, bebendo no leite materno, o amor da patria fervoroso e grande. Assim, aquella mocidade não chega ás escolas superiores nem d'ellas sãe—á semelhança d'outras—ignorando os riscos, que ameaçam a sua patria, n'uma indifferença e n'uma inconsciencia, criminosas, dos seus deveres civicos.

O rapaz brasileiro, não: é exaltado em politica, tem crenças e sabe defendel-as com toda a sua grande fé de patriota ardente, com toda aquella coragem, que é um dos seus caracteres.

Assim, no brasileiro, como em nenhum outro povo, o sentimento patriotico e a fibra politica são d'uma vibratilidade afinadissima.

E esse patriotismo é-lhes insuflado desde creança. Recebe-o ao nascer.—Bebe-o no leite.

Os lares são nitidas miniaturas das Patrias. Se aquelles foram construidos sobre um pedestal de generoso amor, estas decididamente se erguerão em vo-

luptas de paixão, fagulhando sublimes ideaes. Portanto, d'esse lar, com nimbos de pureza, onde a mais dulcificante estima proclamou a egualdade conjugal, uma nação livre havia de brotar como brotou — triumphalmente.

A vida publica do brasileiro é um decalque da sua vida intima. Nos seus grandes actos civicos, como nas crises de sentimento : para o casamento pelo Amor, para a Republica pela ante-saudade d'aquelle horizonte auroreal onde relampagueava a sphinge da liberdade idolatrada.

Sempre a mesma intrepidez para a conquista de vida, o mesmo sublime arrebatamento para a lucta. Sempre a mesma Augusta imprevidencia com que caminham para o Amor, esperançados no trabalho, sem receio aos obstaculos, destemidamente ao encontro da dôr e do perigo, dotados da mais fortalecida confiança na bondade da vida, no poder e na riqueza ao seu sólo.

E a soberba constituição d'aquelle povo, saturado dos principios de liberdade e de grandeza civica é a obra abençoada da mulher.

É a ella, á mulher brasileira ! a quem cabe a gloria d'esse povo rico de civismo, construido com os filhos que elia acalentou na abundancia sádia do seu collo, assegurando-lhes a sagrada victoria das raças fortes, as predestinadas a espalhar-se pelo mundo, fecundando-o, predominando pela bondade e pela energia, marchando em triumpho para a invencivel conquista da felicidade.

A ella, a quem se deve essa nação de homens livres, a ella que lhes infiltrou n'alma o credo da patria, com as suas fallas, que são cadencias perdidas d'uma sonata, penetrando todo o ser e indo até ao coração, afagal-o, catechisal-o ! A ella, a gloria d'essa grande batalha ganha cada anno pela familia brasileira, de que sempre sairá victoriosa, porque ella é o numero e, portanto, a força.

Oxalá que todas essas reivindicações feministas, que desfeminizam a mulher, as não arrastem no seu torvelinho e ellas jamais desertem da sua missão humana, superior e admiravel, de procrear a vida. Que em vez de se esterelisarem nas tarefas grosseiras, tomando de assalto as profissões liberaes, invadindo os logares publicos, os correios, os telegraphos, o commercio, a industria, se recolham antes á pacificação da sua obra de amor, de alegria e de paz, povoando os sertões desertos, semeando a vida soberana pelos tempos e pelos espaços fóra.

Por mais numerosa que seja a familia, n'esse pedaço de globo onde o beijo ardente do sol jubiloso proclamou um imperio de fertilidade, haverá sempre logar para um bérço, dois raios de sol para aquecer uma alma. Que ninguem fique infecundo, incompleto ! Que todos se entreguem confiadamente ao cêgo arrebatamento da divina paixão ! Que a mesma onda de fertilidade que inunda fartamente a terra, jamais deixe de nutrir os corações ! que elles não cessem de amar, de crear, de lutar, expandindo-se pela terra immensa, n'esse soberbo desafio de fecundidade : a terra

reflorindo o mundo, n'uma perpetua virgindade, sempre fecunda e sempre noiva, a mulher reforçando a sua humanidade, creando incessantemente a familia numerosa, fundando o Povo !

E esse sonho d'amor prolongar-se-ha na sua auro-ra radiante, sem as melancolias d'um crepusculo, em jorros de alegria e de saude, que irão a pouco e pouco formando a vaga fecundante da humanidade, deixando pelo leito da vida as verdes algas da fé trazidas á flor da espuma, até um dia repôr nos alcantis a sphynge soberba da liberdade immaculada.

Cada fructo da familia numerosa será uma nova força, que ficará presa á terra pelo laço indissolúvel do grande amor que a gerou e trará da terra a mesma seiva, a mesma saude, o mesmo ardor do sol, robustecido de fé e de energia, para amanha poder ser um creador e um heroe, sabendo de cór essa symphonia que a terra entôa em cada folha e que não é mais do que o hymno da liberdade e do amor insubmisso.

Cada familia encarnará a alma do Povo e cada lar a imagem magnifica da Patria.

#### IV

##### O POVO

Pela alma do povo brasileiro deve ter perpassado, cavando para sempre o seu vestigio, o mesmo sopro de virgindade que dimana da terra. Porque, na sua vida social, ha o mesmo tumultuar de generosas seivas que circulam em borbotões os longos campos. Os caracteres do seu organismo nacional são bem o producto d'aquelle meio exuberante.

Das planicies virgens uma raça virgem nasceu com todas as flambagens de coragem, de audacia e de heroismo. Filhos da terra forte, tonificados ainda pelo magnanimo amor da mulher, elles veem para a vida com os mesmos impetos de grandiosa juvenildade, que parecem latejar no seio d'aquella flora gloriosa. Saidos cedo fecundos da terra fecunda, para a proclamação da familia numerosa, esta cedo também os sagra cavalleiros, restituindo-os á terra, para as grandes batalhas do trabalho e da idéa.

Assim, nós vemos esse povo moço, governado

por uma mocidade intrepida, devorada de todas as sêdes das modernas conquistas, esmagando a rotina com os seus ardores insaciados, de tropel para os arrebatamentos do progresso e da civilização.

N'uma soberba conjugação de amor e de força, essa mocidade dispõe de todos os recursos, modernamente conquistados pelo espirito humano, sem contudo perder as suas raras faculdades de acção.

Foi essa mocidade que os cabecilhas Silva Jardim, Quintino Bocayuva, Lopes Trovão, Antonio Bento e José do Patrocínio encontraram ao seu lado para a esforçada cruzada da abolição, em que cada pugna-dor arriscava a vida.

Foi a essa mocidade que Benjamim Constant pré-gou o esplendoroso syllabario do credo republicano. A ponto que a Escola do Exercito, nos ultimos tempos do imperio considerada um nicho de revolucionarios, o temivel baluarte da Republica, é ainda hoje o grande esteio da constituição. Para essa mocidade appellou sempre o Brasil nos momentos de perigo nacional. E sempre, mas sempre esse homem de acção, que foi o Marechal Floriano, encontrou junto de si a mais forte e dedicada geração nova, que se tem visto combater por um ideal de patria e de liberdade.

A Bahia do Guanabara, guardada do bloqueio dos revoltosos por um cordão de baterias, appareceu certo dia com uma clareira aberta pelas balas inimigas. Havia risco. Floriano Peixoto chamou dois cadêtes :

— A Republica corre risco. Sabeis defendel-a ?

— Sim, meu Marechal !

E dois rapazes imberbes, nervosos, o olhar incendiado de patriotismo e de fê, lá se foram expor ás balas, na idade em que outras mocidades desmaiam ao assomar d'um perigo.

Alguns, ainda por completarem o seu curso, já eram condecorados com alguma granada que lhes estilhaçara uma tibia.

E na revolta de Canudos, sob o fôgo dos Jagunços, lá se vêem explodir pelos sertões da Bahia os mesmos rasgos de coragem e virtude civicas.

O patriotismo d'esse povo não se traduz apenas pela rhetorica incendiaria dos discursos e das gazetas ; atesta-se no campo da acção, sempre que as circumstancias ahi o conduzem. Não existe separação entre as camadas intellectuaes e as luctadoras. O braço acompanha lealmente as audacias do espirito. É mesmo a essa duplicidade de homens de pensamento e homens de acção, que esse povo deve a serie ininterrupta das suas estridentes victorias. Nem haverá, por ventura, historia patria que tanto se prenda á historia da litteratura. Ora, como essa litteratura não está, á maneira da nossa, reduzida a uma *fumisterie* d'arte, com mais ou menos talento, mais ou menos sinceridade, mas tem a impellil-a um forte cunho de orientação mental, que se desdobra em robustecidas theses sociaes, ella desce naturalmente á liça, confunde-se com o povo, encarna-se com a alma da patria, traduz-lhe os seus soffrimentos, enuncia as suas aspirações, e attinge assim as proporções d'uma

pleiade de evangelistas, que formulam, que inspiram, que guiam, que governam.

Ahi temos, pois, as classes intellectuaes intervindo directa e beneficamente nos destinos da nação, salvando-a d'este modo de cahir, como outras, nas mãos de aventureiros sem escrupulos, sem erudição social nem moral civica. A mentalidade commanda as grandes manobras sociaes. Em cada pensador está um guerreiro; mora uma barricada em cada coração.

Como na França de 48, apparecem-nos alli poetas gloriosos que não se desdouram de descer á terra, e confundir a sua com a respiração offegante do povo, que não se refugiam nos falsos do olympto e veem expontaneamente ser os porta-bandeiras dos sentimentos nacionaes.

No attentado de 5 de Novembro de 97, quando o anspeçada Marcellino Bispo, um caboclo alto, moreno, tendo falhado a garrucha que visára o Presidente da Republica, apunhalou o Marechal Bettencourt, da grande multidão, que n'esse momento de ancia se encontrava no Arsenal, dois homens correram para o dr. Prudente de Moraes, a defendel-o: o coronel Thomé Cordeiro e o poeta Luiz Murat.

O Presidente da Republica conservava-se de pé na sua sobrecasaca preta, livido e perplexo.

Luiz Murat cresceu para elle e envolvendo-o todo com o seu braço esquerdo, disse para o coronel Cordeiro:

— « Guarde a rectaguarda, que a dianteira está

garantida» —, mostrando-lhe a sua arma, que brandia segura, como soldada á sua mão.

E dando o braço ao Presidente, quiz retiral-o logo d'alli, d'aquelle logar que parecia ter a essa hora uma atmospherá de sangrenta fatalidade.

Tentou caminhar, mas não pôde: uma massa humana, onde havia physionomias suspeitas, barrava-lhe a passagem.

Então Murat, parecendo erguer-se no seu busto alto, os seus belios olhos chammejando, a sua curta cabelleira, repartida, estremecendo revolta ao movimento nervoso da cabeça, estendendo n'um gesto magnifico, imperativo, o seu braço musculoso, exclamou retumbantemente na sua voz dôce, habituada a recitar maviosos alexandrinos:

— «Abram!... É a Republica que passa.»

A multidão, hypnotisada por aquelle rasgo imprevisto de audacia, esmagada pela subita temeridade d'um homem, que ousava commandal-a, cedeu á suggestão d'aquelle voz. E Murat, que tanto se batera pela Republica, suffocando talvez o decorrer d'uma conspiração, pôde conduzir a salvo o Presidente á carruagem, salvando o seu ideal d'uma morte certa. Porque, o assassinato do Presidente da Republica n'aquelle momento historico, em que a anarchia reinava e tanta agitação contorcionava a nação, seria de facto a morte da Republica. N'um d'esses relances de que só é capaz a inspiração dos poetas, Murat comprehendeu-o, fazendo o seu civismo com que não hesitasse em salvar a vida d'um homem, que elle atacava diaria-

mente nos seus artigos e que continuou a atacar no dia seguinte.

Eis um bello acto de disciplina mental, que mostra simultaneamente essa dupla faculdade de homens de pensamento e homens de acção.

Durante a propaganda, como já na vida da Republica, a geração intellectual esteve sempre onde havia perigos e os seus postos eram escolhidos segundo as probabilidades que em cada um d'elles houvesse de se morrer melhor.

Todavia, assim como a penna do escriptor se transforma na hora de alarme n'uma espada, o homem de acção não foi tambem quem ganhou sosinho essas conquistas prodigiosas, que o Brasil desfructa hoje. Aquelle grito de liberdade, que havia muito borbulhava aos cachões em todas as guelas e, derramando-se por uma photosphera de anciado sonho, estridulou no campo de Sant'Anna, na opalescente manha de Quinze de Novembro, não foi o fructo d'uma hora de demencia social, em que a psychologia das multidões fosse milagrosamente levada a um enthusiasmo grandioso, mas sim a resultante de toda uma longa e paciente evolução, orientada pelas sãs doutrinas positivas.

Sómente a Europa autocrata, enclausurada nos esboroados muros — carcereiros da sua civilisação chinezesa — podia cahir no erro de suppor que aquella victoria d'um povo se fizera assim por uma conspiração de acasos, fôra apenas a obra d'um trôço de soldados exaltados, saindo para derrubar o ministerio e reco-

lhendo, estupefactos, sobre os destroços d'uma dynastia. É de crer, porém, que a estas horas o velho mundo tenha chegado á conclusão de quantos esforços systematizados, quantos sacrificios conscientes, quantos homens superiores, em valor e em fé, quantos annos de fertil propaganda e quantos factos não foram congregados, para aquella estrondosa apotheose d'um povo.

Uma raça nova, ainda com o osculo de liberdade que a sua terra virgem, ao nascer lhe depôz no coração, não gasta seculos a esmoer uma idéa e quando esta irrompe, não marcará apenas um interregno politico, mas uma edade d'ouro de triumphos decisivos. Quando a alma d'um povo ascende livre para as translucidas espiras da Egualdade e da Justiça, pelos solidos degraus d'uma evolução philosophica, não corre o risco de resvalar novamente para a escravidão, de cahir outra vez ignominiosamente nas mãos do retrocesso. Os acontecimentos politicos não são de occasião, como os livros velhos, não se provocam com um comicio, não triumpham pela vontade d'uma bayoneta. Nem a marcha d'um povo pode ser sustada mercê de interesses de terceiros, ao gosto e talante de exploradores grosseiros ou de fanaticos retrogradados, porque não é com o tropel de esquadrões mercenarios que se abafa o Pensamento.

Elles caminharam para o Ideal pela estrada firme da sciencia; os seus passos deviam ser, como foram, decisivos, seguros.

Foi uma campanha! tão intelligentemente condu-

zida, porém, — por homens, que repellindo de si esse sestro de indolentes emprestado ao brasileiro, invadiram todos os focos da vida civica com a sua vaga de tenacissima propaganda, fizeram apostolagens nos theatros, nas tribunas e nas praças, nas fazendas e nas escôlas, — que a idéa galgou subitamente todos os espiritos, tanto que a sua proclamação pareceu aos olhos distrahdidos um factio imprevisto, de erupção.

Quando essa victoria não foi mais que a meta, attingida, d'uma serena propaganda, empolgante, energica, pertinaz e que tinha por si todo o partido d'uma philosophia contra uma cadeia de superstições e preconceitos.

Mas, toda essa tenaz e forte evolução mental, seria no emtanto impotente, infecunda, se o seu germen procreador tivesse cahido em terreno esteril, se as suas libertadoras formulas fossem esbarrar na inercia d'um povo abatido.

É, pois, d'essa dualidade d'um povo mental e d'um povo de acção que essa patria surge, marchando a passos de gigante para uma era de esplendor.

Do concurso da terra, que os banha de força, da mulher, ungiendo-os da sua nobre bondade, e da familia, insuflando-lhes a vivida fé que a cimenta — saiu esse povo civico, servido d'uma coragem e d'uma alma irrequieta. A essa intensa faculdade civica se devem decerto as perturbações que todos os dias se levantam e o desassocegam. Áparte o logico estremecimento que uma transformação de regimen provoca, tudo o mais: revoltas intestinas, crise financeira, des-

ordens, anarchias, conspiratas, são os abalos d'um grande organismo chegado á puberdade. Tudo isso obedece á mesma lei: as tendencias moraes d'um povo irrequieto, em constante fermentação.

Elle não se dá bem com a inacção. O seu espirito suspira inconsolavelmente por novas conquistas, por novas glorias, por novas luctas.

Vem tumultuosamente, sem descanso, quasi d'um fôlego, da gleba colonial á independencia, d'esta para a aurora rutilante da abolição e d'aqui para a emancipação democratica.

A alma nacional habituou-se de tal fôrma a esse bello movimento adquirido de sociaes triumphos, que hoje insurge-se contra o marasmo, espumando em esplendidas insurreições, prorompendo em revoltas, ora no sul, logo no norte, como os fogachos dispersos d'um vulcão, que de quando em quando vomita uma labarêda de lava.

Aquelle paiz ainda agitado, onde parece restar um vago cheiro de polvora pelas ruas, onde cada face conserva um calor de batalha, desagrada talvez a quem fôr da inappetencia d'esta estagnada civilisação do Occidente. Vêmol-os deixarem arrastar-se da sua coragem a actos violentos; o seu genio bom inflammar-se frequentemente; o pugilato facil, saborear a briga, e tomamos isso por uma indisciplina de classes, quando são apenas os phenomenos naturaes d'uma raça, cuja plethora vigorosa os congestiona e se deriva em desordenadas crises.

Da sua vida publica como da sua vida particular

foi absolutamente banida essa compromettedora prudencia, essa calma, que entre outros povos expõe ás vezes o homem á mais aviltante cobardia. Acóde lesto a uma provocação, não foge: morre batendo-se.

Essa apurada qualidade de homens de acção, com a alma a estuar de temeraria coragem, torna-os inquietos. E, uma vez que o seu territorio é immenso e essa força latente não pôde derivar-se para o esforço das externas conquistas nem a propria Inglaterra conseguiu ainda embriagar-se a pontos de lhe aceitar o repto e elles não poderam, portanto, encontrar até hoje um inimigo que lhes proporcione o desafogo d'uma guerra—a sua ebullescencia referve e borbulha em erupções, em revoltas internas, que são logo suffocadas.

Eis porque assistimos, em crises quasi periodicas, a essas sublevações, hoje um attentado, amanha uma revolta, no outro dia uma conspiração tumultuaria de desvairados. O que n'outro povo significaria um grave prenuncio de desmembramento, de tumultuosa decadencia, é alli a confirmação da sua alma cheia de seiva, insubordinada no seu vigor moral e na sua força physica, inquietamente buscando um trabalho em que se transforme.

Tudo isso passará, porém, bem depressa; e assim como nada o deteve, coisa alguma o demolirá agora, depois de ter corporisado n'um esforçado acto final aquella sua avassallante paixão de povo moço.

Todas as responsabilidades e medonhas consequencias o encontraram prevenido e serêno. São de vêr

os admiraveis exemplos de civismo, patenteados por aquelle paiz fortalecido no decorrer do ultimo decennio alteroso e adverso.

Mais que no dia da proclamação da Republica, foi já dentro do seu novo calendario que elle passou as amargas horas da sua vida nacional, que elle se viu forçado a evidenciar a sua muita energia, a invocar o seu fundo patriotismo.

Não estivesse o Brasil preparado, e longamente, para a adaptação do seu novo regimen e não teria conseguido manter-se, salvar-se d'esse abysmo, para onde inimigos de toda a sorte o empurravam.

Ah! mas alli, dentro d'aquelle povo moço, havia uma bella mocidade, banhada da agua lustral do civismo.

Felizmente elle hoje parece ter entrado na sua franca convalescença constitucional.

Deodoro, o golpe; Floriano, a chaga; Prudente a cicatriz; Campos Salles, a cura — são os grandes cyclos historicos da democracia brasileira.

E esse povo, que n'uma sublime imprevidencia, dotado da generosa loucura na acção, se lança na arriscada aventura da sua nova constituição, sem se importar que o Imperador levasse comsigo para o exilio o segredo do cambio a 27, tem a coragem de arrostar todos os prejuizos e atravessar confiado as grandes crises.

Os primeiros esforços foram congregados na solidificação e pacificação da Republica. Agora, extinctas as luctas, voltam, como os romanos ao regressar do

campo de batalha, a semear as suas terras, a reparar os seus haveres abandonados.

Tal é a resistencia d'esse organismo, que, a despeito das crises terem sido muitas e violentas, um anno de governo do Presidente Campos Salles levanta sensivelmente o seu systema.

A agricultura, abalada com a extincção da escravatura, restaura-se e entra hoje n'um periodo de florescencia que jamais conhecera, o trabalho do colono pago, bem dirigido, e o mechanismo moderno recuperando o tempo desperdiçado na rotina, supprindo com desmedidas vantagens os braços indolentes e desageitados do escravo. O campo toma assim um risinho aspecto de nova cultura, uma area menor, bem tratada, produzindo o mesmo ou mais.

O commercio amplia-se, pênse-se a sério nos tratados de importação e exportação internacionaes; o capital abre dia a dia novas fontes de credito e a industria solta os primeiros vagidos da sua recemnascentça gigantesca.

As artes balbuciam, e a litteratura amoldando-se ás formulas scientificas, guardando sempre o seu padrão nacional, avança victoriosa, levando na vanguarda uma poesia lyrica vehemente.

É um povo que vae de longada para o Progresso, n'uma marcha offegante, n'um galgar de onda a que nenhum escólho fará frente.

Ha dez annos que a sua vida se localisa nas luctas politicas, que o seu peito arfa de cuidados, assustado a cada perigo que ameaça a sua constituição.

Abandonaram tudo, e, n'esse desamparo em que deixaram as fontes vivas da nação, assaltadas logo pelos bolsistas judeus, verdadeiros urubús da sua economia politica, elles provaram superiormente o seu afincado civismo, a sua tenacidade patriotica, que os retinha de vigilia e atalaia á augusta esphyngue da Republica.

Chegaram, porém, ao fim das provações.

Será de vêr agora esse mesmo patriotismo e essa mesma energia conjugarem-se a favor do seu restauamento economico.

Fere-se a estas horas lá-baixo, no paiz do sol, uma nova campanha, menos brilhante talvez, mas da mesma fórma nobre, do mesmo modo grandiosa. E elles hão-de saber ser grandes, hão-de saber ser heroes n'essa batalha da paz, como o foram na outra. Os actos de bravura da nova cruzada começam já. Presente-se, n'essa propaganda para desthronar a Crise, a mesma febre em que ardiam todas as veias d'aquelle povo, quando se tratou de apear um principio.

São primeiro as economias de toda a ordem, o cercamento da despeza publica a todo o transe, as reduções, a amortisação paciente, voluntaria, teimosa da Divida. Mais um nobre exemplo que as autocracias arruinadas podem colher d'esse povo moço e millionario.

Mas, vem depois o fomento agricola, o desenvolvimento commercial, a inauguração auspiciosa da industria, as sabias medidas despertando da somnolencia as riquezas publicas inexhauriveis.

Uma vez lançada a exhortação patriótica para a batalha economica, todas as forças se concentrarão e, em breve, em menos tempo do que levou a desenvolver-se a crise, as fontes vivas da nação jorrarão de novo renascidas. E dias virão em que os estadistas brasileiros terão por unico pesadelo uma abundancia de riqueza, ameaçando um outro excesso de produção—a do oiro.

Elles não teem a negra necessidade de recorrer ao emprestimo, á hypotheca, aos titulos de divida. O seu solo basta para lhes pagar todas as bacchanaes do Progresso, todas as loucuras da civilisação. Enquanto houver um braço para cavar nunca faltará oiro áquelle povo. O seu alto commercio não representa mais que as migalhas do seu poderio. Toda a sua fortuna reside na terra, cada hectare rendendo mais que uma casa bancaria, cada geira cultivada luzindo mais que uma estrella.

Comprehendendo isto, elles desprezam as carreiras intellectuaes, renegam os diplomas scientificos para se devotarem amorosamente á terra, que, como uma amante, sómente espera o beijo fecundante para conceber e procrear. E um paiz, cuja riqueza podia tornal-os indolentes e parasitas, depara-se-nos um povo de productores, que vae buscar á terra livre, sem fim, os meios da sua independencia moral, para d'alli fazer a sua profissão de fé de homens livres, dispostos ás luctas generosas, sem ter de escutar a voz dos seus interesses nem de consultar a vontade de donos.

Plantam por suas mãos o pão que comem; antes de consummir, produzem.

D'ahi a independencia da familia e do estado em que cada homem vive, o cidadão sendo uma força e uma vontade dentro d'esse Estado, o individuo influindo na collectividade, sem que a collectividade possa corrompel-o, sem que elle tenha interesse em corromper aquella.

A Escola entre elles não é uma fabrica de certificados de pobreza... de espirito, habilitando para as administrações publicas. Os seus cursos preparam para a vida, não forjam funcionarios. As suas ambições vão além do miseravel funcionalismo. Voltam-se para as situações mais lucrativas, mais independentes, por conseguinte mais dignas.

Aos vinte annos o homem é uma força e uma vontade, que não precisa contar com mais ninguem, senão comsigo proprio, que dispensa o patronado da familia e não corre ao Estado a esmolar de joelhos o pão de cada dia. Emancipado cêdo da familia, porque elle sabe que pode contar com as suas proprias forças, entra na vida pelo amor, e cria assim essa familia numerosa, esse lar modêlo, cujos filhos serão amanha, á sua imagem, igualmente bons, igualmente generosos, tendo a mesma divina imprevidencia da sua mocidade, perpetuando a sua obra de amor e de fé.

Por educação, por indole e pelo exemplo, liberto da dependencia do Estado, esse homem é uma força e não um lacaio.

Homens uteis são homens independentes; homens independentes são homens livres.

D'ahi, o seu espirito de independencia irrequieta, o seu civismo. Assim, a individualidade é quem presta o precioso concurso á collectividade, muito longe d'esta o sustentar a elle.

E quando um cidadão acceita um cargo publico, presta um serviço, não recebe um favor.

O dr. Murtinho, actual ministro da fazenda, é um dos grandes vultos da medicina brasileira, sendo tambem um mathematico illustre. As tres horas que dedica ao seu consultorio, não chegam para attender a fila de doentes que se estende pelo corredor, pela escada, até ao portal, e que se quêda desconsolada ao vê-lo sair de carreira, inda perseguido por algum enfermo mais afflicto, que mesmo a andar insiste em narrar-lhe os seus males ou por pessoas desoladas que imploram a sua assistencia junto d'algum leito. Tal a concorrência, que a sua honestidade se viu forçada, para a reduzir, a augmentar o preço das consultas. Já eram caras, agora deviam escalear e elle poderia dedicar mais attenção aos seus doentes, e poupar um pouco a sua vida, exhausta de trabalho. Mas, não foi assim. A concorrência continuou a ir tomar vez, duas horas antes do dr. Murtinho chegar ao consultorio. Nem uma deserção! E, pelo telephone, pelo telegrapho a perseguição continuou lançando-se afflicta sobre este assombroso clinico, cujas batalhas contra a morte teem refinado o coração, a pontos de não se fazer conduzir nas suas carruagens, porque

*«as calçadas do Rio de Janeiro machucam os animaes!»*

Uma pasta de ministro a um homem d'estes, que ganha o que quer, que vive n'um esplendor de confortos e na mais integra independencia, deve pesar como um fardo; e nem mesmo por uma natural razão de vaidade se explica o sacrificio, porque o seu nome não pode ser mais conhecido, mais respeitado, nem mais amado. Não haverá hoje, decerto, no Brasil, quem não lhe deva a salvação d'um parente, d'um amigo, d'um conhecido.

O paiz, porém, necessitava d'elle, com a mesma pressa que um dos seus doentes. Habitado a sacrificar a sua pela vida dos outros, este homem installou-se á cabeceira d'esse grande doente, que podia d'um momento para o outro apresentar certa gravidade.

E, vemol-o assim assumir pela segunda vez a gerencia dos negocios da Fazenda, no primeiro ministério da presidencia Campos Salles.

Exactamente da pasta da Fazenda é que deveriam sair as primeiras proclamas da grande batalha, em que o Brasil se lança agora. Na divisa do novo governo, lia-se—escripto em grandes letras d'oiro—Economias. Fizeram-se economias. Isso porém, não bastou. Tornou-se forçoso lançar mão do Imposto; e foram os de consumo os primeiros impostos decretados. O commercio protestou, por todos os modos, fechando as portas, dirigindo mensagens, impondo, pedindo, discutindo, reclamando, pela cordura e pela violencia.

Nada obteve.

Mesmo um addiamento, que parece ter sido pedido para começar a vigorar a lei, foi indeferido. Quando se levantou tão geral opposição do commercio, receiou-se que o ministro se demittisse.

Mas elle estava alli n'um posto de sacrificio, sacrificio dos seus interesses, da sua paz; ou o paiz precisava dos seus serviços e aceitava obedientemente as medidas que elle indicasse, ou não.

Elle é que não precisava do paiz, nem do cargo, nem do governo.

E o imposto começou a vigorar, a despeito de todas as opposições, apesar de todos os protestos. Não fosse este homem um independente, tivesse elle a necessidade de angariar sympathias politicas, para proseguir na sua carreira publica, vivesse elle exclusivamente da politica, e veriamos se elle resistiria com aquella intransigencia perante um colosso, como é o commercio brasileiro.

Como este, um nunca acabar de exemplos flagrantes do civismo brasileiro, o cidadão ingerindo-se na collectividade, quando a ella pode levar o bom concurso d'um talento ou d'uma aptidão. A collectividade tambem não despreza os elementos que podem ser-lhe proveitosos. Por isso, o cidadão é alli uma força, mas uma força consciente, que sabe a sua importancia perante os destinos da nação, que está compenetrado da auctoridade da sua voz, a qual pode mudar a phase d'uma questão e importa ao governo.

D'esta conjugação intima, da individualidade com

a collectividade, ambas puras, ambas incorruptiveis, resulta esse povo forte, senhor do futuro.

Teem tudo por elles. A terra vasta, pullulando de seiva, recrudescendo de fecundidade a cada sol que nasce, escondendo maturidades até debaixo dos ramos seccos, atira prodigamente para o espaço nú com as sementes d'oiro, da sua riqueza desvairada.

O sol flammejante rasga scintillações de diamantes no céu crú, festejando a victoria da natureza bruta, n'um hausto calido, que vae contaminando os campos vastos, da sua febre de fertilidades, n'um hymno portentoso de alegria, de amor e de força.

Cordilheiras de côr marinham para as supremas alturas, desafiando os astros com a magnificencia da sua vegetação gigantea.

Do céu inviolado cáe uma bençam longa sobre a terra sem fim. Cordovalhas d'agua, intumecidas de sementes e de ovulos, jorram pelo dorso das collinas, infiltram-se pela escarpa dos môrros, semeando, varrendo, fecundando.

N'um canto rejubilante de fecundidade, uma flôra multicôr e perfumada brota.

Sol, terra, aguas, tudo á disputa lhes offerece a vida, ungingo-os de fé, embebendo-os de força, incitando-os a amar, promettendo-lhes a conquista do mundo, a restante humanidade indo expontaneamente ás suas terras render-se submissa. E elles entregando-se confiadamente á sua obra de paz, vão incessantemente alargando o seu dominio, a mulher e a terra

procriando, luctando harmoniosamente para a suprema victoria da vida e do amor.

Será, pois, esse povo o predestinado dos seculos, aquelle que triumphará atravez todas as perturbações, porque elle é a soberba geração dos fortes, dos fecundos, uma cachoeira de fé tendo passado pela sua alma virgem, banhada d'um sol de amor, de saude, de alegria, bafejada por um longo sôpro de infinito.

---

## SEGUNDA PARTE

---

### I

#### AS CIDADES

Logo de manhan, os *tramways* electricos, cada um comboyando quatro, cinco *bonds*, começam a despejar gente no Largo da Carioca, uma das fronteiras da cidade commercial. N'uma lufada entram no largo, param o tempo indispensavel para alijar a carga humana e, dando rapidamente a volta curta, partem de novo, sem perda d'um minuto, cruzando-se com outros que veem igualmente cheios, igualmente offegantes na sua marcha implacavel. Caminham assim unidos n'um só corpo até ao Largo do Machado e ahi destacam-se, a recrutar mais gente, para o Botafogo, as Laranjeiras, o Largo dos Leões, a Praia Vermelha, a Escola Militar, despertando com o seu timbre electrico o silencio d'esses aristocraticos suburbios do Rio de Janeiro. D'ahi a horas, eil-os que volvem, com novo carregamento de trabalhadores, trazendo ainda na sua

longa cauda um pouco da frescura dos longes, por onde passaram e um resquicio do aroma das aguas que, de fugida, viram morrer na fina areia da bahia.

E assim, para lá e para cá, de kilometro em kilometro, os *tramways* electricos correm a linha, uns após outros, como a perseguirem-se.

De quarto em quarto de hora, as escadinhas d'um pavilhão, adjacente a esse Largo, botam uma baforada de gente, vinda, tambem n'um *bond* electrico, dos planaltos de Santa-Thereza ou das sombras humidas do Silvestre.

A esse tempo, no largo de S. Francisco de Paula opera-se um desembarque identico. Dos extremos da cidade, dos frescos pendores como das lisas fachas marginaes, a população vem tocada pelo sol, reunir-se no centro da cidade, na Baixa, para a grande batalha do trabalho.

Às 8 horas da manhan o *bond* transferiu para a cidade o arrabalde.

A rua do Ouvidor tem, então, o seu primeiro aspecto. Percorrem-n'a apenas empregados do commercio, que passam açodados para os escriptorios, donos de estabelecimentos que vão ás suas casas antes d'almoço e algumas senhoras fazendo compras, pela fresca. A famosa arteria está a essa hora, por assim dizer despovoada, o que permite apreciar-a, coisa devêras impossivel dentro d'algumas horas, em que ella será atulhada de gente. Estreita já de si, como é longa, parece ainda mais estreita: não é uma rua, mas uma travessa, um becco, uma viella. O leito declina para

o centro, em regueira. Os predios altos e compactos ensombram-n'a; mas donde a onde ás esquinas das ruas, que perpendicularmente a cortam, ha manchas de sol.

Puzessem-lhe um toldo e seria um vestibulo. Mas, a pobreza do campo desaparece ante a magnificencia e o luxo dos estabelecimentos. Em edificios maravilhosos, de bellas frontarias, prejudicados pelo local acanhado em que se encontram, uma verdadeira exposiçao de elegancia e de gosto incita á ambição e ao luxo, transporta-nos a uma authentica e abastada civilisação. Alternando-se confusamente, como se se acotovelassem para chamar quem passa e offercer-lhe as suas novidades, desfilam n'um deslumbramento de montras, as casas de modas, os perfumistas, as camisarias, os *magasins* cyclistas, as charutarias, os livreiros, as papellarias, os pastelleiros, as casas de fructas e as confeitarias, os cafés, as redacções dos grandes jornaes,—a moda, a iguaria, a ostentação, a arte, o bric-à-brac, a joia.

As vitrines reteem-nos: é um manequim, que exhibe uma toilette em que a arte d'uma franceza reproduziu o ultimo berro do *boulevard*; d'acólá, uma gravataria tenta-nos com o reflexo das suas sêdas; agora, chapéus d'homens evocam nas suas fórmulas inglezas, toda a nobre correccão d'um *gentleman*; n'aquella, rotulos exquisitos de essencias novas perturbam-nos, como se todas ellas se entornassem a um tempo; e a montra d'um joalheiro préga-nos a ambição, clama por collos ducaes e olha-nos com o seu rebrilha-

mento, perscrutadoramente, parecendo sorrir ou desdenhar, conforme a aborda um millionario ou um rompe-solas.

Prosegue-se. Mas uma nova perseguição lança-se sobre nós: são as taboetas e os pequenos *affiches*, que se alternam com os pequenos rotulos ferrados aos humbraes, esse commum indicador de zinco dos consultorios medicos, escriptorios de advogados, engenheiros e architectos. E, sem querer, como se a vista nos ficasse collada na tinta viva das letras monstruosas, vamos soletrando: *Hotel Petropolis, Gazeta da Tarde, Café do Rio, Alfaiateria Valle, Á la ville de Bruxelles, Livraria Laemmert, Dentista Americano, Café Globo, A Cidade do Rio, A Noticia, M.<sup>me</sup> Dreyfus, modista, Livraria Fauchon, Livraria Garnier, Raseur et coiffeur, Gazeta de Noticias*, e depois, a par, os dois largos predios do *Paiz*, com o seu salão terreo, para as exposições, dando a direita ao edificio do *Journal do Commercio*, os dois colossos parecendo ter-se aproximado, para tacitamente provarem a tranquillidade da sua força.

Estonteante como um cheiro de tintas, titulos e rubricas andam dançando ainda ante os olhos, n'um torvelinho de *rèclame*, confusamente: *Au Prix Fixe, Casa Varella, etc...*

Um novo reforço, porém, dir-se-hia que acaba de chegar á cidade, porque atravessam agora a rua varios grupos, de maleta de couro balançando na mão. De certo gente que chegou na barca de Petropolis, a cidade de verão, na outra banda, a cõrte dos diploma-

tas, dos altos funcionarios e dos commerciantes afidalgados.

O Rio de Janeiro vae, então, almoçar como se esperasse apenas aquelles hospedes para se pôr á mesa. Da rua do Ouvidor á rua Primeiro de Março, a serie interminavel dos hoteis e dos *restaurants á la carte*, anima-se, todos elles cheios, á cunha, com um tinir de pratos e fragor de vozes. Durante essa hora ou hora e meia, faz-se isto: uma provisão, para a campanha que começará logo.

Ás 11 horas, tudo está a postos e a faina começa, enfebrecida.

Na esquina da rua d'Alfandega e rua da Quitanda, corretores e commissarios de café conferenciam. Enxamêam zangões, esperando cambio. Caixeiros viajantes sobraçando amostras somem-se nos profundos armazens. Um carroção conduzindo saccas de café, arrasta-se lentamente, pesado, chocalhando as correntes, a crypta da carga balanceando como uma pluma. Á porta d'um estabelecimento, caixões enormes, como porões de navio, vomitam fazendas que empregados conferem nas facturas. Homens fortes de mãos a abanar, passam apressados, deitando bons-dias, para os lados, com as baforadas do charuto.

Pelas ruas de menos movimento, um *bond* de via reduzida passa ligeiro ao trote meudo das suas mulas. Pelos trilhos d'este *bondinho*, carrocinhas de mão, com fardos, deslizam suavemente impellidas por moços d'armazem; chegados á porta dos depositos, descarrilam-n'as, com um puxão forte, e, batendo com

ellas na rampa de madeira, vão de novo entrar nos *rails* que juncam o cimento da casa de negocio, deixando após um resoar de choques.

Lá dentro, nas casas de negocio, á escuridão dos armazens que trespassam a rua, bustos de empregados, trabalhando em mangas de camisa, sem collete, alvejam.

Dois homens caminhando estugadamente, encontram-se, param um momento, sem se apertarem a mão, trocam de certo algumas palavras commerciaes e separam-se outra vez, sem um cumprimento, um leve gesto de chapéo, retomando o seu passo apressado, inflexivel.

Sobre os balcões das lojas d'armarinho, rimas de peças de panno crú, de chitas e de brins, encastellam-se, n'uma montanha de tecidos, exhalando um cheiro acre de anilinas.

N'um *bar*, emborcando *chops*, bolsistas inglezes, allemães e brasileiros vão entremeiando os copos de cerveja com as cifras dos titulos. Lá de baixo, do bairro dos commissarios, vem um cheiro suffocante a café em grão; á porta d'uma casa uma negra velha criva cibos de café. Negros descalços, o tronco nú, reluzindo em camarinhas de suor, acarretam saccas de café para uma carroça; em cima, outro negro accommoda-as, empilhando-as ao longo umas sobre as outras, puxando pelas orelhas da linhagem. Dentro, sobre uma banca, um empregado escolhe amostras de café. Sae d'um armazem, com o chão humido de salsugem, um cheiro a carne sêcca.

A pouco e pouco de todas as ruas perpendiculares á do Ouvidor, vae brotando mais gente.

E, em breve, n'aquella Baixa semelhante em traçado á de Lisboa, nas suas ruas nascendo parallelas do caes, cortadas perpendicularmente por outras tambem parallelas entre si, formando quarteirões, pequenos quadrilateros que se engastam até formar esse grande quadro, que lembra uma caixa d'agua; n'aquelle labyrintho de ruas e travessas, uma massa de trabalhadores agglomera-se. choca-se, esbarra, pára em frente a um carroção que passa, prosegue, dobra uma esquina, sóme-se n'um armazem escuro, trepa a um sobrado, transpõe o gradeamento d'um Banco a saber o cambio, e sae pela outra porta azafamadamente a comprar café ou a vender libras, encontra-se, comprime-se, lucta, corre, trabalha, n'uma onda, n'uma actividade, n'um delirio, ardendo em febre.

Insensivelmente um rumor de vozes e de passos, ergue-se, perturbante. O sol escalda. Faz calor.

Na rua do Ouvidor ha, agora, difficuldade em transitar. Uma onda de povo, em longa cauda, desfila, cruza-se, atravessa-se na nossa frente. Anda-se devagar e só a muito custo se rompe, pedindo licença, como na coxia d'um theatro. Na esquina d'esta com a rua Gonçalves Dias, grupos de estudantes barram a passagem, conversando alto, discutindo politica, fallando de mulheres, de livros, de theatros, de politica, fazendo d'alli o seu *cercle*, rindo, animadamente, com mocidade e com alegria.

Uma mulher galante passa n'um envoltorio de

sêdas e joias, saudada com adoração pelas alas masculinas, que se abrem, fascinadas, como á passagem d'uma deusa.

Ás portas, na calçada e pelos passeios, uma multidão compacta mexe-se, fervilha, agita-se, ri, detendo-se aqui, á espera que um grupo parado a cumprimentar-se queira proseguir, rompendo com difficuldade e com ruido. Falla-se alto, como n'um botequim; e, no rumor das vozes e dos pés que se arrastam, como n'uma rua por onde vae passando uma procissão, pittorescamente estralejam pregões. Regorgitam de gente os botequins; creados empunhando constantemente uma cafeteira em cada mão, uma com café, outra com leite, circulam a custo por entre as mesas repletas. Outro, com as notas methodicamente entaladas nos dedos da sinistra, faz a cobrança.

Freguezes afinados deixam o nikel em cima da bandeja. Caras que ainda agora saíram, voltam a tomar mais uma chavena de café, que é a decima quinta d'esse dia, sob todos os pretextos; porque um amigo convida, porque se está a transpirar, porque ha dôres de cabeça, do sol ou do mormaço, porque se fumou muito, porque ha um motivo para isso ou porque o não ha. Mas entram, batem desesperadamente com as colheres na salva de metal, e á medida que o creado verte o café já elles mechem o assucar, pagando emquanto o estão tomando e sahindo ainda a limpar os beiços; vão ali pelo café, apenas, como quem pára a beber um copo d'agua. Ninguem se demora no botequim, por onde desfila durante o dia uma clientella

de milhares de pessoas, fluctuando, pagando e andando.

E os botequins, as leiterias parecem ser um alargamento da rua, com o seu bulicio e a sua berraria as suas portas sempre abertas, atulhadas de gente, que não deixa ver onde termina o passeio e onde o estabelecimento começa.

Cá fóra, está-se em plena festa. Das lojas de modas, senhoras e moças, bem vestidas, saem rompendo difficultosamente, caminhando ao acaso pelo passeio, pela calçada, aproveitando as raras clareiras de gente, que os grupos abrem.

Da janella d'uma redacção falla-se para a rua. Ás portas dos jornaes, pelas esquinas, nos humbraes dos estabelecimentos, no meio da rua, ha homens, agitando-se, discutindo; mas o elemento principal, um dos mais fortes motivos d'esse ajuntamento e d'essa rua, é, sem duvida — a Mulher, que desfila triumpantemente, evocando todas as raças, todas as edades, todos os typos, todas as condições.

Agglomera-se em frente ao Armazem de Pianos do Arthur Napoleão, onde, na montra, toda uma companhia lyrica se exhibe em costumes d'opera.

Na saccada d'um dentista, moças de chapéo olham distrahidas a multidão. Um grupo de deputados discute. Á entrada d'uma livraria, um quadro negro annuncia a giz as ultimas novidades. E na montra d'outra, branqueja mais uma nova brochura de Coelho Netto, n'uma constante levedação de trabalho. Um dicto de espirito provoca uma gargalhada; por cima dos

mento, perscrutadoramente, parecendo sorrir ou desdenhar, conforme a aborda um millionario ou um rompe-solas.

Prosegue-se. Mas uma nova perseguição lança-se sobre nós: são as taboetas e os pequenos *affiches*, que se alternam com os pequenos rotulos ferrados aos humbraes, esse commum indicador de zinco dos consultorios medicos, escriptorios de advogados, engenheiros e architectos. E, sem querer, como se a vista nos ficasse collada na tinta viva das letras monstruosas, vamos soletrando: *Hotel Petropolis, Gazeta da Tarde, Café do Rio, Alfaiateria Valle, Á la ville de Bruxelles, Livraria Laemmert, Dentista Americano, Café Globo, A Cidade do Rio, A Noticia, M.<sup>me</sup> Dreyfus, modista, Livraria Fauchon, Livraria Garnier, Raseur et coiffeur, Gazeta de Noticias*, e depois, a par, os dois largos predios do *Paiz*, com o seu salão terreo, para as exposições, dando a direita ao edificio do *Journal do Commercio*, os dois colossos parecendo ter-se aproximado, para tacitamente provarem a tranquillidade da sua força.

Estonteante como um cheiro de tintas, titulos e rubricas andam dançando ainda ante os olhos, n'um torvelinho de *rèclame*, confusamente: *Au Prix Fixe, Casa Varella*, etc. . .

Um novo reforço, porém, dir-se-hia que acaba de chegar á cidade, porque atravessam agora a rua varios grupos, de maleta de couro balançando na mão. De certo gente que chegou na barca de Petropolis, a cidade de verão, na outra banda, a côrte dos diploma-

tas, dos altos funcionarios e dos commerciantes afidalgados.

O Rio de Janeiro vae, então, almoçar como se esperasse apenas aquelles hospedes para se pôr á mesa. Da rua do Ouvidor á rua Primeiro de Março, a serie interminavel dos hoteis e dos *restaurants á la carte*, anima-se, todos elles cheios, á cunha, com um tinir de pratos e fragor de vozes. Durante essa hora ou hora e meia, faz-se isto: uma provisão, para a campanha que começará logo.

Ás 11 horas, tudo está a postos e a faina começa, enfebrecida.

Na esquina da rua d'Alfandega e rua da Quitanda, corretores e commissarios de café conferenciam. Enxamêam zangões, esperando cambio. Caixeiros viajantes sobraçando amostras somem-se nos profundos armazens. Um carroção conduzindo saccas de café, arrasta-se lentamente, pesado, chocalhando as correntes, a crypta da carga balanceando como uma pluma. Á porta d'um estabelecimento, caixões enormes, como porões de navio, vomitam fazendas que empregados conferem nas facturas. Homens fortes de mãos a abanar, passam apressados, deitando bons-dias, para os lados, com as baforadas do charuto.

Pelas ruas de menos movimento, um *bond* de via reduzida passa ligeiro ao trote meudo das suas mulas. Pelos trilhos d'este *bondinho*, carrocinhas de mão, com fardos, deslizam suavemente impellidas por moços d'armazem; chegados á porta dos depositos, descarrilam-n'as, com um puxão forte, e, batendo com

hombros da multidão parlamentam dois moços. Commenta-se o ultimo artigo de José do Patrocínio. Em certo ponto da rua vae uma dissidencia por causa d'uma actriz. Subitamente levanta-se um borborinho e a multidão precipita-se para um boletim affixado á porta d'um jornal — são os telegrammas da guerra. Circulam boatos. *Blagues* espumam deixando no ambiente um vago cheiro a escandalo côr de rosa. De braço dado, dois homens descem a rua vagarosamente, saudando caras conhecidas. A ala dos Novos, defende a entrada da livraria *Fauchon*. Viajantes, d'um vapor chegado n'essa manhan da Argentina, põem manchas exoticas de vestuario caprichoso. Para encurtar caminho, gente de negocio atravessa offegante.

Anda no ar uma camada imperceptivel de pó; recordações de essencias finas deixam um rastro embalsado, como se se tivesse entornado uma caixa de pós de arroz. Vêem-se todos os trajes, desde o *veston* claro e a cassa á absurda sobrecasaca preta e ao vestido de seda. Surprehendem-se todos os typos europeus, asiaticos, americanos; marulham todos os idiomas. O galanteio ás mulheres é atirado francamente: á hespanhola.

Ás esquinas, n'um *bouquet* de zinco que um bambu trespassa, vendedores italianos offerecem flôres; e nas botoeiras flammejam as violetas, as camélias e as gardenias, saudando n'uma alliança de côr e de estylo a suavidade de Junho.

Dir-se-hia ser um dia festivo ou que algum acontecimento anormal concentra tanta gente. Todavia é

assim todos os dias, durante todos os mezes e estações do anno: ruido, sorrisos, galanteios, agglomeração, bulicio, exhibição, ostentação, alegria, luxo.

Mas em todo esse luxo, essa agitação n'essa dôce ociosidade um grande jacto de vida commercial inflamma o ar. E a não ser aqui, onde se flana, isto é, onde se vive, tudo o mais trabalha. Aqui evolam-se perfumes, sussurram galanteios; bem perto, nas ruas parallelas e transversaes súa-se e o barulho das carroças, o baque dos fardos de fazenda que rolam no lagedo, n'um som secco, levantando poeira, substituem alli o *frou-frou* roçagante das sêdas.

Em torno só se pensa em ganhar dinheiro. Ninguém parado. A bengala, que é o symbolo dos desocupados, banida! Os medicos e os advogados teem tambem essa desprendida apparencia de quem trabalha. Todo o mundo lida. Vae um afan. Falla-se pouco, por interjeições. D'aquella legião de empregados, que além se mexe n'esse infinito armazem, nem um só cessará a sua tarefa, para vos responder. E o negocio fecha-se á americana, com duas pennadas: «Está direito». É a palavra de honra, o sello, a decisão, a firma. Sente-se que o *strugle-for-life* da North-America lavra tambem aqui. Às tres horas da tarde, começam a passar individuos com massos de notas na mão, desembrulhadas, o que seria uma imprevidencia n'outro meio onde a confiança mutua não tivesse como aqui raízes de dogma. São os empregados do commercio, que vão depositar o dinheiro nos bancos.

Declina a faina. O alto commercio terminou o

seu dia. O negocio deu treguas. A Bolsa concedeu mais um dos seus armistícios.

É quando a rua do Ouvidor apresenta maior animação. Os garotos apregoam a *Cidade do Rio*. Invadem-se as *brasseries*, os pastelleiros e as confeitarias. Senhoras, homens, rapazes, deputados, advogados, médicos, senadores, jornalistas, mulheres galantes, homens de letras e commissarios de café, poetas e fazendeiros em villegiatura, empregados publicos, tudo, tudo vae tomar o seu *cock-tail*, trincar a sua empada, sorver a delicia d'um gelado, saborear a frescura d'um Porto com syphão, comer, beber, ao refresco, ao pastellino, á guloseima e ao sorvête. A Capital-Federal possui-a a essa hora o Paschoal. E a criadagem d'essa confeitaria pode gabar-se de roçar a sua jaqueta de castorina pelo galarim da moda, da politica, da arte, de sciencia e da belleza.

As cinco horas, quando a portada metallica d'alguns estabelecimentos desce n'um desdobrar rangente, a rua do Ouvidor entra a despovoar-se, succedendo-se-lhe a repatriação para o arrabalde, a fuga para o ar e para o socego. Apenas, uma ou outra pessoa se demora ainda mercando a sobremesa na loja de fructas, no armazem de molhados finos ou a limpar as botinas no terreo atelier d'um *engraxate*. Sómente, ás mezas do *Colombo* um cenaculo de artistas e escriptores heberica o *vermouth*.

Corre-se, então, para o *bond*, como para o collo d'um cysne, que conduzisse ao paiz desconhecido da gloria.

Agora, ahí desfilam de novo as longas caudas dos *bonds* electricos, arrebatando vertiginosamente, ao bulicio perturbador da cidade, aquelle contingente de trabalhadores, acogulados de povo, levando até nos estribos cachos de gente que se segura por milagre.

E ao longe, entre as faiscas que os conductores aereos despedem, pondo instantaneos deslumbramentos azulados, as folhas roseas da *Noticia* esvoaçam, como bandeirolas do proprio *bond*, em marcha para a paz.

A partir d'essa hora mais ninguem pensa na rua do Ouvidor. Assim como pessoa alguma deixa de ir um só dia a essa rua, onde parece sentir-se estremecer o coração da cidade, muito fluminense haverá também que lá não tenha posto os pés depois do lusco-fusco.

À noite, muito cedo, a tumultuosa arteria, cabeceia ás escuras. No primeiro quarteirão, que péga com o largo de S. Francisco, ainda ha a luz incandescente d'algum estabelecimento. Os outros, porém, jazem desprezados. O café do Rio convida conspiradores. Fecharam as casas de modas, as confeitarias; e as proprias redacções, que durante o dia conservam as quatro portas do seu salão terreo abertas, mal descerram agora uma nesga, por onde se enfia o pessoal. Das 10 da noite ás 10 da manhan, transitam *tilburys*, o que dá o effeito de pisar-se um corpo que dorme.

N'essa como nas outras ruas, toda a vida cessou. Apenas os policias conversam ás esquinas; e de quando em quando, um distribuidor do telegrapho com-

munica ás redacções qualquer convulsão do estertor europeu.

A essa hora, quem quizer encontrar o Rio de Janeiro terá de ir ás chacaras de Botafôgo, das Laranjeiras, de S. Christovão ou aos theatros, aos velodromos e aos frontões. O centro desloca-se, então, para a praça da Constituição, donde nascem as ruas que amparam as casas de espectaculos.

Como ha frequentadores para tudo, o *Apollo*, o *Lucinda*, o *Sant'Anna* funcionam ás vezes simultaneamente, sem temer a concorrência do theatro S. Pedro, de opera lyrica. E os actores conseguem arregimentar legiões de admiradores exaltados, como n'outras cidades as funambulas e as *divettes*. Qualquer galan de comedia provoca desavenças entre os espectadores, nos quaes por sympathia tanto como pelo talento, conta fanaticos intransigentes. Assim, as festas dos artistas despertam esse entusiasmo e adquirem essa solemnidade que Lisboa costuma conceder ás suas pretendidas glorias nacionaes.

Todavia, não são sómente a peça e os actores que chamam assim tanta gente ao theatro, a pontos de haver pessoas que os percorram todos na mesma noite. A mulher galante vale talvez mais que o cartaz de uma zarzuella ou d'uma operêta. São ellas que convocam essa extraordinaria concorrência aos jardins de verão, que servem de vestibulo ás casas de espectaculos. Ás vezes nem se passa d'esses jardins, onde se ouve apenas o sussurro da orchestra, dentro, emquanto fóra, sob as estrellas luminosas, indifferente á

multidão que fluctua, pelas mesas de zinco e apraza a *noce* entre dois *bocks*.

Pelas ruas do Lavradio e adjacentes, nas soleiras ou nas janellinhas terreas, vozes arranhadas segredam a quem passa, batendo-lhe no braço pancadinhas amaveis de leque, com ternuras abjectas, mal-traduzidas do russo, do francez de *trottoir* e do italiano.

E no *Stadt-München* ou no *Stadt-Coblentz*, os dois restaurantes celebres da praça, uma mocidade ardente desbarata alegria e dinheiro com o refugo da libertinagem européa.

Entrando-se n'um theatro, n'uma *brasserie*, n'um velodromo, n'um restaurante, surprehende-se o mesmo aspecto nocturno, o d'uma cidade que se diverte ruidosamente, com a alegria de quem trabalhou muito durante o sol, de quem ganhou bem o seu dia e descança e se distrahe, agora.

Eis nas suas linhas geraes, a physionomia da cidade fluminense. Ella só define o Brasil inteiro.

Lisboa crapulosa e vadia diz a sua população de funcionarios publicos, confessa no seu aspecto albergar uma côrte.

O Porto dá-nos a feição de todo o Portugal norte; honrado, sobrio e videiro.

O Rio de Janeiro mostra-nos quanto se trabalha no Brasil.

E toda essa impressão de labor, amenisado por um prazer doido, se pode ir colher á Rua do Ouvidor: é alli que veem desfazer-se as tempestades da sua politica, bater as ondas do seu enthusiasmo civi-

co, celebrar-se esse duélo desvairado do carnaval fluminense, proclamar-se a celebridade dos homens politicos, dos jornalistas, dos escriptores, dos poetas e dos artistas, erguer-se a apotheose da belleza, espumar as coleras e os jubilos nacionaes, debater-se as suas crises e a sua opulencia, corporisar-se o trabalho, — photographar-se a vida ruidosa d'um paiz rico e moço. Ella diz tudo, a Rua do Ouvidor — o bulicio, a faina, o luxo, a alegria, a politica, a agitação, a arte, o amor, o prazer e o espirito.

Nada tem o Rio de Janeiro que invejar a Lisboa. De construção identica, se não possui como esta dez palmos de Avenida, para a funebre ostentação de janotas *ratés*, é, em compensação, dona de edificios magnificos e modernissimos, como Lisboa não faz ha muito; — a Bolsa, o Gabinete Portuguez de Leitura e varios edificios de casas commerciaes, as arcas de agua da Tijuca, refrescadas por jardins opulentos, são verdadeiros monumentos. O Tejo? Sim. Mas a Bahia do Guanabára, os Pendores do Corcovado, as collinas de Santa-Thereza e as montanhas da Tijuca curam a saudade que haja de qualquer canto do mundo. Depois, a sua vida de sociedade, com o culto pela boa musica e uma authentica paixão pelo baile, poupa-nos á degradação d'essa vida nocturna, a que ha-de por força levar quem não tenha um lar e um fogão para convocar os amigos.

Grande cidade a que o trabalho grangeou esses ares de civilisação, que a tornam a invejada, a aspiração de todas as outras cidades brasileiras, embora algu-

mas, como S. Paulo, tentem occultar essa emulação com a *boutade* de que o Rio lhes é inferior.

Ora, S. Paulo é de facto uma linda cidade.

A sua construcção moderna, em leves *chalets* de gosto italiano, evoca logo o predominio d'uma raça, ida do sonho.

Nós iamos da batalha. O nosso punho pesado construiu os casarões maciços e escuros, com que o Rio de Janeiro mura a sua Baixa.

Na população de S. Paulo deve andar, com certeza, fluctuando, um pedaço de raça muito artistica, para assim crear esta cidade moderna, com uma architectura graciosa, de largas ruas debruadas de frondes, que parecem aguardar apenas que na onda dos seculos rolem as scintillações d'uma Historia, para se povoarem de estatuas, de monumentos e tornarem-se galerias de museu.

De facto, na sua construcção como nos seus habitos a capital paulista denuncia o fructo d'uma colonisação italiana.

A Rua Quinze de Novembro, que é a Ouvidor paulista, conjuga nos seus aspectos toda a physionomia da cidade.

Percorrê-la é um habito, uma necessidade, um luxo, um vicio. Começando esganiçada no Largo da Sé, onde uma meia-lua de *tilburys* e *victorias* se aquartelam, logo á esquina da Rua do Thesoiro entra a ser mais larga, muito larga mesmo, repartida por uma via de *bonds* que a semeia de gente a toda a hora, até que termina bruscamente, bifurcando-se para a

direita na Rua do Rosario, mais estreita e sombria, e á esquerda n'uma especie de praça triangular, o Largo do Rosario, a que o ponto forçado dos *bonds* empresta a importancia d'um porto de mar.

É na Rua Quinze que estão as redacções dos jornaes, as principaes casas de modas, a maioria dos consultorios medicos, os escriptorios de advogados, os clubs, as *brasseries*, as joalherias, os botequins, em edificios elegantes de fachadas resplandecentes e trabalhadas.

Á medida que o dia avança a sua physionomia altera-se, como participando tambem de phenomenos vitaes, que o calor do sol estimulasse. Ella que, de manhan, parecia tão larga, os passeios amplos como que desertos, ás tres da tarde o movimento congestiona-a. Circula difficultosamente uma massa de gente, que caminha aos espasmos, esbarrando, atropelando-se quasi. As lojas de commercio brilham repletas. Uma fileira de *bonds*, ao passo vagaroso e contido dos mures, corta a multidão. Ao mostruario exterior do Valerio & Aguiar forma-se um bloco de gente, que examina retratos coloridos. No salão terreo do *Progreior*, um verdadeiro contingente refugia-se sob o seu tecto *maquillé*, de soberbos *panneaux* e miniaturas esfumadas pelos muros interiores, n'um delirio d'arte decorativa, a tomar, entre a frescura das plantas ornamentaes, *chops*, sorvetes, o longo programma dos gelados e dos aperitivos.

Á porta do *Sport-Club*, a *jeunesse dorée* da formosa paulicêa discute interessada os pareos das proximas

corridas, vendo passar olhos modelares levados por corpos preciosos, que uma allucinada ostentação, mais exaggerada ainda que nas fluminenses, cobre de sêdas e de joias. Uma facha escarlata passada de lado a lado da rua annuncia a letras brancas, garrafaes, uma grande corrida de cavallos. Da Casa Levy. senhoras entram e saem a comprar a ultima valsa. Falla-se alto e de tudo : de negocio, de amor, de politica. Gaiatos apregoam *A Platéa* ; e ao ouvido, pessoas bem informadas, commentam o fundamento d'um boato, inserto na famosa secção dos *Constas*. Na livraria Garreaux, uma clientella numerosa precipita-se sobre a ultima palavra da sciencia, a ultima victoria do verso, a ultima ousadia do romance. D'um grupo de moças que escolhem á esquerda entre a phantasia do *papier á lettres*, colorido e lustroso como tecido a sêda, vem o suspiro d'um perfume penetrante e caro. Entretanto, amadores intellectuaes vasculham as montras e os balcões, onde a litteratura franceza proclama a sua incomparavel fecundidade. As duas portas d'um botequim exhalam mornas expirações de fumo Barbaçêna envoltas entre um fracasso de vozes animadas. No *Correio Paulistano* affixam boletins. Pela rua, encostados aos humbraes e vãos de portas, espalham-se agrupamentos. Surprehendem-se aqui e alli restos de phrases, em dialectos italianos. Pelo meio da rua, marchando em columna para lá e para cá, futuros bachareis julgam a politica e a litteratura. A concorrencia não diminue.

Se houvesse mais alegria e o luxo fosse menos so-

brecarregado, dir-se-hia reproduzida a saudosa travessia da Rua do Ouvidor.

Um *tilbury* rompe a custo, aos poucos, sumindo-se entre o praguejar do conductor napolitano, n'um arranco desaffrontado, pela Rua da Boa-Vista, que gaiatos italianos coalham á entrada, parodiando as batalhas contra Menelick, cujo resultado final é a fuga, a dispersão, sob a carga cerrada dos sessenta mil numeros da *Fanfulla*. Quasi simultaneamente o symphatico pregão do *Diario Popular* é despedido alegremente pelos minusculos e avidos vendedores. A pouco e pouco, a Rua Quinze escôa-se e ha já trechos onde a pedra branqueja, apenas velada por um destreço de poeira. Esquecidos aos humbraes do *Estado de São-Paulo*, vultos politicos; e aqui ou acolá redactores dos jornaes respiram esse cheirume de civilização da Rua Quinze, que não lhe foi dado gosar durante a escravidão do seu dia de trabalho.

Em frente ao Largo do Rosario, a Pastellaria Castellões tem, então, o seu reinado, como no Rio o Paschoal. No Largo vae um regorgitar de gente, que espera o seu *bond*, de pé, sobre os passeios. Vendedores ambulantes andam por entre os grupos, com taboleiros sortidos de provocantes cartuchinhos de papel mal-enrolados e mal-cheios de rebuçados, inquirindo pressurosamente: «Bala!... Quem quer bala?... Freguez! vae bala?...» *Engraxates*, que contornam o passeio com o seu atelier de verão, clamam chorosamente: «Signor!... Signor!...» E os *bonds* veem da Rua Quinze, fazem um compasso de es-

pera deante do cubiculo da estação e rodando pela Rua de S. Bento acima, distribuem-se para os arrabaldes, carregados, seguindo a direito até S. Joaquim ou dobrando á Rua Direita para o Viaducto do Chá, cujos parallelipipedos de madeira as patas dos muares batem surdamente, emquanto uma fustigada d'ar puro annuncia novos bairros, acolhidos ás largas avenidas, a que as *cottages* de tijollo, recobertas a lavranterias de cimento dão a apparencia de uma cidade de verão, para os suaves repoisos.

Mas, dobrando a pequenina Rua do Rosario e enfiando por um dos cathetos da Rua da Boa-Vista, tres *bonds* raspam agudamente nos trilhos, lembrando o ganir d'um cão a que pisaram a cauda. São os da Estação da Luz, os da Moóca e os d'esse Bairro do Braz, movimentado e populoso, cheio de pó, de carroças e que é, por assim dizer, a grande caldeira do systema. Por lá acamparam as fabricas de cerveja, de massas alimenticias, de aniagem, os depositos, os trapiches, todo o grosso d'um commercio, que procura a visinhança preciosa das estradas de ferro ou dos pontões maritimos. E a Estação do Braz alli está governando os interesses do seu pequeno povo, com aquelle sector encarnado, que os monstros respeitam, parando, recuando. avançando conforme o seu imperial designio.

Ha baforadas de pó, como se um edificio viesse de alluir. Entre aquella alluvião de carroceiros, o martelar dos depositos, o silvar das usinas, com o pó, o seu estridor de vida laboriosa, febril, o sol parece queimar ainda mais, torna-se mais insupportavel o ca-

lor. Uma carroça afunda-se n'uma sob-roda e da boleia, por cima das chicotadas vingativas no cavallo, que se pèga moido, um italiano pragueja furiosamente com o longo *pipo* entalado na dentuça cobreada: — « *Porca la madona!... Sangue di Christo!...* »

Sol, pó, barulho, como n'um arraial. Cruzam-se *tilburys*, cujas rodas quasi raspam nas avantesmas dos carroções. Hospedarias suspeitas e hotéis de terceira ordem reclamam hospedes, com titulos ousados em taboletas ou nos vidros das lanternas apagadas.

Ao longe, as cancellas brancas da estrada de ferro desdobram-se authomaticamente, vedando o transito, por minutos. Cocheiros de *bonds*, de *tilburys* e carroceiros vão traduzindo em pragas a sua impaciencia. N'isto, um silvo agudo esfusia bem perto. E, na via-ferrea, durante um instante vertiginoso, relampeja uma sombra. Reabrem-se as cancellas, com um allivio para os passageiros dos vehiculos detidos, sobre os quaes correm carregadores, as bluzas azues adejando como azas de insectos, precipitando-se sobre um cortiço.

Fragores de rodas, de vozes, de silvos, de pregões, de injurias, de pragas e o resfolegar dos motores irrompem simultaneamente, atordoando.

É bem o laboratorio d'uma cidade industrial.

Lá em cima, na cidade alta, no centro, é o salão de vendas, adornado, luxuoso, bem frequentado. Aqui é a officina, o logar da manipulação, onde ha os cheiros a graxa e a suor, o barulho, toda a ronda dos nobres misteres grosseiros, de quando em quando alar-

mada por um desastre ou avivada pelo quadro emocional d'alguma tragedia de amor, desfechando n'uma scena de sangue.

No momento actual estremece o prospero Estado ao embate d'uma crise medonha, a baixa do café tendo paralyzado um pouco o seu commercio, acalmado a sua allucinada febre de progresso e de civilisação. Outras fontes de receita, porém, se preparam já. E S. Paulo reivindicará sempre para si, na União, o papel do Porto no organismo portuguez. Ella triumphará sempre pelas suas grandes faculdades de trabalhadora, activa, menos elegante mas mais solida, d'uma vida menos brilhante mas mais prospera.

Dona de vivendas para noivar, o seu clima incerto, traiçoeiro, com nevoeiros e frios, é todavia menos aterrorisador, para o emigrante, do que o d'outro qualquer Estado.

Será, por emquanto, uma civilisação incipiente? Eis o que é preciso não affirmar perante um bom paulista, sob risco de que todo o seu regionalismo se inflamme em protestos frementes.

Falta-lhe a vida de sociedade, as noites inesquecidas das chacaras de Botafogo e de S. Christovão, onde a voz dulcificante da fluminense prêga a doutrina da naturalisação da alma; convive-se sómente na rua, as noites enchem-nas apenas os concertos wagnerianos do *Progridior*, uma rara sessão de bôa musica no *Salão Steinway* ou o fatal *brouhaha* da Paulicêa Velha, onde a colonia alleman festeja quotidianamente o maior triumpho que a sua diminuta colonisação levou áquelle

Estado — o abuso do *chop*; dormem fechados mezes inteiros os theatros; as horas, a que os fluminenses se batem a golpes de espirito, em *matches* de galanteios á belleza feminina, dissipam-nas os frontões; ha a nostalgia da Bahia do Guanabára, cujas aguas parecem aproximar-nos da Europa; não ha como na Capital-Federal a visita dos transatlanticos presenteando-nos semanalmente com uma pescada fresca, trazida em frigoriferos ou com umas authenticas queijadas de Cintra; é necessario um desastre, uma festa, uma eleição, um motim para que se falle no Rio da joven Paulicêa; as graciosas palhoças da *Floresta*, não conseguem com a sua fonte de champagne e os seus nectares licorosos consolar-nos a nostalgia do Hotel das Paineiras, no dorso do Corcovado, onde só as nuvens podem condemnar qualquer peccado côr-de-rosa —, tudo isto é assim, mas nada d'isto se diz aos paulistas, que se elles o negam com tanto calor é porque o lamentam.

Elles estão fartos de saber que pode o governo federal mudar a sua séde para o formoso planalto de Goyaz — no intuito de fomentar o povoamento do Interior — que nem por isso o Rio de Janeiro deixará de continuar a ser a cidade ideal para quem amar a vida.

Fugí a comparações, que são sempre perigosas. Elogiae-lhes — com moderação, porque o seu genio retrahido é um abysmo de desconfiança —, o seu clima, a soberba Avenida Paulista, os ares de Villa Mariana, os seus edificios leves, rapidamente construidos

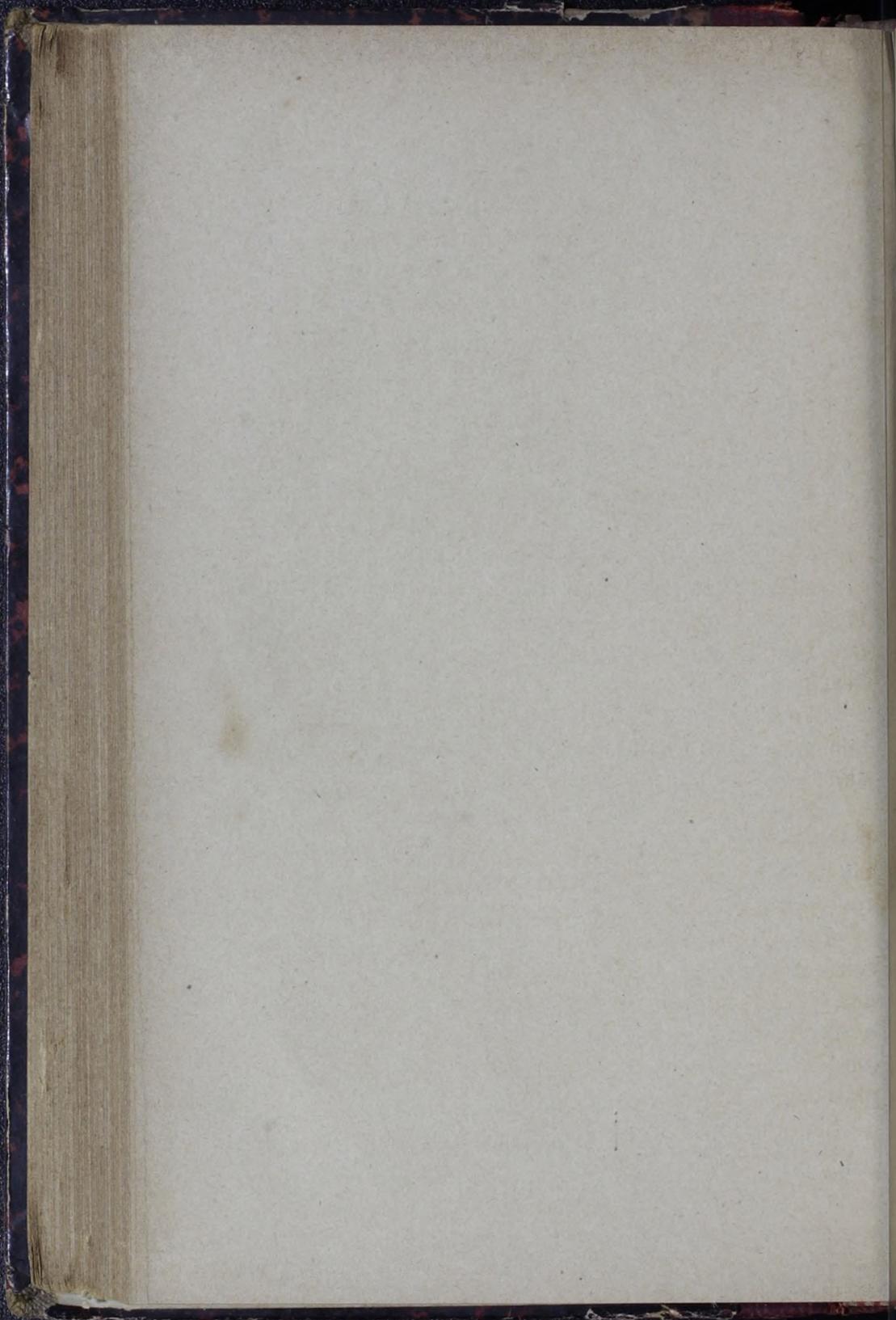
com alguns milheiros de tijolos e umas barricas de cimento, tudo o que encontrardes á mão, que não será pouco, vamos. Quando houverdes percorrido as glorias de hoje, fallae-lhe do seu passado historico, da bravura dos Bandeirantes ; e, debruçando-vos sobre a Varzea do Carmo, ao dar com aquella sombra, que negreja alem, entre o nevoeiro, nos descampados do Ipyranga, evocae esse grito para final de peça: «Independencia ou Morte!»

Podeis mesmo descer a minuciosidades, admirando-lhes a elegancia do vestuario, que o proprio Valle, o principe dos *tailleurs* fluminenses, lhes vae inspecionar todas as estações, montado nas suas polainas de fustão branco.

Que elles estão ao par da moda ! Nada os apanha em falso.

Tanto que ás 9 horas da noite, são bem capazes de perder um *bond*, á espera do *Paiz*, para ver o que vae por essa Capital-Federal...

---



## II

### NOVAS CIDADES

Na physionomia d'estas duas cidades — Rio e S. Paulo — se enuncia já a differenciação de aspectos, que as diversas correntes immigratorias levaram ao Brasil.

As distancias a que se encontram as povoações, influem certamente, mas pouco. O povo que as colonisa é quem decide do seu character e do seu futuro.

Assim, S. Paulo deixou de ser uma cidade brasileira contendo uma colonisação italiana. É uma colonia da Italia, com uma minima população de brasileiros — uma verdadeira succursal do Ré Umberto.

Tudo alli é italiano: o *calçolaio*, o *sastre*, o carroceiro, o marchante, o conductor dos *bonds*, o cocheiro dos *tiburys*, o pedreiro, o architecto, o verdureiro, o merceeiro, o negociante, o industrial, os serviços, a propria policia. A propriedade vae tambem passando a pouco e pouco ás mãos d'elles.

Não foi uma colonisação, a cooperação de uma

raça immigratoria na vida de um paiz.—Foi uma invasão. E essa invasão da colonia italiana não se deu apenas na capital. Todas as outras cidades do Estado a soffreram. Por toda a linha paulista e mogyana mesmo elles se estabeleceram. Ribeirão-Preto, Sorocaba, Botucutú, S. Carlos-do-Pinhal, Rio Claro, são d'elles. O sulco italiano encontra-se no menor aldeamento paulista, na margem dos rios, á borda das linhas ferreas, nos planaltos e nos longes do sertão. Abolida a escravatura, S. Paulo recorreu á Italia. De modo que hoje é quasi impossivel viver em S. Paulo, a quem não conhecer a lingua italiana. Quem lá residir alguns annos chegará sem esforço a distinguir os innumeraveis dialectos, que separam esse povo, a despeito da sua unificação politica. Os próprios filhos de familias brasileiras aprendem simultaneamente a falar o italiano e o portuguez.

Talvez por isso mesmo é que S. Paulo nos dá mais a impressão de paiz extranho que o Rio, porque lá a população brasileira está n'uma perigosa minoria. E a somma das colonias portugueza, alleman, franco-israelita e turca é um decimo da italiana. Os allemaes, unidos como os molhes de portos artificiaes que o vagalhame não desorganisa, ainda conseguem ter duas associações germanicas e dois periodicos semanaes ou bi-semanaes. Os portuguezes de S. Paulo não sustentam um jornal, como nenhum periodico paulista, mesmo os de maior circulação, attinge essa fabulosa tiragem da *Fanfulla* e *La Tribuna Italiana*.

Ora, quando o pedaço d'um povo chega a impôr á

população natural d'um paiz, onde se estabelece, a sua lingua, em vez de adoptar a d'este, elle deixou de ser um collaborador. arroga-se em proprietario. Desde esse momento torna-se necessario vigiar-lhe os passos, sob pena de elle amanha confirmar pela força a posse do terreno, que o trabalho lhe conferia. Então com uma raça irrequieta, como é a italiana, essa razão do numero advém temivel. As revoltas de colonos, que frequentemente reboliçam as Fazendas, podem mais dia menos dia alastrar-se pelas cidades, originando crises gravissimas. Elles sentem-se fortes pelo numero e não se cohibem de o provar ostensivamente.

A innovação d'um modesto kiosque, erguido no canto da ladeira de S. João, provoca, pela concorrência que se propunha fazer á venda dos jornaes, a ira dos *ragazzinos* que se empregam n'esse modo de vida. Era de vel-os em massa, n'uma assuada infernal, atirarem-se sobre o kiosque, derrubal-o, fallando em grêve, aos berros, correndo depois em manifestação collectiva as redacções dos jornaes, pedindo protecção e justiça, levantando um tal clamor que o kiosque foi removido, a classe triumphante affirmando a sua força.

E os tumultos do Protocollo, rejeitado pelo parlamento federal, não se reduziriam a alguns assassinios em subditos portuguezes — na confusão, tomados por brasileiros — se a energia de Campos Salles, então presidente estadual, lhe não puzesse o dique d'um estado-de-sítio, com as tropas de prevenção e a Rua Quinze blindada a peças de artilheria.

Outras batalhas ha, porém, em que elles são os invenciveis triumphadores. O commercio, desde o pequeno negocio da bodega de *tamarino* e vinho *Chianti* á alta importação, não teme a estas horas rivalidade. O renascimento agricola está destinado a constituir obra d'elles. A Industria quasi lhes deve o ser.

Quando o Conde Antonielli, chegado ao Brasil, visitou S. Paulo, dir-se-hia que era a sua patria quem o recebia assim. N'uma fabrica de aniagem para as bandas do Braz, pertencente a um poderoso industrial, membro da familia Prado, os operarios e operarias, na totalidade subditos do embaixador de Umberto, acclamavam o ministro como se fosse elle o senhor d'aquelle pequeno dominio.

A recepção, que os italianos fizeram ao dr. Sanarelli, alli ido em experiencias do sôro da febre amarella, que suppunha ter descoberto, sepulta a fama das entradas triumphaes dos generaes antigos, voltando vencedores.

Com as escolas que a colonia italiana espalha pelos bairros da cidade e pelas povoações do Interior, com as suas numerosas associações de classe, a imensa onda de medicos e advogados, a adopção dos generos e vinhos italianos, a procedencia do seu corpo policial e uma certa representação que os italianos já contam em varias repartições publicas,—S. Paulo, decretando a lira unidade monetaria, tem tudo para declarar-se um Estado-livre, sob o protectorado do filho de Victor Emmanuel.

E dizer que ha dez annos S. Paulo se apresentava

modestamente com uma população de dez mil habitantes e nada d'isto era assim!

Campinas conservava, então, o prestigio da sua situação no interior da zona cafeeira. A sua riqueza e a sua posição topographica vaticinavam-lhe um lindo e largo futuro dentro do Estado, para cuja capital estava talvez indicada. No seu Fôro se estreiou muito advogado que depois se tornou famoso, e n'esse tempo era ella quem fornecia as bases do peculio e da experiencia dos medicos. Teve um verdadeiro reinado de esplendor, de luxo e poderio; fizeram epoca os seus bailes e os seus concertos, desenharam-se lá muitas figuras de homens publicos, era authentica a sua influencia politica.

A lei aurea levantou alli as melhores barricadas para a sua revolução.

N'isto, a febre amarella arremetteu contra ella e á terceira investida arrazou-a. A sua vida ruidosa transformou-se subitamente no alarme d'uma população em panico. O seu brilho offuscou-o a luz sinistra das fogueiras e o estalar das mobílias, que aquellas iam devorando com as roupas dos *amarellentos* e tudo aquillo que o phenol não podia purificar, ficando a cidade immersa n'uma lingua negra de fumo, que donde a onde se bifurcava em labaredas rubras, como se a sua população lhe tivesse lançado o fôgo, para a destruir, antes de a abandonar, em massa, n'um exodo pungente.

Hoje é uma formosa cidade de largas ruas, que o ar e a luz passeiam desafogadamente. Com certeza, o

delegado de hygiene, que presidiu ao seu recente saneamento, tinha a monomania da limpeza: as suas calçadas e os seus passeios estão meticulosamente varridos, nem que os cobrisse uma *parquette* que todos os dias fosse batida a varadas. Mas o que mais surprehende é o asseio da sua *toilette* intima, o qual vae a pontos de não haver pateo de quintalejo, que não seja cimentado, para poder ser varrido e regado, evitando-se as infiltrações de imundicie e as consequentes emanações pestíferas.

Com aquelle céu inviolado, em perpetuo azul, e um silencio de parque real, assim espanejada, a cidade tem o aspecto de um grande bairro rico, onde uma côrte de opulentos reposasse.

Todavia de nada lhe valeu o sacrificio d'esse escrupuloso saneamento. Quem tinha fugido para S. Paulo por lá se quedou, preso pela vida dissipadora da capital, e Campinas ficou para todo o sempre excommungada. Os seus palacêtes para alli estão abandonados, fechados; e as carruagens que franjam a orla do jardim d'um praça, em vão aguardam os antigos freguezes, para os conduzir ás suas opulentas moradias. Nas alegrias rutilas do claro sol parece andar a nevoa d'um lucto. Que admira que outros continuem agora a suppôl-a um fôco de Febre, se os que alli se crearam não regressaram da debandada ao sabel-a desinfectada, melhorada, reconstruida, salubre?!

Assim a reduziram a um enorme deposito, servindo de intermediaria ao Interior que alli vae despe-

jar as suas safras de café e ao commercio do sul do Estado, que lh'as consomme.

E, como no momento de pavor, o Brasil atravessava essa crise de mégalomano, que ficou conhecida pelo *encilhamento*, o paiz transformado n'um immenso escriptorio de corretagem, o delirio da Bolsa contaminando toda a gente, a febre das emprezas provocando a construção e valorisando os terrenos, esse reforço das familias foragidas de Campinas mais contribuiu para S. Paulo alastrar a sua area e a sua população, que, em dez annos, subiu de dez mil a cento e sessenta mil habitantes, transformando-se a sua pobre casaria em lindos *chalets* e palacêtes, impregnados do requinte d'essa raça immergida do sonho.

Foi, pois, á derrocada de Campinas que S. Paulo deveu a sua prosperidade subita. Mas ainda assim, apesar das razões naturaes, quasi de acaso, determinantes do phenomeno, que prodigiosas faculdades colonisadoras não tem esse povo, para fazer em dez annos d'uma povoação de canniço, uma cidade de primeira ordem, europêa, moderna!

Todavia, ahí elles encontraram já que destruir porque nas outras cidades do Interior, cuja construção é obra exclusivamente d'elles, então, a criação é mais perfeita. Rio-Claro, uma pequena cidade do Estado, nova, com uma restricta população, nasce já com uma planta perfeitamente moderna: as ruas numeradas, como as das cidades americanas, e illumina-das a luz electrica. Isto feito em meia duzia de annos!

Esta rapidez na construcção parece ser sestro dos

paizes novos. S. Paulo não é o unico exemplo. Minas Geraes olhou um dia para a sua capital fundada em Juiz-de-Fóra com o concurso d'uma grande colonia alleman e achou-a um tanto insalubre, talvez um pouco pantanosa, um tanto modesta. Resolveu-se então a construir uma capital perfeita, grande, luxuosa, como um individuo, chegado á fortuna, se dispõe a edificar o seu palacio, escolhendo um risco, umá planta, dizendo: «Quero assim e depressa!» E Bello-Horizonte dá-nos o raro espectaculo d'uma cidade, que, em vez de nascer lenta e irregularmente, com rua para a direita, travessa para a esquerda, os predios acavalando-se uns sobre os outros, segundo a phantasia ou os interesses das diversas camadas que a habitam, — vae surgindo a um tempo, com o seu Foro, o seu palacio do governo, tudo, segundo o risco, como se o Conde de Santa-Marinha não puzesse alli todo o seu *savoir-du-métier* de empreiteiro-architecto, mas apenas se entretivesse n'essa tarefa agradável das creanças, recortando as casas de planos de cartão e articulando-as a colla e pontas de palitos.

O Pará, tendo passado a vida a pagar os caprichos do Imperio, que sorvia as suas rendas fabulosas, sem nenhum melhoramento lhe legar a sua tutella, encontrou-se na maioridade por arruar, por construir e embellezar. Fez, então, n'este decennio da Republica, o que faria um homem rico, a quem um naufrágio houvesse tragado o seu guarda-roupa e se achasse nú, sem fatos: — vestiu-se. Hoje, Belém — a sua capital, — tal qual se pode julgar pelas suas linhas

geraes, representa o formoso projecto d'uma grande cidade americana.

O seu Largo da Polvora envergonha a nossa Avenida da Liberdade. Com tres tantos de largura, nada tem d'esse ar contrafeito e burguez do duplo renque de gavetas, com que se ensoberham os lisboetas. No meio, a immensa estatua da Republica, bem lançada, despedindo do seu bronze animado um fremito de victoria, quasi não se avista das faces do espaçoso quadrilatero, que é a praça. Puzessem-lhe o Arco do Triumpho e rivalisaria com os *Campos-Elysios*. Pelo meio da alea direita, os *bonds*, as victorias, as bicyclêtas cruzam-se com cavalleiros, amazonas e peões, n'um *pêle-mêle* confuso, animado, vivo. No asphalto dos passeios amplos os botequins e as *brasseries* veem servir a freguezia ás pequenas mezas de zinco; bebe-se e, o que é mais, falla-se, ri-se, com alegria e com vida. O *Club Universal* deixa, pelas janelas abertas, devassar as suas salas de leitura e de recepção, onde a luz electrica bóta jorros luminosos sobre o rigor do mobiliamento, com traços de arte pelos *plafonds*, que ostentam telas de auctor e exemplares de ceramica. Ao fundo, em frente ao portão de entrada adivinha-se uma sala de jantar, pelas pontas alvas da toalha pendendo de mesinhas quadradas, esperando os socios, que uma ou outra vez fazem uma *escapade* para os doces *tête-à-tête* de rapazes. E ás varandas baixas, as cabecinhas graciosas das paraenses parecem enrolar nos seus cabellos negros toda uma onda de fumo; vozes de homens e chocar de bolas

denunciam uma sala de bilhar. Depois, mais adeante, em frente ao *rond-point* central ergue-se magestoso o Theatro da Paz, dominando o espaço com a sua linha circular de terraços e balaustres. De vez em quando, um concerto, uma companhia lyrica, uma rara companhia de operêta ou de comedia fal-o sahir d'aquella serenidade monumental.

São, então, os seus infalliveis successos, perante o estrangeiro de passagem que entra, pasmando de encontrar no Pará um theatro modêlo, lindo. A sala, n'uma rigorosa ferradura, cobre-se d'uma obra prima de *De Angelli*. Bustos festivos de paraenses saêm de duas orlas de camarotes, ondulantes no hôjo, independentes, sem que uma columna só os escure ou ensombre. Lá em cima, o salão nobre do theatro, tambem apainelado por *De Angelli*, de chão encerado para o deslisar das suaves distracções, offerece o retiro socegado para uma ponta de conversa, em cadeiras de soberbo espaldar, longe do ruido dos metaes. Dos terraços vem a convidativa frescura das noites immaculadas, attenuando o calôr da sala; e, como d'uma tribuna, vê-se passar em baixo a vida, em circulações continuas, sob os tuneis d'arvoredo, que poderosas lampadas electricas clareiam.

Mais adeante, ainda sobre a alea direita, no modesto e carcomido barracão do *Polytheama* ha a funcção d'uma troupe de acrobatas, com o fatal jardim terreo, para a ostentação, a galanteria nocturna e os inseparaveis gelados.

Carregando sempre sobre a direita passa-se um

hotel com um bilhar ao rez-do-chão, um templo de amor cosmopolita defrontado por um canteiro triangular ajardinado, esbarrando-se por fim com os sons moidos d'um esfalfado realejo, a cuja manivella está um homem magro de chapéo de palha, chupando uma prisca, n'um lugubre chamariz ao carrilhão, que leva no rodopio mechanic dos seus berços e cavallinhos de pau, escondendo velozes os focinhos sujos, uma caravana de negros e mulatinhas aperreadas em espartilhos e vestidos de fustão, com rosas brancas na coifa basta e erriçada. Até que, dobrando á esquerda, se entra no socego da Avenida da Nazareth, correndo tranquilla sob uma abobada de frondes viçosas, os globulos brancos da luz electrica brotando como cachos opalinos d'entre a ramagem; passam-se palacêtes com terraços e *perrons* gradeados de trepadeiras, o Sporting Club invocando força e sumptuosas festas, trechos de chacaras; deixa-se á esquerda o ponto dos *bonds*, visinho da estação d'um *tramway* a vapor, que se propõe mostrar-nos a Cascatinha, — mais um sonho da natureza, e vae-se direito ao Largo da Nazareth, com a sua igreja e o seu adro, onde a Senhora tem todos os annos a sua festa de estrondo e devoção.

Aqui a vida nocturna é na rua, para todos. De dia transita só quem tem affazeres forçados, e não é a toda a hora; as manhans aproveitam-se ciosamente, por serem as horas de supportavel calor, e depois das 10, na *Rua Quinze, Treze de Maio, Conselheiro João Alfredo*, na *Travessa Campos Salles*, só se vêem

transitar os bolsistas, o alto commercio, os *commis-voyageurs* entrando n'um escriptorio, n'um armazem, saindo do *Banco de Belém*, á faina, ao negocio. Raramente, uma senhora no longo balcão do *Paris na America* ou refugiada n'um *bond*. Apenas lá em baixo, junto do caes, nos trapiches, se labuta mesmo a despeito do calor e do sol, o grosso commercio resignadamente suando e trabalhando. Topa-se n'uma travessa com o cano d'um vapor da *Red-Cross* á descarga ou esperando passageiros, alli mesmo, proximo da principal arteria, como se viesse invadir ou bombardear a cidade, começando por tranca-la, com a sua barricada de ferragens. Empregados commerciaes passam offegantes, uma regueira de suor amarellecendo-lhes nas costas os paletós brancos, de brim. O salão ladrilhado e fresco do *Café Globo*, com ventiladores electricos, desafia ao *assay*.

Durante o dia, pela soalheira e pelo calor inclemente, sob o sol quasi a prumo, só mesmo o trabalho pode atirar sêres humanos para aquelle fôrno, onde todavia a saude dispensa os seguros de vida. Ás vezes, uma trovoada cae subitamente, estralejando n'uma chuva e levantando um cheiro humido a terra quente.

Á noite é que se sae, a passeiar, a respirar, porque a calma d'aquelle clima tropical tem essa reparadora tregua das noites frescas, deliciosas se uma aragem sópra. Aparecem, então, as senhoras, a mocidade, a belleza, a alegria, a vida reclamando da noite o seu quinhão, a doce frescura das aleas do Largo da

Polvora, onde a animação e a luz clara das lampadas electricas dão a illusão do pleno dia.

No emtanto, n'essa cidade em que sómente algumas horas do dia são aproveitaveis e permitem a combinação do trabalho com a hematose, a sua construção vae rapida, expedita, á americana. O governo do dr. Paes de Carvalho e a gerencia municipal do senador Antonio Lemos asseguram para breve a inauguração d'essa era de esplendor material, quer para o Estado, quer para Belem-do-Pará.

Assim, a par dos edificios enormes, assobradados, que a larga Rua Quinze e as outras ostentam, Belem é cada dia dotada com mais uma reforma, uma praça, uma rua, um jardim, cujas flôres morrem sobre a haste, sempre noivas.

E todas as manhans uma carruagem leva o Intendente a toda a parte aonde ande uma obra, um calçamento, uma jardinagem, um pardieiro a destruir-se, uma rua a rasgar-se, n'uma verdadeira inspecção de senhorio aos trabalhos da municipalidade, cujo palacio pombalino não deve ter saudades da actividade e zêlo do ministro de D. José.

Não é, porém, quanto á rapidez americana com que se formam e se reformam, que as cidades brasileiras se destacam umas das outras. É commum característica a todas ellas, essa; e não representa mais que o mesmo afan do trabalho, a manifestação propria da vida do paiz. Das correntes immigratorias, sim, lhes vem o cunho por onde se reconhecem e fixam.

Entre o predominio portuguez no Rio de Janeiro

e o italiano em S. Paulo, o pulso vigoroso e methodico dos allemães denunciou-se em Juiz-de-Fóra. Surprehende-se mais visivel ainda no Rio Grande do Sul, que desde a raça ao aspecto das cidades nos dá o producto d'um cruzamento indigena com enxertos germanicos. Predios maravilhosos, que são palacios, e jardins onde tambem floresce a laranjeira, traçam essas lindissimas cidades rio-grandenses, Porto-Alegre e Pelotas. Ahi, n'esses canteiros ideaes fundou o Brasil-Germanico o seu principado, com uma côrte de rosas e mulheres peregrinas. Lá estão os seus olhos azues e os seus cabellos d'ambar, os fructos dos tropicos como os da zona temperada, os habitos vigorosos com um quê inflexivel do militarismo germanico, e, a attestar a sua proclamação, jornaes correm impressos no seu alphabeto gothico.

Para quem tiver supposto o Brasil um paiz de homens morenos e de negros, que surpresa este povo rio-grandense com typos abertamente septentrionaes, confirmando dentro d'esse vulcão a existencia d'uma gruta florida, onde as flôres morrem de geada e as estações se conciliam, regulares e moderadas, com as da Europa meridional!

A differença do typo geral para esta raça nova, pode parecer logica pela desigualdade extrema de latitudes.

E todavia não é assim. Dois Estados limitrophes parecem dois paizes differentes; outros, bem distante, conservam ás vezes o mesmo aspecto. S. Paulo e Minas repellem-se; o Rio e o Pará conjugam-se.

No Maranhão, o vestigio da nossa colonisação reconhece-se até pelos vícios da linguagem portugueza e pelos nossos provincianismos, que elles adoptaram. Aluizio Azevedo, no seu primeiro romance naturalista *O Mulato*, cuja acção se passa em S. Luiz do Maranhão, tem expressões tão portuguezas que os criticos brasileiros as desconhecera attribuido-as a um decalque sobre a obra de Camillo, quando o romancista não fizera mais que observar, com os caracteres e typos, os gestos e o vocabulario, reproduzindo honestamente o que só a observação mais directa lhe fornecera.

A Bahia é verdade que tem um grande commercio portuguez, mas o elemento nacional parece absorvel-o e abafal-o no seu aspecto muito brasileiro, com o seu viver nas chacaras do aristocratico bairro *Victoria*, lá na cidade alta, aonde leva um *bond* que parte da ultima espira do *Parafuso*, na expressão pittoresca por que a população conhece o ascensor vertical que liga o platô ao valle da cidade. O mesmo succede no Recife; e Maceió dá-nos o sertanejo ribeirinho, muito puro, vivendo do marisco e tendo, para offerecer á nossa gula de viajantes embarcações, as grandes caldeiradas do seu peixe saboroso, annunciadas a grandes letras em bandeirolas de cartão, á porta das suas casinhas baixas, pintadas a oca, em ruas arenosas ou calcetadas a pedrinhas meudas, como algumas de S. João da Foz. O Pará torna a explodir forte dos braços musculosos dos nossos homens do norte, que para lá convergem. Mas o sangue novo do italiano começa já a mesclar-lhe a raça. Manãos, en-

tão, parece encaminhar-se para um futuro igual ao de S. Paulo, pois que a sua colonisação está-se fazendo activamente com o elemento italiano.

Por emquanto, caracteriza-a apenas o aspecto d'uma cidade muito rica e muito nova, que quer construir-se, edificar-se, adornar-se.

Na sua area, a que está construída, que é pequenissima, ruas larguissimas gizam o terreno, margindas por passeios asphaltados, medindo sem erro uns dez metros folegados. Um ou outro edificio importante, como o do Palacio do Governo, o da *Sociedade Beneficente Portugueza do Amazonas* e o do theatro são de certo o projecto da futura cidade. De facto, Manãos tem, com a sua luz electrica, a apparencia d'um acampamento, onde uma população se albergasse em tendas de campanha, emquanto vae construir os seus palacios.

Tudo alli tem o aspecto provisório: predios bons em ruas que se acabam de traçar, ainda não calcetadas ou ruas excellentes com edificios por concluir. Ah! mas assim mesmo, como se percebe o expressivo balbuciar d'uma grande cidade, seduzindo as frequentes peregrinações de trabalhadores, que se precipitam para a mina, em levas de ambiciosos! Ou ella não fosse o grande deposito da borracha, a cõrte dos commissarios d'esse producto natural, que é oiro em barra. É d'esses armazens atulhados da gomma preciosa, enovelada em toscas espheras morênas, com o chão tapetado d'uma camada peganhenta, botando um cheiro enjoativo, que lembra o do melaço, donde hão de sahir

os lindos predios, os bronzes, os marmores, a arte, o luxo, o prazer, de que dentro em pouco Manãos se poderá orgulhar. E escusava de incitar tanto e tão directamente a colonisação italiana, arriscando-se a perder a sua physionomia de cidade brasileira, trocando-a pelo aspecto banal d'uma cidade européa, decalcando a historia do progresso paulista, porque nunca lhe faltariam braços para edificar a cidade promettida. Que o perigo d'uma maioria da colonisação italiana não está nos defeitos que por ventura possa haver no espirito da raça. Ao contrario, por muita agitação que o italiano tenha levado á pacificação paulista, não se pode negar que S. Paulo lhe deve muito e muito, desde a rapidez do seu desenvolvimento ao fluxo d'arte, que imprimiram a tudo e que faz parte integrante do seu modo de ser. São bem o producto d'uma raça, onde existe uma arte ha seculos incumbada, propagada por todos os cantões, como um outro character commum a esse povo.

O perigo está em se deixar esmagar todas as outras correntes pela d'uma só raça. Porque o desmembramento a que o Brasil já está ameaçado por razões mais ethnographicas que politicas, seria então inevitavel. Todo o esforço, pois, deve ser, quando não se possa manter uma maioria nacional, oppor-lhe uma opposição mixta, em que não prevaleça uma corrente emigratoria só.

Por agora, Manãos está n'este caso e entre esse exercito de trabalhadores, recrutados pelas largas reservas do mundo, lá se encontra ainda um forte ba-

talhão portuguez, exiguo mas valioso. Deve ser mesmo difficil encontrar-se uma parte do globo onde não tenha cahido um grão da abençoada semente portugueza. Nós somos os «Povoadores»; é á nossa raça que compete esse epitheto e não ao monarcha affonsino. As regiões polares já estariam talvez exploradas se o houvessem tentado os portuguezes.

Infelizmente, essa expansibilidade arrisca á disseminação, que nos faz render áquelles que marcham unidos, em grandes massas, sobre um ponto, como os da península italiana.

Demais a extensão do Brasil prepara esses variados matizes, já bem pronunciados hoje: aqui uma photographia de Portugal, acolá uma recordação de Italia, além a inalteravel Germania, para lá o Brasil typico, ainda puro.

E, quando se destruirem os ultimos entraves para a colonisação japoneza, teremos então no Brasil, em pavilhões enormes, quasi completa, uma exposição de raças humanas, a que não faltará uma tenda de mongões, fumando o seu *haschich*, aninhados regaladamente ao Sol.

---

### III

#### COLONISAÇÃO PORTUGUEZA

Da nossa immigração para o Brasil faz-se sempre o velho commentario: foram? vão para o matadouro da febre amarella; voltaram? veem podres de ricos.

Um pobre diabo, moço ou velho, que da sua aldeia se abala com o taleigosinho á cata de vida mais desafogada e ganho mais prompto, contrahe, expatriando-se, a obrigação formal de só voltar com uma fortuna. Isso lá, seja elle um homem muito estimado no logar, que deixe mil corações a bater de saudade e dois olhos limpidos a cegarem-se de pranto. Saiu da aldeia, abalou da cidade, teve animo de apartar-se da patria? Pois, que vá, sim senhor, mas não vindo rico, que se deixe por lá ficar. Acabou-se; tanto se morre aqui como lá! E o desgraçado vae, moireja dia e noite, sua, trabalha como um negro, só para um dia ter o gosto de voltar á terra com a cabeça levantada. Começa, então, a tarefa da economia, a preocupação da fortuna, aquella riqueza phantastica de que lhe fal-

lavam aos serões. Rememora narrativas: fulano (um visinho dos arredores, um amigo, um conhecido) embarcára, encontrára um amigo que o protegêra e em poucos annos fez uma fortuna, voltando ao logar pobre de rico. Elle tambem fôra, mas não topára ainda com essas felicidades, não pudêra ainda encher-se de oiro como um ôdre!...

Na paranoia da ambição, sonha de olhos abertos no silencio do seu cubiculo de estalagem, no sobrado da casa de commercio ou no casebre da Fazenda; tem momentos em que lhe parece vêr uma fada toda de sêda, carregando oiro e mais oiro, aproximar-se-lhe com uma risada metallica; a pouco e pouco toda aquella moeda que sôa jovial e lucilante, se transforma n'uma visão horrivel—uma tunica esverdinhada, peganhenta, envolve a fada, que casquilha mostrando os dentes côr de açafião e exhalando fumaças azul-amarelladas de phosphoro. Espaventado, suppõe vêr a Febre Amarella.

Passageiro temor, que se esbate não lembrando mais, que não perturba a idéa fixa do oiro a encontrar, da riqueza a descobrir. Torna-se uma mania systematisada, essa ancia de riqueza. Às vezes desespera. Chega a desanimar. Tem abatimentos. Invadem-n'o melancolias negras. Pêga, então, da viola e desgarra uma cantiga. Ah! mas o pobre instrumento parece soffrer da mesma tristura, ter perdido a alegria d'outros tempos, e d'aquellas cordas já não saem os endiabrados improvisos, com que elle sublevava toda a moçada d'uma romaria, como quem tira fôgo d'uma pederneira.

A melopêa embala-o, leva-lhe a alma rude e boa por esses mares transpostos, revive-lhe a scena do logar onde se creou, o terreiro, o passal, a horta, a lareira, a fonte. Quer cantar, mas a voz some-se-lhe n'um soluço, os sons afogam-se na garganta commo-vida e do coração aos olhos vae um rio de lagrimas, n'uma cheia transvasante de saudade verdadeira. Acommettem-no impetos de acabar com aquillo, de tomar o primeiro vapor e voltar para a terra. Com a alegria, que sente ao reconstruir a scena da chegada, as lagrimas fêlizs da mãe, os abraços calados das irmans, dos amigos, vê elle o olhar escarninho dos zombe-teiros, apupando-o:

«O brasileiro da mão furada  
Foi ao Brasil e não trouxe nada!»

E a garotada atraz repetindo em côro o estribilho:

«Foi ao Brasil e não trouxe nada!...»

Desperta então n'elle, subitamente, uma energia atavica, uma coragem só revelada agora, invadindo-o retemperadamente uma força de vontade inquebrantavel, n'um calafrio confortante de esperança. Reage. Enxuga as lagrimas, dependura a viola.

E, já outro, d'alma nova, continua a moirejar, resignadamente, com os olhos n'um fito mais lucido, corporisado, definido. Nada lhe mette mêdo, é homem para tudo. Tanto se emprega n'um armazem de

*seccos-e-molhados*, como se atira para o sertão inhospito. A questão é ganhar, *fazer carreira*.

Se adoece e alguém lhe aconselha um pouco de repouso, de bom ar patrio, na saudosa aldeia, elle replica ao conselho: «Ia, ia! mas deixe vêr se me metto ahi n'uns cobres. Sem dinheiro, não vou lá!»

Quantos morrem d'uma anemia, d'um impaludismo, que um pouco de descanso, de ares patrios, uma therapeutica vitalista curaria em um mez, quantos morrem! victimas, não d'um orgulho proprio, porque de boa vontade viriam abraçar os seus, pobres como elles, como elles bons ainda,—mas sacrificados por esse estulto preconceito de que quem vae ao Brasil ha de voltar rico por força.

Assim se explica como o trabalhador honesto, que teve animo para deixar os paes velinhos, a doce companheira, os filhos, e ir á sorte, ao Deus dará, tentar a vida n'um paiz onde felizmente não mingua trabalho, não tenha coragem para acarretar com os dichotes e voltar á terra a vêr a familia, se n'essa dura expatiação se lhe não offereceu ensejo de melhorar de condição, encontrando um protector ou tirando a sorte-grande, para voltar com fortuna e não deixar ficar mal os desoccupados narradores d'essas imaginosas narrativas, acontecidas no Paiz das Maravilhas.

E, como os que quebraram a lenda se deixam, em geral, ficar por lá para morrer, voltando só os ricos, o Brasil continúa a ser o paiz onde enriquece todo aquelle que não se arrecear da febre amarella e tiver

oração para a cobra. Continúa a imaginar-se que só não faz fortuna no Brasil quem não quer, como se esse paiz fosse uma especie de universidade livre do millionarismo, em que bastasse estar-se presente para se ouvir fallar o oiro e trazel-o, não na cabeça, como a doutrina das academias, mas nas algibeiras. Uma especie de mina que nem sequer força a andar dobrado pelas galerias. Apenas o perigo da onça, da febre amarella e a praga dos macacos. Nem uma noção, um vislumbre, uma longinqua idéa do trabalho applicado, constante, durante vinte, trinta annos—que não são um dia—, da honestidade, da intelligencia, dos prazeres abdicados, da mocidade sacrificada, passada a trabalhar, da nostalgia, da dôr n'esse exilio voluntario, que tudo lhes roubou d'uma feita—familia e patria—, nem a mais leve suspeita das virtudes e dos esforços do trabalhador honesto, que no Brasil compõe a enorme e honrada colonia portugueza.

Dada a excellencia d'esse meio commercial vastissimo, aberto a todas as actividades,—uma das mais vigorosas nações sul-americanas—, a explicação d'essas phantasticas riquezas, que por aqui apparecem, inundando os hoteis de primeira ordem, comprando os palacetes dos fidalgos arruinados e calaceiros, a verdadeira explicação deve ir buscar-se a essa vida honesta, cheia de sacrificios e de trabalhos—o maior titulo d'esses trabalhadores, que fazem no Brasil o exercito branco do nobre commercio portuguez.

Quanto aos filhos do Brasil, não é menos falsa a idéa que d'elles se fórma. Pelo que diz respeito ás

fortunas, entende-se que todos são ricos, e para nós outros brasileiro é synonimo de Cresus. Referindo-nos ao grau de civilisação mundana, á sua cultura intellectual isso então é uma desgraça.

— O Brasil é a floresta com macacos e onças, sulcada de oiro em vez de mananciaes crystallinos. — O brasileiro um millionario imbecil, especie de homem primitivo, que aderga de apparecer no velho continente, por uma força latente de nomada.

As anedotas chovem, qual mais inverosimil. Vestimol-o, ao sabor da nossa phantasia ignorante, de chapêo do Chili, calça de ganga, dando arroz a papagaios; caricaturisamol-o com essa idiotice: *Qui diabo di massada*, nem sequer conhecida no Brasil quanto mais usada. Como se está longe d'esse typo moderno de brasileiro, educado com todos os requintes do luxo confortavel, de elegancia cara, sempre intelligente, geralmente illustrado, muitas vezes artista! E da dama brasileira, então, não fallemos; nem por fumos se cuida o que é esse ser pleno de graça e formosura, vestindo como uma parisiense, fallando com uma doçura de lisboeta apaixonada.

Do movimento intellectual brasileiro nada se sabe, nada se conhece, nada se lê, tudo se ignora.

Todos os dias chegam do Brasil portuguezes illustres que lá foram fazer uma estação de enviados extraordinarios, *ver aquillo*, lançar uma revista, um jornal, sondar. E todos esses homens, em Portugal notaveis, foram no Brasil recebidos de braços abertos, tendo tido occasião de conhecer a formosura capti-

vante da brasileira, apaixonada e meiga, de observar os costumes brasileiros, modelados pelos europeus, de avaliar a franqueza dos nossos compatriotas, a maneira como estes trabalham e como vivem nas suas chacaras, onde nada falta, desde os vinhos raros e authenticos ao bilhar, em cuja sala se servem os licores e os charutos; a todos foi facultado admirar o progresso extraordinario da arte brasileira, assistir a mil exemplos de civismo, reconhecer que tambem ha brasileiros pobres e os ha de talento, chegar á conclusão de que o povo brasileiro é já um povo civilizado, vivendo bem, pensando melhor.

Era, portanto, muito natural que algum o viesse contar, quando não soubesse escrever. Mas, nenhum quer arcar com o peso das allusões ridiculas, deixar suppor que tambem vem *brasileiro* e perdeu o seu feitio de civilizado, de europeu. O que diriam os companheiros da Havaneza?!... E quando alguém lhes pergunta o que é o Brasil, a resposta é uma carêta, um encolher de hombros, n'um desdem de espiritos superiores, pela fraqueza deshonesta de romperem com a ignorancia, isto é, com a calumnia.

De modo que o brasileiro continua a ser para nós um typo de caricatura e de revista, derreado de brilhantes e estupidez.

Inevitavelmente a idéa falsa, que nós formamos acerca do Brasil levou a suppôr o portuguez que de lá torna, a gosar a sua fortuna, a cuidar da sua saúde, a restabelecer-se da sua nostalgia, um desfructavel nababo. D'ahi essa exploração, que eile soffre com

um delicado silencio generoso e que parte do cocheiro, do alfaiate, do hotel, do ourives, de todo o negociante, cujos narizes farejem *brasileiro*. O carroceiro, que lhe transporta a bagagem da alfandega, exige-lhe uma loucura, os despachantes pedem lamuriamente *alguma coisinha* porque foi devido a elles que sua excellencia não dormiu tres dias e tres noites na repartição aduaneira, esperando as malas; o creado do hotel anda na pontinha dos pés fazendo pela esportula, que o deixa sempre mal-contente, e o hoteleiro apresenta-lhe uma conta cheia de extraordinarios, com riscos do viajante concluir que só o hotel é ordinario. A maneira como lhe pedem uma esmola ou lhe apresentam uma conta é tão degradantemente submissa ou tão descarada, que elle paga vexado, sem discutir, para acabar com aquella scena, que lhe dá a impressão de que Portugal é um paiz de famintos ou de ladrões sem decôro. Quando estas vergonhas se dão com portuguezes que voltaram ou vieram de passagem, vá! é lamentavel, mas passa-se em familia. Porém, se se dão com cidadãos brasileiros, que nos visitam por curiosidade, por amisade, por uma previa sympathia, isso, então, é degradante. Ora, está claro que ninguem se dá ao trabalho de fazer a classificação, nem a podia fazer. Tudo para nós é brasileiro. O portuguez que regressa, tratado como estrangeiro, brasileiro é.

Para a propria familia deixou de ser o filho, o irmão; passa a ser — o *brasileiro*. A noticia do seu regresso, após vinte annos de trabalhos, de privações, de lagrimas, de saudades, é recebida pelos parentes

como a annunção da fortuna, de que se havia desesperado e que, entra, agora, pela porta dentro inesperadamente. N'um curto estudo intitulado *Quarenta e dois contos*, e inserto na *Lisboa galante*, Fialho d'Almeida observa esse... sentimento.

E quantos encontrei eu a bordo d'esse velho *Liguria* e mesmo lá, que tendo vindo resolvidos a fixar-se em Portugal, no pequeno torrão do Minho, seu berço florido, voltavam decididos a não sair mais do Brasil, com a desillusão, a magua de não terem sentido em volta do seu peito um abraço de sincero jubilo, dispostos a adoptar definitivamente aquella terra, que, depois de lhes ter dado uma situação, os dotava tambem de amizades e dedicações provadas, como elles não encontraram já no paiz natal, que os repudiára, a elles que nunca deixaram de o recordar com saudade, em cujo coração a imagem da Patria se fôra gravando dia a dia, indelevelmente, n'uma soberba agua-forte de lagrimas!

Um quarto de seculo a suspirar por esse minuto compensador de todos os intimos supplicios, metade d'uma vida a reconstruir essa hora de suprema felicidade, em que hão-de revêr o cantinho tão amado, a abraçar e sêr abraçados por creaturas queridas, e uma vez vindos, é a cubiça, o interesse, o escarneo que os espera.

Não querem, então, que cada immigrante seja *um cidadão perdido para Portugal*, como registra João Chagas.

Mas o que fazemos nós para recuperar esse cida-

dão perdido? A collectividade explora-o. O Estado não o reconhece e explora-o por seu turno. A sociedade repudia-o. A mentalidade mofa-o. Sobre esse indefezado portuguez repatriado despejou Camillo todo o fel da sua ironia. Nos seus romances apparece frequentemente o *brasileiro*, como figura principal, motivo de acção, personagem gravitante da comedia, para fazer rir ou para odiar, como typo grotesco ou como fonte de vicio e de corrupção, nunca ou poucas vezes como um typo de bondade, de generosidade, simples e sympathico. Ha como que um proposito em apresental-o grotesco e odioso, comendo muito, dizendo asneiras, libidinoso e corrupto. Se na sua obra apparecesse um *brasileiro* assim, um só, dir-se-ia que um lamentavel acaso lhe deparára um exemplar defeituoso. Mesmo assim a honestidade do romancista prohibia-lhe a generalisação, impunha-lhe a apresentação do typo, como caso de excepção. Tal não acontece, porém; Camillo repisa o typo, retoca as mesmas scenas, com as tintas variegadas d'esse riquissimo vocabulario, cujo segredo lhe pertencia. Apanhando o typo pelo seu lado comico, especialmente, o publico, que gostou sempre do livro que o faz rir, procuravá esses romances, esgotava-os. O editor reclamava mais. O escriptor, pobre, vivendo exclusivamente da sua penna tão fecunda, reproduzia o typo, varando-o com a sua lança de humorista, apresentando-o ao leitor como um boneco de papel bamboleando no ar, entre gaifonas, tregeitos e cambalhotas. O publico continuava a rir, o editor continuava a vender.

Depois de Camillo Castello Branco que auctorisára Portugal a escarnecer os seus filhos repatriados do Brasil, veio um historiador que lh'o aconselhou, como um dever, uma solução.

Nas considerações finaes do seu *Portugal Contemporaneo*, esse homem que rolou por todos os partidos abaixo, ao sabor da sua vaidade pessoal, escreveu, não se sabe se com a penna do historiador se com a do ministro Oliveira Martins, isto: «Outr'ora o portuguez ia, voltava sem se desnacionalisar; hoje não renega a patria, mas casa-se com brasileiras, desenraiza-se da sua aldeia e vem para o Porto ou para Lisboa formar uma classe exotica, opulenta, mas com um papel desorganizador da homogeneidade e do funcionar normal da economia da sociedade. Cosmopolitas, esses caçadores de juro, nada vêem fóra dos papeis: nem o trabalho, nem a industria, nem o estudo.

«Que remedio? Um unico, evidente, immediato: exploral-os.»

Um elemento de dissolução e de corrupção! queria elle dizer. Qual seria, d'esses honrados trabalhadores, aquelle que corrompeu Oliveira Martins? Elemento de corrupção! mas elles, elles são os corrompidos. As suas acções mais puras, o seu patriotismo são envenenados por aquelles que a seu cargo tinham guardal-os da corrupção. Corrompem elles o Brasil, ou este a elles? Não.

A historia da colonisação portugueza, no Brasil, é uma folha de serviços ao trabalho, com illuminuras do mais puro amor-patrio.

Não se limitam a tratar dos seus interesses, a amontoar haveres para o gozo ou a avareza egoista. Mais do que elles proprios é a familia e o Estado quem lucra com a prosperidade individual do immigrante portuguez, porque elles estão sempre promptos a festejar um compatriota que os visite, a contribuir para todas as acclamações nacionaes, a associar-se a tudo quanto vise a apothese a um homem illustre ou a uma grande data da Patria.

E em qualquer ponto do Brasil onde haja um nucleo de portuguezes lá se encontrará uma instituição, quasi sempre de beneficencia, a attestar o character nacional fadado para o Bem e o Humanitarismo. A *Beneficencia Portuguesa*, do Rio de Janeiro, é o typo de todas essas outras, que se encontram na capital e varias cidades de S. Paulo, na Bahia, em Pernambuco, no Maranhão, na Fortaleza (Ceará), em toda a parte onde se congregue um cento de portuguezes. Um dos primeiros e melhores predios de Manãos é o da *Sociedade Portuguesa Beneficente do Amazonas*, viva prova do quanto pode o patriotismo de uma restrictissima colonia portugueza, como é a nossa na futura capital amazonense, e do quanto vale a tenacidade, attingindo o sacrificio, d'essa alma, que torna sublime a figura de José Alexandre Soares, um dos seus fundadores e propulsio-nadores mais ferventes.

Ao lado d'estas associações beneficentes, muitas outras de indole litteraria ou consagradas á instrucção se acham já fundadas no Brasil pela familia portu-

gueza. O brazão do patriotismo portuguez foi bem esculpido pelo *Gabinete Portuguez de Leitura* na fachada manuelina do seu edificio, deante do qual Guilherme da Silveira diz descobrir-se authomaticamente como se passasse ante a frontaria d'um templo. Lojas masonicas ha exclusivamente ou quasi de irmãos portuguezes (como a *Loja Lusitana* do Rio) em cuja acção secreta o Bem é o ideal e a divisa da pacifica carbonaria.

Na vida intima da colonia, como nas suas relações com a metropole, o mais absoluto desinteresse pessoal norma essas dedicações, impulsionando-as sempre o patriotismo, que a dura nostalgia exacerba, refina. Ah! ella faz tudo quanto pode pela sua patria. Quer se trate de receber um artista, de victoriar Raphael Bordallo Pinheiro ou Vianna da Motta, quer se trate de saudar o *Adamastor*, o entusiasmo desperta sempre equal, allucinado, n'uma impetuosa onda de sinceridade, que é a mais bella flôr da alma portugueza.

Tudo quanto contenha uma evocação a Portugal os enternece. Afastados no tempo e no espaço, a sua sensibilidade, refinada pela nostalgia, vae pouco a pouco emprestando poesia e virtudes ás coisas e homens do seu paiz, até que chega a envolvê-los n'um véo tão denso de sonho que as fórmas perdem-se. Assim, o coração funda uma Patria perfeita. A saudade vê um Portugal inexistente, com um docel constellado de esplendores. Esse mesmo patriotismo encaminha-o para as fulgurações da nossa Historia; e idealizando tudo,

ignorando ou esquecendo que as nações teem como os individuos leis organicas e que os homens não são impeccaveis, suppõem o negro presente uma projecção do Passado. Se os correspondentes dos jornaes brasileiros em Lisboa lhes noticiarem na chronica da semana a infamia d'um homem d'Estado, não será para esse criminoso cidadão que se voltará a ira d'esses bons portuguezes ausentes, mas para o jornalista. Ai do poeta ou do romancista que tenha o proposito de flagellar erros, a audacia de amostrar os nossos defeitos! Elles querem que se escreva apenas poemas epicos, odes laudatorias. A Patria para elles é isto: *intangibile*.

Voltam. O amargor da desillusão! Até alli sómente um ou outro publicista taxado de máo patriota, lhes fallára da nossa vida, reduzidos ao expediente dos empréstimos, ao continuo desassocêgo da *contrôle*, vendendo em cada vomito da Inglaterra a manifestação da bebedeira a que ella recorreria, como fonte de coragem, no dia em que viesse algemar-nos de todo. Mas, agora, é a lamentação de todo um povo que elles ouvem ao passar na rua, nos hoteis, no barbeiro, nos jornaes, no parlamento ás vezes. E o spectaculo a comproval-o!

Ideal em terra. Aquella sombra de purpura, que a sua imaginativa amorosa emprestava á monarchia, apparece-lhe, em pontos, desbotada. Os ministros que elles de lá viam com a magestade de retratos, inacessiveis, muito alto, vão muito singelamente pedir-lhes um subsidio para o jornal do partido ou para a elei-

ção, offerecendo-lhes em troca a commenda, o viscondado, o pariato se tanto fôr preciso. O que, mandado d'aquí para lá, tinha a apparencia d'um premio, desmascara-se agora: uma venda de nobiliarchias, uma renda additional do thesoiro publico.

Como é barato, uma bagatela, uns compram o titulo para elles e para presentear um amigo no dia d'annos. Outros recusam. Francisco Ferreira Vaz, contou-me, na sua hospitaleira casa do Rio de Janeiro, que certo dia recebera carta d'um amigo, offerecendo-lhe um titulo e que isso lhe dera uma grande alegria por o poder recusar a tempo.

Onde está, pois, o defeito d'essa corporação de trabalhadores? Que motivos de queixa nos dão elles? Porque são elles a corrupção? Em cobrirem os nossos titulos fiduciarios, arriscando os seus capitaes a um juro incerto? Em acceitarem dignidades, mercês, *crachats*, de certo que não; pode ser quando muito uma vaidade, que em nossa mão estava reprimir, em vez de, como fazemos, aticarmos e provocarmos. O que não ha ahi é razão para os escarnecermos, motejarmos, insultarmos. Vindos com sinceros intuitos de fazer algum bem, é o descalabro, a ruina publica primeiro, a offensa depois, que os afasta. Resolvem gosar á parte. É natural.

Nós, porém, não sabemos respeitar esses heroes do trabalho e não chegamos ainda á comprehensão de que não é sobre elles que deve incidir o nosso insulto, o nosso sarcasmo, o nosso desprezo, mas sim sobre esses parasitas do erario publico, que tomam de

assalto as repartições do Estado, sob o pretexto de que teem um diploma de bacharel ou tomaram grau em philosophia.

Sejamos consequentes. É do Brasil e da colonia portugueza que o Portugal particular e publico vivem. O Brasil substituiu na nossa balança financeira a tara preciosa da India. Os emigrantes portuguezes são os verdadeiros «maiores-contribuintes» do Estado e do particular. Os que lá estão como os que voltaram são quem sustenta grande parte das nossas provincias e das nossas cidades. Tirem a população *brasileira* a Lisboa e ficarão deshabitados dois terços da Avenida, fechará a maior parte dos hotéis, reclamarão a fallencia casas de commercio. Uma baixa de cambio no Brasil provocou em Portugal uma crise de que ainda hoje nos não restabelecemos. O Porto poderia dividir-se em duas zonas: a industrial e exportadora, e a dos bairros *brasileiros*. A nossa provincia representa a filial da Tijuca, das Laranjeiras e de S. Christovão.

Porque o portuguez, apesar de todo o seu amor ao Brasil, mantém sempre inalteravel o amor ao torrão. Não leva, é certo, comsigo esse credo tão antipathico do italiano: «*Gadanhare! fare l'America é andare in Italia!...*» Mas, quando attinge a prosperidade, é em Portugal, no Minho, em Lisboa que pensa e onde se estabelece, para acabar os seus dias.

De todos os paizes, o que menos desnacionalisa o nosso emigrante é ainda o Brasil. *Georgetovn*, por exemplo, possui uma colonia de dez mil portuguezes. Esses, porém, sim, são cidadãos perdidos, porque o

João passa ali a chamar-se *John* e os seus filhos não chegam a aprender a nossa lingua. A população portugueza de S. Francisco da California (America do Norte) em numero de 160 mil homens, desnacionalisa-se a ponto de negar a sua origem; e, n'aquelles ricos vinhateiros de S. Francisco, que adoptaram os costumes e a lingua dos yankees, ninguem reconhecerá o ilhéu, que certa noite um lugre britannico ou americano trouxe engajado dos Açores.

O portuguez do Brasil, não: nunca esquece a sua Patria e o unico, o maior tormento do seu exilio é lembrar-se que pode morrer sem tornar a vê-la.

M.<sup>me</sup> M... disse-me n'uma das suas saudosas quintas-feiras:

— «Se um dia voltasse ao nosso amado Portugal, beijaria o pedaço de terra onde primeiro poisassem os mens pés!...»

O adoravel S... confessou-me uma vez:

— «Vim, agora, de Minas, de S. Paulo; foi uma excursão pelo pittoresco e pela civilização italiana, entre conforto e gratas distincções; mas que saudade eu tenho d'uma *escapade*, ha bons dezeseis annos, pelas praias do norte de Portugal, Granja, Espinho, Furadouro, por ahi arriba, com um *passe* da «Voz do Povo», uns collarinhos e umas piugas embrulhadas n'um jornal!...»

Se alguns cidadãos perdemos, por nossa culpa é. As leis severas do nosso recrutamento teem uma grave responsabilidade n'essa *desnacionalisação*. Ao quererem voltar a Portugal, elles que tinham emigrado

clandestinamente por Vigo ou antes dos quatorze annos, limite maximo da livre sahida do reino, perante as auctoridades militares, encontram-se na difficuldade de tirar um passaporte. Se se tratasse, apenas, de pagar os cento e tantos mil reis da remissão, bem estava. Mas, o peor é que se lhes diz estarem incursos n'uma grave pena, sujeitos a um conselho de guerra, refractarios senão simultaneamente considerados desertores. Então, é á naturalisação brasileira que recorrem, que rogam como especial mercê. Outros, resolvem o caso, com o passaporte d'um amigo.

Não seria mais pratico redigir um decreto que visasse especialmente esses emigrantes, substituir a terrivel ameaça d'um conselho de guerra, por uma lei facultativa a esses foragidos para uma vida honesta de trabalho, e pela qual se lhes proporcionasse indulgentemente uma simples e equitativa remissão? Que consideravel contribuição para o pagamento dos *coupons* e que redobramento de concorrencia ao gasto dos sellos do já rendoso consulado portuguez do Rio de Janeiro!

Todavia, quando nada façamos por haver de novo a parte mais sã da nossa população, o que urge é abafar de vez esses risinhos de troça, o que se torna forçoso é não os repudiar com o motejo e o desprezo, para o qual nos falta superioridade moral.

E o que succede com o portuguez de regresso, repete-se com o Brasil e com o brasileiro authentico. Ha-os que veem aqui uma vez e que ao passar outra occasião no Tejo, mandam convidar os amigos que

contam em Lisboa, para irem almoçar com elles a bordo, não desembarcando. Teem horror á alfandega, a tudo que os vexa. Habitados a viajar toda a costa brasileira e todo o Interior sem que ninguem lhes remexa as malas, não se sujeitam a que Portugal lhes vasculhe o sacco de roupa suja, se lhes appetecer ir do Porto a Vallongo.

Que differença entre as nossas exigencias e a delicadeza do Brasil, concedendo a Bordallo Pinheiro o transporte da sua jarra Beethoven e de toda a sua loiça para o armazem onde as expoz, fazendo-se lá a revista aduaneira!

Somos injustos, somos crueis com uns; somos anti-politicos e malcreados com outros.

Repudiamos os dois, quando o nosso patriotismo e a mais elemental delicadeza manda attrahil-os a ambos.

E, o que para com brasileiros é uma insolencia, para com os portuguezes tornados é uma injustiça. Longe de nol-o reenviar peor, o Brasil manda-nos o portuguez infinitamente melhor.

Foi descalço e quasi nú: volta apresentavel, correcto, muitas vezes. Partiu ignorante e pelo menos já leu, antes de chegar, a obra de Herculano, os *Lusiadas*, o *Amor de Perdição*, a *Velhice do Padre Eterno* e os *Filhos de D. João I*.

Mas, se mesmo assim elle desconviessse ao nosso meio e se a sua intervenção fosse agora perniciososa? Então, ainda era de si proprio que Portugal tinha a queixar-se e só lhe restava deixar de o apupar, sof-

frel-o e encarregar-se da educação dos que ainda não houvessem partido.

Porque o aspecto da nossa emigração para o Brasil não é mais que a photographia, muito favorecida, da sociedade portugueza, reduzindo-se tudo a uma regra de tres simples, cuja incognita é a educação nacional.

Os defeitos do colono portuguez, attenuados pelo ambiente positivista da Republica Brasileira, transformar-se-hão em virtudes logo que o nivel moral de Portugal suba e se eleve.

Tudo vae de nós sermos um reino de bachareis, em pleno saque á Nação.

Os «caçadores de juro» desaparecerão no dia em que prescindirmos do emprestimo, para banquetear os «caçadores de empregos». Somos nós que precisamos de progredir, de trabalhar, para que os nossos irmãos d'alem-mar não côrem de ter na familia, um tão grande ramo de parasitas.

Quando no paiz houver cidadãos e o papel sellado tiver ido servir de adubo ás nossas enfraquecidas geiras de terra, as academias sepultas nos alicerces de escôlas agricolas; quando tivermos homens uteis, preparados para a lucta pela vida, alimentando o Estado em vez de o sugar, — já os historiadores-ministros não extranharão que, sob a mesologia americana, um troço de portuguezes possa transformar-se assim pelo Trabalho, a pontos de voltarem irreconheciveis e, ao lado da nossa indolencia, nos parecem estrangeiros.

---

## IV

### IMMIGRAÇÃO

Ao serão, pelas longas noites de inverno frio, os rapazolas escutam boquiabertos as narrativas d'um velhote de aldeia que presenceára a despedida d'este ou d'aquelle pobre de Christo, quando se foi para as terras de Santa Cruz, tentar fortuna... A nota emotiva sae intensa e fiel da narração singela, reproduzindo os abraços, os rogos da mãe do rapazote, recommendando-lhe que escreva, as lagrimas das cachopas do lugar, vendo partir o companheiro das romarias, a alma das desfolhadas, os lenços adejando no ar, até elle se perder de vista no cotovêlo da estrada, como bandeirolas da Afflicção, que o vento brandisse n'um angustiado vendaval.

Depois veem as inquietações da mãe por falta de noticias, as cartas do rapaz contando afinal os trabalhos que passára, as dôces expressões de filial amor mal velando o arrependimento de ter deixado a Patria, todo um transbordar langoroso e magoado de

melancolias, de recordações sinceramente, tristemente confessadas pelos arroxeados labios d'uma saudade atochada.

O auditorio simples mexe-se, como querendo sacudir uma emoção avassallante. Os rapazes coçam a cabeça por baixo do chapelorio e as cachopas puxam o lenço de chita mais para a frente, tapando a testa e os olhos, onde deve haver o marejar rutilante d'uma lagrima. Adivinha-se, pelas physionomias, que cada um, de si para si, protesta não cahir em tal; percebem-se mudos juramentos, a dentro d'alma, de não se abalarem da terra cara, para esse mundo longinquo, de sonhos constellados, onde a morte e o oiro se encontram a rôdos.

Mas já o narrador se compraz em relatar o regresso do *fidalgo*, esperado com festas, deitando todos a um canto com os seus grossos anneis onde reluzem pedras preciosas, abraçado familiarmente pelo senhor Prior, entrando na villa por entre um clarão esparso de victoria.

Ahi ha o pasmo d'aquella riqueza, a inveja do que partiu igual a todos e que vem ser o rei da freguezia, construindo capellas e fazendo eleições, juiz da irmandade, commendador, quando não é coisa maior. O juramento de fidelidade ao torrão fica um pouquinho abalado. Essa noite tem sonhos para a moçada, que se vê partir, em bergantins ou no dorso plumado d'um cysne côr de leite, para a terra do oiro, dominios da deusa da fortuna.

No dia seguinte, porém, aos primeiros golpes da

aurora esmaecida recomeça a faina salubre, honesta da lavoura. E ao pôr do sol, na fonte, já tudo é alegre e descuidoso, derriçando a gente nova, tanto que pela quebrada dos montes e pelo álveo dos regatos esvoaçam dulcificados eccos de paixões espargeladas, á suggestiva tepidez crepuscular.

O peor é que alguns levam o derriço mais longe, tomam o amor a serio, enfeitçam-se a valer das raparigas e lá vem a allucinação do casamento. Oh! então é que alembra o Brasil.

As vinhas seccaram e o coração espuma em rutilas dehiscencias de amor são. A quinta pouco rende; os paes alquebrados mal se mexem. Elle é que tem de ir amanhando a vida; e ella custa tanto quando os terrenos estão hypothecados! Demais a terra está cançada, pouco produz e esse pouco é preciso para o passadio, o gasto caseiro, não dando para vender e tirar o dinheiro da coima e do fisco. A cachopa nada tem ou se alguma coisa possue, não n'a vão dar os paes ahi a qualquer pobretão... que *dinheiro puxa dinheiro*.

O futuro mostra-se distante e incerto.— É o mesmo. Estão novos, podem trabalhar, deshypotheçar as terras, esperar, *fazer casa*. O corpo fez-se p'ró trabalho. Coração ao largo!

E ao luar, na porteira ou na eira, já pelas desfolhadas, são os protestos de amor, de dedicação eterna, e de casamento. Pelo ar, com o zunido candente dos vallados, andam juras de amor fecundando as essencias silvestres, juras de amor abençoadas que vão propagar as vidas, perpetuar-se no monumento co-

lossal do trabalho; amor nascido e nutrido na terra vae derramar a sua seiva nova fortificando a terra. É a mocidade que desperta para a vida, para a lucta, á hora alegre e tonificante do amor. O campo portuguez terá uma nova geração de lavradores sadios. O amor casto prepara para a lucta pela vida. Elles amam. Elles vão trabalhar.

... O recrutamento surge ameaçante. A epoca da inspecção aproxima-se implacavel.

Então, sim, então é que o Brasil apparece n'uma idéa fixa, como a redempção de um amor infeliz e a restauração d'uma casa de lavradores arruinados.

Ainda se elle soubesse que tirava um numero alto... Mas se tiver de ir servir o Rei? Tres annos de correias ás costas, separado *da-mais-que-tudo*, as terras abandonadas, os paes sem o seu braço para se ampararem e descansar! Nada; pelo sim pelo não, o melhor é ir para o Brasil, fazer um pé de meia, desempenhar a casa e mais tarde irão então á Igreja. Separados por separados, tanto faz estar na cidade n'um destacamento, aprendendo a recrutar, como ir para mais longe, para onde um homem possa arranjar alguma coisa. Saudade por saudade mais vale soffrel-a ao ar livre em terra, extranha, que dentro da caserna onde se ouve o toque sangrento do clarim em vez da toada amena, pacificante, da viola das romarias e das espadeladas — suave hymno do trabalho victorioso.

Dito e feito: vendem-se os bois, arranjam-se uns papeis falsos e eis como se faz mais um refractario,

mais um emigrante que se encontra em Vigo com outras tantas centênas, que, se não deixaram como elle a pobreza das aldeias, partem com certeza arrastados pelo *motu continuo* d'alguma fatalidade. E a bordo é toda uma legião de desenganados: o moço idealista que não quiz estudar mais, o que gastou a legitima paterna em orgias de actrizes, o que se arruinou ao jogo, o que se fartou de trabalhar sem ganhar para comer, o que se desilludiu das promessas do influente amigo que o trouxera á corda, promettendo-lhe um emprego na camara ou nos correios.

Semana a semana esviam-se os casaes, debandam familias inteiras, n'um tragico exodo de desesperados. E elles lá vão—já velhitos, impotentes para os trabalhos pesados, ou tenrinhos que nem o nome de Portugal saberão ler, se o virem escripto na fachada de um hospital; já na idade em que deviam ter enterrado as illusões na valla commum da dôr e do desengano ou cêdo demais para se irem á cata de fortuna, ao combate acerrimo da vida.

Quanto aos rapazes bem se lhes dá os paes que elles emigrem inexperientes, de olhos fechados, sem a menor condição de luctadores.

—É de menos uma bocca!... E mal sabem falar, vestem-n'os, dão-lhe dois nós no taleigo e eil-os que marcham, sem saber bem porque e ainda menos ao que vão.

Nem o menor preparativo, nem o tempo de reunirem o bastante para não morrerem de fome, se estiverem oito dias á espera de emprego; sempre a

mesma allucinação da fortuna imprevista, das magicas riquezas, sempre a mesma lenda do paiz das maravilhas aonde basta aportar para beber aguas de prata sobre um repasto fartissimo de fructos de oiro.

Todo o povo se prepara para emigrar. O inglez e o allemão, como o francez, completam a sua educação para se expatriarem depois; e só o fazem quando os conhecimentos adquiridos, sempre praticos, lhe garantem a vida.

O italiano, se não tem essa providencia, sabe todavia para onde vae, não o levando ao Brasil a mesma lenda que expatria o portuguez; este, chegado lá, nada manda dizer, vexado talvez de ter de desfazer a chimera com que fôra, ao passo que o italiano escreve ao *cosino*, ao *fratello*, a informal-os do apreço que o Brasil dá ao vinho italiano e ao talharino. Apromptam-se e a familia concentra-se, reúne-se. Com a sua bagagem levam duas *quartuolas* de Chianti, alguns *parmejanos* e meia-duzia de peças de linho. É um começo de vida. Na sua casita terrea, não ha a tristeza d'um exilado, em tão boa ordem está tudo: a cama de bancos—ao centro—, alteada pelo fôfo colção de *lana*, que dois grossos lençoes de linho e uma manta de chita cobrem; a miniatura da padroeira e um ro-zario de contas á cabeceira; a arca, uma mesa, algumas cadeiras com assento de cilha encordoada; em uma gravura, Umberto ou Garibaldi, e aqui e alli, pelas paredes, photographias da familia ou de amigos; n'um prego, a caçadeira e o cinto dependurados; todos os seus arranjos, muito bem accommodados, como se

aquella familia se tivesse constituido alli ou de ha muito se achasse lá installada. Com as suas pessoas, transportaram tudo o que lhes pertencia, como se em vez de mudar de terra, trocassem simplesmente de casa. E, como emigram aos milhares, e todos assim, não é uma leva de colonos mas um pedaço de Italia que parece chegar de cada vez, com os seus trajes e os seus costumes. O portuguez, não: leva um coração a estalar de saudades, dois olhos dôces e uma ingenuidade de perpetua creança. Por bagagem a pequena caixa de pinho.

Só uma coisa de commum entre esses dois colonos: sobre o peito, antes da estamenha, o surrado escapulario com a imagem da sua devoção. Mas, para que infelizmente elle tenha sempre sobre nós uma vantagem, o italiano, que nunca se separa da imagem da sua *Madona*, jámais deixa de trazer na cava do collete o punho negro d'uma faca grosseira e afiada...

O colono portuguez vae desarmado para tudo.  
— Parte! — Á tóa! — Á sorte!

Fomos sempre assim: o Acaso entrou sempre na nossa vida como o melhor factor, o nosso authentic capital. Acreditamos n'uma estrella a proteger-nos e todos nós nas batalhas da nossa vida individual temos a allucinação de Ourique, promettendo-nos a victoria. Em cada portuguez anda um D. Sebastião; por isso a tragedia de *Alkacer-Kibir* se repete tão a meudo...

Não comprehendemos que quem melhor fôr preparado para a lucta, mais probabilidades tem de vencer.

Ir, não basta; é necessario saber ao que se vae.

Isto é: quem não tiver uma profissão, um officio, uma aptidão a exercer, melhor fará em não se afoitar á concorrência d'um paiz, onde só aptidões se reclamam.

Eá, como em toda a parte do mundo, ha uma condição essencial para triumphar, que é: ter alguma utilidade.

Ora, exactamente o que mais difficilmente se encontra é um portuguez que dispense o emprego publico e disponha de faculdades para ganhar a vida sem andar a mendigar uma collocação.

Ou se é ignorante, ou se é illustrado.—Util, necessario, nunca!

Assim, é sem ter um officio, uma profissão, uma aptidão, sem saber lêr muitas vezes, que a maior parte dos emigrantes portuguezes se apresenta no Brasil.

Pergunta-se-lhes:

— O que quer fazer?

— Empregar-me.

— Em que?

— Não que apparecer primeiro...

De facto, apegam-se ao que lhes apparece, porque a verdade é que elles não podem esperar. Sujeitam-se, então, a tudo: aos mais arduos misteres, ás privações mais negras. Partiram sem um designio, apenas com esse muito vago de fazer fortuna, suppondo que bastava arriscar a pelle para enriquecerem. E n'isso são coherentes. Porque assim como não adoptam profis-

sões, também não discutem perigos. Nada o intimida, ao ingenuo portuguez: chegou com a cabeça cheia de illusões, mal acorda tudo cae por terra, o primeiro que o encontra conta-lhe o que tem soffrido, quanto se atura. Mas quem diz que elle recua? Com uma grande dôr, arrepende-se talvez de ter saído da sua terra, mas não dá o seu braço a torcer. Fica, resiste a tudo. Tudo soffre. E quem o vê mezes depois não o reconhece, não podendo deixar certamente de pensar no que seria o emigrando portuguez se fosse preparado para a grande batalha do trabalho, se soubesse para onde ia.

A imprevidencia é completa: basta observar em que pontos do Brasil predomina a colonisação portugueza.

Vêmos nos diversos matizes os climas de cada Estado corresponderem ás raças que o colonizam: o allemão foi para o Rio Grande do Sul, para Juiz-de-Fôra, para Petropolis e, n'uma minoria, para S. Paulo; o italiano, chegado depois, não encontrando já disponível um clima tão sereno como o seu, acceitou S. Paulo; o inglez foge do Rio, como o diabo da Cruz e só as altas especulações bancarias o podem tentar; o francez e o hespanhol são mais ousados e espalham-se indifferentemente.

Decerto, não ha aqui providenciaes acasos, mas a prova de que certas raças, ao emigrarem, reflectem antes no problema e se preparam para esse facto, escolhendo o clima que mais lhes convém.

Só nós, companheiros inseparaveis da temeridade

e do perigo, emquanto todas as outras raças discutem, com uma paciencia de verdadeira estrategia, os climas mais favoraveis, nós atiramo-nos de olhos fechados para o sertão ou para a beira mar, sem que nos preoccupa a transição brusca do nosso jardim d'inverno para as calmas tropicaes, inclementes.

Filhos d'um paiz temperado, como é que vamos estabelecer os nossos nucleos coloniaes no Rio, em Santos, no Pará, isto é, nos pontos mais desaffectedos á nossa climatologia, nos climas peores ou pelo menos nos mais quentes de toda a região?

A raça, porém, é das mais adaptaveis, triumphando quasi sempre.

Não haja duvida que houvesse outro povo capaz de colonisar e povoar a cidade de Santos! Apesar de distar apenas duas horas e tres quartos de S. Paulo, na estrada de ferro ingleza — a linda via da *S. Paul Rail!* — com uma communicação facil e rapida, a inundação italiana ainda não extravasou a população da capital para o lindo porto maritimo.

Nascida da *fortalezinha* que Martim Affonso edificou á esquerda do morro de S. Vicente ou Tumyarú, aos portuguezes ficou pertencendo. Os inglezes, que apparecem sempre onde se joguem cambiaes e se apontem esterlinas, n'um panno verde ou na linhagem d'uma mercadoria, tambem se arriscam até Santos.

Quanto aos italianos, um ou outro cambista, corretor, banqueiro, alto-commerciante; apenas alguns, talvez bastantes, porém de forma nenhuma em proporções, em numero, que ameace Santos d'uma invasão

italiana, á conquista, como em S. Paulo, de todos os misteres, de todas as fontes de actividade e de riqueza.

Mas o grosso da população, o que lhe dá vida e lhe empresta a sua côr, é portuguez: empregados das docas, pessoal do trafego, o pequeno commercio, os carroceiros, a gente da aduana, carrejões dos trapiches, vendedores do mercado, conductores dos *bonds*, emfim, toda a população santista, que não é brasileira. Aos portuguezes deve Santos o que é, elles quem lhe soffre o seu calor senegalesco, aquella temperatura de authentica zona torrida, aquella vida entalada entre môrros, que dá a impressão de se estar abafado, n'um grande caixão de paredes muito altas, cujo tampo superior se abrisse de tempos a tempos, só para respirar.

O resto, os altos commerciantes, os commissarios de café, todo o negociante que está n'uma certa prosperidade, tem lá o seu balcão, mas vae reconstituir-se todas as tardes aos pendores de S. Vicente, ao vento salino da Barra, quando não emigra, não foge para S. Paulo, no *Rapido* das quatro e vinte da tarde. E, como se esses retiros não bastassem, Luiz de Mattos, creatura de emprehendimento n'uma organização de fidalgo artista e sonhador, concebeu o arrojo da fundação de *Nova Cintra*, que seria um refugio, um sanatorio, um paraizo, á disposição de quem precisasse repouisar, reparar forças ou simplesmente fruir e sonhar.

Santos é apenas a praça commercial, o escriptorio, um Banco. Alli ganha-se, negocia-se, enriquece-se: em S. Paulo reside-se.

Todos os dias um comboyo desce ás 7 horas e vinte minutos da manhan, com uma media de duzentos passageiros, que teem o seu *bonus* mensal: negociantes, advogados, medicos, corretores, commissarios de café, tudo gente que vive de Santos em S. Paulo.

A linda viagem! Nada que se pareça com essa impressão banal ao transportarmo-nos d'uma grande cidade interna, para outra edificada sobre um porto de mar. Uma verdadeira mutação de scena! Sáe-se da suavidade dos outeiros de Piratininga, d'uma vegetação rachitica, de que apenas em S. Caetano os italianos resgataram alguns vinhedos. Depois, começam de negrejar os bastos matagaes de S. Bernardo. Surprehendem-se já epiphytas e parasitas abraçadas nas arvores, aos beijos rubros e estridentes. A locomotiva rôla, perdida, allucinada. Galgam-se declives; transpõem-se planicies. Divisam-se picos de montes; sombreiam altos de montanhas, e cordilheiras mutiladas e terrenos escalavrados vão ficando para traz, prostrados. N'isto, surge uma eminencia, coroada de bucolicos casebres, que, escorregando tambem pelas agruras da encosta, parecem ajoelhar ante a placida alvura d'um eremiterio, com torres microscopicas e umas janellinhas pastoris.

— *Alto da serra!* Uma demora curta, enquanto a locomotiva desatrêla e um *brake* vem substituil-a offerecendo-se para nos proporcionar a saturnal pantheista, que é a descida da serra. Entre os passageiros permuta-se o *Estado de S. Paulo* pelo *Diario de Santos*.

Trocam-se bons dias ; gritam-se noticias, atiram-nos aos ouvidos com novidades.

D'ahi a pouco, a gente sente-se levada, n'um deslizar suave, voluptuoso. Uma aragem muito fresca consola o rosto, afogueado do pó.

Um cabo de fios d' aço retorcidos, que potentes machinas fixas recolhem e soltam, mantêm em cada extremidade o seu wagon : um desce, o outro vem subindo ; e o *brake* segue em frente do trem, que um aparelho electrico relaciona com as machinas fixas. Eis o meio de tracção, durante esses quatro planos, em que a serra foi talhada para lhe abrandar o declive, que uma altura de 793 metros tornava pavoroso.

Á clareira immensa succedem-se serras e céu, por horisonte.

Pincaros inacessiveis, escalejados a pique como um dédalo, arrecamados de lichnes e musgos, obstruem a paisagem ou afastam-se subitamente para nos deixar confusos com o panorama soberbo, desconforme ; pelas rochas esboroadas serpenteiam sulcos d'agua, rolando, cascadeando, cantando em delgados e suaves fios ou bramindo em espumantes e fortes quedas, aos borbotões. Para lá, n'um grande vasio, a serra parece suspender-se do espaço. Substrucções de montanhas encadeiam-se n'outras e n'outras, pyramidaes ou rombas, esfusiando em picos, argamassadas em paredões, em blocos, em molhes, n'uma escalada portentosa que dá a noção do grandioso e do sobrenatural, que deslumbra, que impõe. E tudo isto, enriquecido e amenisado por uma arborisação gigantesca, que a dis-

tancia reduz a um tapete verdecente. desmonotonizado por côres que se combinam e se desafiam para um duêlo chromatico, desde a encarnada canelleira e do aureo ipê ás copadas palmeiras, negrejando altaneiramente como monstros vegetaes.

Precipicios tremendos geram a vertigem; e lá em baixo, n'um valle fundo, algares muito brancos galgam celeres d'um lado a outro, como a receber nos seus braços espumosos aquelles vultos que parecem despeñar-se dos wagons.

As roldanas dos cylindros, onde corre quasi rente ao chão o cabo metallico, rugem com um som de broca, pertinaz; o filête d'agua, porém, que refresca esse cabo, suavisa o ruido, amacia-o. Pelos fragedos *cottages* de inglezes; nas paragens dos planos, casebres dos trabalhadores da estrada.

Uma toalha de neblina véla o horisonte, n'uma diffusa transparencia, que faz ainda mais do panorama uma visão.

Alguns kilometros mais. Um pouco mais de cabo. Entra-se no ultimo plano. A nevoa rasga-se; e ao sol, que descobre rebrilhamentos preciosos nas quedas d'agua, a magestosa Grota Funda cava-se aterradora e fascinante—é um algar, uma barroca, um precipicio, o abysmo!

E é sobre uma ponte, que nos parece um fio d'arame, que se transpõe esse abysmo, de apavorar e atrahir. Faz-se uma pausa em todas as conversas. Só esse murmurio contínuo das braçadas d'ago, sorvendo a agua, falla, ri, canta, soluça, indifferente ou alegre.

Ha um momento de geral anciedade, de recolhimento, de espanto, de panico inconfessado e muda elevação.

Alma hirta! esmoendo a emoção deixada por esse quadro final, sublime e empolgante; mas a atmosphera vae sendo cada vez mais pesada e, agora, á medida que se topa com a primeira vegetação do littoral, é já um outro ar, mais quente e salino, que se respira.

Nunca, nem na Amazonia, se pode ter uma percepção nitida do cosmos, uma impressão tão profunda do magestoso e do sobrenatural, como aqui, n'esta descida dos planos. A natureza subjuga, barra-nos; o homem acceta a lucta e triumpha.

De repente, ainda com o zunido das roldanas no ouvido, a vista escaldada da luz, do sol, fatigada de andar n'essa migração, n'esse vôo rapido e longo do pendor d'uma rocha para o leito d'uma cascata, entra-se por dois contrafortes de serra n'uma planicie e lê-se e ouve-se e sente-se: *Raiz da Serra!*

Foi uma visão, uma allucinação, um sonho? Tudo isso. Pois com tudo isso e mais meia hora de viagem, por terrenos alagadiços e pantanosos, em que se adivinha já o estuario, o *Rapido* chega, perto das dez, á mina, ao subterraneo, ao logar da tortura, á masmorra — a Santos.

Pela cidade espraia-se desde logo um fluxo de vida. Da estação parte-se para os restaurantes, onde um almoço aguarda já prompto os seus habituaes freguezes. Durante uma hora accumulam-se forças, como um batalhão prepararia as munições, o cartuchame ao sair para uma batalha. E que almoços! com o maris-

co variado, de que as aguas do estuario da costa são fertilissimas, as saborosas ostras, o camarão e os vinhos excellentes, gêlo em abundancia, as fructas, o café, que é uma legitima essencia e uns divinos charutos, rematando como uma laçada de sêda, vale a pena ir lá almoçar.

Dentro d'uma hora está-se em pleno combate.

Como quasi todas as cidades brasileiras, Santos possui honradamente a sua rua Quinze de Novembro e o seu Largo do Rosario, como outr'ora quasi todas se ufanavam da Rua da Imperatriz.

É ahi, n'esta Rua Quinze, que se vae travar a refrega. Para traz e para deante, ora em lentidão, ora em correrias, uma carreira de homens formiga pelos passeios. Ao sol inclemente reluzem ternos de brim branco; e, da chusma, que além se debate e acotovelá, capacetes de cortiça, forrados a lona branca, refrescam a vista ferida pela luz crúa. Commissarios de café, zangãos, empregados bancarios atravessam a rua, veem, retrocedem, voltam, desapparecem, resurgem, sómem-se de novo, andando, correndo, parando poucas vezes ou nenhuma.

Lojas de alfaiate, casas de modas, Bancos, escriptorios de advogados e medicos, botequins com o seu pequeno balcão para negocio de charutos e fumos, ouriversarias, chapelerias, armazens de seccos e molhados, sapateiros, camisarias alimentam incessantemente a sublevação da rua.

O transito pela calçada é diminuto porque o sol calido prohibe-o; caminha-se pelos passeios e aquella

fogueira, que parece incendiar o meio da rua, de valeta a valeta, aterra demais para que se transponha, sem um forte motivo. De meia em meia hora, quatro *bonds* viram sobre a rua quatro sombras, que fogem levadas pelos pequenos muares.

Sob um calor torrido esbrazeiam as pedras e os humbraes das casas; respira-se difficilmente e se se ergue a cabeça, para sorver um pouco de ar que não tenha sahido já d'outras guélas quentes, o sol cega-nos. Um forno, um inferno, um horror! Não sopra uma aragem. E bom é, porque se ha vento, então a este supplicio junta-se a famosa tortura do *Noroeste*, esse vento soccado, aquecido, denso, que dá a tentação do suicidio aos mais fortes.

O ar pesa. A vida deve ser assim, com alguns metros de terra sobre o peito.

*Blak town!* denominaram-n'a os inglezes. O termo é justo; como elles, porém, não são muito d'esses platonismos da justiça, não se errará, talvez, vendo n'isso o proposito de afugentar a concorrência. Porque Santos é uma verdadeira mina de diamantes. Hoje então, com o melhoramento das Docas, o seu porto mais ficou valorisado. Por alli saem ás centenas de milhares as saccas de café, n'uma superabundancia de riqueza; por alli entram aos milhares os colonos, que as companhias de navegação transplantam annualmente da Eutropa faminta, para o colosso os nutrir e engordar.

E apesar de tudo o negocio não cessa; a Rua Quinze mantém o seu movimento.

Á porta da Bolsa, commissarios e corretores de

café esperam cambio. Chegam telegrammas de fazendeiros, renunciando a futura safra. De quando em quando, pequenos grupos atravessam da Bolsa para o *Bar*, que fica em frente, com a sua extensa sala, comprida, muito escura e muito fresca, as paredes muradas de annuncios e pinturas, a fresco, mesas de marmore quadrilateras, sopesando sempre cinzeiros de loiça, carregados de phosphoros amorphos, á allemman.

São homens do alto-commercio, que vão fechar o seu negocio no *Bar*. E alli, entre aquelle barulho de vozes e entrechocar de copos grossos, com pequenas amassadellas redondas, como dedadas, por meio de saudações de cerveja — *Prost! prositer!* — se discutem os altos negocios de Santos; por alli desfilam nominalmente as esterlinas. Quem entrar não verá uma roleta; e, todavia, em torno fazem-se fortes paradas a esse aventureiro jogo do café.

Dos grupos de bolsistas e commissarios, figuras tismadas de homens do mar destacam-se, como uma nota alegre n'aquella batalha; são commandantes ou officiaes da marinha mercante, que cumprimentam e são cumprimentados de todos, conhecendo toda a gente, tanta vez ancoram no porto, nas suas periodicas idas e tornadas.

Os seus transatlanticos italianos e allemães, as suas barcas inglezas, americanas, os seus navios de vela noruegueses, os seus lugres portuguezes lá estão atracados ao caes, varando a alguns metros de terra, communicando com ella, por pranchões.

O calor permanece insubmisso. Se se visse cahir alguém ao chão ou uma voz convocasse o desanimo, fazendo um appello á capitulação do homem perante aquella natureza tão hostil, presente-se que a debandada seria geral. Felizmente ninguem deserta. Todos parecem querer aproveitar os instantes; a cidade tem o ar de quem ultima os seus negocios, para uma viagem longa, para um repouso, uma folga, nas vesperas d'um dia-santo. Não ha esse trabalho, quasi pautado e calmo, das nossas praças commerciaes. Alli tudo tem pressa, afan, ancia; deve ser uma febre, senão é uma angustia.

Pelas outras ruas o trabalho disputa-se com o mesmo ardor que na Rua Quinze. Carroções de quatro rodas arrastam penosamente empanturradas saccas de café, e do caminho de ferro aos trapiches, aos pontões, as avantesmas saem-nos ao caminho, com a carga a brandir, ameaçando esmagar-nos. Á porta dos depositos, os muares esburgam a palha, enquanto se não enchem as carroças; portuguezes herculeos ou negros de oleographia, suados, meio-nús, descalços, vão baldeando as saccas á cabeça, correndo n'um passo meudinho e lento, do armazem para o carroção onde as jogam, ao som impulsionante d'uma melopêa cadenciada e barbara. Ouvem-se as pás de madeira, socando café, dentro, nos depositos.

Com o canto dos carregadores exhalam-se halitos mornos de cachaça. Nas ruas ha um cheiro enjoativo a café em grão e a assucar melado.

· A uma esquina, um cartaz da *Mala Real Portu-*

*gueza* anuncia as suas carreiras de vapores, offerecendo-nos um paquete pintado a libertação para a frescura ideal das aguas e dos ventos.

No Largo do Rosario, dois engraxadores patenteiam as suas toscas cadeiras de braços, em cujo espaldar um molho de *Diarios de Santos* aguarda tranquillamente os compradores, fieis devotos da chronica do popularissimo João Luso. Junto á Estação dos *bonds*, uma confeitaria dá-nos uma vaga certeza de que podem existir senhoras, n'aquella terra em permanente rescaldo: duas moças tomam refrescos. E alguns rapazes saboreiam um gelado discutindo as ultimas corridas do velodromo ou a passada recita do *Grupo dramatico Arthur Azevedo*. Uma discussão levanta-se, viva; invocam-se os *Dois Dédos* de Carlitos d'Affonseca.

Começa a chegar mais gente, aos poucos, tomando refrescos, comprando dôce. Vêem-se já nos passeios algumas creaturas esperando, extenuadas, o *bond*.

A agglomeração da Rua Quinze adelgaça-se; ao fundo, no *Bazar de Paris*, unico *Charpentier* santista, mercam-se livros.

Passa das tres e meia. É a debandada, em massa, n'uma desordem, n'um atropêlo. Já não ha negocios, interesses, amizades, conveniencias, que retardem ou tentem. Agora o ideal é o trem; o pólo, a estrella, o norte, o septimo céu — São-Paulo. Lembra a hora do curação, na vida de *Manchester*. Cessou a faina, como no Rio, ás seis da tarde; com a differença de que no Rio a vida destaca-se apenas, a cidade continua a existir. Aqui, não: a cidade dispersa, morre.

Às 4 e 20, um silvo de locomotiva annuncia a fuga d'esses financeiros para a vida e para a frescura retemperante das largas avenidas paulistas, gosando a grandiosidade nunca monotona d'essa travessia por uma natureza cosmica, com os parceiros certos para o joguinho do sólo no comboyo, sobre o taboleiro do club-volante, a jarra d'agua da cachoeira á espera n'um dos planos e lá em cima no *Alto a Platêa* trazendo já comsigo metade de São-Paulo.

Emquanto que lá-em-baixo, lá se fica assediada uma legião de escravos brancos, na sua jaula abrazada.

Inunda, então, a pequena cidade uma longa tristeza. Casinhas terreas, cujas paredes a aragem salitrosa corróe, dão a Santos trajés d'uma povoação bem portugueza. Às soleiras, physionomias muito nossas: homens em mangas de camisa, como nas tardes de agosto, mulheres roliças e pequeninas, de tez crestada, tagarelam em visinhança, n'uma cadencia que dir-se-hia terem aprendido a fallar ouvindo gemer guitarras. Devem ser portuguezes. Aquelle homem baixote, vermelho como uma bilha de Extremoz, pulsos como trancas, riso á flôr da bocca, resposta na ponta da lingua, olhar amoravel...

— Você donde é? É portuguez, não é?

— Nan sinhôôôôr! Sô ilhéééé...o!...

Ora pois: éilhéo, não é portuguez.

E bravos que elles são, e atilados para a vida os taes ilhéos! Com elles tem de contar quem pretender alguma coisa de Santos.

Mas, embora um ilhéo valha por quatro algaravios

quando toca a fallar alto e fazer barulho por todas as maneiras, embora pela noite tepida uma ou outra portinha suspire a plangencia evocativa d'uma viola, isso não chega a reanimar Santos d'aquelle escoamento.

Pelas ruas mais afastadas do centro, veem as familias tomar o fresco para os passeios, sentadas em cadeiras de verga.

Os passos resoam nas calçadas, nos passeios, como se se trilhasse uma villa, de madrugada. Aquelle borbório de durante o dia nos cafés, mal se poderia reconstruir agora com esta meia duzia de empregados tomando traquillamente as suas bebidas. No *Carioca*, em frente ao Largo do Rosario, caturram a um bilhar dois amadores, e o proprio gaz amarellado parece estar a despedil-os com bocejos. Ha ruas escuras, onde falta de todo a illuminação publica ou cujos candieiros cumprindo algum luto, empanaram de crepes os vidros baços.

E só ás dez horas da manhan do outro dia aquella gente torna a reanimar-se, a sentir o seu accesso de febre commercial, que volta regularmente, ascendendo ao meio-dia, declinando ás tres horas.

Afóra isto, os concertos do *Miramar*, no aprazivel refugio da Barra, aos domingos, uma corrida de cyclistas, raramente umas recitas no theatro *Guarany*, o abençoado desterro de S. Vicente, ou o ostracismo do *Guarujá*, na temporada dos banhos, quando as moças santistas dão vida e côr áquelles graciosos chalets de tijollo, evocando trechos da Granja.

A vida regulamentar, ordinaria, habitual consiste em trabalhar. E trabalhar em Santos é assim: abre-se, como nos Bancos, ás onze e meia da manhan, e ás tres da tarde todo o movimento irrevogavelmente cessou.

Ficam lá apenas os santistas e os portuguezes. Estes não cuidaram de investigar climas ao estabelecerem-se; são incapazes de procurar a compensação de uma vida de trabalho, residindo em logares saudaveis, onde o repouso d'umas horas lhes garanta mais alguns annos de vida.

Alli se fixaram, alli viverão até enriquecer ou morrer.

Enriquecer, como, fazendo o que? — Negociando. No commercio. Trabalhando de dia e de noite. Encontra-os a pé o sol e o luar não dá com elles deitados, sem terem moirejado as suas dezesete horas. Só mesmo portuguezes resistiriam a um tal trabalho n'uma terra, de cuja inelencencia se queixam amargamente os proprios filhos de Santos.

Torna-se forçoso intervir directamente na sorte d'esses desgraçados, preparal-os primeiro, conduzil-os depois.

Conduzil-os é indicar-lhes o melhor clima. N'um territorio vastissimo, que abrange desde 5° 10' latitude norte a 33° 45' sul, com regiões onde o thermometro sobe a 39°, outras em que desce a 2 graus abaixo de zero, não será impossivel escolher um clima menos hostile, que qualquer d'esses procurados pela nossa colonisação, um outro que lhes não sugue a vida e lhes não queime o sangue.

Seria preparal-os: pol-os em condições de independencia, que lhes permittissem renunciar aos misteres que os outros emigrantes rejeitam, em climas a que mais nenhuma raça se sujeita, educal-os para outra coisa que não ser servo, carregador ou carroceiro.

D'outra forma, persistindo este estado de coisas, os jornaes portuguezes continuarão a registrar com azedume que «seguem para o norte cento e tantos portuguezes repatriados do Brasil». Supponhamos que esses repatriados não trazem no escaninho do bahú meia duzia de libras, que nunca ajuntariam na gleba da sua aldeia, e, acreditêmos que elles regressam famintos, esfarrapados, mais pobres do que partiram, adoentados, empenhados, n'uma total ruina. Como se entende isto, sabendo-se que o italiano e o allemão se repatriam ricos ou pelo menos com um peculio que lhes dá para adquirirem terrenos no seu paiz e tornarem-se pequenos proprietarios? — Como, se o Brasil lança mão do excedente de todas as raças, sustenta na Europa agentes de immigação, tendo tentado já fomentar a colonisação japoneza, á qual concedia vantagens enormes, terras, sementes, utensilios de lavoura?

Ahi está. O Brasil reclama braços, agricultores, productores; nós enviamos-lhe — mercadores. Emquanto houve lugar no commercio, ahi se arrumava todo o homem inutil para outro trabalho, que não fosse o empregosinho. Mas, agora já vamos tendo uma verdadeira colonia fluctuante de desempregados, lamentan-

do-se por não encontrar trabalho, n'um paiz onde tanto se precisa de quem trabalhe!

Quando nos convenceremos de que a riqueza do Brasil não a representa o seu commercio? — Talvez, quando o cargo de ministro plenipotenciario de Portugal no Rio de Janeiro, deixar de ser uma sinecura, dada em gratificação de serviços politicos e se transformar n'um posto de vigilancia aos nossos interesses; quando os representantes do governo portuguez, longe de se refugiarem no paraizo de Petropolis, n'um bom hotel com excellente convivencia, se dispuzerem a trabalhar como o Conde Antonielli, que, chegando fatigadissimo d'uma estação de dez annos em Africa, se não fixou sem percorrer os Estados do sul e os do platô central. Qual o ministro portuguez que passou do Rio de Janeiro, a não ser para assistir a alguma comemoração da colonia de Minas ou S. Paulo? Apenas a formalidade da posse para legalisar o meio de solver embaraços financeiros pessoaes ou accumular um cabedal, e regressa-se ao reino, para «descançar» e fruir a rendosa representação. Dir-se-hia que o ordenado de ministro plenipotenciario de Portugal, juncto da Republica Brasileira, não era bastante para se viver alli e que os nossos embaixadores regressavam assim á ridicula situação dos seus primeiros tempos de addidos de embaixada... no ministerio dos estrangeiros.

Dos consulados pouco mais proveito tiramos. Nenhum, com certeza, prestará a Portugal serviços como os de Mr. George Ritt á França, quando consul em S. Paulo e como os que continúa a prestar-lhe na sua

situação de Consul Geral da Republica Franceza no Rio de Janeiro. Ah! o trabalho d'esse homem! Em S. Paulo elle escrevia constantemente das 4 horas da manhã ás 4 da tarde, sem interrupção d'um dia; e os relatorios enviados ao seu governo, com estatisticas e mappas synopticos, que elle proprio elaborava, só os poderia haver eguaes—que superiores, não—, no ministerio dos negocios exteriores do Brasil. Por esses relatorios minuciosos, precisos, passava toda a vida do Brasil, o seu movimento economico e politico, com syntheses certas, videntes. Não se restringia á tabelasinha de obitos dos subditos francezes ou á enumeração dos que iam espontaneamente apresentar-se ao consulado para se alistarem no *Service*. O que se passava nas outras colonias, como o que se prendia com a que elle representava, tudo elle registrava paciente e intelligentemente. Com uma encantadora orientação sobre questões sociaes, d'uma educação intellectual autonoma, uma fibra de politico, em grande parte herdada da sua familia de diplomatas, orador imaginoso e ponderado, Mr. Ritt era um homem de gabinete desdobrado n'um homem de acção e de sociedade. Estava em toda a parte: na liga para a propaganda da lingua franceza, na aggremação dos patriotas, na sociedade dos *Anciens Militaires*, nas commissões de *kermesses* em auxilio das beneficencias francezas, no seu gabinete e no seu salão, attendendo a colonia franceza, acudindo com o seu espirito marselhez á phrase d'um jornalista ou respondendo elegantemente a um discurso.

—Era um consul!

—Mas era um consul francez: que tinha a confiança justa do seu governo, a estima dos seus compatriotas, a sympathia dos artistas e intellectuaes, de que sempre se rodeava, a graça das altas auctoridades brasileiras e a consideração do mundo. Só assim, admittido de boa mente em toda a parte, não nas aparições de grande uniforme apenas, mas sempre, privando com todos, podendo e sabendo observar tudo, um homem chegará a ser em vez d'um papelão, uma entidade, com uma funcção particular ou publica.

Ora, com a nossa carreira consular dá-se o mesmo que em tudo quanto entre nós diz respeito a serviço publico. Verdade é que os nossos consules sempre são mais uteis que os nossos ministros. Sel-o-hiam mesmo muito mais se outra fosse a organização dos seus serviços, sobretudo se elles fossem, em vez de uma insignia, proveitosos e authenticos agentes commerciaes, que é esta a moderna qualidade da corporação consular. De resto, como ha-de o governo exigir-lhes mais, se ignora o que d'elles convém reclamar?

Nós confiamos tudò do acaso, contentando-nos com o que haja de vir ter ás nossas mãos. E por esta philosophia, eis-nos ao fim de quatro seculos com umas relações de mera etiqueta com o Brasil, que se cingem aos cumprimentos do estylo nas grandes datas, officio para lá, agradecimento para cá, mensagens amaveis, cumprimentos.

Emquanto a Italia, a França e a Allemanha—pa-

ra não fallar na Inglaterra—animam, com prosperidade assignalada, as suas companhias de navegação, nós mal sustentamos a *Mala Real Portugueza*, com um vapor mensal, que Deus conserve por muitos annos! e uma carreira de vapores para a Amazonia, da casa Andressen.

Tratados de commercio com o Brasil é coisa que não temos. Na presidencia do Marechal Floriano Peixoto chegou a elaborar-se o projecto d'um tratado de commercio, que se dizia ser para nós muitissimo favoravel. O praso para a approvação do tratado era de dois annos. Passaram-se os dois annos; e a pessoa, que da parte de Portugal tinha a cargo a vigilancia d'esse nosso interesse, farta de officiar e telegraphar ao governo, avisando-o de que tudo iria perder-se por desleixo, encontrando por acaso no Rio de Janeiro, o conselheiro e banqueiro T. . . , na vespera de expirar esse praso, rogou-lhe que obtivesse do Marechal uma prorogação. Foi difficil arrancar o deferimento d'essa pretensão, porque o Brasil viu n'esse descuido um desinteresse, que passando pelo desleixo revoltante, levantara uma ponta de offensa da nossa parte. Julgaram-nos pobres soberbos, quando o caso era outro mais simples e mais triste: n'esses dois annos, o parlamento não *podéra occupar-se* d'um tratado de commercio, porque a politicasinha partidaria tomára todo o tempo e todos os cuidados.

Emfim, sempre se conseguiram mais esses seis mezes, que. . . igualmente expiraram sem que Portugal desse accôrdo de si, a tal respeito!!

E assim nos encontramos na situação absurda de não termos um tratado de commercio com esse paiz, que foi nosso e no qual os nossos interesses podiam ainda hoje preferir os de todos os outros, se os soubessemos zelar.

Está alli um paiz adeantado relativamente no seu grau de civilisação, digno de ser visitado, de muita utilidade o estudal-o, para quem quizer participar do progresso inevitavel, que o espera. Somos o povo que mais facilmente se introduziria nos seus destinos; elle, o paiz que mais auxiliaria e conviria ao nosso futuro, especialmente a partir do dia em que o inglez nos tivesse acabado de expulsar, a coice, dos nossos dominios africanos.

O que fazemos para isso? — Nada.

De Portugal emigra quem quer, como quer ou como pode. Nenhuma previsão na sorte do emigrante, calculo algum aos beneficios que elle pode trazer mais tarde á economia nacional.

Os governos descuram o problema, nunca formaram tenção de o estudar. A iniciativa particular perde-se por seu turno, pela maneira desordenada com que se dirige.

Como os governos, os nossos exportadores não fazem a menor ideia do modo de estabelecer negociações com o Brasil.

O Estado manda embaixadores de gala, nos centenarios; os commerciantes nomeiam caixeiros viajantes... quando calha!

O governo de ha muito que vive do opportunismo

— extremo recurso de addiar a bancarrota, sem o talento, o valor e o civismo precisos para deitar um lance d'olhos sobre o organismo nacional, ponderar-lhe as forças e ir combatendo lenta mas victoriosamente o mal etiologico, em vez de lhe acalmar as manifestações symptomaticas, não vendo que com isso sómente logram adormecer o perigo, prolongando uma agonia cruel.

O commercio mantem-se agarrado á mais ferrenha tradição, vislumbrando apenas o ganho immediato, mesquinho, sem comprehender que, transformando-se tudo na vida social, a maneira moderna de negociar é muito outra, incapaz, pelo menos até hoje, de tactear a noção de que o esforço indirecto e o gasto levado ao desperdicio são um capital tambem, que apparecerá tempos depois rendendo juros compostos. Aos commerciantes portuguezes falta-lhes o arrojo para arriscar alguns contos de reis na propaganda dos seus productos. Se tentam uma viagem e destacam um empregado a angariar consummidores, não vendo, como não podem ver um resultado prompto, lançam as despezas da viagem nos lucros e perdas, e, confirmados, recolhem-se ao seu rotineiro commercio, estreito, sem futuro. A derrocada d'uma firma importante do Norte, que perdeu com os representantes da Africa e da Europa os lucros que o do Brasil lhe dera, foi um fortalecente apoio para condemnarem o *desbarato* de sustentar á boa vida, viajando, um empregado, porque não teem o tino—que é o talento da profissão—, de calcular o capital necessario áquella casa commercial, para resis-

tir até que das sementeiras do seu arrojo brotasse e crescesse a grande arvore do oiro.

Tudo quanto não seja a factura, o pedido de vendas, os deixa insensíveis. Desconhecem o excellente balcão que é uma boa mesa e um cavaco alegre.

O brasileiro quer tratar com homens alegres, sobretudo com homens francos ou que o pareçam, que comam bem e bebam melhor, sob pena de passarem aos olhos d'elle, por avarentos que regateiam com o estomago proprio... e com o alheio.

O genio economico, no sentido portuguez da palavra, deve abdicar á aventura de entabolar relações com esse povo, que propõe assim um negocio:

— Você vai amanhã jantar commigo, vai? temos um negociosito para o café.

E da pelle do freguez sahirá sempre a despeza. É contar com uns tantos por cento a mais, ou, então, que a encomenda será elevada ao triplo. «Não é com vinagre que se apanham moscas» sentençaia um dictado portuguez, cuja philosophia os nossos commerciantes não attingiram ainda.

— Um negociante de vinhos recebe nos seus armazens de Gaya as boas-festas d'um commissario do Brasil, por telegramma. Lê, conserva a papeleta deante do nariz o tempo de uma salvé-rainha e por fim, apopletico, exclama para o guarda-livros:

— «O meu dinheiro dá para tudo, dá para tudo!...»

Rapem-lhe o bigode, ajuntem aos peccados mortaes o vicio do fumo, tinjam a anilina o lenço d'algodão a dar uns tons do tradicional tabaqueiro, e tel-o-hão

perfeito. característico — o ferrenho negociante de 20, horrorizado ante a corrupção, como denomina o progresso, benzendo-se a cada modificação social, como ao estalar d'uma praga, sobretudo... se lhe estalasse dentro da algibeira. Olhem depois bem para elle e confessem á puridade se está alli o victorioso concorrente do mercado americano.

Os hespanhoes, mais aparentemente generosos, conseguiram invadir com os seus vinhos os mercados do Brasil, desde a perda de Cuba para cá.

Não ha duvida nenhuma que a iniciativa particular, entre nós, é por emquanto incompetente. Por conseguinte, emquanto a sociedade portugueza não se reformar, com uma educação geral, que produza homens aptos para se tirarem de apuros por si sós, o governo que soffra com paciencia — e orgulho, se lhe aprou-ver — o resultado da sua obra. E tratando-se de reformas o melhor é ir já apontando o figurino a seguir.

Porque não havemos de imitar a Italia, nós que imitamos todo o mundo? Façamos como ella n'estes assumptos de emigração.

— Já S. Paulo era um cantão italiano sob o protectorado da Republica Brasileira, quando o governo da Amazonia pretendeu a colonisação italiana. O governo de Umberto tratou primeiro de mandar estudar a região: com esse fim partiu a expedição Franzzoi, que chega ao Amazonas armado em verdadeiro explorador. Nada lhe esquecêra: um pintor, um jornalista e uma provisão de farinha, na previdencia de por lá escassear o pão.

Hoje a emigração italiana para o Amazonas é já consideravel. Atraz da raça foram os generos, levados por companhias tambem italianas, com carreiras regulares e frequentes. Mas assim mesmo, o governo italiano parece velar de tal forma pelos seus subditos que, ao primeiro boato d'uma epidemia de peste no Amazonas, em 99, o deputado ao congresso amazonense, major Rocha dos Santos, se apressa, achando-se por acaso em Bolonha, a desmentil-o por telegramma, que dirige a um deputado italiano.

Nós procedemos dando caça aos nossos emigrantes, arriscando-nos a perdel-os desde o embarque, porque os forçamos a partir desnacionalisados, sem um passaporte ou com elle falsificado. Porque não os protegemos, antes ?

Abandonemos a repressão da nossa emigração para o Brasil. Abramos esses portos, deixemos sair quem quizer. Só os que não couberem em Portugal, se irão á cata d'outros ventos. A nossa raça e o nosso povo não se extinguirão por isso.

Mas arranquemos da cabeça dos nossos camponios essa lendaria riqueza que elles sonharam, e mostremos-lhes como a verdadeira riqueza do Brasil jaz occulta na terra. Conduzamol-os á terra. A terra, sim, que reclama braços e pode engrandecel-os a elles e a nós.

O Brasil não repudiará a nossa emigração. Calcule-se uma media minima dos emigrantes, que actualmente possamos fornecer-lhe e velemos por elles. O momento é excellente, este em que o Brasil pensa a sério na sua agricultura e no seu povoamento.

A monocultura dispensava contingente de maior. E como era a mais rendosa essa monocultura cafeeira todo o fazendeiro se illudiu, dando balanço á sua fortuna individual pelos milhares de pés de café, que de anno para anno ia augmentando ás plantações da sua propriedade. Não se lembrava que como elle todos os demais fazendeiros pensavam e praticavam, devendo chegar o momento em que o excesso de producção cerceasse o valor do genero. Esse momento chegou: em 1898 os commissarios de Santos tinham café da safra de 96. O preço da unidade desceu, a renda bruta levou um golpe fundo, e o valor intrinseco das Fazendas de café soffreu uma depreciação violenta. D'ahi, a crise que se prolonga até nossos dias, complicada com o numerario em papel moeda, bastante amortisado já pela presidencia do sabio estadista Campos Salles.

Os estadistas e os proprios proprietarios comprehenderam, então, que se tornava forçoso e urgente fomentar outra fonte de receita, para de futuro se não verem na dependencia da baixa e da alta d'um só genero de cultura. Pensou-se assim na polycultura; isto no que diz respeito aos estados do sul. E os estados do norte colheram do exemplo o sabio aviso, merecendo o problema da polycultura ao Dr. Paes de Carvalho, illustre governador do estado do Pará, uma especial attenção, afim de não submetter á caprichosa generosidade da borracha a economia estadual, como a das outras regiões federadas estiveram e estão ainda subjugadas á do café.

Ora, se no periodo de imperio da monocultura o Brasil rogava o auxilio das outrás raças, e tinha precisão de forças productoras, que fará hoje em que se trata já d'um cultivo mais completo! Elle bem confessa essa necessidade nas vantagens que concede ao immigrante.

Nós é que ignoramos ou fingimos ignorar essas vantagens. Todas as campanhas tendentes a prejudicar o progresso da nação brasileira se teem levantado: seria curioso saber se essas campanhas são agitadas pelos que desejam afugentar a concorrência e ficar só em campo. O facto é que tudo se tem inventado. Primeiro foi o dragão da Febre Amarella, que é apenas o purgatorio de todas as gulas, desde a que torna os homens comilões, até á que os faz vassallos de Mambrinus; e é rara a victima da febre amarella que não commetteu um abuso qualquer, apresentando-se ella poucas vezes sem vir precedida d'um embaraço gastrico, a que estão arriscados todos os *jouisseurs* ou todos os ignorantes que tão correntemente crêem que a *cachaça corta a febre* ou ainda aquelles cuja vida precária ou cujos habitos não são um modelo de hygiene.

Ha tambem victimas da ambição: são aquelles que, podendo installar-se n'uma residencia salubre, se sujeitam a viver mal, para enriquecer mais depressa. O caso não é unico e eu observei-os. Mas a maior parte paga com a vida os gosos grosseiros de tina libação fartamente regada, os recursos largos do meio proporcionando-lhe a imprudencia. Com mais

uso de agua e menos abuso de cerveja, não ha que temer. A febre amarella fez-se para quem não se lava e suja o estomago com o sarro dos alcooes. Bem mais séria e mais rica no seu obituario é a *escarlatina* em Buenos-Ayres, e no emtanto ninguem faz testamento para ir á formosa capital argentina.

Depois da febre amarella, começou-se a propagandar que murchára a arvore das patacas e o *Brasil já fóra Brasil*. Tempos! Bons tempos!

Mas, como tudo isso não bastasse inventou-se como bomba final o nativismo, de que se gerou esse illusorio odio aos portuguezes.

Odio aos portuguezes! Quando e porque modos se manifestou esse odio? Na recepção hostile a alguem que se permittira hostilisal-o primeiro?—Mas toda a gente procederia assim! E, fóra d'isto, não encontramos manifestação, vestigio d'esse odio.

Vae muito recente ainda, para que esteja esquecida, a galhardia e o enthusiasmo com que o Brasil recebeu a guarnição do *Adamastor*; o centenario da India teve por todo o paiz irmão uma commemoração, que foi bem um echo da que Lisboa lhe consagrou; e, se quizermos retroceder um pouco, não temos mais que folhear a collecção da *Cidade do Rio*, de 90, lermos os artigos de Olavo Bilac defendendo-nos da affronta do ultimatum inglez, com uma violencia que nós não ultrapassámos, e que valeram a esse jornal um legitimo e estrondoso successo, com manifestações conhecidas da colonia portugueza no Rio de Janeiro. O Brasil, como nós para com elle, partilha das

nossas dôres e das nossas venturas; e é talvez o amor que o portuguez tem por essa photographia da sua patria que, exaggerado até bater-se se o offendem, o levou algum dia a intrrometer-se na sua politica e a ser repellido, recordando-se-lhe que elle era um estrangeiro.

A febre amarella aggride quem a provoca; o amor patrio do brasileiro exaspera-se apenas quando alguem ataca a sua patria. Nada mais humano e mais justo. Nós mesmos, que dentro de Portugal escrevemos e dizemos quanto defeito conhecemos ao mechanismo nacional, exasperamo-nos sempre que no estrangeiro um leve reparo, embora justo, se aponte ao nosso caracter ou aos nossos actos.

Essa lei da *naturalisação* brasileira não prova tal jacobinismo, como se quiz affirmar. Ella não desejou mais do que o meio de fixar á terra o immigrante, —portuguez ou hungaro—afim de o tornar um elemento de accumulção, isto é, um authentico factor de riqueza. Porque limitando-se o immigrante a emprestar ao paiz a sua actividade, consumindo o menos possivel e não empregando o rendimento d'esse trabalho no paiz, mas remettendo-o periodicamente para a terra natal, elle defrauda aquella em que se estabelece em parte do valor, que se ficasse empregado alli redobraría a riqueza.

Um capital importado do estrangeiro fundando uma industria, qualquer exploração financeira, torna o paiz que o importa tributario do da origem dos accionistas, uma vez que os juros e dividendos regressam perio-

dicamente para d'onde viera o capital.—Com os braços, com os productores o phenomeno é identico.

Assim a *naturalisação brasileira* tinha esse fim em vista, que ia completar-se com um regimen agricola, pelo qual, tornando-se facilmente proprietario o colono de hontem, o amor pela terra viria realisar o que a lei da naturalisação deixára enunciado. De resto, essa lei não pode deixar de ser encarada como o fructo d'uma constituição livre, onde o estrangeiro é admittido de boa fé na partilha das venturas e das lagrimas do paiz, que escolhe para se installar. Foi um meio de os prender e não um fim de os afastar.

É uma terra rica e uma terra livre.

A *Hospedaria dos Immigrantes*, gratuita e hygienica, lá está aguardando os trabalhadores que quizerem ir collaborar no progresso da futura nacionalidade.

Tudo se faculta alli ao immigrante. Chegado a Santos, se se destina a S. Paulo, para lá o transportam ainda gratuitamente e lá o espera a *Hospedaria dos Immigrantes*. É alli que um proprietario rural o vae contractar, dando-lhe casa para moradia na Fazenda e uma talhada de terreno, para elle tratar e d'onde tire o legume e os cereaes para o consumo.

Demais, a segurança da propriedade agricola e a facilidade do credito é-lhes garantida pelo *systema Torrens*, adoptado pelo governo provisorio da Republica. E os Bancos de credito agricola teem prestado e continuam a prestar um auxilio real e effectivo ao futuro da lavoura.

Nada falta, pois, a quem quizer trabalhar. Nos estados do Norte dão-se concessões de terras para lavrar e para creações de gado. Em toda a Republica a terra se offerece facil e promettedora de largos premios.

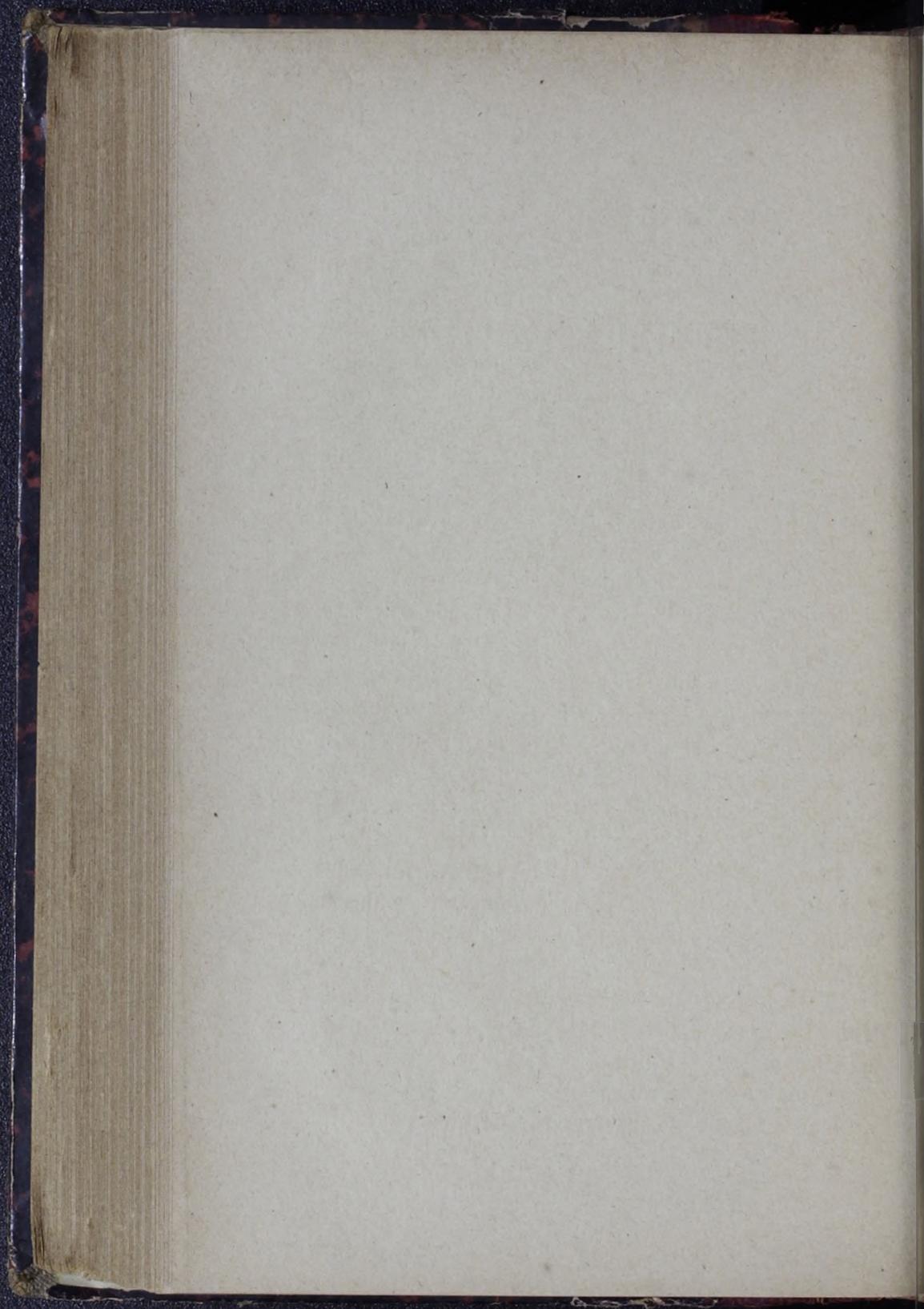
O Brasil continua inexplorado. Até agora não tem sido mais do que um filão de minas, cujo trabalho consistia apenas n'uma simples industria extractiva, desde as minas de Ouro-Preto e Diamantina até a cultura de café e ao producto extractivo da borracha, nos seringaes amazonenses.

A cultura dos cereaes balbucia apenas, quando o Brasil poderia abastecer o mundo!

Ora com os mecanismos modernos, que permitem as grandes culturas extensivas, sem grande esforço e diminuto contingente de braços, seria facil arrancar a essa terra nova um juro de 12 a 15 por cento.

Sem fallar na industria, que não é para nós, povo de agricultores, elle ahi está livre, pubere e sadio esse solo, onde um prospero futuro agricola aguarda sómente a celebração dos esponsaes d'essa terra com intrepidos e vigorosos trabalhadores, que triumpharão na vida dos seculos e na hora azul da felicidade humana.

---



## TERCEIRA PARTE

---

### O SENTIMENTO CIVICO

A ponte fôra successivamente conquistada em tres refregas, que a deixaram juncada de cadaveres brasileiros e outras tantas vezes retomada pelo inimigo.

Os paraguayos dispunham de numero e posições superiores; a fadiga invadira o acampamento brasileiro.

Decididamente era uma batalha perdida. A passagem do Itororó tinha de ficar assignalada, como um dos mais negros episodios da famosa guerra do Paraguay.

A valentia parecia ter-se exgottado; a gloria da Patria, a honra das fileiras, o brio dos guerreiros, em vão appellavam para as forças.

Attingira-se o heroismo.

E o heroismo apenas sacrára martyres.

Só um absurdo, uma allucinação, a loucura, o milagre podiam dar a victoria.

Quando já o desanimo crescia e a confusão ameaçava proclamar a debandada, o general Gurjão, com a Patria no olhar e a victoria tremulando na espada, que empunhava, sem que ninguem comprehendesse o que se ia passar, precipitou-se subitamente para a frente das tropas, atirando-lhes esta apostrophe grandiosa:

— Vejam como morre um general brasileiro!

E, sem esperar um companheiro para a morte ou para a gloria, transpoz a ponte, rojando-se sobre o inimigo.

Surgira o absurdo! a veneração de que era alvo no exercito brasileiro o general Gurjão, a communicativa fascinação d'aquelle rasgo de dementada audacia transformaram o abatimento em violencia e o enthusiasmo tornou-se uma furia, um desvairamento. A apostrophe de Gurjão echoára em todos os corações como um santo e senha da victoria. As forças cahiram em massa sobre o inimigo, n'uma carga allucinada, pondo-o em fuga, o pavilhão auri-verde flammejando n'aquelle ponto de honra, de sacrificio, de morte e de glorias, pouco antes considerado invencivel.

Estava tomada a ponte.

Foi assim que o exercito brasileiro se apossou da celebre passagem do Itororó, mas foi tambem assim que perdeu um dos seus mais destemidos e mais amados chefes. Elle o dissera:

— Vejam como morre um general brasileiro!

Entre os bravos recolhidos á ambulancia estava Gurjão gravemente ferido.

E a 17 de Janeiro de 1869, quarenta e sete dias após a tremenda acção em Humaytá, fallecia o bravo do Itororó, legando ao Pará a gloria immorredora de ter sido o seu berço.

Já a praça da Independencia ostentava a gratidão do povo paraense no bronze d'uma estatua, quando em 1894 o municipio de Belém resolveu erigir um mausoleu, onde encerrar os despojos do grande morto. N'uma manhã ardente de agosto de 98, uma parada militar em frente ao cemiterio proclamava o cumprimento d'essa divida, com um atoar de salvas, que pareciam ainda um echo d'aquella tragedia, consummada lá em baixo havia seis lustros.

Por um acto de identica temeridade, de similar demencia, salvou a Republica d'um golpe perigosissimo o Marechal Floriano.

— Decorrendo a revolta de Custodio de Mello espalhou-se certo dia a noticia de que os revoltosos iam atacar o Rio de Janeiro, bombardear a cidade, fazer fogo sobre a casaria. Parece que os subditos estrangeiros pediram aos seus representantes protecção para as suas vidas e os seus haveres. Sob este pretexto, uma deputação das esquadras estrangeiras ancoradas na bahia do Guanabára foi a palacio perguntar ao Marechal como receberia elle um desembarque das tropas estrangeiras.

Floriano Peixoto, que estava empenhado n'uma lucta civil, todas as suas tropas — e não eram mui-

tas —, occupadas em defeza da bahia, na opposição aos revoltosos, respondeu serenamente:

— Á bala!

E cruzadores de quasi todas as armadas do mundo, nem depois d'um concerto internacional ousaram oppôr a sua força bruta á energia d'um brasileiro, que respondia á affronta com uma sobrançeria. De tal forma a soube exprimir, essa sobrançeria, que ninguem duvidou de que effectivamente as suas minguidas forças militares, ao effectuar-se um desembarque das tropas estrangeiras, as recebessem cortezmente, decididamente:

— Á bala!

Não estivesse a Republica Brasileira enfraquecida por dissidencias politicas, e no seu contingente naval e terrestre não lavrasse n'esse momento o pavoroso incendio d'uma insubordinação, e o exercito e a marinha estivessem n'um apogeu britannico, que o seu Presidente não contestaria mais altivamente uma insolencia, que era no momento uma cobardia.

Comprehende-se por este episodio, tirado de entre milhares, o fanatismo que attingiu no coração brasileiro a memoria d'esse homem. Em seu preito se organisa todos os annos um cortejo civico, consagra-lhe artigos a imprensa periodica e polyanthêas de civica saudade correm profusamente; o seu retrato anda pelas paredes de muitas salas, em miniatura para alfinetes de gravata e botões de punho, o seu nome tornou-se o syllabario d'um credo.

Accusam-n'ô de ambicioso e ha quem o apode um tyranno.

Amaldiçoam-n'os uns por sanguinario, outros o acclamam como triumphador final da Republica.

De facto, toda a sua politica parece ter sido dirigida pelo exclusivo e resolutivo designio de radicalisar a constituição, que convulsões ameaçavam ainda. Durante anno e meio foi d'uma prodigiosa actividade, dormindo com um aparelho telephonic e um mostrador Morse á cabeceira, não confiando de quem quer que fosse a transmissão das suas ordens. Essa previdencia meticolosa ficou lendaria na tradição. Audiencia não a concedia a mais de duas pessoas ao mesmo tempo. O governador d'um estado, não importa qual, pergunta-lhe telegraphicamente se tal personagem politico, embora com credenciaes do governo legal, era de inteira confiança. O Marechal responde:

— Confie, desconfiando sempre.

N'este texto se resume toda a sua politica, d'elle se infere o profundo conhecimento dos homens, o que o levava tambem a fazer elle proprio a fiscalisação dos seus soldados. Á noite, vestido de calça de brim branco e casaco de alpaca, com uma badine de junco, chapéo molle, esse homem tão temido e tão odiado, lá ia n'um *bond* de Botafôgo, vigiar a guarnição, n'um periodo em que outro qualquer se faria guardar por um estadão.

Não era, talvez, um homem de Estado; deixou o erario publico compromettido, exausto. Mas quem lhe negará as rarissimas qualidades d'um extraordinario homem de acção? Se elle todas tinha! — a coragem até á temeridade e a sua actividade multiplicante.

Talvez mesmo Floriano jamais pensasse em fazer uma presidencia de homem de Estado. N'aquelle momento havia interesses mais sagrados : a consolidação da Republica. E esse ideal escurecia tudo o mais. Victimmas, sangue, fome, que importava ? São assim os grandes precursores, d'esta maneira se proclamaram todas as reivindicações humanas. Cada monumento do progresso humano tem por alicerces cadaveres, das suas arestas evolvem as victimmas pelos seculos afóra lentos ais. Obedecendo a esse ideal, todas as negras eventualidades da guerra, desde o perigo á crise, o vinham encontrar stoicamente impassivel. Um dia o ministro da Fazenda diz-lhe :

— Marechal ! nem mais um nikel no erario ! . . .

— Pois se não ha dinheiro . . . fabrica-se.

Como homem de acção foi talvez um vulto.

Todavia é cêdo de mais para o julgarmos. Vae muito perto na distancia dos tempos a memoria dos seus actos. De recente vestigio são ainda os seus dias politicos, na suprema chefia da nação. Ouvem-se muito distinctamente os rugidos de odio, que a sua intransigencia lhe acarretou ; e, os vivas estridentes dos seus apostolos perturbam o socego da imparcialidade.

O tempo que tudo amortece, abrandará idolatrias e odios, inspirando fiel e serenamente a Historia. Ella dirá se as crueldades, que lhe sobrecarregam a memoria, foram subscriptas pelo seu nome, sem d'ellas haver conhecimento, se não se praticou n'esse periodo anarchico muito facto, acobertado com o seu sello e que a sua virtude não sancionara ; ella nos dirá

emfim se na onda da justiça não foi levada, distrahida, muita innocencia.

N'esse insuspeito tribunal as paixões dos homens não empanam já a gloria, sobretudo quando ella não serve secretas ambições de dictadores ou de imperadores disfarçados em representantes das assembléas populares, como esse napoleonico golpe de 18.

Mas haja o que houver a accrescentar ou a subtrahir dos actos do Marechal de Ferro, essa resposta perdurará sempre e ella seria o bastante para lhe lançar aos pés toda a admiração d'um povo; se tudo o mais é posto em duvida como não sendo um sincero amor á constituição democratica, mas ambição d'um consul ou d'um imperador, ahi fica essa soberba apostrophe á deputação estrangeira a glorifical-o — patriota, brasileiro!

Oxalá que todo o povo pequeno, sem marinha, esphacelado, empobrecido e exausto, como o Brasil se encontrava então, tivesse sempre um ministro dos estrangeiros ou um chefe d'Estado capaz de responder aos mais fortes, que quizessem sondar o seu animo para uma violação de direitos, com essas duas palavras d'oiro, — á bala! — que as circumstancias podem tornar a inscripção d'um heroe ou d'um suicida, mas cuja intensidade nada apagará.

Parallelamente a este patriotismo d'um general do Imperio e d'um Marechal da Republica, cujos postos se equivalem e cujos corações se adaptam como duas metades d'um todo, evidencia-se no menor detalhe de vida social o civismo d'esse povo.

Ainda hontem, n'essa tremenda convulsão da França que foi o *Affaire*, que abalou o mundo inteiro, só a Portugal deixando pouco menos que indifferente, a consciencia brasileira se manifestou flagrantemente.— Representava-se anno passado, na noite de 13 de junho e no theatro Sant'Anna, do Rio de Janeiro, a *Thérèse Raquin* de E. Zola. Não foi preciso outro pretexto para que os moços das academias saudassem o nome d'esse rijo apóstolo da social justiça, que teve o poder e a coragem de remexer com a sua penna o entulho dos mais torpes interesses partidarios e de classe, para desenterrar do monturo a innocencia de um homem e a honra d'um povo.

No alto das galerias desdobrava-se um panno tricolor, em que se lia: — *Dreyfus — Viva Zola — Les Rougon Macquart*.

E, antes de subir o panno para o 1.º acto, o estudante Camerino Rocha relembrou em phrases entusiasticas a gloria lucilante d'esse nome—Zola, o mais justo dos corações, no mais inflexivel dos espiritos.

Á apothese das academias juntou-se a de todo o theatro, porque a mocidade não fizera mais do que exprimir o sentimento nacional. A juventude academica fôra apenas, mais uma vez, a fremente proclamadora da consciencia popular. Porque a imprensa brasileira foi das primeiras a protestar contra a condemnação de Dreyfus: Ruy Barbosa, com a forma purissima, que caracteriza os seus discursos e os seus artigos jornalisticos, rompeu a sagrada campanha,

vindo logo outros voluntarios alistar-se a combater por Dreyfus.

A mentalidade brasileira estava, pois, resalvada na sua dignidade e nos seus creditos de clarividente guia social.

Restava ver como se manifestaria o coração da mais amoravel das raças. Ah! da Mulher brasileira só havia a esperar um grande, unisono brado de justiça. Ella que dá aos filhos com o leite a eucharistia do patriotismo, que a nenhum acto da vida nacional é alheia, não se quedaria indifferente ante os soffrimentos d'alguem, sobretudo sendo quem soffria uma mulher, uma esposa, uma mãe. N'esse paiz do sol e de céos em faiança, pòde ainda encontrar-se mulheres, capazes da *crystallisação*, no amor. É de uma conversa com uma senhora brasileira que eu còlho esta nota, que parece arrancada a uma pagina de Beyle.

— Discutia-se no parlamento brasileiro uma lei avançada, que uma portentosa figura de homem de sciencia propunha, pugnando ardentemente pela victoria do tentador projecto. A nossa conversa decorreu naturalmente para esse assumpto, que empolgara todas as attensões e a todos interessava. M.<sup>me</sup> S. J. era contra o projecto e ás minhas razões oppoz estas: que visse quem o apresentára, quem o defendia, quem se batia por elle. E deu-me informações sobre o interesse pessoal, que provavelmente cada um dos paladinos do projecto teria em o fazer approvar. Quiz defender um d'esses defensores do projecto, especialmente pelo seu grande talento e repeti a M.<sup>me</sup>

S... essa desculpa frouxa e tola que considera apenas um quasi indissolúvel traço do talento a falta de character.

— Infelizmente, M.<sup>me</sup> S..., é tão geral esse des-equilibrio que se chega a duvidar se não é uma prova de talento a ausencia de qualidades moraes... Quasi todos os homens superiores são falhos de character...

— Alto lá! disse-me ella; meu marido tem talento e tem character.

Um povo que chega a produzir d'estas mulheres, ha-de sem duvida comprehender a grande dôr d'uma mulher, que vê uma seita de generaes e um exercito de reaccionarios roubar-lhe a honra do marido, que ella conhece e que ella sabe innocente. N'essas mulheres o heroismo de M.<sup>me</sup> Dreyfus havia de encontrar a mais inebriante sympathia.

Assim foi.

A *Gazeta de Noticias*, periodico fluminense, encarregou-se de recolher o producto d'uma subscrição, destinada a prestar uma homenagem a M.<sup>me</sup> Dreyfus. A subscrição foi larga, rapidamente coberta e M.<sup>me</sup> Figueiredo, uma graciosa dama brasileira, esposa d'um dos directores d'aquelle periodico, já entregou a M.<sup>me</sup> Dreyfus essa homenagem, realisada n'uma maravilhosa obra d'arte: um cofre, fabricado de quinze preciosas qualidades de madeira brasileira, que um só operario levou todo um longo anno a juntar, a esculpir pacientemente, artisticamente, e em cuja tampa n'um monogramma a diamantes do Brasil rebrilham

entrelaçadas essas duas iniciaes L. D. que se tornaram um symbolo d'amor.

Mas maior riqueza que o trabalhado escriptorio é o conteúdo: uma collecção de vistas photographicas do Rio de Janeiro e uma edição luxuosa do primeiro artigo em defeza de Dreyfus, publicado no Rio, no *Journal do Commercio*, e subscripto pelo nome illustre de Ruy Barbosa, a 3 de fevereiro de 1895, isto é, quando a columna dos defensores do capitão era ainda pouco basta.

Por fim o cofre fechava ainda este soneto autographo de Olavo Bilac:

A MADAME ALFRED DREYFUS

LES FEMMES DU BRÉSIL

Vous étiez seule, et vous avez vaincu l'enfer,  
Pauvre cœur inondé par un fleuve de larmes!  
Vous aimiez, vous croyiez, sans avoir d'autres armes,  
Pour amollir le roc, pour attendrir le fer.

La haine, autour de vous, grondait comme une mer.  
Chaque jour apportait de nouvelles alarmes...  
Et vous voyiez sombrer vos enfants et vos charmes,  
Et l'honneur du foyer au fond du gouffre amer.

Mais vous n'avais jamais ployé sous les désastres:  
Et, calme vous marchiez sous le regard des astres,  
En attendant du jour l'éternelle clarté.

Mère — Epouse! votre âme enorgueillit nos âmes!  
Car vous êtes l'Amour et la Maternité,  
Cœur, miroir de nos cœurs, et Femme honneur des Femmes!

Devia ser bem esta a verdadeira joia que o cofre ia encarregado de guardar e na qual se engastára todo o sentimento da Mulher Brasileira sobre todo o talento primoroso d'esse grande poeta que é Bilac.

Ora, um povo que sente assim as crises dos outros, é porque está muito habituado a soffrer as suas e o seu sangue não agouou ainda até o deixar na apathia passiva dos que estão dominados pelos caprichos de governos.

É de ver o zelo com que esse povo, tão prodigo em dar quasi de mão beijada leguas de terra fertil ao primeiro immigrante, defende um pedaço de rocha agreste, despovoada, talvez inutil, que lhe contestam.

Tal o conflicto do Brasil com a Inglaterra, por causa da ilha da Trindade. Era agora a perda da minuscula ilha que arruinava o Brasil! Provavelmente nunca pensára sequer em a aproveitar para um pharolim; não residia alli a sua força, nem a sua riqueza, é certo, mas tratava-se d'um pedaço de territorio brasileiro, um ponto do mappa do Brasil. E tanto bastou para que o Brasil a contestasse á gula do bretão, contestação que não duvidaria fazer a fogo, se a Inglaterra não tem querido abrir os olhos á evidencia da justiça.

Deixou assim o Brasil provado quanto é n'elle consciente o dever de defender o que é seu, trate-se d'uma mina de diamantes ou d'um monte de rochas.

Com essa mesma consciencia e essa mesma intransigente tenacidade procede elle na questão de limites nas Guyanas. Emquanto o snr. Rio Branco,

o illustre decano dos diplomatas brasileiros, estuda ha annos na Suissa o *dossier* d'esse conflicto, o governo tendo-se submettido á suprema decisão d'uma arbitragem, o povo brasileiro, por uma iniciativa particular, prepara-se para resistir pela força á extorsão d'um palmo, que seja, do seu territorio.

Um poderoso capitalista do norte contava-me singelamente como mantinha em permanente pé de guerra 150 homens equipados á sua custa, no ponto em que as suas terras defrontam com o territorio contestado.

— «Por alli não passam elles! a minha gente tem ordem de fazer fôgo e de declarar que me obedeceram. Quem responde por isso sou eu!...

Vinte e cinco mil habitantes do Acre recusando acceitar a naturalisação boliviana, proclamam a sua independencia, constituem-se em estado livre, remetendo notas diplomaticas a Portugal, França, Allemanha, Inglaterra, Italia, Austria, Hespanha e Suissa.

Teem ainda um sopro da romantica energia d'antigas aventuras, entre povos primevos, sãos e grandes, os poucos documentos que esse pequeno bando de patriotas atirou á face encarquilhada dos povos paralyticos. Encontram-se esses documentos no *Paiz* de 1 de março do corrente, que diz transcrevel-os do *Diario de Noticias*, de Manãos, orgão official do governo do Acre. Eis alguns d'elles:

— «OS PROTESTOS ACREANOS—*Diario de Noticias*  
—Manãos— Antes morto do que humilhado. Remetto um manifesto minucioso. O Estado Independente do

Acre foi fundado por homens livres. Não me attingem calumnias. O triumpho é certissimo e o povo brasileiro fará justiça a este *Cidadão Brasileiro* — Luiz Galvez Rodrigues de Aria.

*Diario de Noticias* — Manáos — Revolucionarios Acre sollicitam retirada tropas brasileiras auxiliando bolivianos; deixem-nos a sós com a Bolivia; brasileiros livres nunca serão bolivianos. Independencia ou morte. Viva o Estado Independente do Acre!»

E seguem as assignaturas dos onze chefes da revolução, sendo a primeira a de Galvez.

Mas, de todos esses documentos o mais curioso e o mais enthusiastico é sem duvida alguma este:

— Manifesto dos commerciantes e negociantes dos rios Acre, Xapuri e os seus affluentes ao commercio dos Estados do Pará e do Amazonas.

«Attendendo á resolução do governo brasileiro, reconhecendo á Bolivia a propriedade dos territorios que constituem este Estado e auxiliando-a com forças de mar e guerra brasileiras para occupar esta região, que nunca mais será boliviana, acceitamos e somos solidarios com a decisão do nosso governo provisorio, fechando estes rios á navegação brasileira e não exportaremos uma só pelle de borracha, emquanto as forças brasileiras, auxiliando os bolivianos, permanecerem no territorio nacional.

A borracha, que os proprietarios, negociantes e commerciantes do Acre possuem, será empregada nas trincheiras que construimos em defeza da nossa integridade.

Deixem-nos lutar com a Bolivia, retirem-se as gloriosas forças brasileiras dignas de mais alevantada empreza que a resolvida pelo governo federal do Brasil; nossos irmãos brasileiros nunca foram offendidos pelos revolucionarios do Acre, não podem por elles ser atacados.

Os interesses do commercio das praças de Belém e Manãos, nossos aviadores, acham-se garantidos; nosso fabrico para pagamento dos fornecimentos que recebemos será sempre entregue aos nossos credores.

Deixem-nos lutar, leal e francamente, com a Bolivia e todos livres e honrados continuaremos, fazendo jus ao credito e consideração que merecemos do illustre commercio d'aquellas praças.

E como assim foi accordado uananimemente e nos concederam plenos poderes, assignamos o presente manifesto, que será publicado para conhecimento e tranquillidade dos interessados.

Estado independente do Acre, 17 de dezembro de 1899.»

Este povo que annuncia empregar a sua borracha nas trincheiras construidas para a defeza da sua integridade, é bem o mesmo que responde a um cobarde desafio d'uma intervenção europêa com essa phrase — Á bala! —, já agora historica, é ainda aquelle que produz um general capaz de se dar em previsto holocausto á gloria da patria com uma arrebatante simplicidade heroica. Esse pedaço de povo, esse destemido nucleo de 25:000 habitantes, não ha duvida que pertence á raça brasileira.

Que commovente exemplo para as enfraquecidas nacionalidades, chegadas ao envilecimento d'uma tutoria estrangeira, embora indenominada, manchando a sua constellação de feitos cavalheirescos com o escarro d'uma traição a um povo igualmente pequeno, igualmente perseguido, mas bem differente no modo como sacode a sujeição!

Como se pode explicar esta tão rapida mudança n'um povo que hontem commettia heroicidades cujo segredo parece ter esquecido?... Certamente ha-de haver uma razão organica que não foi corrigida por substanciaes preceitos, capazes de provocar hoje por integra consciencia d'uma mentalidade, o que na vespera era fructo d'uma mocidade d'alma e coração e fibras.

Ora, o Brasil parece ter acreditado no aphorismo de Karr que diz que os paes servem aos filhos, para que elles se desviem dos seus erros. Porque, moço ainda, elle já transformou em voluntaria conducta o que ainda podia por muitos annos esperar do seu immaculado coração de raça nova.

Vae transposta uma grande distancia.

Gurjão, escravo do dever, da honra, do brio militar, do orgulho nacional é o patriota sentimental; na manifestação dos academicos brasileiros a Dreyfus, na encarnizada defeza da constituição republicana pelo Marechal de Ferro, sem deixar de se presentir o mesmo coração, é evidente que uma voz mais cava inspira esse patriotismo.

Tiradentes, o chefe da conspiração de Minas, preso,

confessa tudo, porque «ao seu espirito devoto repugnava a mentira.»

A 18 d'abril de 1792 proferiu a alçada o accordam, e na conformidade das leis eram condemnados á morte, enforcados, com infamia, o Tiradentes, Thomaz Antonio Gonzaga,—um dos que sonhou sempre com a Independencia—, o poeta Alvarenga, Freire d'Andrade (sobrinho de Gomes Freire) e outros, ficando-lhes infamados os filhos e netos, e confiscados os bens. A sete d'elles deviam as cabeças ser cortadas e levadas aos seus districtos, pregadas ahi em postes bem altos até que o tempo as consumisse. O Tiradentes seria além d'isso esquartejado. Por alvará da rainha D. Maria I, Tiradentes é considerado o unico cabeça e elle só condemnado á morte. Ao ouvir ler a sentença diz serenamente que estimava vir a pagar as culpas d'aquelles que havia compromettido.

E quando, no momento da execução na praça da Lampadosa, o carrasco ao vestir-lhe a alva lhe pede perdão, Tiradentes, parecendo erguer-se ainda mais no espadaudo busto, exclama :

—Oh, meu amigo! Deixe-me beijar-lhe as mãos e os pés; tambem o nosso Redemptor morreu por nós!

N'aquelle alferes de cavallaria, nem a ambição que fez d'elle um agitado, sublime aventureiro lhe arrancou essa tara catholica. Fôra a fé que o elevára até á gradação de martyr.

O Barão do Ladario cæe banhado em sangue, por tres balas, na manhã de Quinze de Novembro, em

holocausto a uma paixão politica, pela lealdade a um regimen autocrata, o que representa ainda, no melhor dos casos, uma vassalagem de coração.

Floriano aceita caladamente a condemnação dos odios, porque é já o fructo d'uma epoca philosophica, que gerára vontades.

Os resultados podem ser os mesmos, que nem sempre o são. As causas remotas são differentes.

No passado, n'esse proximo passado que pode ter uma nacionalidade recém-nata, praticava-se egualmente o heroismo, o feito de honra, o torneio de gloria, e para tudo isso bastava escutar o coração,—era o patriotismo dogmatico, sentimental, herdado.

Á hora presente, em que o cerebro disciplina os corações, seria immenso o pendão que pretendesse estampar toda a letra d'esse hymno de guerra e de paz, que desbancou as façanhas para implantar a ordem, que desterrando os bellos e raros arrebatamentos allucinatorios acclama senhor absoluto o pensamento e prefere á divisa —Pela Fé— declamatoria, romantica, vexatoria para o homem, est'outra, que é um lemma, envolvente de nobre dignidade —Pela Razão!

Morrera o patriotismo? Desbotára-se sequer?

Ao contrario: elle só fizera crescer, avivar-se transformar-se n'isto, n'este lindo credo para se ler de pé — o Civismo.

E essa evolução philosophica fel-a Augusto Conte? Ou, como quer Bruno, soffrera mais o Brasil mental a influencia do monismo hegeliano?

Eis o que pouco importa saber dentro d'esta obra, cujos restrictivos *do... da...*, no seu titulo, são um inconfundível aviso previo da sua ligeiresa. Essa duvida dar-nos-hia, como a Bruno, um substancial volume, para ao fim termos de repetir, talvez, a mesma pergunta, que seria uma rendição á mesma duvida inicial.

Houve, é o ponto capital, uma revolução social feita á custa de uma larga evolução philosophica, que envolveu a mentalidade de todo o paiz.

Thobias Barreto, Benjamim Constant e outros professam na communitate comtista e das suas cathedras propagandeiam a moderna reforma. Das vastas obras de critica e commentação passa-se ao folheto de vulgarisação, sobe-se ao cabeçalho dos periodicos e proclama-se a humana, a tentadora doutrina.

O espirito d'uma raça nova apaixonou-se pela nova philosophia, e rapidamente crescem os adeptos, espalhando-se a formula comtista com o mesmo sopro de incendio, que se ateára por todo o resto do mundo.

Adoptada e popularisada a doutrina, vae-se das formulas ao ritual; e Teixeira Mendes e Miguel de Lemos, fieis do apostolado ortodoxo de Laffite, inauguram o Templo da Humanidade, no Rio de Janeiro, guardando para elles as insignias de pontifices do novel culto.

Mas ha mais e essa é, talvez, a magna prova de quanto foi real e decisiva, na transformação mental do Brasil, a influencia positivista: o lemma do seu pavilhão — *Ordem e Progresso*.

A propria moeda, o humilde vintem de cobre lá está a confessar as leis que o cunharam, n'aquella humilde inscripção: *Vintem poupado, vintem ganho!*—E por toda a parte, nas inscripções das bibliothecas, na orientação da obra litteraria, em tudo e por tudo um grande rastro marca a aurea passagem do pontifical de Comte, por aquelles mundos.

As especulações de espirito concentraram-se n'uma conducta civica, impregnando da sua essencia a marcha inevitavel do gigante.

N'uma sociedade chegada á perfeição de cada um julgar seu direito apenas o cumprir o seu dever, toda a expressão da mentalidade se affirma fatalmente, concorrendo como outros membros d'uma equação para o termo final—o progresso.

Assim o poeta reclama auctorisadamente a attenção, entre nós só dada a prégadores catholicos; o romanista governa e o papel da Imprensa, sobre não ser servil e dependente é beneficamente superior, guia, propheta, marechal de campo e padroeiro.

Essa independencia confirma-se no respeito de que gosam dentro d'uma redacção os collaboradores, não sendo raro vêr no mesmo jornal dois companheiros de trabalho batendo-se n'uma franca pendencia intellectual. Não vae muito longe que Arthur Azevedo e Oscar Guanabario travaram dentro das columnas do *Paiz*—que se honra de ter os dois por collaboradores—, uma verdadeira polemica, a proposito de escolas musicaes.

E, em dois annos já de collaboração para a mesma

folha, eu nunca soffri o desprazer de ver alterado um dos meus humildes periodos, de me inutilisarem umas linhas, de me eliminarem o que quer que fosse. É de justiça registrar que isto não é regalia exclusiva dos collaboradores de *O Paiz*, mas uma característica de toda a imprensa brasileira. O snr. Ramalho Ortigão achou-se no grato dever de agradecer á direcção da *Gazeta de Noticias*, no prefacio da *Hollanda*, a inteira liberdade de espirito que sempre lhe concederam, durante os largos annos da sua sensacional collaboração.

Varias são as razões e dignas de narrar-se, para saber-se de que modo a imprensa d'um paiz, cuja primeira typographia foi queimada por ordem da metropole, consegue attingir essa suprema virtude da nobre emancipação mental.

Primeiro o anonymato é, por antipatico, reduzido á expressão mais simples, quasi todas as secções creadas por um jornal sendo conhecidas pelo publico e mesmo que subscriptas por pseudonymos, estes tambem popularmente familiares aos leitores, até cahirem as viseiras de lassas que vão tornando-se as fivellas.

Depois, o corpo redactorial não é recrutado na miseria dos *déclassés*, nem pago pobremente, miseravelmente pelas secretarias de Estado, como o de qualquer orgão ministerial da capital portugueza. De profissão ou transitoriamente, como subsidio a outra qualquer carreira incipiente, os jornalistas são em geral homens formados ou estudantes de medicina e de direito. O proprio quadro da revisão preenchem-n'o intelligentes

e illustrados academicos, que teem a felicidade de não descansar no parasitismo da contraprudecete me-zada. Todo o mundo lucha, trabalha, vive com honra, isto é, com independencia moral e mental.

Quando uma imprensa é servida por escriptores e não por funcionarios publicos, as suas largas edições disputadas pelo publico e não subvencionadas pelas verbas secretas da policia, do governo civil ou dos ministerios, essa imprensa representa effectivamente uma voz, uma ideia, uma força. A direcção da folha dispõe do mais completo segredo da divisão do trabalho, que é entre elles perfeita e de optimos e visiveis resultados.

Tudo obedece a um regimento infringivel. Cada collaborador tem a seu cargo uma secção, segundo a sua especialidade no *metier*, porque se tiver de tratar-se uma questão que pertença por sua vez a uma sciencia ou a uma arte especiaes, então chamam-se sabios e artistas, a subsidiarem com o seu talento particular a auctoridade da folha.

Desconhe-se essa accumulção de funcções, que arvora o noticiarista em redactor politico, o reporter em critico d'arte.

Basta percorrer a installação d'um d'esses periodicos fluminenses, que occupam, como o do *Paiz*, tres largos predios, para se adivinhar a ordem, o methodo que reina n'essas casas. Alli tudo tem o seu posto, o seu logar, a sua secção, os seus direitos e os seus deveres.

Ha o redactor politico que nada mais faz que o

artigo de fundo, embora se passem dois, tres e quatro dias sem um facto importante, que dê um assumpto e elle tenha umas ferias eventuaes, descontadas amanhã onerosamente se alguma convulsão acommetter essa hysterica que é a politica. A traducção de telegrammas, cujo serviço é abundante nos jornaes brasileiros : duas e tres columnas entre nacional e estrangeiro, constitue o exclusivo trabalho de um ou dois individuos. Um grupo de noticiaristas limitam por ahi a sua pesada e ingloria tarefa. O critico theatral, o critico musical, o critico litterario, o critico d'arte são entidades distinctas. E em pelotões diurnos e nocturnos rendem-se os reporters.

Isto sem fallar na collaboração extraordinaria dos escriptores nacionaes consagrados, que aportam, fluctuantes, hoje àquelle com um rodapé, amanhã a outro com uma chronica, prestando fraternalmente o brilho vivo da sua penna, sem o odioso monopolio e a affrontosa grilheta a um diario que exigisse a *fidelidade* por uma miseravel mensalidade. Muitos ha, Bilac, Coelho Netto, Arthur Azevedo, Luiz Murat e Machado d'Assis por exemplo, que fazem em dias certos da semana o numero de sensação dos saraus de gala das primeiras paginas dos grandes jornaes. Elles são por assim dizer as vinhêtas, que vão de mão em mão, hoje na *Gazeta*, amanhã no *Paiz* ou na *Noticia*, acompanhar com o decorativo dos seus nomes e da sua scintillação de chronistas, as largas edições da imprensa brasileira.

A accrescentar ainda os correspondentes da Eu-

ropa, em Paris, em Lisboa, em Milão, em Londres, em Berlim e collaboradores afamados como *Max Nordau*, que a *Gazeta de Noticias* se dá ao luxo de pagar, como tantos annos teve tambem o privilegio no Brasil das chronicas do sr. Eça de Queiroz e do sr. Ramalho Ortigão. Não fôra a crise que ainda está soffrendo a imprensa brasileira, resultante da crise geral do paiz e do encarecimento do material typographico, e nós continuaríamos a vel-a recrutar os mais gloriosos dos nossos escriptores. Se assim não fosse, o *Jornal do Commercio* não se limitaria de certo á collaboração portugueza da snr.<sup>a</sup> D. Maria Amalia, e outros, que já d'isso se poderam ufanar, não prescindiriam d'essa aguia imperial, que é Fialho d'Almeida, sem duvida um dos maiores escriptores que teem tido terras de Portugal.

Ora, d'esta divisão de trabalho, perfeita e rigorosa, resulta que o artigo de fundo não entra na composição tarde e a más horas, porque cada um tendo a seu cargo um só genero de trabalho se despenha, com tanta promptidão como esmero.

Esse escrupulo reside em todos os membros da redacção, não importa qual seja a sua categoria. E ai d'aquelle que se desmandar! No *Commercio de S. Paulo* appareceu uma manhã o secretario da folha, furioso com os «senhores revisores» porque lhe tinham deixado passar duas gralhas.

—Duas gralhas! Logo duas, maldicção!... Multados em dois mil réis.

Estão ainda aqui no ouvido os berros do Jovino

Ayres, quando redactor-secretario de *O Paiz*, excomungando o paginador que lhe alterára a ordem d'uma columna ou tornando responsavel do alto delicto o reporter que deixára escapar uma noticia, dando assim aos collegas o supremo triumpho d'um *furo*, que faz o sonho de todo o informador de periodico brasileiro.

Pois o Brasil já vae tendo nas suas gazetas discipulos da reportagem americana!

. Conta-se de Paula Ney — que esteve para ser tudo, medico, jornalista, orador, politico, etc., não chegando com effectividade a ser nada mais que um genial humorista, cuja memoria se ficou em grande parte delida nas vigalias da sua radical bohémia —, successos de alta reportagem politica, que a serem verdadeiros, são de facto assombrosos.

Este, por exemplo: tratava-se de certa questão grave, sobre cuja solução ninguem tivera noticia, no dia em que se esperava.

— Só se fosse o *Jornal* que houvesse recebido telegramma... lembrou alguém.

Ney enfia pelas officinas do *Jornal do Commercio* dentro, vae direito ao chefe e pede-lhe vinte mil reis emprestados.

— Que não tinha alli... protestava a dita pessoa. E, enquanto ouvia as desculpas, Ney ia esquadrihando os graneis, pensando comsigo: telegramma d'esta importancia deve ser dos primeiros a compôr-se... em normando grosso... impando de entrelinhas...

— Que era preciso ir metter um vale...

—Pois que fosse, elle tinha mesmo precisão n'aquella noite... E dava em passeiar, simulando agitação. (*Áparte, olhando um granel.*)—Deve ser este ladrão, reluzente de tinta, que parece já ter levado rôlo soffrego).—Podia ir descansado!... Elle não arredaria pé entretanto.

Logo que se apanhou só, Paula Ney tirou o lenço, dobrou-o, leu as primeiras linhas do pedaço de composição envernizada pelo rôlo, e, sem perda d'um instante, pousou-lhe o lenço alisado, comprimindo-o com o braço.

Se tal facto não aconteceu, o engenho e a audacia tradicionaes de Ney tornam-o tão verosimil, que não admira terem-ll'ô endossado. Demais, não era o primeiro lance espirituoso, de que sairia triumphante. Eram bem conhecidas as suas partidas de *wisht* em casa d'um homem politico, durante as quaes as mesmas phrases ao jogo lhe davam ensejo a trocar com o politico ditos de espirito, cujas respostas a observação lucida e repentista de Ney trespassava de psychologia, apurando das meias palavras do parceiro a informação que desejava.

N'outro genero, Juvenal Pacheco conta na sua vida de reporter engraçadissimas *trouvailles*, como esta: perpetrara-se em S. Paulo o assassinato de uma senhora, cujos auctores ficaram sempre occultos no mais denso mysterio, passando-se todo o crime em condições de singular rocambolesmo.

A auctoridade postára sentinellas á porta do predio, onde fôra commettido o crime, dando ordens

terminantes para que ninguém entrasse. Os reporters tentaram romper, allegando a sua identidade, invocando razões, direitos, usos, privilegios, mas os soldados permaneceram inflexivelmente obedientes ás ordens do delegado de policia.

Juvenal Pacheco foi dos ultimos a chegar ao logar; e procurando indagar primeiro dos collegas o que havia, soube então que elles ainda não tinham podido penetrar no predio. Riu, troçou os camaradas e caprichoso, como bom paulista, fechou uma aposta, que elle ganharia se lograsse transpor aquella columna de dragões.

Cahia um d'esses serenos, em que as noites paulistas são tão ricas. Juvenal ergueu a gola do sobretudo, derrubou o chapéo de côco sobre a testa, espetou ao alto n'uma das algibeiras do agazalho, a bengala, fincou as lunetas e, retrocedendo, rompeu pela multidão, como se acabasse de chegar ao local, rasgando ás cotoveladas o poviléo e ao mesmo tempo gritando ás sentinellas:

— «Ó seus guardas! Ó seus guardas! Então não ouviram as ordens do senhor delegado? afastem já essa gente, vá!»

E, enquanto os soldados faziam recuar o povo ainda mais, tremendo de não terem talvez cumprido as ordens do senhor delegado, o sujeito de sobretudo claro, sempre com a bengala empunhada na algibeira, como um bastão de alcaide-maior, sumia-se no predio, o que valeu a Juvenal trazer d'alli alicerces inda tinctos de sangue, para a reconstrucção do crime, que foi talvez o primeiro que elle teve de noticiar des-

acompanhado d'um historico, que é capaz de levar até á quinta geração da victima.

Infelizmente, a cruel verdade é que os brasileiros estão em materia de publicidade muito mais adeantados do que nós ; desde o pessoal ao material typographico a sua imprensa acha-se modernamente fundada. Raro é o jornal que não introduziu ainda a stereotypia ; são vulgarissimas as machinas rotativas, e alguns como a *Noticia* apparecem quotidianamente em papel cor de rosa, como se fossem para umas bôdas ou quizessem commemorar alguma dacta, com uma edição especial. O que elles teem sobretudo de invejavel, esses periodicos fluminenses, é a ordem que preside a todas as secções ; quer se entre na administração, quer se penetre no gabinete do gerente, quer se espreite para o escriptorio do guarda-livros, quer se perscrute as officinas, aquella ordem encontra-se uniformemente implantada em todas as dependencias do jornal, attingindo a disciplina.

Pode-se ir de dia ou de noite á redacção d'um jornal, que encontraremos sempre pessoa competente a quem nos dirigirmos.

Na redacção de *O Paiz*, ao meio-dia chega o secretario da redacção, que abanca immediatamente, para a leitura da collaboração,—porque nada se publica, nada se compõe sem o seu lazzuli timbrar o original com um grande **V**—, para as conferencias com o publico, que procura a folha e os seus redactores como a um director espiritual, para ir distribuindo aos noticiaristas as primeiras informações dos reporters, que

segundo resa o regimento devem comparecer ás dez da manhan na redacção, e de lá se destacarem. Até ás 6 horas da tarde, esse homem lê, escreve, recebe gente, transmite ordens, parlamenta com o director das officinas, acolhe reclamações, registra informações politicas ainda por propalar, interrompendo-se apenas um momento á 1 hora da tarde, em que se serve o café. E ás 8 da noite já lá está de novo abancado, para não tornar a sair senão á 1 hora da manhã. Alli se recebem todas as pessoas, quer vão reclamar contra algum ramo do serviço publico ou queiram rogar a interferencia do *Paiz* para qualquer desgraça pessoal. É subir ao primeiro andar, a porta á direita está sempre aberta e a redacção franqueada aos interesses do publico. E tal é a affluencia diaria a essa redacção, que o visitante nota-a logo ao dar com os olhos n'uns letreiros pregados nas paredes, redigidos n'estes termos:

«À SALA DA REDACÇÃO É LOGAR DE TRABALHO.

AS CONVERSAS PROLONGADAS PREJUDIÇAM O SERVIÇO DOS REDACTORES.

SEJAM BREVES, PEDIMOS A TODOS».

Além d'este secretario de redacção, quasi perpetuo, descerrando aquelle farto reposteiro de velludo *grenat* encontrareis á esquerda Quintino Bocayuva ou Eduardo de Salamonde, senão os dois, n'um amplo salão, murado a estantes de livros preciosos, n'um como symbolico desafio da Sabedoria á Força, que se lhe

defronta accumulada n'aquella panoplia de sabres, de garruchas, de facas de matto, de espingardas e clavinotes, parecendo inclinar-se deante d'aquella secretaria no logar de honra como se estivessem já a saudar um chefe de Nação, com toda uma continencia de punhos pregueados e baionetas lampejantes.

Pelas cinco horas, se entrades n'esse salão, tereis a impressão d'uma camara cuja sessão foi interrompida por quinze minutos: senadores, deputados, officiaes do exercito e da armada, diplomatas espalham-se em grupos, entaipando a secretaria de Salamonde, que escreve conversando, outros encostados ás saccadas, uns tantos cercando Rodolpho d'Abreu e todos os que podem coroando n'um circulo de admiração e de preito a figura espiritual d'esse temperamento de raça, que é Quintino Bocayuva.

Se outra ordem de assumptos vos levam ao *Paiz*, então retrocedei que lá ireis encontrar no seu artistico refugio, todo decorado a photographias e telas, a affabilidade corporisada na pessoa do mais attrahente dos cavalheiros, esse fidaigo Belarmino Carneiro, o redactor-gerente, que tanto pode ser um pernambucano como um europeu.

Mas desejando fallar ao coronel Manoel Cotta, não vos deis ao trabalho de o procurar, porque é tão pouco facil saber onde está, como difficil não o encontrar em qualquer sala que entreis; Cotta circula incessantemente, parecendo a nada prestar attenção e dando fé de tudo, tão depressa fechado n'um gabinete a estudar um negocio como deante de vós, na mais gau-

leza das alegrias, embrenhado na politica do jornal e logo a tombos com o caixa e d'ahi a pouco informando-se d'um acontecimento, pelo telephone, para voltar junto de vós fallar-vos n'um livro ou n'uma peça de theatro.

Entra-se para fugir ao barulho da Rua do Ouvidor e sae-se d'alli com febre, tal o ambiente de trabalho, de politica, de agitação que ha em todos.

É o typo do jornal brasileiro. Trazendo uma energia inicial consideravel, que lhe imprimiu a sabbia direcção do conde de Mattosinhos, seu fundador, o *Paiz* tem resistido a todas as procellas, n'uma linha inflexivel de conducta civica. Á sua porta vae bater a Alma Nacional para lhe glosar as trovas da endiabrada Folia popular, como para o envolver no halo do seu desespero e do seu lucto.

D'ella pode dizer-se, da imprensa brasileira em geral, que representa a opinião publica, porque a governa, porque é ella quem a forma, ao contrario da imprensa d'outros paizes, em que o jornalista anda a apalpar a opinião para a lisonjear, modelando por ella a orientação da sua folha. A mais insignificante noticia tem um grande poder sobre o espirito d'aquelle publico.

Uma serie de artigos n'um jornal brasileiro vale um bombardeamento de canhões.

A essa independencia, que caracteriza toda a imprensa brasileira e que marulha em todo o movimento circulatorio do organismo nacional, se deve ir buscar a causa dos continuos debates, que no seu seio se ferem, ás vezes n'um tom tão violento, tão

azêdo. Ah! feliz do povo, cuja imprensa não é um hosanna ao coração do chefe de Estado, ou uma mazeria de apotheoses a equivalentes partidarismos, que tanto podem ter um nome, como um numero! Lá não são os partidos que formam os jornaes, mas sim os jornaes que fundam os partidos hoje, e que os dissolverão amanhã se o civismo lh'o impuzer.

As questões debatem-se á luz do sol; as consciencias desvendam-se sem susto.

Escrever no Brasil, sobretudo escrever em jornaes, é na maior amplitude do termo — combater. Porque o homem que hoje maneja uma penna, não está livre de amanhã ser obrigado a brandir uma garrucha. Foi assim que José do Patrocínio se defendeu muitas vezes d'aquelles que, não o podendo vencer, o tentaram supprimir. E esse homem que tudo tentou, tudo soffreu, tudo soube soffrer.

Batia-se diariamente na imprensa pelo abolicionismo e diariamente era injuriado. Interminas noites andou pelo matto dando fuga a escravos, que acoitava e collocava em terras distantes d'aquellas d'onde haviam fugido, chegando a esmolar em plena rua para o resgate d'alguns, que eram apanhados pelos «caçadores de matto». Foi n'essas expedições pelo Interior, nas quaes elle ia antecipadamente realisando o que a sua penna reclamava da sociedade e do throno, que elle correu serio risco, muitas vezes.

Mas, quando Patrocínio ascende verdadeiramente á consubstanciação d'um espirito é ao responder ás injurias :

—Pugno pelos meus. Sou negro e quero vêr os negros libertados.

Envergonhasse-se este homem do seu nascimento, não fôsse elle coherente no impeto com que trabalhava pela cruzada da abolição e antes de ser assignada a lei aurea elle haveria cahido abaixo do seu pedestal, reduzido a cacos. Assim, esse negro ficou para todo o sempre com o seu nome e a sua effigie d'uma brancura immaculada, essa brancura que vem dos corações espiritalisados pelo Bem e pela Justiça.

Certo que elle não foi o unico campeador da abolição! Revoltas sociaes nunca as fez sósinho o seu heroe; nem um homem podia chegar aos pulsos de uma raça — oxalá! — e com as mãos quebrar-lhe as algemas, abrir-lhe as gargalheiras com a mesma facilidade que se desata um nagalho. Accumulação de todos esses infinitamente pequenos dos sacrificios anonymos, das vontades humildes, dos innarraveis esforços, da propria platonica adhesão dos fracos, das heroicas proezas aos recantos, eis o que foi esta — o que são todas as flechas da grande parabola humana.

«O emancipacionismo tem já os cabellos brancos, exclama Sylvio Romero.»

«Não foi S. Alteza a Regente, como dizem os monarchistas; não foi o sr. João Alfredo, como dizem os pretendentes; não foi o sr. Joaquim Nabuco, como dizem os liberaes; não foi o sr. José do Patrocinio, como dizem os democratas; não foi o sr. Dantas, como dizem os despeitados...»

Obra do povo, patrimonio da collectiva gloria, sim.

Mas, porque, d'entre todo esse pantheon de grandes nomes, desde o satyrico Gregorio de Mattos, patriarcha do abolicionismo até Antonio Bento, encontrando com uma conservação de embalsamamento a fama de José Bonifacio, Castro Alves, Rebouças, Andrade Figueira, Silva Jardim, Nabuco, Ruy Barbosa, e tantos outros, porque é que a alma nacional iria justamente ajoelhar a sua apothetica gratidão deante de José do Patrocinio?

Talvez que elle puzesse na partida mais coração que qualquer outro, que o seu sangue o fizesse o légal Precursor do movimento. Com effeito, o dia Treze de Maio representa para José do Patrocinio a sua aclamação.

Esse trajecto do Palacio á redacção da *Cidade do Rio!* Falton-lhe morrer suffocado no abraço da massa popular. Quando pôde libertar-se da multidão, hiante de jubilo, enfebreçada, doida, e que subiu as escadas do jornal, esgargalado, sem collarinho, sem chapéo, a sua tez envernizada reluzindo, em cima esperava-o gente, os companheiros das duras horas de trabalho e uma verdadeira casa civil de admiradores.

Ao abraçal-o uma mulher, escriptora, disse-lhe:

— Patrocinio! Mata-te.

De facto, que lhe podia reservar a vida de mais compensador, que outras, que mais authenticas glorias seriam os homens capazes de conquistar, que vallessem aquella sua?!

E, n'esse dia em que se podia ter sentado no throno, dia em que o seu prestigio fôra ainda bas-

tante para reflectir uma resplandecencia de magnanimidade sobre a regencia da Princeza Imperial, esse homem que tinha exgottado todas as heroicidades, percorrido todos os caminhos do perigo, folheado o evangelho do sacrificio, e que era d'uma só vez martyr, heroe e santo, alli estava sem um real de seu, no dia da sua coroação.

Coelho Netto, que então secretareava a *Cidade do Rio*, ficára encarregado de arranjar dinheiro. Ao chegar debaixo da janella da redacção, Patrocínio, ainda preso nos braços da multidão, interroga-o com um gesto de cabeça. Netto, debruçado sobre a taboleta da folha, dobrou e abriu quatro vezes os dedos da dextra. Patrocínio contou ao luaréu do seu olhar e, chegando acima, mal que pôde fallar:

—Netto! deixa ver os vinte contos.

—Que vinte contos, seu Patrocínio? A gloria subiu-te á cabeça!...

—Pois tu não fizeste signal?... assim... quatro vezes?... cinco, dez, quinze, vinte; vinte contos!

—Qual o quê! Quatrocentos mil réis...

Assim, aquelle homem, que batêra o matto pelas noites negras roubando escravos, que vestira a muitos para os disfarçar depressa em serviçaes e melhor os furtar ás pesquisas da policia escravocrata, que do seu bolso — quantos vinte contos! — tirára muita carta d'alforria, não tinha bem com que pagar o champagne nos festejos do seu reinado!

N'esse traço, que nada o amesquinha, vae toda a vida de bohemio desinteresse, cuja pobreza não

lhe suffocou a independencia para os soberbos rasgos de revolta contra um systema. Occupado em dar aos seus irmãos de sangue a egualdade e á sua patria todas as credenciaes d'um povo livre, esqueceu-se de que era pobre, andando a enriquecer os outros de gloria e de felicidade. Lembra Rousseau desprezando as recompensas regias e esmolando, com consciante dignidade, o pão da velhice.

Que importava! se esse dia de gloria fôra a recompensa de todos os seus sacrificios, a abnegação inteira descontada no oiro de lei da estridente apothese. Senhoras entravam pela redacção dentro, querendo depôr as joias, dinheiro; de toda a parte corriam abraços; n'esse dia, Patrocínio não pisou talvez uma pedra das ruas do Rio de Janeiro, porque a multidão carregava-o ao collo, ás costas, quereria deitar-se nas calçadas para que elle passasse por cima dos corações agradecidos. A populaça de Roma não faria manifestação mais imponente a um dos seus triumphadores, não receberia melhor um Cezar. Foi um dia de gloria, como poucos tem amanhecido no mundo! Com um dia d'esses na vida, um homem deve ter a consciencia do que vale e quando isso é assim, nada ha que o derrube.

Outro qualquer, aos ataques, aos odios que elle tem supportado como resultante logica da sua vida activa de combate, já teria sossobrado. Mas se muitos o queressem ver morto a uma esquina, não lhe falta, e estes devem ser mais, quem dê a vida por elle. Porque, ninguem como esse homem tem o segredo de

crear dedicações, mas dedicações completas, incondicionaes, de cão. Dispõe d'um poder de seducção raro, de bruxo, diabolico. Creatura a quem elle falle pertence-lhe; parece mesmo saborear o prazer infernal de dobrar aos seus pés aquelles que o detestam, que o odeiam, que o não podem ver.

Durante a presidencia de Floriano, Patrocínio apresentou-se candidato ao congresso, pelo Rio de Janeiro. Uma das conferencias, que realiso para defender a sua candidatura, foi cá em baixò no centro da cidade, no theatro Lucinda. Da porta aos camarotes, havia militares, officiaes da guarda-nacional, florianistas até ao fanatismo. O militarismo odiava Patrocínio. Á primeira palavra que elle arriscasse contra Floriano, qualquer d'aquelles militares seria capaz de o enforcar com as bandas de sêda. Dizia-se mesmo cá fôra antes da conferencia, que o Patrocínio não saia d'alli vivo.

Patrocínio começou a fallar, a principio, o primeiro quarto de hora, mal, torturado, a associação de idéas difficil, a voz pouco segura; o seu bambolear de braços estendidos, como para dar impulso ao pensamento, ficando-se nas pontas dos pés, para crescer, tornavam-n'ò *gauche*, sem elegancia, partindo para uma derrota. Mas passado esse primeiro quarto de hora, ah! . . começa a sentir-se na sala um borborinho, o orador agora é uma torrente de astros, despenhando-se sobre o auditorio deslumbrado. Já não é o mesmo! Aquelle negro com uma barbicha rala passada em collar tem agora qualquer coisa de sobrenatural, de

fascinador no seu dominio, porque elle tudo diz, tudo, e os que pouco antes o matariam, por um leve assomo de protesto contra o Marechal, escutam-lhe, consentem-lhe, magnetisados, o mais formidavel ataque que tem sido feito a Floriano!

Tambem, mal terminou, ninguem mais viu Patrocínio; porque dez minutos depois, o tempo sufficiente para aquella gente acordar, elle desapareceria estilhaçado por uma explosão de odios, varado de balas.

—Logo depois do Treze de Maio, quando elle chëga a Paris, o *Figaro*, além de lhe dedicar um artigo em que disse coisas que decerto nunca disse de mais ninguem, offereceu-lhe um banquete, onde a arte e a litteratura francezas estavam representadas pelos primeiros brazões; pois, Patrocínio, que fallando embora muito bem o francez não é todavia n'essa lingua que a sua imaginativa ardente lhe compõe os discursos, teve o poder de arrebatat, de levantar comsigo uma mesa de escriptores, de jornalistas e d'artistas francezes.

Na conversa, que elle povôa de magicos espectros cheios de côr, elle prende uma, duas, tres horas, o tempo que quizer fazer-se adorar, ouvir chamar-se genio, semi-deus. Esse paladino da abolição, não contente em libertar os negros, passa a vida a vingal-os tornando os brancos seus escravos.

Esse poder de sedução vae ainda projectar-se nos seus artigos. Não sei de jornalista que se lhe possa comparar! Antonio Ennes com o despotismo da sua logica,

associando bem, tem um ou outro periodo scintillante apenas, raramente um artigo todo; os artigos de Emygdio Navarro, quasi todos bons — por isso mesmo tão ruins!... — não são todavia bellos. João Chagas alguns teve na *Marselheza* valendo pelos do jornalista brasileiro, mas era talvez demasiada a sua mocidade. Os artigos de Patrocínio são sempre bellos! ninguem os escreve melhor.

Quem visse chegar aquelle homem ás 11 da noite á redacção, após um jantar lauto, sobre os espumantes e os licorosos, fechar-se n'um cubiculo roubado a um corredor e, á luz d'uma vella escorchada no bocal d'uma garrafa de cerveja, ir mandando tira a tira para a typographia, confessaria não suppor que fossem assim escriptos esses ruidosos artigos.

Na sua ultima phase, a chegada do snr. Thomaz Ribeiro ao Brasil deu-lhe assumpto para um prodigioso artigo *Cilada do Bugre*, que obrigou o representante portuguez a ir em pessoa agradecer-lh'o. O Bugre caça atirando milho, chamando a presa; e depois de a ter perto, mata-a; o Brasil aceita o snr. Thomaz Ribeiro como ministro plenipotenciario de Portugal, deixa-o chegar, pôr o pé em terra e... e o paralelo seguia.

E, como sempre, elle foi grande, foi arrebatador, commoveu, feriu e consolou!

Mas, por muito brilhante, a figura de José do Patrocínio não é unica na galeria da imprensa brasileira. Como elle, quantos outros igualmente scintillantes, donos de pamphletos nas primeiras columnas

dos diários, oradores também e que da mesma forma andaram pelos brejos e pelos mórros desafiando a morte, com a serenidade dos missionários da Ideia!

Quintino Bocayuva é, sem contestação, um dos primeiros. Republicano histórico, dos da velha guarda, d'aquelles cuja vida é a prehistoria da actual constituição, Quintino allia ao fogoso poder d'um jornalista de combate, a calma envergadura d'um homem de estado.

D'um corpo fransino, — que lembra muito o de Rodrigues de Freitas —, occupando o espaço bastante para uns nervos de aço, alcançando uma estatura alta graças a essa mesma magresa, surge, sustentada por um pescoço imperial, uma cabeça radiosa, cujos cabellos finos, ás ondas meias-brancas, escorregam fatigados de lhe alcançar a fronte immensa, apenas alguns logrando vir cair de braços, em aneis, nas temporas; e, apesar do seu rosto munifeito, os olhos d'um negro oxidado, os labios e os sulcos vigorosos nascendo do nariz proclamam-lhe a energia de ferro.

Nervoso, está, porém, longe de ser um impulsivo; esse mesmo excesso de força nervosa empresta-lhe uma serenidade, que a sua educação mental certamente acabou por methodizar, conseguindo transformar-se n'um homem calmo, sempre egual, sem expansões e sem abatimentos. Falla como anda, como move um braço ou torce o pescoço: lentamente, resolutamente. Tem qualquer coisa d'essa subjectiva belleza espiritual, que torna imponentes e decorativas certas figuras, onde a formosura physica não se de-

morou. O seu olhar penetrante, agudo, embora tranquillo, a movimentação physionomica são quem lhe dá a ossatura um pouco rude da mascara, luz e expressão e vida.

A sua palavra rythmica funde-se harmonicamente na mesma sobriedade do gesto, d'uma esculptura classica.

Por isso mesmo, uma palavra, um gesto, um passo que esse homem dê é um facto indestructivel.

O conde de Mattosinhos, que o viu trabalhar nas horas mais difficeis, narra com um poder de revivencia a calma d'esse temperamento perante os momentos agudos, fazendo da singeleza d'um esboço o retrato de Quintino em tamanho natural.

— Certa noite elle chegara á redacção, perguntando se ainda havia espaço para um artigo, «de forma que não prejudicasse»; era um longo artigo, mensagem, representação, qualquer trabalho assim extenso e de responsabilidade. E, como de costume, sentou-se, puxou da tesoirinha, tratou das mãos ducaes, mirou-as, vincou as meias-luas das unhas caneladas, mudou a penna, n'essa como *toilette* do trabalho, que era seu habito, com uma fleugma que nem que fossem duas da tarde e o esperasse, não todo um immenso trabalho, mas a simples revisão d'um artigo.

Por fim, eil-o que ageita os linguados, que começa, escrevendo vagarosamente, d'um jacto, sem descançar a penna. Ao fim de tres horas, ergueu-se, perguntando:

—O snr. Reis faz-me o favor de se encarregar das provas?...

Em cinco columnas do *Paiz* aquelle homem não receava um engano, uma omissão, prescindia do retoque nas provas.

D'outra vez, escrevendo elle no mesmo salão, onde hoje não se entra sem uma leve commoção ao deparar com a sua figura encaixilhada severamente n'uma sobrecasaca preta, uma pedra entrou pela vidraça aberta, indo rolar no chão e esfarelar no meio do assoalho uma pouca de terra, que trouxera agarrada. Elle olhou, sem dizer uma palavra, tornou a poisar a penna no papel .. e proseguiu.

Passados breves instantes, outra pedra enfiou pela sala dentro, mas d'esta feita cahindo-lhe em cima da banca ; Quintino voltou-se para o conde de Mattosinhos dizendo-lhe entre um sorriso:

— Esta foi jogada com mão mais certa!...

E, sacudindo uns grãos de terra, que saltaram para a tira de papel, recahiu no trabalho.

— Como tivesse sua esposa muito mal, um dos filhos entrou na redacção offegante a levar-lhe a noticia da morte. Olhou-o, calado, um instante, terminando por dizer-lhe sem a mais pequena alteração visivel:

— Vá para casa... eu já lá vou.

Concluiu o artigo, dobrou-o e levou-o á mesa de Mattosinhos, que,— costumando estar sempre por alli emquanto elle escrevia, sem jámais se ter habituado a achar indifferente aquelle intransigente mutismo de

Quintino,— ouvira a funebre noticia sem se intrometer.

Por unica resposta ás expressões de pezar e offerecimento de prestimos, Quintino agradeceu com um aperto de mão, saindo no passo costumado.

Permaneceu assim calmo, sem uma lagrima, uma queixa, até lhe levarem o corpo da companhia para o cemiterio.

No dia seguinte cahia doente; e oito dias uma febre não o deixou levantar da cama.

— Murat pintou-me um episodio, que é outra prova da nobre placidez nervosa de Quintino, desenrolado durante um comicio do *Polytheama*, ainda nos tempos da propaganda republicana.

No theatro, repleto, certos vultos, que as policias reaccionarias costumam assalariar para provocar a desordem, onde a disciplina mental e a representação civica da justiça e da liberdade vae proclamar a ordem.

Quintino Bocayuva começa discursando:

— Meus concidadãos!...

Uma detonação cortou a sala. Fez-se um silencio; Quintino esperou, e, como tudo permanecesse sereno como elle, recomeçou:

— Meus concidadãos!...

Ouviu-se outra detonação, sem que a bala ainda d'esta vez attingisse alguém. Novo silencio, nova pausa, que a sala respeitou com menos paciencia, um pouco inquieta, fervendo já. O orador deu tempo a que a aggressão se apresentasse franca ou que tudo

se acalmasse, para fallar; e já proseguia, repetindo pela terceira vez a invocatoria — Meus concidadãos!... quando um terceiro tiro foi o signal de alarme, para uma lucta peito a peito, donde Quintino saiu illeso, ladeado por um grupo de valentes, que iam escudando com cadeiras as navalhadas dos capangas.

Esta impassibilidade não matou, todavia, n'elle o entusiasmo, sendo apenas uma excellente arma para a systematisada coragem, que sempre guardou na sua longa e gloriosa campanha de radical democrata. Como todos os intellectuaes do seu paiz, sempre que a occasião se proporciona, transforma-se n'um homem de acção; mas a sua praça de armas foi de preferencia o jornalismo. Ahi deixou elle os primeiros capitulos da historia da Republica Brasileira, levantados á penna gloriosa, com que ganhou os galões de primeiro jornalista brasileiro.

O Manifesto de 1870, que é o brado de alarme á consciencia popular, então arraigada ao jugo do Imperio, basta para affirmal-o perante o mundo inteiro, o doutrinario mais reflectido no mais ardente dos revolucionarios. E a collecção de *O Paiz* anda millionaria dos seus artigos de combate.

Marchou sempre na vanguarda dos campeões da liberdade, esteve nos recontros tremendos da abolição, conspirou, tramou, pela palavra fulgurante e pela penna magnifica. Quando o Congresso Federal Republicano de 89, o aclama em S. Paulo chefe supremo do partido, Quintino declara que só acceitava um compromisso, o de devolver opportunamente ao par-

tido republicano a bandeira, que acabava de collocar em suas mãos, pura de toda a mancha.

Á volta do dia Quinze, a cujo sol elle resplandeceu no seu posto entre Deodoro e Benjamin, para proclamar a Republica, entregava-lh'a aureolada do esplendor da victoria final, sem que para isso lhe deixasse cahir sequer a macula d'uma traição, pois que o seu famoso artigo de 14 de Novembro, era uma clara, formal intimativa de rendição á monarchia.

Os seus conselhos ainda hoje são escutados e rogados como a voz inspirativa d'um dos antepassados mais venerandos da Republica, a qual talvez não ponha, d'agora em diante, grande demora em lhe pagar a sagrada divida de sangue, com elle em aberto...

E não acaba, aqui, a lista dos jornalistas notaveis, no Brasil; a mesma meia-duzia de nomes, que possa enumerar-se com a pallida prova do seu valor, em um ou outro episodio das suas tradições, só deve ser tomada á conta de exemplo, nunca como preferencia, de maneira nenhuma o proposito de selecção injusta.

Immensa se tornaria a invocação, a dal-a completa; mas Ruy Barbosa não será dos sacrificados, porque se a sua envergadura de jornalista, ainda ha pouco tempo mais uma vez attestada na ephemera quão gloriosa vida da «Imprensa», é colossal, o seu talento de orador parlamentar passa de authenticamente notavel, a afirmar-se primacial. Pois nem tão pobre está o Brasil de oradores! Seja consequencia d'aquelle calor de raça nova, ignorante do que é ca-

lar enthusiasmos, odios, desesperos, ou seja symptoma da força saudável, da gymnastica de bellos impetos que faz parte dos caracteres ethnicos d'aquelle povo, certo é que em cada brasileiro ha uma bossa de eloquencia, como ha outra de poesia. O moço academico, o reporter, o militar, o jornalista, qualquer cidadão não importa de que esphera ou de que idade, está sempre preparado para o mais imprevisto dos discursos. Faz-se gala d'esse dom de palavra e usa-se prodigamente. Em geral é a imaginação e o ardor peculiar á raça, que produzem essa espuma irisada, onde cantam rythmos de que emergem scintillações imaginosas.

D'esses oradores, é talvez typo José do Patrocinio — a cachoeira nascendo do vulcão!

Felix Bocayuva, o herdeiro legitimo do talento de Quintino, n'um banquete da colonia italiana de S. Paulo ao seu embaixador, é nomeado para fazer o brinde da Imprensa; com a sua romantica figura, retrato vivo do pae, ergue uma composição musical, ballada, trechos de sonata, toques de clarim, um hymno com letra italiana, e, a sua voz dôcemente rythmada embriagou de tal forma esse trecho d'um povo, escravo da Harmonia, que todas as pragmaticas diplomaticas se quebraram aos seus pés, e o proprio embaixador saiu da presidencia a abraçal-o, n'um delirio.

Ruy Barbosa, porém, é o Mestre. Eis n'elle um dos raros oradores, que podem publicar os seus discursos sem receio de que se lhes esváia a intensidade ou se lhes desbote a côr. Espirito eminente, levedado nas mais avançadas ideias sociologicas, o seu exube-

rante cabedal de illustração faz-se servir d'uma esplendorosa forma — portuguez de lei. A um amigo, que lhe perguntava como podéra apossar-se assim da lingua, esse extraordinario orador moderno divulgou o segredo :

— Lendo Vieira, lendo Vieira, lendo Vieira!...

Ora, muito mais interessante do que o valor pessoal de cada um, é o papel que estes homens representam na historia contemporanea do Brasil. A fazermos a historia do jornalismo, não só teriamos de inscrever desde logo o nome do dr. Ferreira d'Araujo, do venerando dr. Pederneiras, do dr. Eduardo Prado e seria uma intermina inscripção, como deparariamos com nomes de compatriotas nossos.

Além de Eugenio Silveira, director da UNIÃO PORTUGUEZA, que desinteressadamente ajudamos a crear, quantos jornalistas portuguezes na imprensa brasileira! a comprovar o acolhimento lhano que aos portuguezes rende sempre o Brasil. José Barbosa, secretario da redacção do *Estado de S. Paulo*, tem ao seu lado Leiroz e Augusto Barjona: Cunha e Costa fluctua do *Paiz*, ao *Commercio de S. Paulo*, ao *Correio Paulistano*, ao *Diario de Santos*, e mais tarde á *Imprensa*; Salvador Santos triumpho com a *Noticia*; Ismael Bramão intrincheira-se no *Commercio de Amazonas*; Azevedo Barranca, faz os boletins do estrangeiro, n'essa colossal *Provincia do Pará*, cheia de tradições de honra e de gloria, para as quaes armou sua divisa um canto de independencia: — «... mais il est permis, même au plus faible, d'avoir une bonne in-

*tention et de la dire*», sem que jámais a memoria de Hugo tenha tido motivo de repudiar o cavalleiro, que se escudára com um dos seus versos d'ouro.

Na sala da redacção do *Paiz*, o retrato de Christiano da Fonseca diz a saudade e o lucto que pela sua morte botaram os que o houveram por companheiro.

E Eduardo Salamonde, ido da imprensa portugueza, já em circumstancias que Bruno não lhe esquecêra o nome para m'o recommendar á hora da minha partida —, após o proclamado successo do *Diario Mercantil*, com Léo da Fonseca e Gaspar da Silva em S. Paulo, acabou no *Paiz* de se impôr um jornalista notavel, entre os notaveis de qualquer imprensa do mundo. Foi um escriptor, um artista mais que essa devoradora vida de jornal nos roubou. Nem sequer as suas *Symphonias do Tedio*, testamento do homem de letras, se salvaram do naufragio! por um lamentavel extravio dos unicos originaes, enviados a José de Mello, quando este chamado por Corazzi desapareceu com a sua alegria e a sua colorida figura de portuguez do *tohu-bohu* da rua do Ouvidor. Pois tinha contos bem lindos esse livro! a citar: *Maxima Culpa*, *Vivo Demonio*, *Ironias do Tempo*. Mas aquelle que Salamonde nunca se consolou de ter perdido foi os *Bogaris*, que por geitos era de todos o conto mais trabalhado.

Comtudo, as suas chronicas semanaes no *Paiz* recolheram o molde do seu estylo riquissimo, invocador, da sua vasta erudição philosophica e litteraria a qual denuncia a espantosa somma de leitura, que

formou esse grande e modernissimo espirito. Os seus mesmos artigos politicos rescendem, impregnados d'um vivaz brilho, ao seu inspirativo talento de homem de letras. «*Salvè Nictheroy*» celebrisou-se na tradição, a pontos de eu, que nunca li esse artigo, cá o estar citando, o que tem mais significação do que se eu especialmente o apologiasse.

Julião Machado por lá anda, incorregivelmente bohemio, ora illustrando a folha de Anno Bom da *Gazeta*, ora sublevando o publico com o riso casquilhante da *Bruxa*, de companhia com as chronicas de Bilac, aliados á audacia americana de João de Souza Lage. Celso Herminio é principescamente contratado pelo *Jornal do Brasil*, de que ainda hoje é o collaborador artistico em Lisboa. E, o amovavel, o adorado João Luso, farto, emfim, do seu stoico sacrificio á banca de guarda-livros d'uma casa de armario, vendo que a sua saude lhe defendia as soalheiras e os serênos do sertão, n'essa cruel peregrinação dos «viajantes» acavalados n'um macho quinzenas inteiras, lá se ficou no senegal santista, a desperdiçar nas *Chapas* bocados dos volumes, que continuariam, em serie triumphal, os «*Contos da minha terra*». O *Diario de Santos* possue-os, agora, ambos: a João Luso e a Nogueira de Carvalho. A propria cidadesiinha do Amparo, lá tem nas veias d'esse ogre de talentos, que é o jornalismo, um bom bocado de sangue portuguez, espichando do coração de Correia Junior para a sua folha—o *Correio do Amparo*.

E para se avaliar de chofre a força que pode

attingir, n'esse meio vulcanico, um periodico, desdobre-se um d'esses *in-folios*, que trazem no cabeçalho a firma d'um colosso: *Jornal do Commercio!*

N'elle, orgulhe-se o Rio de Janeiro de possuir um dos maiores jornaes do mundo, que maior só o *New-York-Herald*. As suas edições chegam a ter 20 e 20 e tantas paginas, em typo mais miudo que o do nosso «*Seculo*».

Com um artigo politico o *Paiz* fará cair, um ministerio; as «*Varias*» do *Jornal do Commercio* são o barometro da Bolsa. D'uma larga tiragem, como todos os mais importantes periodicos brasileiros, cada numero d'este calcula-se que seja lido por cincoenta pessoas, cada fornecedor de viveres garantindo ao freguez do bairro a regalia da leitura do seu *Jornal do Commercio*, emprestado á hora.

Recebendo um *ultimatum* financeiro ha annos, lança na praça do Rio de Janeiro um emprestimo, sobre uma emissão de acções do proprio fundo; o commercio, especialmente o commercio portuguez, cobriu esses 2:000 contos em 24 horas! Este *Jornal de Commercio* é das poucas coisas brasileiras, depois do café e da febre amarella, que Portugal parece conhecer, porque chegando ha poucos annos a Lisboa, o sr. José Carlos Rodrigues recebeu cincoenta e tantos pedidos para admissão de novos collaboradores, entre os quaes se inscreveram como pretendentes, ministros da corôa e outros altos vultos politicos.

Infelizmente depois da morte d'Oliveira Martins, além da snr.<sup>a</sup> D Maria Amalia, o *Jornal* só tem em

Lisboa um outro nome : dr. José Antonio de Freitas, o famoso *Raul*, o pae da ironia, em perpetuo espon-sal com a visão predestinada.

E por toda essa imprensa se topa sempre com figuras de primeira plana, nas quaes o talento con-corre de mistura ao forte sentimento civico d'esse povo heroico.

Tanto faz, porém, ser na imprensa, no livro, como nos arsenaes ou nos quartéis ou nas escolas ou no lar, o civismo brasileiro mostra-se, surge, hasteia-se, insubmisso, victorioso, em qualquer episodio, todos os dias, sempre!

É elle que torna ás vezes tumultuosas as con-versas, n'um *bond* ou n'um botequim, porque elles não guardam o patriotismo para as sessões solemnes do perigo, não o reservam para o campo da batalha, nem para a tribuna, nem para o jornal. Nos menores actos se presente esse sentimento sublime, o unico capaz de gerar povos livres, impedil-os, salvall-os da mesquinha condição de rebanhos.

O sentimento civico caminha da flagrante revelação dos episodios por assim dizer domesticos aos sober-bos arroubos da consciencia popular.

—O snr. José Calmon, actualmente consul geral do Brasil no Porto, foi deputado liberal, no tempo do Imperio. A seu pae, dignitario do paço, perguntava frequentemente a Imperatriz por que não apparecia nunca em palacio José Calmon ; e uma vez que S. M. I. quiz directamente inquiril-o, Calmon responde:

—«Sou deputado ; entendo que os meus eleitores

não poderiam mais ter confiança absoluta no seu representante, se elle fosse um palaciano».

E o dr. Murtinho, contaram ha dois mezes os jornaes portuguezes como entrando ás dez da manhã n'uma secretaria do seu ministerio e não encontrando ainda a postos o pessoal, multára amanuenses e suspendera directores geraes, como n'outros paizes só se faz a pobres cantoneiros, que faltaram ao *ponto*.

Mas, como trecho dramatico do que é o sentimento civico, sem discutir agora a justiça do mobil d'esse episodio, assista-se á marcha de Gumercindo Saraiva dos pampas Rio-Grandenses ás areias de Santa Catharina.

Governando Julio de Castilhos no Rio-Grande, d'um dia para o outro o povo abandona o seu gado, salta para cima das potrancas e subleva-se. Acclamado commandante em chefe Gumercindo, que viera espontaneamente adherir, parte com os seus homens, por entre mattos e charneças, combatendo guerrilhas, que Castilhos mandara postar pelo caminho, na illusão de dizimal-os, e faz a custosa travessia do Rio-Grande a Santa Catharina.

Alli chegado, aguarda que Custodio de Mello lhe diga o que quer d'elle e da sua gente; mas o chefe da marinha revoltosa mal se apercebe d'aquelle bando de esfarrapados, que a marcha esfalfara, mascarando-os de maltrapilhos. Decide-se, então, a avançar e, indo parlamentar com Custodio de Mello, diz-lhe que não hade ser com o *Aquidaban* avariado que a revolução se vencerá, que perder tempo é perder a batalha, que é

necessario operar com presteza, tomar S. Paulo e marchar por terra sobre o Rio de Janeiro. — Elle compromette-se a chegar dentro de poucos dias a S. Paulo, tomar a cidade e ao cabo d'um mez estar bombardeando a capital-federal.

Desdenhado, Gumercindo parte só com a sua gente, movendo canhões com um segredo de tactica, incrível n'um homem que saía da sua estancia agricola, caminhando de dia e de noite, até se gastarem os cascos aos cavallos, que, sangrando dos côtos, entravam de coxear, abatendo-se por fim, ficando pelo caminho abandonados; e, foi, montados aos dois e aos tres em cada potro, que elles em poucos dias galgaram as alturas de S. Paulo, commettendo a marcha mais espantosa de que nos annaes da guerra ha memoria. Forças superiores aos homens de Gumercindo, exhaustos, esperavam-n'os já installados em commodas e fornidas estrategias; teve que recuar, e continuando a praticar façanhas, um tiro de garrucha, na volta, matou de emboscada esse homem, precioso para qualquer paiz, symbolo d'uma raça, espirito d'um sangue!

Como este, quantos outros episodios ignorados, quantos que não lembram!

Elle será, pois, sempre o grande povo, unido ou desmembrado. Apesar do laço ethnico e da cadeia que é a lingua, o separatismo assanha-se, esboçando no seu perfil as tentativas particulares, que a cada estado imprimiram ou vão imprimindo as colonisações differentes, tornando rivaes talhadas de terrenos limítrophes. Todavia esse perigo permanecerá incubado

\*

e combatido pela consciencia geral, de que só unido elle ficará invencivel.

Logo que o queira elle terá a supremacia naval na America do Sul.

E, com navios de guerra e uma raça que vive de sangue assim, á inviolação do seu dominio bastam aquelles tres dragões, que são as fortalezas de Santa-Cruz, da Lage e de S. João, postadas na bocca da bahia do Guanabára e que lembram a entrada d'um mundo, construida para banir a seu grado as creações.

Quem a puder transpôr e que der com os olhos em Nitheroy á direita, com a ilha de Villegagnon, esburacada, e lá ao fundo a ilha das Cobras, não deixará de estremecer ao ver ainda alli residuos d'esse grande fôgo civico, que de vez em quando ergue tão alto o seu braseiro.

---

# QUARTA PARTE

---

## DA ARTE

### I

#### GESTAÇÃO NOS SECULOS

O seculo xvi é, na historia da litteratura brasileira, o seculo de Anchieta. Não porque elle iniciasse um movimento litterario, nem este poderia brotar do Brasil de então, que não dispondo d'uma raça não era ainda um povo.

Época em que se feria a lucta dramatica dos tres elementos ethnologicos fundamentaes, d'ella nunca germinaria uma litteratura; quando muito proclamar-se-hia a annunciação d'uma raça, e o maior temperamento, mesmo extranho e superior, que alli surdisse — ficaria apenas um Precursor.

A metropole, em plenitude da sua força, no zenith do seu dominio historico, fôra lá despejar as taras e os ferrêtes, ajuntando á inferioridade e indolencia dos selvagens indigenas, que instinctos primitivos regiam, as d'uma colonisação de aventureiros, de as-

sassinos, de barregans e de calcêtas, á mistura com padres, soldados, governadores, capitães-môres e ouvidores, funcionarios ávidos de tenças e menagens; e, por ultimo subsidio, atirou-lhe com uns milhões de negros africanos.

O clima e o contacto d'essas tres raças, fizeram-lhes perder a cada uma d'ellas as suas feições proprias, diluindo-as e transformando-as, de forma a eliminar o indio, o portuguez e o negro, até apurar uma população crioula.

Eis que a esse germen de povo, tão bem fadado para a gleba, apparece em meados do seculo XVI, o jesuita José d'Anchieta. Nascido em Tenerife, embora doutorado em Coimbra, não o liga á metropole nem o afasta da colonia o amor e o orgulho d'um continental; no dia (1553) em que aportou ao Brasil com os seus vinte annos, a sua alma apaixonada de hystérico naturalisou-o brasileiro.

O seu temperamento punha arrebatamentos poeticos ao serviço de cada ideal; filho da companhia de Jesus ou missionario, acompanha-o sempre esse lyrico e fremente enthusiasmo, que é a aureola de certas mocidades.

A sua alma virgem está talhada para missionar uma terra virgem.

Internando-se pelo Interior, vae ter com os indios ás tabas, e devota-se-lhes tanto que nos seus *brasis* e entre os seus queridos indios morre. Em meio seculo, a catechese dos indios e a necessidade de se fazer entender inspirando os seus trabalhos, lega, em

quatro linguas, portugueza, hespanhola, tupy e latina,—além d'uma grammatica tupy e d'um poema á Virgem, autos e mysterios, e as suas cartas portuguezas, cuja simplicidade toma para traslado o coração — e que são o seu verdadeiro testamento litterario. A sua mystica melancolia decora canções tupys e inspira-lhe outras, que largam o mesmo sabor d'aquella poesia anonyma, popular, que deve ter emballado o berço do *Apostolo do Novo Mundo*.

Outros houve, é certo, n'esse periodo, destacando-se sobre todos a figura de Bento Teixeira Pinto, o poeta da *Prosopopéa*.

De todos os missionarios jesuitas, porém, Anchieta é o unico que teve um real papel na historia da civilisação brasileira, ás primeiras horas da conquista. Nas suas *cartas* perpassa um sôpro quente de natureza brasileira e o selvagem habita muitos dos seus singelos periodos. De alma, vida e coração,—foi um brasileiro, senão fundador, um precursor, um arauto ao menos! que passára meio-seculo nas proclamas d'uma esperança.

O seculo xvii abre por luctas com os hollandezes em Pernambuco e os francezes no Maranhão; o Brasil triumpho, são da agitação perfeitamente constituido, e a ameaça estrangeira radicalisa o sentimento nacional.

Gregorio de Mattos interpreta esta época. Elle é o satyrico bocageano, discipulo de padres, discipulo que refinou a pontos de desfazer nos mestres e mo-far da sua sabedoria.

À Sé da Bahia atirou elle uma vez com esta bucha :

A nossa Sé da Bahia,  
Com ser um mappa de festas,  
É um presepe de bestas,  
Si não fôr estrebaria :  
Varias bestas cada dia  
Vejo que o sino congrega :  
Caveira mula gallega,  
Deão burrinha bastarda,  
Pereira mula d'albarda  
Que tudo da Sé carrega.

Um conego, que não viu na satyra intromettido o seu nome, foi pressurosamente agradecer a Gregorio de Mattos, que o desilludiu abertamente :

— «Não, senhor padre, lá vae nas bestas. . .»

Já dos seus tempos de Coimbra, onde se formou em Direito, a sua nomeada de lyrico e satyrista vinha sendo apregoada por Belchior da Cunha Brochado : «Anda aqui um estudante brasileiro tão refinado na satyra, que com suas imagens e seus tropos parece que baila Momo ás cançonêtas de Apollo».

O seu grau de doutor, a vida na côrte portugueza, em que advoga, chegando a Juiz do Crime e Curador dos Orphãos, alcançando e perdendo as boas graças de Pedro II, os seus revezes que o repatriaram, proporcionando-lhe uma ephemera situação de vigario geral com ordens menores e thesoureiro-mór com murça de conego, o seu degredo em Angola, toda a sua vida alterosa e amargurada por vezes, nada lhe tira essa alegria saudavel com que ri e desdenha de

tudo até á morte, — dos homens, dos governadores, dos reis, de Deus e dos seus embaixadores na terra.

Era uma d'estas creaturas que nascem para poetas, em quem a demasiada penetração da verdade e do bem quebra o equilibrio hypocrita que produz esses homens normaes acatadores e inoffensivos. Gregorio é o poeta chocarreiro, mordaz, legando-se fama de canalha, de desrespeitador e atrevidão, por não ter *podido* venerar preconceitos e pôr o seu verso ao serviço de hypocrisias, sacrificando o mais a uma boa satyra, perdoando tudo o que não o afastasse da camaradagem do povo, em companhia do qual elle amava folgar, tocando viola e botando modinhas, no que era um repertorio vivo.

Depois que os seus serviços ao governador de Angola, onde advogou, lhe commutaram a pena de degredo, e o levam de novo ao Brasil, continua em Pernambuco o mesmo reinado de folia, que já havia levado na Bahia, a pontos do governador da capitania do Recife lhe prohibir fazer satyras. Ora, succede que certo dia duas mulatas pegam-se de ciumes e é de vel-as descomporem-se mesmo em frente da porta do poeta; vae elle entra a gritar: «Aqui d'El-Rei contra o sr. Caetano de Mello!...» Ao perguntarem-lhe que mal lhe fizera o senhor governador, accode elle: «que mal maior que o de prohibir-me fazer versos, quando se me offerecem semelhantes assumptos?!...»

Lyrico, especialmente na sua phase da Bahia, sobre

o regresso de Lisboa, e ascendendo nas suas poesias grande elevação e subido mimo, todavia a sua funcção de poeta ficará sempre retratada no seu humorismo. Com as suas satyras introduz *brasileirismos* no verso, dá outra *tournaire* á lingua, marcando a primeira differenciação da lingua portugueza para o que ella havia de vir a ser hoje no Brasil, e por ellas deixa correr a sua veia humoristica, com que intervem nos costumes da época.

Filho da Bahia, que era a esse tempo uma amalgama de negros, de portuguezes, de indios, ainda por fusionar, saiu bem o producto d'essa época, com a viciação de costumes a dividil-a, mas sóbe acima de toda essa espumalha, porque a verbera. As reciprocas presumpções de superioridade, que cada uma das tres raças alardeava então, inspiram-lhe originalissimas satyras, em que o *reinol*, o *preto* e a nobreza indiana dão com os seus preconceitos de estirpe desfeiteados.

Elle exaltava já um novo brasileiro, que não era nenhum dos tres, mas a sua fusão. E com essa intuição ethnica inicia de vez a poesia lyrica brasileira.

Áparte a figura de frei Vicente do Salvador, auctor da primeira *Historia do Brasil*, que Manoel Severim de Faria, tendo-a encommendado, deixa incomprehensivelmente de publicar, até que a Bibliotheca Nacional do Rio a manda copiar á Torre do Tombo, onde ella existe, legada por certo livreiro, incompleta, mas cujas peças são ainda na opinião do seu prefaciador, o illustre Capristano d'Abreu, uma preciosa e segura fonte para o estudo do Brasil d'esse

tempo, áparte a figura d'esse historiador e d'alguns chronistas, de que se destaca o dr. Christovão da Madre de Deus, e dos prégadores sacros Antonio de Sá e Euzebio de Mattos, trocadihista insigne de maior valor que seu irmão Gregorio—o seculo xvii foi levado d'um só reinado, em cujo throno se senta Gregorio de Mattos, o vulto proeminente do grupo bahiano, que, na segunda metade d'esse seculo, concretisa o movimento litterario.

Wolf, dil-o um imitador de Quevedo; o snr. Frota Pessoa, n'uma soberba serie d'artigos sobre a *Evolução Litteraria*, — que o *Paiz* publicou a par d'outros estudos sobre a historia dos varios desenvolvimentos brasileiros, por occasião do iv centenario, — acha Gregorio de Mattos um inferior, como poeta e comò homem.

Mas Sylvio Romero e Alfredo de Valle Cabral consideram o *Bocca do Inferno* o escriptor que mais ideia dá do modo de fallar e escrever no Brasil, n'esse seculo. E o proprio Padre Vieira, que por lá andava então e com o satyro bahiano se encontrou, exclamava: «mais se deve ás satyras de Mattos do que aos sermões de Vieira». — De facto, sem o tremendo ataque de Mattos, que é a encarnação do espirito da colonia revoltada contra os abusos dos governos da metropole, o Brasil teria, talvez, assapado, inda por muito tempo, a energia do seu sangue sob os periodos d'oiro do orador jesuita, que sonhava um Brasil fanatisado, em perpetua ou pelo menos duradoura dymnastia de escravos.

Antonio Vieira era o diplomata jesuitico, decla-

matorio, erecto na sua alta dignidade e no orgulho da sua afamada eloquencia; Gregorio de Mattos, o *gavroche*, capaz de apontar com o dêdo a cabelleira d'um capitão-mór ou o solidéo d'um bispo e rebolar-se na rua ás gargalhadas.

Um, o propheta com fumos de divindade; o outro o bardo jogralesco. Este, andando entre a plebe havia por certo de influir mais na formação do povo.

E a poesia vernacula de Manoel Botelho d'Oliveira, tambem d'esse seculo, não marca na historia da litteratura brasileira, um tão pronunciado esteio como a obra de Gregorio de Mattos, porque da adopção dos vocabulos indigenas á syntaxe, elle foi o primeiro que se afastou da litteratura portugueza, com ruido e com direito. Brasileiro, levou a vida a mofar dos casquilhos que para lá lhes mandavamos, desde os governadores aos da companhia de Jesus; poeta, d'isso e do mais tirou motivo para as suas metricas, e estridentes risadas de Satyro.

Divorciou-se bem da metropole, rindo, cantando e escrevendo.

A partir d'elle, a independencia do Brasil enuncia-se na psychologia da sua obra demolidora, que tanto havia de influir, pela homogeneidade de temperamentos e de tendencias, na psychologia das multi-dões suas patricias e contemporaneas.

O seculo xvii nem sequer pode reclamar para si a hora em que Rocha Pitta, embora abrangendo a segunda metade d'este e a primeira do seguinte, deu á luz a sua *Historia da America Portugueza desde o*

*seu descobrimento até o anno de 1724*, na qual superior á copia de documentos para a historia brasileira recolhidos ahi por Pitta, que se deu ao trabalho de vir a Lisboa revolver os archivos, acima d'esse valor está o poetico patriotismo, que a concebeu, o que leva Sylvio Romero a chamar á *Historia da America Portuguesa* uma novella historica. Os seus defeitos sobreleva-os o valor da descriptiva em que a natureza arranca ao seu estylo e emotividade de artista, que mais era do que profundo historiador, maravilhas de poema.

Não deixa de ser curiosa esta subtil caminhada pelos seculos, em que se topa sempre um atalho, por onde o *nacionalismo* vae conduzindo a alma brasileira. Anchieta, apesar de não ser um brasileiro nato, logra em meio seculo refundir alli o coração e deixar-nos descriptivas, que Vaz Caminha já encetára, por necessidade este, claramente; a seguir Gregorio de Mattos, guindando-se da descripção á imposição da nova raça; e, agora, cá temos Sebastião da Rocha Pitta impressionando-se e immortalizando-se com a grandeza pictoral d'esse magestoso scenario...

Só por isso mesmo a litteratura brasileira o perfilhará com enthusiasmo, porque a sua vida passada entre confortos fóra do Brasil, não lhe permittiu sentir essa necessidade da independencia, que foi o sonho d'esse seculo, em que as colonias se debatem já para a libertação, tendo na emancipação dos Estados-Unidos o flagrante e estridente exemplo. Rocha Pitta era o proprietario rico dado ás letras, *dilettanti*, incapaz de soltar, porque o não sentia, o grande berro

da liberdade, que fervia já nos corações; pedantescamente orgulhoso da sua erudição historica, que ofaz descrever os Paizes-Baixos, a proposito da guerra holandezza, e citar de cór todos os reis de Portugal, de que se recorda por D. Sebastião, elle deseja a união perduravel do Brasil a Portugal.

Todavia, elle forma com os dois irmãos Gusmões e o judeu Antonio José a notabilidade d'esse primeiro cyclo do seculo XVIII, no Brasil, em que se encontram já representadas a historia, a politica, as invenções e a arte dramatica.

Antonio José da Silva é o iniciador poderoso do seculo. Nascido no Rio de Janeiro, a Inquisição atira com sua familia para Lisboa, accusando sua mãe de christã-nova. Estudando canones em Coimbra, de volta a Lisboa (1726) é posto a tratos, e a polé, que o deixou por muito tempo impossibilitado de escrever, fel-o confessar-se culpado e repêso. N'esses dez annos seguintes escreve essas comedias que fizeram o deleite do Bairro-Alto de Lisboa, até que em 1737 a denuncia d'uma negra de Cabo-Verde, que elle castigara, o mette em ferros de Inquisição, a qual acaba com elle n'um dos seus autos-de-fé.

Chistoso, d'uma habilidade de invenção de enredo rarissima, o auctor das famosas *Guerras do Alecrim e da Mangerona* teria sido o maior lyrico brasileiro do seculo XVIII, se a degradação das plateias lisboetas lhe não depravasse o talento, forçando-o para transigir com o gosto do publico a introduzir no seu theatro a graçola chula, plebeia, que fazia arfar de riso contente

collos cortezãos. Assim mesmo, por entre as suas farças, o lyrismo, que elle foi o unico a restaurar depois de Gil-Vicente e de Camões, atravessa melancolicamente como uma nota de saudade do seu berço natal. É, porém, de notar a independencia, a personalidade litteraria de Antonio José, imprimindo ás suas peças um sabor popular todo nacional, em que elle aproveitou as locuções e proverbios do povo, quando os poetas ibericos remedavam o pseudo classicismo francez.

A inquisição que o roubara ao Brasil para o dar a Portugal, acabou com elle n'uma fogueira, aos 34 annos, não o deixando continuar a sua celebridade já entetada com as *Guerras do Alecrim e da Mangerona* e a *Vida de D. Quixote de la Mancha*.

O Brasil perde no poeta comico uma gloria e uma força, que, tendo caricaturisado na scena a galanteria postíça e a moral d'essa sociedade burgueza da epoca, seria, talvez na continuação da vida um demolidor systematico dos derradeiros prestigios da cõrte, um propagandista portanto da independencia. Foi de grande monta a perda, mas não irremediavel.

O paiz affirma já uma certa cohesão, o governo da Bahia é elevado a vice-reinado, e o amor das bellas-letras accentua-se gerando um movimento litterario expressivamente symptomatico, que foi a formação das academias.

Em 1724 funda-se na Bahia a *Academia dos Esquecidos*, imitação da extincta *Academia dos Singulares*, de que faz parte Rocha Pitta, quanto basta

para que os seus membros se dediquem a assumptos historicos. Doze annos mais tarde, Matheus Saraiva, no Rio, congrega os que se davam a estudos e investigações botanicas e inaugura a *Arcadia dos Felizes* com trinta membros, que vão dar as suas sessões ao palacio do governador, como a anterior as fizera no do vice-rei.

Sob a protecção do conde de Bobadella cria-se a *Academia dos selectos*, que pouco mais faz do que exaltar os feitos e virtudes do seu patrono. No convento dos Carmelitas, sob a egide da Virgem Maria, a *Sociedade Brasileira dos Academicos Renascidos* abysma-se n'um ideal de mysticismo, dissolvendo-se, talvez, na mansão celeste, um anno após. Com o vice-reinado do Marquez do Lavradio surge a *Academia Scientifica*, para cultura das sciencias naturaes, e, por fim essa epidemia de *cotteries* litterarias extingue-se com a *Arcadia Ultramarina* a mais celebre hoje, modelada pela *arcadia* de Roma, cujos membros tomam para nome de guerra os pseudonymos de Dirceu, Alcindo, etc.; á moda de Lisbõa.

Mais do que as Academias fizeram os dois irmãos Gusmões. Bartholomeu inventa antes de Montgolp hier os aerostatos, chegando a fazer experiencias publicas que apenas lhe valem o epiteto de *Padre Voador* e os grosseiros apodos de mediocres como Pinto Brandão; Alexandre de Gusmão, secretario de Estado, é já um estadista, que não perde o momento de pugnar pela sua patria, tentando a colonisação de Santa Catharina e do Rio-Grande, produzindo opusculos

economico-politicos, desassimilando-se menos sob a ostentação e a beatice do reinado de D. João V, que o seu contemporaneo Rocha Pitta.

O Brasil começa a fulgurar de homens de valor, que vœem emprestados divertir e engrandecer a metropole, e desde ahi o primeiro abysmo está cavado.

O nacionalismo vae mais e mais affirmando-se: no seculo xvi não passa da descripção pantheista de Anchieta, nos Guararapes pela espada e pelas satyras de Gregorio de Mattos marca o seculo xvii, ainda platonico, mas no seculo xviii affirma-se com Alexandre de Gusmão pela politica.

Dentro de muros, o Brasil suffocava os seus gemidos, mordida as algemas com a raiva incendiada dos vexames, a que o submettia o reino. Elle tinha para limitar as suas ambições de homem livre a cella d'um frade, a patrona d'um soldado cujo posto não ultrapassaria a patente de alferes, um cesto de gavea, ou as terras para lavrar; em compensação tudo quanto fosse sacrificio aos *senhores* lhe era permittido, desde o dote obrigadamente *voluntario* ás filhas dos reis, e o lucto pelas pessoas da familia real, cujo estofo era decretado sem excepção dos mendigos, até a prohibição da sciencia e da arte, cujos tratados e livros respeitantes lhe eram prohibidos.

O desenvolvimento, pequeno ou grande, iam-n'ò conquistando a esforço proprio. Descobriam-se as minas de oiro, transpunha-se o Interior, desalojavam-se da costa os estrangeiros, pela vastidão sertaneja dispunham-se povoações, a nação surgia. E os brasilei-

ros viajados e educados na Europa derramavam no regresso o fructo da sua experiencia. O progresso lavrava; um rastilho e pegaria fogo.

Com o findar do seculo XVIII a revolução franceza desvaira os espiritos, e da Allemanha extravasa-se um borbotão de novas ideias litterarias e scientificas.

O Brasil stereotypa logo os dois phenomenos: a convulsão politica reproduz-se na *Inconfidencia* de Minas, o romantismo allemão filiam-n'o as concepções do *Uruguay* e do *Caramurú* que Durão compõe já no fim da vida, dictando-o ora a seu servo, ora a José Agostinho de Macedo.

É a phase ascensional da gleba para as espiras da Liberdade. Os momentos decisivos d'essa circulação social, geraram sempre grandes vultos. Estes chamavam-se, na jornada do Brasil, Basilio e Durão, os épicos.

A interferencia da litteratura nos destinos do novo povo começa a accentuar-se, predominantemente, com as proporções de guia, de precursor historico. Os dois poetas annunciam um novo povo, nascido das cinzas do indio e do jesuita, prophetisam uma patria nova, um marco milliar derradeiro da colonisação.

São esses dois poetas José Basilio da Gama e Santa-Rita-Durão os representantes da poesia épica, que a escola mineira gera com certa fulgurancia, que não lograra José Francisco Cardoso nem Claudio Manoel da Costa, com o poema *Villa Rica*, cuja acção se passa nas luctas dos *bandeirantes*, pelos sertões paulistas.

Parallelamente o lyrismo florescia em Minas com

Thomaz Antonio Gonzaga e Alvarenga Peixoto. E com a poesia épica, a irman collaça da poesia comico-satyrica, dá as *Cartas Chilenas*, sendo presumivelmente Alvarenga o auctor d'esse pamphleto contra o governador Luiz da Cunha Menezes, o *Fanfarrão Minezio* do poema-comico.

Na satyra, no poema, no lyrismo a alma popular rompia explodente de seiva, independente e pessoal, remotamente descendente talvez da velha poesia tradicional das *Serranilhas*, mas devendo ter passado por uma levedação fortissima como sóe ser a d'uma raça nova. Nas lyricas de Gonzaga, nos poemas de Durão e de Bazilio, nos sonetos de Claudio, nas *cantigas* de Caldas Barboza, como nos *madrigaes* d'Alvarenga se pode estudar, tocar, ouvir esse lyrismo, o inconfundivel traço da poesia brasileira, inflammavel e doce, participante do canto e do grito, da dor e do sonho espumante e emballador.

N'esse tempo, um grupo de pujantes poetas se congregava sob o formoso céu de Minas: Claudio, desilludido de amores e da vida, melancolico por temperamento e por incidentes; Alvarenga Peixoto rico, feliz e entusiasta; Gonzaga um romantico, com a sua linda cabeça espumando de illusões. O talento reunia-os. E o governo de D. Maria I via colligações perigosas, revolucionarias, livre-pensadoras, em todo o conluio de homens notaveis; os successores do Marquez de Pombal tinham o pesadelo da revolução franceza ante os olhos. Uma cobrança forçada do imposto, na capitania de Minas desgosta as gentes.

As ideias da independencia despontaram e Claudio achou-se envolvido com os outros na conspiração. Encerrado n'um carcere, ahi morreu, assassinado ou talvez victima d'uma hora de desalento que lhe suggerisse o suicidio. Claudio era todo alma, a sua poesia subjectivista é talvez a predecessora do *byronismo* que havia mais tarde de accentuar-se em Alvares d'Azevedo. Com uma grande doçura no verso, uma vasta visão do mundo sensível, o seu temperamento fadára-o para creador de primorosos sonetos, como este:

« Não se passa, meu bem, na noite e dia  
Uma hora só que a misera lembrança  
Te não tenha presente na mudança  
Que fez, para meu mal, minha alegria.

Mil imagens debuxa a phantasia,  
Com que mais me atormenta e mais me cansa.....  
Pois se tão longe estou de uma esperança,  
Que allivio pôde dar-me esta porfia!

Tyranno foi commigo o fado ingrato,  
Que crendo, em te roubar, pouca victoria  
Me deixou para sempre o teu retrato.....

Eu me alegrara da passada gloria,  
Si quando me faltou teu doce trato,  
Me faltara tambem d'elle a memoria!»

É o poeta inditoso, o padecente d'essa moderna morbidez — a melancolia, no fundo da qual está a figura romantica do patriota platonico, do inconfidente.

Alvarenga Peixoto, levando sobre Claudio a vantagem d'uma vigorosa imaginação foi um satyrico com as *Cartas chilenas*, um lyrico e um dramaturgo, cujas duas unicas peças *Eneas no Lacio* e a traducção da *Merope*, se representaram n'um pequeno theatro do Rio de Janeiro, governando o marquez do Lavradio. É já casado, retirado da magistratura, vivendo largamente das suas rendas, que elle se envolve na conjuração e dita esse distico: *Libertas quae sera tamen* da bandeira republicana, o que lhe vale a masmorra e que lhe valeria a exposição da sua cabeça «no logar mais publico da villa de S. João d'El-rei» se a graça real o não salvasse, contentando-se com a morte da esposa e a loucura da filha, ao saberem da sentença.

Como poeta, o sentimento da familia e a grande intuição da independencia são as notas dominantes da sua obra.

O *Canto genethliaco* é já a poesia cumprindo a sua missão social, carregando a bandeira das reivindicações nacionaes, e por isso Alvarenga é talvez mais proveitoso á historia do Brasil, que todas as lyricas de Gonzaga, derramadas aos pés d'uma mulher, antes e depois do captiveiro. O que não impede de ser Thomaz Antonio Gonzaga o maior dos poetas mineiros. E nas suas *lyras* a natureza brasileira lá anda palhetada a grandes tintas, continuando esse traço nacionalista, que vem perseguindo ou melhor que vem conduzindo a litteratura brasileira. Por isso, chama Sylvio Romero um naturalista áquelle poeta pastoril.

Manuel Ignacio da Silva Alvarenga é o poeta que capricha no mimo da forma, mavioso como um musico, satyrico e lyrico, escrevendo odes, sonetos, além dos celebres rondós e madrigaes publicados sob o titulo de *Glaura*, anagrama da bem-amada. Alvarenga é o poeta do rythmo, um auditivo; Gonzaga um visual, é o scenario que o embriaga; em Alvarenga sussurra a folhagem, as brisas, os cantos das aves; em Gonzaga fulguram as estrellas, desabrocham as flores, as arvores desabotoam. Inconscientemente pelo amor d'uma fluminense, Alvarenga é um precursor do romantismo, pois que sobre a sua poesia intima ha o pantheismo dos seus quadros emoldurados pelos coqueiros, pelas folhas do caju, batidos do sol dos sanguinolentos poentes d'America. «As Artes» são um poemeto notavel pela presciencia da arte positivista, que o percorre. Notavelmente erudito Alvarenga reproduz a sua influencia pelos tempos afóra, tendo por discipulos muitos dos homens que figuram na epoca da independencia.

Caldas Barboza é o famoso improvisador de *modinhas*, attingindo uma popularidade tal que Sylvio Romero ao colligir canções populares no norte do paiz houve ás mãos muitas cantigas, que só depois de compulsar as obras do poeta, verificou serem d'elle, apesar de correrem ineditas na tradição.

D'estes, os quatro primeiros formam um esplendoroso cyclo na historia da litteratura brasileira, não tanto pelas suas obras, mas pelas suas vidas; soffreram pela patria. E quem entrou n'um carcere por

cantar em versos a liberdade, sempre saiu d'elle para o panteon da gloria.

De 1500 a 1750, a natureza e as raças selvagens preenchem o periodo de formação. Cortavam-se essas immensas talhadas de terrenos, que vieram dar nos actuaes Estados da Republica, inauguravam-se as capitancias d'onde brotaram as cidades actuaes, rompia-se o sertão e edificava-se a costa, isto é, fundava-se um paiz, levando ante si o bruxulear d'uma litteratura.

Entre 1750 e 1830 a autonomia agarra-se a todas as esperanças, lança mão de todos os elementos. Emquanto Portugal sopita na mão dos reaccionarios governos de D. Maria I, desterrando Pombal, chamando a si de novo os jesuitas e excommungando o menor cheirume de livre-pensamento, de Paris brasileiros dirigem aos sertões um manifesto de revolta.

Minas estremece, inflammam-se os poetas e a alma nacional sente as primeiras torturas da liberdade.

Haviam percorrido trezentos annos de captiveiro, o bastante para convencer o escravo de que já valia tanto ou mais que o senhor.

Washington, resgatando os Estados-Unidos, ateára a mecha por toda a America. Pelo Novo-Mundo a gleba agonisava.

A Inconfidencia foi uma romantica conspiração de que ficou todo um programma doutrinario, como testamento de quatro sonhadores, que o Brasil — pelo sagrado dever de testamenteiro — havia de cumprir

pelos seculos afóra. Programma de poetas era arriscado, temerario, continha qualquer coisa da belleza, da utopia e do intangivel. Tanto bastava para que um povo, sobre o qual pesava o ferrete brutal da escravidão se quizesse purificar e se deixasse desvairar pelo sonho.

A cabeça do Tiradentes ao rolar no cadafalso parecia dizer ao povo brasileiro como era preciso fazer, para se despegar do tronco velho da mãe-patria aquella alma da grande raça nova.

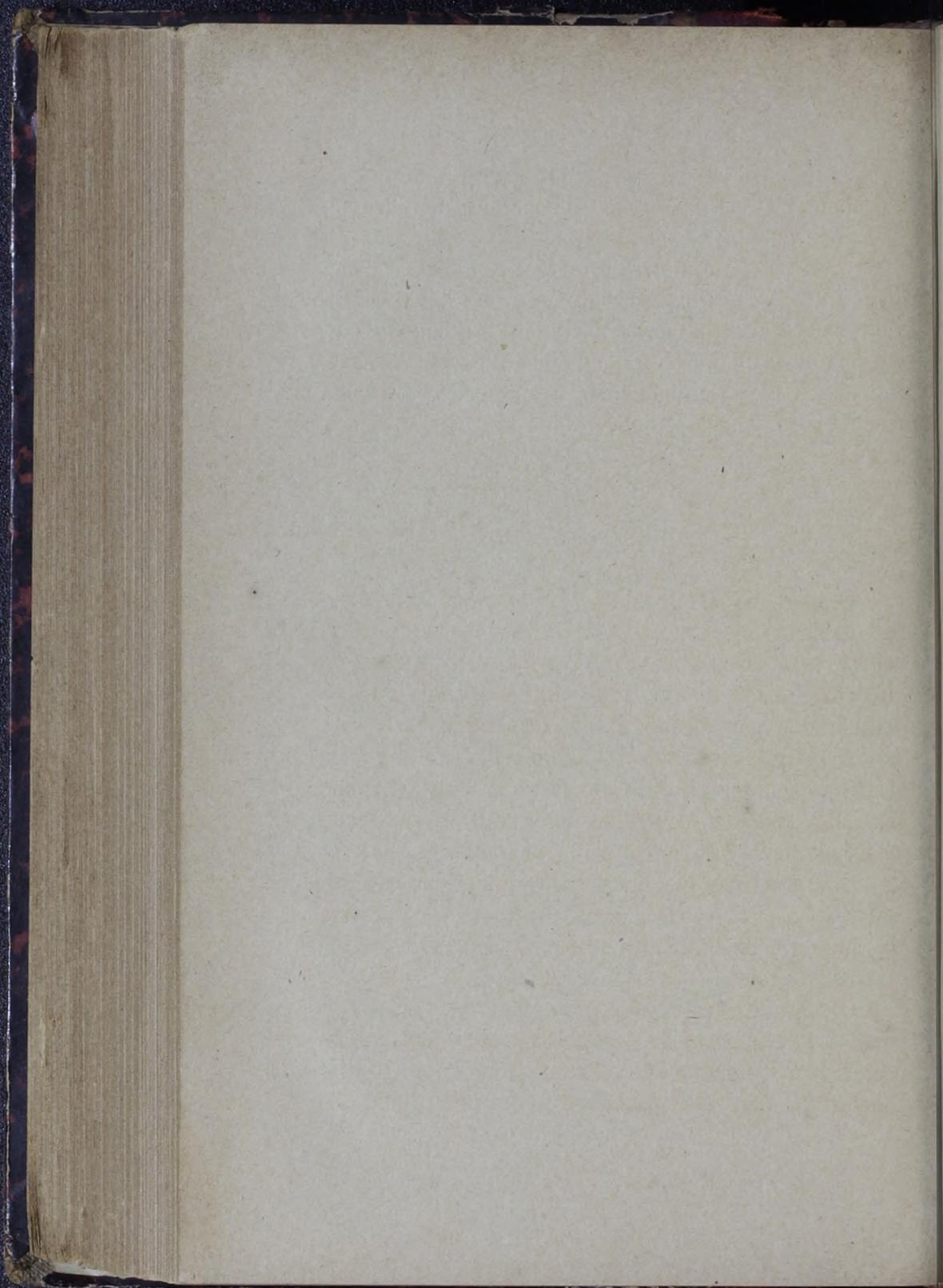
N'este estado foi encontrar o Brasil o Senhor D. João VI quando alli se refugiou com a sua côrte; já não pôde ter mão nos espiritos, e a sua administração apenas serviu para imprimir maior desenvolvimento ás letras e ás artes, isto é, para acabar de embriagar as almas até as inflamar para a consumação.

Essa aurora opalina dos intangiveis ideaes com que o seculo desabrochava, irradiava um mysticismo, que transpõe o oceano e vae impregnar a litteratura brasileira. O Brasil deixa-se orvalhar por esse rócio do mysticismo, e tres poetas surgem: Antonio Pereira de Souza Caldas, orador sacro e traductor dos *Psalmos* de David; Frei Francisco de São-Carlos, tambem orador sacro e poeta, cuja obra capital é o poema épico *A Assumpção da Virgem*, e José Eloy Ottoni mais traductor dos santos livros, o *Stabat-Mater* e *Livro de Job* do que poeta original.

As sciencias naturaes, balbuciando, acabam por preparar a sedição dos espiritos e em 1822 a Inde-

pendencia proclama a mentalidade brasileira representante da alma nacional.

José Bonifacio, Pedra Branca e Paranaguá e outros introduzem o classicismo, José da Natividade resurge o ideal republicano, gera-se o authentico culto pela nova lingua, e a eloquencia de Mont'Alverne, alliada á sabedoria de Bonifacio, annunciam ao velho mundo o nascimento d'um grande Povo.



## II

### MOCIDADE

Despertada pela Revolução Franceza, ao sahir d'esse baptismo de sangue, a velha Europa sentia-se já outra, mais forte, mais nova, menos pèrra, capaz da lucidez, quando a Allemanha depõe a convenção do classicismo para acclamar o Romantismo.

A reacção contra as velhas formulas vae por toda a parte triumphando, até que chega ao Brasil. Lá, não tem de sustentar as tremendas campanhas com que a Escola agitára Paris, antes de se render.

O classicismo brasileiro tivera a sua maxima fulguração nas lyras dos poetas mineiros e d'ahi para cá se o não desthronam elle acabava por abdicar, tão fracos estavam os seus raros esteios.

O marquez de Paranaguá, José da Natividade Saldanha, P.<sup>o</sup> Januario da Cunha Barbosa, o poeta heroe-comico dos *Garimpeiros*, Pedra Branca, o popular auctor da *Flor da Saudade* e *Beija Flor*, que pode

hoje contestar para si a gloria de ter sido um dos primeiros campeões do feminismo, o marquez de Maricá, auctor das famosas *Maximas*, e Fr. Francisco Barreto, orador, sonetista e auctor de varios hymnos, e alguns mais, apesar dos seus relativos valores, não eram comtudo de tempera a arrostar com a caudal que passára victoriosamente por cima de maiores e mais destemidas legiões.

As especulações scientificas levavam, entretanto, os espiritos para outras paragens. Nascem historiadores, biographos, jurisconsultos; Silva Lisboa inaugura com os seus celebres *Principios de Direito Mercantil* a economia politica, os acontecimentos politicos precipitam-se e a palavra d'ouro de Frei Mont'Alverne, com quem o celebre actor João Caetano dizia aprender a declamar, tem-na agora Antonio Carlos.

José Bonifacio, Martim Francisco e o irmão, ora no poder, ora no exilio, iam fazendo dos Andradas um tropheu de gloria paulista. E emquanto um pequeno grupo de poetas de Olinda e de S. Paulo tentam transpôr as barreiras do classicismo para a nova Escola, o jornalista Evaristo da Veiga, ao passo que metralha do cabeçalho da *Aurora Fluminense* o reinado de Pedro I, vae congregando entre os liberaes, que se juntam nas suas noites, os espiritos que florescerão ámanhan: Feijó, Vergueiro, José d'Alencar, Torres Homem, Gonçalves de Magalhães e outros.

Evaristo da Veiga, moço ainda quando da campanha emancipadora, apenas pudéra concorrer para o movimento de 22 com versos como os do *hymno da*

*Independencia.* Ahi, a bandeira andava nas mãos fortes e nobilissimas de Hypolito, o primeiro jornalista brasileiro, que, de Londres, onde a maçonaria conseguira pôl-o a recato do obscurantismo luso, despedira, nas buchas do seu *Correio Brasiliense*, esses successivos manifestos que foram os melhores obuzes disparados pela Independencia. Agora, porém, Evaristo é já o homem forte capaz de carregar com o pendão doutrinario do novo credo, e é de vêr como elle o hasteia bem alto na jornada de 31, nas reformas constitucionaes de 34, até á manhan nebulosa da Regencia. Sendo como foi a encarnação do liberalismo cavalheiresco, sobre sêr uma força politica, devia de ter indirectamente certa cumplicidade na revolução litteraria.

Uma vez firmada na patria brasileira a grande corinthia da liberdade, emancipada e anhelando já por conquistas mais avançadas, onde o espirito nacional sorvia o grande ar, o romantismo, que representava o *dominio do liberalismo na arte*, havia de por força ser reconhecido pelo Brasil.

Ao primeiro cyclo do romantismo brasileiro accentuadamente lamartiniano, preside Domingos de Magalhães, tendo por apóstolos Porto Alegre, Teixeira e Souza, Norberto Silva e João Cardoso.

Domingos Magalhães, filiado nos classicos, ao chegar a Paris lança-se desvairadamente nas novas correntes, escrevendo mesmo lá o seu maior livro *Suspiros Poeticos*, que um unisono brado de apothese acolhe no Brasil. Consagrado logo á primeira producção

como lyrico, tenta o poema com a *Confederação dos Tamoyos*, mas falta-lhe a aza epica, e elle recolhe do vôo, arquejante, malferido das chumbadas dos criticos. No theatro triumpho com a tragedia *Antonio José*, sem conseguir todavia a influencia a que talvez visaria. Era antes de tudo um lyrico e como tal coroadado.

Porto Alegre, dos primeiros a saudar os *Suspiros Poeticos*, é tambem o primeiro que vem collocar-se ao lado de Magalhães, com as suas *Brasilianas* e o seu poema *Colombo*, para cujas descripções parece ter-lhe aproveitado — como aos Goncourts — a sua primitiva arte de pintor.

De seguida, apparecem Antonio Gonçalves Teixeira e Souza (Cabo Frio) com as tragedias *Cornelia* e o *Cavalheiro Teutonico*, o poema epico *Independencia do Brasil*, Joaquim Norberto de Souza e Silva, auctor dos *Romances e Novellas*, os *Martyrios de Tiradentes* e muitos volumes de poesias, Dutra e Mello e outros, que derivam do movimento iniciado por Magalhães.

Depara-se-nos uma geração forte, que surge aureolada dos nobres enthusiasmos com o joven imperador. Paraná, Alves Branco, Uruguay e Abrantes regem toda uma concentração de talentos politicos.

Norberto da Silva, Varnahgem e João Lisboa lançam-se na investigação historica. Rebouças, Teixeira de Souza e Nabuco internam-se nos areaes da jurisprudencia e voltam cobertos de scintillações glorificantes. Fazem-se os primeiros ensaios de critica, dirigidos pelo estrangeiro Adet e pelo brasileiro Torres

Homem. Tudo está a postos para a coroação dos grandes triumphadores.

Vae já grande o Brasil, é manhã velha na liberdade; o que falta conquistar? ah! muito por certo, a independencia intellectual, sem a qual a subserviencia moral existirá até do senhor para o escravo. A colonia recebe ainda um poderoso influxo da antiga metropole; de Coimbra continuam a sair alguns dos seus maiores espiritos. N'este momento Portugal tem uma omnipotente trindade romantica em Herculano, Garrett e Castilho. Gonçalves Dias allia-se a José d'Alencar, e proclamam então com estridôr o novo reinado da litteratura — o *indianismo*. É mais um movimento nacionalista, uma outra affirmação do americanismo. E com tal fé se atiraram para essa cruzada, que da obra numerosa do poeta maranhense hão de ser sempre as *poesias americanas* o grande pedestal em que a posteridade saudará Gonçalves Dias; como de toda a sua longa travessia por os varios generos litterarios, o drama, o romance, o folhetim, a comedia, a critica, a poesia e a polemica, quando se fallar em Alencar será em todo o tempo o mesmo que invocar o *Guarany* e a *Iracema*.

Marchou quasi a par do cyclo emanuelico este segundo periodo do romantismo no Brasil, mas o elo de alliança entre o poeta maranhense e o romancista cearense, foi um potente marco, posto ao alto no meio das escolas litterarias, para que haja a reccar da confusão. Não alcançou fóros de escola o *indianismo*, embora pelos tempos contemporaneos um ou outro es-

criptor lhe preste culto, e quasi todos tenham ido ahi filiar um conto, um poema, um romance, uma estrophe, uma pagina.

O certo é que o momento do *indianismo*, inspirado em Chateaubriand, passára. Musset e Byron davam á poesia o universalismo do soffrimento. Os poetas brasileiros dispunham d'um lyrismo, como que ethnico, só comparavel á poesia ingleza; um temperamento, um chefe, uma guia e elles deitar-se-hiam nas negras ondas da magua! Eram muitos, a geração vasta e notavel: Joaquim Junqueira Freire, Bernardo Guimarães, Aureliano Leça, José Bonifacio (neto) Casimiro d'Abreu, Fagundes Varella, . . . . Olhavam-se uns aos outros, quando um moço de vinte annos surge com uma aureola de genio.

E em torno d'essa creança genial se grupou uma das mais formosas camadas de poetas, que terras brasileiras teem visto.

Foi, n'esse clamoroso alvorecer da Regencia, que Alvares Azevedo nasceu. Ao estalar a revolução de Pernambuco em 48, já elle cursava a faculdade de direito em S. Paulo, sua terra natal. Melancolico por temperamento e lyrico de raça, a leitura de Heyne Scheley e de Byron acabaram de fazer d'elle um escravo do sonho, cuja submissão apenas de quando em quando protestava, para logo tornar a cahir no sentimentalismo, que foi a agua mãe deixada pelos crystaes da sua *Lyra dos Vinte Annos*.

Religioso por indole, a sua educação mental toda bebida em românticos só consegue perturbal-o e co-

mo quer que pelo seu espirito de vidente passasse um sopro do seculo, eil-o a contorcer-se n'essa binomia da descrença e da duvida, na mesma continua vacillação mental, equivalente á tortura agora d'um amor que não possui, logo de extasis magnificos e lamentações de desventura moral filha d'uma imagem mesquinha que elle guindou a ideal, saindo assim d'alma e coração um ser de poeta genial, condemnado a padecer no captiveiro da dubiez, que faz a essencia e a flamma do seu *subjectivismo* exquisito.

Aos 21 annos, antes de douctorar-se, em plena gloria, morre, para nunca mais ser esquecido dos estudantes, que o recitam com aquelle mesmo culto que os rapazes da *Sorbonne* cantam as *Noites de Musset*.

Gonçalves Dias, Porto Alegre são ainda o producto da academia coimbran; como Nabuco e Rio Branco, Alvares Azevedo representa já as academias nacionaes, tanto que a Faculdade de S. Paulo lá lhe inscreveu na fachada o nome astral, indo ao encontro d'esse novo decorativo, que Paul Adam reclama para a Rua de Paris, afim de pela legenda dos grandes poetas e pelo aphorismo dos renomeados escriptores e pensadores, dados em espectaculo continuo ao povo, tentar a nacionalisação da alma collectiva, impossivel de conseguir-se, ao que parece, com a inexpressiva invocação dos frios monumentos.

E que grandes credos de civismo se poderiam ir arrancar ás obras dos poetas brasileiros, para a legenda do edificio! versos que valem um monumento,

periodos que narram uma batalha inteira, estrophes que revivem toda a evocação do genio d'um povo no rythmo da historia, e que, passada para o relevo d'uma parede, sobre o portico d'uma fachada, constituiriam uma propaganda viva do sentimento plastico, significando, para a memoria do artista e para o futuro do Povo, muito mais que a estatua, obra triste e muda, que mostra apenas a esthetica ou a fealdade d'um corpo, sem exprimir ao estrangeiro que a visite e á creança que a olhe, a alma, o genio, o sopro, a gloria, sem traduzir o Exemplo, o tropheu, a Divisa!

Alvares Azevedo é um dos brazões da Faculdade paulista ; não lhe resumiram a obra n'um verso, mas por emquanto não se sente a falta, porque todo o estudante sabe os seus versos de cór. E se mais tem vivido e se tem amado, que foi sempre uma das suas desalentadas dôres, haveria tambem por certo chamado a si o coração das mulheres, roubando a Casimiro d'Abreu essa voga, em que as *Primaveras* fluctuam como petalas, que, cahindo d'um calice a um lago, não se tivessem afundado, indo-se a boiar, á mingua d'uma brisa mais forte, que lhe mettesse um labio na agua.

Assim, Casimiro ficará por muito tempo ainda o soberbo, o amado poeta da saudade, que copiou certamente d'algun coração muito sensivel e enternecido a musica d'aquelles *scherzos* de tristeza ; «*se tenho de morrer na flôr da idade . . .*»

Por esta época, das provincias do norte ascende uma nova pleiade de bardos, nos quaes o *sertanegis-*

mo suffoca o sentimentalismo *byroniano*, divisa da legião sulense.

Com essa poesia objectiva, a alma popular começa de emocionar a alma dos poetas, a principio apenas pelo realismo bucolico, depois já pela invasão do seu pitoresco pessoal.

E Trajano Galvão é o precursor d'estes poetas, cuja gloria mais tarde Castro Alves havia de comandar; elle, o primeiro que teve um olhar para essa raça banida, escorraçada por todos, até pela poesia, que sempre lhe preferiu o indio quanto não podia ser o branco.

Após é que vieram Castro Alves, Celso de Magalhães e Mello Moraes Filho abrir o portico da litteratura a esse ser maldicto. Celso é o cantor do desespero, como solução do martyrio — os seus versos acompanham o escravo, que foge pelo matto; Mello Moraes, o espirito clemente, narrando horrorisado os dramas cruentos da Fazenda; Castro Alves é o clarim da revolta.

Trajano não é ainda o pamphletario que pugna pela abolição, não encarna ainda o protesto ou a colera do opprimido; na sua poesia, o negro toma todo um aspecto decorativo, n'um lyrismo em que lhe repete os desejos e lhes fixa as maneiras. Por vezes a sua lyra transige com o humorismo, como na *Crioula*, onde elle conseguiu traduzir toda essa faceirice brasileira, que não se sabe bem se está no olhar, se anda modelada com a ondulação dos quadris ou se é um gemido repassando a linguagem:

Sou captiva... qu'importa? folgando  
Hei-de o vil captiveiro levar!...  
Hei-de sim, que o feitor tem mui brando  
Coração, que se pode amansar!...  
Como é terno o feitor, quando chama,  
À noitinha, escondido co'a rama  
No caminho — ó crioula, vem cá! —  
Ha hi nada que pague o gostinho  
De poder-se ao feitor no caminho  
Faceirando, dizer — não vou lá — ?

Com esta qualidade, de primeiro apóstolo dos captivos, conquistou Trajano, dentro do seu grupo, um papel a que não lhe dava direito o seu curto folego de poeta, e a não ser essa nota, tel-o-ia feito recuar para o fundo do quadro a grande figura de Gentil Homem de Almeida Braga, o maior poeta maranhense depois de Gonçalves Dias.

Nas lyricas de Gentil ha esse espirito popular que creou os *Romances* e as *Xacaras*, ou elle não fosse filho do Maranhão, onde a alma do povo se denunciou sempre mais nacionalmente, conseguindo alastrar a sua onda de simplicidade poetica por todos os que lhe brincam no regaço.

Fagundes Varella, o bohemio fundador do *naturalismo bachico* constroe com Pedro Luiz esta alta ponte, que partindo do lyrismo de Alvares Azevedo nos depõe na margem dos *condoreiros*. Varella vem d'essa familia de poetas populares, que no Brasil se ramifica em Gregorio de Mattos o satyrico, produzindo tambem o elegiaco Laurindo e outros mais obscuros.

Senhor de transladar para a Harmonia a Côr, de transformar em versos musicaes a mais vigorosa descriptiva, elle parece querer intensamente furtar-se á acção exterior, pelo menos áquella que mais materialidade ressume. Assim, elle ahi vae perdendo-se no silencio do sertão, esquecer-se no marulhar da costa brasileira, fugindo, como lobo do povoado, ao primeiro assomo de cidade; e, no campo, comprazia-se nas sombras, detestando a luz, posto que filho de um paiz onde o Sol é um deus immortal. Era um sonhador, amante das brumas, escravo do ethereo; quando a phantasia sua irman o não vinha buscar, elle abalaya a procural-a, fazendo tudo o que tinha ao seu alcance por havel-a, fosse embora forçado a partir n'uma vela de engano, vogando entre fumos d'uma taça:

«Pois bem, seja de vinho,  
No delirar insano,  
Que afogue minhas lagrimas mesquinho!...  
Então envolto em purpura e arminho  
Serei um soberano!»

Por sua vida, altamente dramatica, com os episodios tremendos da morte da unica filha ocasionando a loucura da esposa, Varella tinha bem mais direito ao desafogo no verso, ao queixume na lyrica, ao *subjectivismo* em nota geradora da sua arte, do que Alvares Azevedo, cujos soffrimentos foram apenas a resultante d'essa dôr mental, quasi imaginaria, que desbota, repintando a obra e o ser de algumas creatu-

ras raras, como Quental. D'ahi, talvez seja bem mais cruel o soffrimento . . .

E com este viver desditoso se vae finando o romantismo. Estava escripto, porém, que elle não morreria sem botar uma derradeira fulguração, que illuminasse, com a chamma do seu incendio, a historia da litteratura brasileira. Morreria glorioso e a sua mortalha seria um astro. Assim foi: com o *condoreirismo*, nascido da influencia innegavel de Tobias Barreto e assignalado pela aurora colossal que foi Castro Alves, findou o estertor do romantismo, descendo á tumba amortalhado na egide de Victor Hugo.

Percorria o Brasil uma grande corrente patriotica. A cada victoria das forças brasileiras na guerra do Paraguay um alvoroço de jubilo invadia a nação, e um estrepito de entusiasmo entrava na alma da mocidade. A onda avançava por toda a parte, e alagando as ruas e espumando nos salões, galgou as casas de espectaculos. A maneira *hugoana* de soberbas apostrophes, tilintando oiro e cada verso chegando ao ouvido com o estridor d'um impeto, fosse de colera ou de exaltamento, quadrava bem á necessidade, que a poesia brasileira tinha no momento de personificar a alma nacional radiante.

O verso brasileiro vestiu-se, pois, com a tunica magnifica do ultimo pontifice do romantismo, desmanchou com os dedos o penteado, n'uma attitude de alucinação e poetico arrebatamento, e rompeu com um grande gesto de inspirado por entre o clamor.

Dos camarotes dos theatros e dos varandins dos

periodicos pernambucanos, Tobias Barreto encarnou no reflexo das suas estrophes a figura da Patria embriagada de gloria. Hugo fôra o mestre; Tobias Barreto, o iniciador, o chefe.

Os *Condoreiros* existiam.

Mas Tobias Barreto não era sómente um coração, uma alma, elle calcava sobre terra firme. O romantismo *hugolano* era um tablado que podia sustentar uma orchestra, nunca palanquim para a proclamação d'uma Era.

E o espirito de Tobias Barreto entrou de suffocar a insubordinação dos corações, pondo um dique aos abusos d'essa nova escola e offerecendo em troca d'uma litteratura falsa, apoiada apenas sobre uma morphologia poetica, uma outra provindo da systematização do pensamento.

O primeiro hugolatra brasileiro é o primeiro a apostatar, abraçando a néo-religião da philosophia germanista.

Tobias Barreto não era o que a stulticia brazonada chama *bem nascido*. Vinha do povo, saído do lar paterno aos dezeseis annos, a ganhar o pão com a sua bagagem scientifica, preceptor de latim e musica. Por isso mesmo elle chega a todas as posições, exemplo: lente da Faculdade de Direito do Recife, até ás que a sua independencia despreza. Trazendo do berço o baptismo sacrosanto dos humildes e dos bons, ao poeta dos *Dias e Noites* inspirava-o uma alma nutrida do ar salubre do sertão, modelada pelas tradições respeitaveis da plebe, com todas as credenciaes para

ser o legitimo representante d'essa grande potencia anonyma, que é o espirito d'um povo.

Nos *Tabaréos*, na *Lenda Rustica*, na *Scena Sergipana*, como nos seus cantos patrioticos, lá está em toda a legitimidade da emoção o poeta brasileiro.

Fôra toda uma vida, com as suas luctas e os seus enthusiasmos, a congregar-se para lhe dar um sceptro. A sua infancia banhara-se na agua astral da alma popular, que o impregnara do seu dôce extasis e o armara de seus arrebatamentos igneos.

Pela mocidade fôra, o espirito refreia um pouco os impetos do sangue, a alar-se para o sonho, impaciente de liberdade, entrega-se voluntariamente á justiça d'uma disciplina mental, e juncto d'uma alma desabrocha um espirito, ao lado d'um choupo agiganta-se um cedro.

Com essa dualidade, suavizada pelo seu culto á musica, aquelle trovador n'um sublevado era o predestinado guia d'uma patria.

Em seu torno, fecha-se então um grande circulo de discipulos, formando á esquerda uma valente phalange de poetas.

Dos primeiros, conserva ainda hoje a vanguarda, pelo amor cultural que confessadamente sempre e ainda presta a Tobias Barreto e pela primicidade de valor, o eminente espirito de Sylvio Romero. Organisação embebida do mais avançado progresso mental, com o mais fervente patriotismo amassou o excellente barro de que construiu esse monumento que é a sua obra infatigavel, immensa e valiosa.

Machado d'Assis, Araripe Junior, Mello Moraes, uma fileira, uma columna, a vastidão... junta-se-lhe, e a sagrada obra da demolição começa, sem treguas, sem restricções, intransigente, implacavel. O monismo allemão, defendido e propagado pelo auctor dos *Estudos* não era, talvez, de molde a implantar-se subitamente no Brasil. Mas essa activa reforma de Barreto, ao recuar deixara, como as ondas sobre o areal, soberbas estrias de sargaço, um residuo d'onde o positivismo francez tirou o adubo chimico-social.

Com as novas doutrinas philosophicas, esse evolucionismo crescente, e como que precoce, que é outra característica do povo brasileiro entrou de aggravar-se, tornando-se uma ameaça séria para tudo quanto se baseava na mentira: a mentira politica e o erro literario.

Infiltram-se pelos espiritos as modernas ideias e, como d'uma mecha bem embebida de combustivel, a explosão solta a sua chamma.

Tudo quanto é valor, talento, acção está a postos na batalha; tudo quanto é avançado e bello e grande e justo faz parte d'esse programma social, redigido antecipadamente, para ser imposto como indemnisação de guerra após a victoria.

Da imprensa ao poema, da escola á praça publica a lucta vae, ateia-se, multiplica-se, envolve.

A campanha social, conquistando os estros, transforma-os em gladios; e Castro Alves symbolisa esse momento historico, traduz a impaciencia dos percursores, gritando appellos de reacção ao povo, com a

sua fulminante scintilla patriótica. E da lyra saltam-lhe, então, fagulhas incandescentes como esse hymno marcial *Ao Brasil*:

É hora de acordar. Rebrame na floresta  
O furacão do sul, terrível, infernal;  
Embocca o teu beré, a rubra massa apresta;  
Sê outra vez caboclo, oh! filho de Cabral!

.....

Creára Deus em ti um outro mundo á parte,  
Qual o segundo Adão, que te perdeu tambem?  
O monstro da ambição consegue desvairar-te,  
E n'ara da vaidade immolas o teu bem.

Fugiste ingenuo, á selva, e á beira mar sentado  
Sorriste ao viajôr que ao longe appareceu.  
Em troca de europeis de um mundo refalsado,  
Leão, deixaste a juba ás plantas do europeu.

O que-ganhaste? Um rei! O que perdeste? Tudo!  
E a America rugiu fitando o teu senhor.  
Bem tarde conheceste o quanto fôras rudo;  
Já tinhas sobre o peito o pé do domador.

Agora... é caminhar com os olhos no horizonte,  
Um dia o Pharaó vacilla ante José!  
Não ha martyr algum sem resplendor na fronte,  
Não ha diluvio algum sem barca de Noé.

Para a politica como para a litteratura vae perigo.  
Regimen e escolas litterarias não teem outro remedio

senão transigir, entrar no caminho das pequenas concessões.

O ultra-romantismo dá com os primeiros transfugas. Luiz Delpino e Celso de Magalhães, passam-se do *condoreirismo* para o *parnasianismo*.

Machado d'Assis, o Mestre! sempre indiferente á ephemera gloria dos *condoreiros*, é dos primeiros a alistar-se na litteratura dimanada da nova philosophia.

O imperialismo recua atordoado ás machadadas do apostolado contista.

É a grande hora de Patrocínio e de Quintino Bocayuva. A cruzada do abolicionismo attinge o ponto de ebullicão. Já os poetas o pregam. O coração da mulher sagra-o. De todos os peitos levanta ferro para aportar a todos os labios, o *Navio Negreiro* de Castro Alves. E em 71 a lei do *ventre libre* é uma enunciação da conquista final. Só mesmo um grande amor pode conservar assim alheio o poeta dos *Noturnos* e fazer com que n'esta hora, Gonçalves Crespo não siga os passos do velho Bonifacio, que depois de se ter dedicado por Portugal n'uma das invasões francezas, parte para o Brasil a bater-se ainda denodadamente, aos 56 annos, por uma constituição liberal.

O Brasil, porém, não está desamparado. Os espiritos são fortes, cada qual mais, e o numero chega para envolver o inimigo, que não tardará a achar-se sitiado.

Um regimen inteiro começa a alluir. Tentam ainda metter-lhe uma escora, chegaram a correr por ella aos

democratas, e, levam-lhes do arsenal a grande columna, com que o partido republicano faria amanhã o primeiro alicerce da sua gloriosa cupula. E a Princesa rubrica com as suas armas o alvará bemdicto da Lei Aurea. Mas, a vaga cresce e dentro em breve a cheia sumirá os vestigios das margens...

Sente-se um estalar de fendas: o throno talvez que vem abaixo com o Regimen. Quem tentar segural-o corre o risco de lhe ficar debaixo dos escombros. E os demolidores continuam derruindo, abrindo a cova... Serão bem elles quem derroe? Não: é a lei da selecção intimando os fracos, os invalidos a destroçar.

Ás portas do systema condemnado forma um grupo de cabeças organisadoras. É esse povo que se propõe, emfim, corrigir os defeitos organicos, os traumatismos da gestação; emquanto durára o enlêvo da Mocidade cantára—agora as preocupações do futuro assomam, elle sonha, como todos os fortes, com victorias, devoreia-se das más companhias da bohemia, olha a vida a serio.

É a maioridade, a vespera da Plenitude, o portico do Triumpho.

Adeus, serenatas! Em paz, romanticos!

### III

#### PLENITUDE

Passaram os maus dias, os dias de anciosa esperança, que são, para os povos mais do que para os individuos — angustiosos e negros.

Com o grande *sport* da mocidade o organismo social, reduzindo os aleijões hereditarios, fortaleceu esse Povo até esta plenitude de todo o seu vigor.

A colonia deu n'uma Republica scientifica, consciente producto de cerebros autonomos. São livres os escravos, livres os varios membros do corpo nacional, que um coração commum liga e rege.

D'essa escravidão apenas a memoria guarda entrecchos de dramas. Da lucta, com o seu golpe de estado e os seus choques reflexos, sómente a luz sanguinea de estrellas, pode dizer os barrancos da estrada. Da bohemia litteraria restam destroços de aneddotas.

Ficou para traz a lucta, as grandes aspirações sociaes recapitula-as a plena victoria. O ideal é um facto.

A Patria existe.

Muitos dos obreiros que trabalharam no soberbo monumento, inscreveu-os já no seu pantheon a saudade civica. Deodoro, Silva Jardim, Constant, Floriano são mortos. Lucta e victoria teem um passado.

Na portentosa phalange de escriptores, nascidos com essa Era revolucionaria, e que fizeram das suas pennas bayonetas para combater pela Republica, ha Nomes.

Aluizio Azevedo, Arthur Azevedo, Olavo Bilac, Luiz Murat, Pardal Mallet, Coelho Netto, Machado de Assis, José Verissimo, Araripe Junior, já a estas horas estão atando a ponta da ultima victoria ao triumpho dos futuros tempos.

Essa jornada longa, em que cada sol trazia uma chuva de luctas não os abateu. E o combate, que cada um e todos tiveram de ferir com a miseria e com a fome no grande descampado d'arte que fôra então o paiz do negocio, merece-lhes hoje a poetica recordação d'uma grande era de fé, durante a qual se praticaram proezas, de admirar hoje os proprios heroes, e se soffreram dôres, que volvem agora n'uma bella miragem de doces felicidades perdidas.

Cada um d'esses consagrados, vultos da historia litteraria do Brasil contemporaneo, tem na sua vida episodios, chronicas d'uma cruzada contra a obscuridade, á hora rude do desembarque na vida, com que fazer outros tantos *Trent'ans de Paris*.

Comtudo, esses trechos da mocidade, tão ineditamente interessantes, não lhes dissolveram o character nem lhes crestaram a obra.

Apenas Ney e Mallet partiram, sem produzir. Pardal Mallet ainda teve tempo para escrever *O Lar*, que é o bello programma d'um talento.

Paulo Ney deixou somente um punhado de anedotas, por onde se pode reconstituir a grande chamma de intellectual valor, que eternas noites de bohemia consummaram, para lhe allumiar os passos.

Um brasileiro, na sua exigencia de fazer da sua patria um fóco de modelar progresso, sempre descontente, portanto, visto como a perfeição é um absurdo, iria talvez buscar a razão d'essa esterilidade, a este curto lampejo do humorista, que seria crime tornar em documento.

Certa manhã, Paula Ney atravessava a rua do Ouvidor, sobraçando ostensivamente um masso de revistas inglezas e allemans. Bilac encontra-o e pergunta-lhe intrigado:

— *Seu* Ney! você conhece inglez e allemão?!...

— Não; mas conheço o paiz onde vivo.

Não foi, porem, esse pretendido conhecimento do seu paiz, que o arredou da producção. Aquella esterilidade não era systematica, voluntaria. Elle era antes uma d'essas creaturas, cuja acuidade parece enfastiar subitamente e aborrecer depressa tudo quanto o seu espirito mal acaba de sondar. Capazes de afflorar todas as sciencias e todas as artes, a violação do segredo uma vez celebrada desgosta-as do que pouco antes continha a tortura feliz d'um ideal. O *blasé* intellectual torna-se então um anarchista. Onde elle esteja o seu humorismo faz explodir o riso, como uma

bomba de dynamite estilhaçaria uma mesa de crystaes. E o, porventura, poeta epico redonda n'um satyrista, o escriptor passa a creador de anedotas, pamphletario verbal, que ataca os costumes e descarrega o seu talento azedado sobre as mil pequeninas culpas do seu meio e do seu tempo.

Foi assim que alguns aspectos fluminenses deram a Paula Ney assumpto para as melhores das suas escriptuosas *charges*, exemplo aquellas barreiras que os estudantes das diversas escolas levantam todos os dias da 1 ás 4 da tarde, na rua do Ouvidor, ao canto da rua Gonçalves Dias. Um dia estava essa mocidade no maior auge da sua ruidosa ociosidade, quando Ney surge encarapitado n'um banco, adrede chegado d'uma loja para a calçada, deitando pela sua voz de orador, qualquer coisa como o exordio d'uma proclamação. Rodearam-no logo e elle recommçou:

— Meus senhores! A municipalidade do Rio de Janeiro, attendendo ao grande numero de necessitados, que infestam esta capital, e querendo acabar d'uma vez com o degradante espectaculo da mendicidade, acaba de votar no seu orçamento uma verba para distribuir um bodo diario, aos pobres. E, tendo-me a integerrima municipalidade incumbido da distribuição d'esse bodo, passo a inaugurar tão misericordioso acto de caridade.

E descendo da improvisada tribuna, tomou das mãos d'um creado de confeitaria um tableiro, com meia duzia de pasteis, que repartiu pelos ouvintes mais proximos. Depois trepou de novo e deixou ca-

hir a tremenda peroração, para a qual conduzira todo este espirituoso intervallo comico:

— Todos os dias será o bodo distribuido á mesma hora e variado; para amanha, capim!

No seculo xvii Ney teria feito satyras; e da sua verve restaria uma obra. Com o andar dos tempos tendo vindo a satyra expirar no *fait-divers*, apenas a tradição conserva os echos dos seus dictos. Mas, quantos de pé para suprir a inutilisação d'esse talento, com a abundancia d'uma obra realisada! Ou não fosse esta a hora da plenitude. . . . plenitude em toda a linha, nas sciencias, nas artes, na litteratura.

As sciencias, especialmente a medicina, hobreiam em desenvolvimento com os grandes centros scientificos da Europa. A faculdade de Medicina, do Rio de Janeiro, modelada pela de Paris, desde o curso livre até a divisão das cadeiras, tem produzido clinicos, cujos doentes em casos de longa cura são remettidos ao Brasil pelos mais celebres especialistas de Paris e de Berlim, com esta admoestação glorificante:

— Quem tem medicos d'estes no seu paiz, não vem tratar-se ao estrangeiro! . . . .

De Torres Homem, — o genio! — a Luiz Botelho, — o sabio, a medicina Brasileira não se cança de inscrever na sua historia grandes vultos. O tratado de *Propedeutica* do Dr. Francisco de Castro seria o bastante para o celebrar, se a sua clinica, uma das maiores do Rio de Janeiro, o não tivesse ha muito dispensado de outras provas. Miranda Azevedo, um dos que primeiro (1875) vulgarizou em conferencias as theo-

rias darwinistas, occupa hoje um primacial logar entre os medicos paulistas. Domingos Freire, posto que não tenha descoberto o sôro da febre amarella, sempre conseguiu mais com a sua vaccina do que o professor Sanarelli, que o Brasil, n'esse defeito talvez herdado de nós outros, aclamou, como se só os estrangeiros podessem ser glorias universaes. Erico Coelho é no Brasil o representante de Julio de Mattos. Murtinho faz lá a grande gloria da homopathia, que conta tambem o nome illustre de Theodoro Rodrigues, cujo espirito passou por mim nas noites inesquecidas de bordo, em regresso de Londres e de Berlim. E o Dr. Fajardo é uma das figuras mais sympathicas que podem existir dentro d'um esqueleto de joven sabio.

É sobretudo na Cirurgia que o Brasil está adiantadissimo. Adquiriu esse ramo uma tal vulgarisação, que é necessario tratar-se d'um doente muito rico ou d'um caso muito grave, para se appellar para os ferros de Carlos Botelho, o primeiro operador paulista ou para os do barão de Pedro Affonso, a quem o anterior Presidente da Republica, Dr. Prudente de Moraes deve o não ter sido esmagado por dois calhaus que lhe andavam na bexiga. A cirurgia orthopedica e a obstetricia constituem notaveis especialidades.

Portugal tem dispensado ao Brasil alguns grandes clinicos, como o conde de Figuerêdo de Magalhães, o medico popular da colonia portugueza, e o Dr. Viriato Brandão, hoje em S. Paulo; sem fallar no glorioso nome de Bettencourt Rodrigues, o discipulo

querido de Charcot, citado pelo Regis no seu *Manuel de Maladies Mentales*, exactamente n'um dos pontos que á psychiatria mais tem dado que entender — a paralyisia geral.

Em compensação o Brasil já tem offerecido á França regios presentes n'esse genero, como esse grande ophthalmista, lente da Faculdade de Medicina do Rio, que deixa o seu logar e a sua clinica, porque Paris o compensa de tudo isso.

Nas sciencias de Direito e de Mathematica não faltam vultos, nomes. E por ahi, vae de norma a mesma permuta: demos-lhe Zeferino Candido, o imperador trouxe-nos Rebouças.

As artes em estarem no seu bello prologo symphonico, nem por isso deixam de ter já com que entreter um critico. D'ellas pode dizer-se o que Sylvio Romero affirmou da litteratura: *entram para a historia em plena luz.*

— Mas não teem theatro! . . . acode-se logo.

É certo: o theatro brasileiro, que muitos querem que esteja em decadencia, nunca existiu, affirma no *Brasil-Portugal*, e confirma-o no *Paiz*, Arthur Azevedo. De facto, os *mysterios* de Anchieta, o theatro do padre Ventura, o popularisador das comedias de Antonio José, a Nova Casa da Opera, construida pelo dansarino portuguez Manoel Luiz, sob o patrocínio do marquez do Lavradio, não perfazem com as cinzas dos que arderam e os destroços dos que se esbandalharam uns restos para alicerçar uma litteratura dramatica, até ao seculo xviii. Encommendadas duas com-

panhias portuguezas para o Real Theatro de S. João, construido por D. João vi e que ardeu tres vezes, tomando successivamente os disticos: Imperial Theatro de São Pedro d'Alcantara, Constitucional Fluminense, é com os residuos d'uma d'essas *troupes*, que o actor nacional João Caetano funda uma companhia, e quer inaugurar o theatro brasileiro, na sala do São Pedro d'Alcantara. Elle dispunha de tudo, para na verdade ser o fundador do theatro nacional: um enorme talento d'artista, uma invejavel aura de sympathia entre o publico, e dois auctores como Domingos de Magalhães e Martins Penna. Começou bem, inaugurando o seu theatro, a que pertencia Estella Sezefredo, com a tragedia *Olgiato* de Domingos de Magalhães. Faltou-lhe, porém, a intuição do papel que tinha a representar na época da litteratura brasileira, que era todo de uma intransigente nacionalisação, e, dando a preferencia ás traducções, chega a perder a subvenção do governo, por se negar a pôr em scena peças de Alencar.

Entram a visitar o Rio de Janeiro actores francezes, levados pela colonia franceza, já alli importante, e o theatro S. Francisco, depois Gymnasio, nasce, fundado por alguns d'esses artistas estrangeiros. O theatro nacional mostra, então, visos de crear-se, embora sob a influencia da arte franceza: Joaquim Heliodoro dos Santos reúne os actores espalhados que abandonaram João Caetano, e monta peças de escriptores brasileiros, entre outros Alencar, Macedo, Quintino Bocayuva; mas, o Alcazar proclama o reinado de

Offenbach, a arte, como recém-nascida, pouca resistencia offerece, o publico prefere-lhe o can-can, e d'ahi para o futuro só a revista poderá luctar com a opereta, dissolvente do gosto e dos costumes.

Um punhado de auctores, como França Junior, Agrario de Menezes ou Arthur Rocha, não dá uma litteratura; quaesquer bons actores, que o Brasil tem visto nascer ou tem creado, como Vasques, Peregrino, Xisto Bahia, Martinho ou Guilherme de Aguiar, não são a scena d'um povo. E não se pode levar a mal que Furtado Coelho não tenha podido conseguir mais do que, com dispersos elementos nacionaes, representar Dumas e Feuillet, pois que os seus triumphos pessoases, até á gloria, não vieram na época de João Caetano, em que reis e vice-reis patronavam os palcos, mas sim n'um periodo de dissolvencia, á qual o famoso Alcazar levava o publico.

A carencia de Theatro, porém nada depõe contra a arte brasileira. «A forma dramatica ficará sempre a forma inferior da litteratura, porque ella subsiste sómente pela interferencia da eloquencia, arte toda differente, hypnotisadora e material, independente do pensamento», eis o que avança e prova, com a historia da litteratura em punho, o famoso espirito de Paul Adam. A proposito da debatida questão do theatro popular, que a França pretende crear agora, assim falla o sympathico guia da mocidade franceza: «Aos dramas de Voltaire e de Beaumarchais comparae *Manon Lescaut*, as *Liaisons dangereuses*, *Candide*, o *Neveu de Rameau*: que triumpho ainda para a litteratura sobre o

theatro no seculo xviii! Ousar-se-ha pôr em parallelo o Hugo do *Homem que ri*, do *Satyro* e da *Legenda dos Seculos* com o dramaturgo do *Hernani*, do *Roi s'amuse*? Ousar-se-ha pôr em parallelo os pensamentos d'um Dumas filho com os d'um Flaubert? Tres seculos, em nenhum o theatro sobreleva a litteratura, no romance ou no poema, longe d'isso».

Mas, quando o theatro não fosse, como é, uma arte inferior, bastava saber-se que é de todas a de mais lenta civilisação, para não se desesperar de a ver ainda attingir a culminancia, que no Brasil alcançaram já as outras artes. Arthur Azevedo fez d'isso uma questão sua; não perde um ensejo, a morte de um actor, a visita d'uma artista celebre ao Rio, Novelli ou a Duse, o centenario do descobrimento, tudo aproveita para recommençar o combate, para volver á cruzada. E, ou elle ha-de morrer muito cedo ou o Theatro Municipal se fundará, devendo já agora mais a Arthur Azevedo do que ao Conselho Municipal.

Percorram, agora, as outras artes. A musica! . . .

O snr. Moreira de Sá, n'uma conferencia sobre a *Musica na America do Sul*, pronunciada em 98 no Instituto Portuense, conta como, chegando com Vianna da Motta ao Pará, lhes fôra cedido gratuitamente o theatro da Paz, pelo governador dr. Lauro Sodré, um dos vultos mais proeminentes da politica nortista, a titulo de que os concertos dos dois artistas portuguezes «eram proveitosos para a cultura musical da cidade». Esse facto mostra flagrantemente o gosto que no Brasil ha pela musica. Os concertos popula-

res, que o trabalhador portuense tenta agora implantar entre nós, e que infelizmente será talvez a segunda tentativa gorada, já elle os encontrou no Rio, á data da sua chegada, organizados por artistas como Nepomuceno e Miguez, jornalistas e criticos do estofo de Luiz de Castro, o *enragè* wagneriano. E para essas audições enchia-se o vasto theatro lyrico, emquanto que no Porto as galerias do Aguia d'Ouro sobram para comportar os amadores. O Rio, no seu espantoso poder de tudo centralisar, desde o commercio ás artes, é o grande meio musical do Brasil; ahi se encontram Leopoldo Miguez, — dirigindo o Instituto Nacional de Musica, que o governo subvenciona, e ajudando com o seu talento as tentativas prodigiosas do patriotico Centro Artistico,— Bevilacqua, Duque Estrada, Alberto Nepomuceno, Fertin de Vasconcellos, Henrique Braga e muitos outros, sem esquecer Delgado de Carvalho, a quem Coelho Netto já se alliou n'um dos seus arrojões.

Comtudo, São Paulo não deixa de ter tambem a sua bella pleiade de compositores, cujos successos um grupo de apurados *dilletantis* garante. A lamentavel retirada de Oswald para Florença, onde exerce o professorado no Conservatorio, não tira que Levy, Otero um allemão espirital mettido na alma d'um typico rio-grandense, Gomes d'Araujo e Chiafarelli e outros, continuem a dar os seus concertos no *Stenway*, a esplendida sala onde Vianna da Motta teve duas das suas melhores noites d'artista.

E a doença e a morte de Carlos Gomes é uma

plangente mas uma magna prova do culto que esse povo vota á musica. Emquanto o cancro dos fumistas ia infeccionando implacavelmente todo o sangue do grande maestro brasileiro, o paiz inteiro viveu em constante sobresalto; o Pará, onde a maior gloria artistica de Campinas agonisava, todos os dias d'esses longos mezes punha a imprensa fluminense ao corrente da molestia, por telegrammas que eram affixados ás portas dos jornaes, como se se tratasse d'um chefe d'estado. Depois, quando a negra noticia se espalhou pelo paiz, foi como uma calamidade publica que se confirmasse; todo o Brasil se cobriu de luto, e os funeraes que o governo do Pará fez ao creador do *Guarany*, só os sabe dispensar eguaes a França a um dos seus presidentes.

Os pintores, melhor é nem os convidar a expôr n'este mesquinho salão, porque decerto se lhes não poderia facultar espaço para as suas grandes telas. Pedro Americo, Weingärtner, Parreiras, Brocos, o pintor paulista da *Monção*, e Henrique Bernardelli, tirando ao acaso da reminiscencia da aurea urna contemporanea, seriam postos *hors-concours*.

Rodolpho Bernardelli representa, com toda a legitimidade d'um genio, a Esculptura. Saído da Academia Imperial de Bellas-Artes, do Rio de Janeiro, a Italia confere-lhe o primeiro premio no concurso para um monumento a Victor Emmanuel. Hoje, o fundador e director da Escola de Bellas-Artes é o esculptor celebre dos bustos de Pedro II e de Deodoro, o creador d'essas estatuas de Caxias, Marquez do Herval e

José d'Alencar. Alli, no seu atelier do Rio de Janeiro, que não parece estar no centro d'uma capital ruidosa mas a mil leguas da terra, tal é a transição brusca e ineffavel que se sente ao transpôr aquelle portico do sonho, ha inda marmores, porventura a obra em que a sua inspiração attingiu verdadeiramente a sublimação do genio, entregando-as depois á realização d'um creador. O *Christo e a Adultera*, *Moéna* e a *Faceira*, essas sim que são authenticas obras primas, a sua corôa de gloria, a expressão do seu raro temperamento na arte divinamente pura. E o ultimo sôpro do seu cinzel, o *Monumento a Alvares Cabral*, que o Rio de Janeiro baptisou com uma apotheose na commemoração do iv centenario, fez erguer os olhos da Europa para o victorioso estatuario.

Seu irmão Henrique é o vigoroso paysagista dos *Bandeirantes*, cujo pincel Chicago, Roma e Paris acclamaram já. Mas, como um pintor de primeira plana e um estatuario de genio não bastassem para fazer dos Bernardelli uma familia d'artistas, lá anda pelos Estados-Unidos outro irmão ainda, no dorso da fama, entre os violinistas, que mais folego teem para essa difficil ascenção aos pendores da gloria.

Morales de los Rios, tão scintillante orador como lucido jornalista, professor da Academia de Bellas-Artes, nada obscuro até aqui, acaba todavia de se popularisar com o seu *Arco Manuelino*, apresentado no centenario, proclamando assim iniciado o cyclo de glorias da arte architectonica.

E a poesia, como o conto, como o romance, en-

tão, Deus grande! a toda a hora descem dos Estados do Norte e chegam do platô central poetas admiráveis, a que vão juntar-se outros do Sul, todos elles trazendo no hemistichio estellante magicas frautas d'archanjos. Só mesmo a paciencia e o methodo d'um historiador de folego conseguiriam classificar toda essa portentosa vastidão e colher n'uma grande rêde de arrastar todas as producções litterarias, espalhadas do sertão até á costa. Porque, decerto não vae da opposição dos escriptores consagrados na capital essa obscuridade, que ás vezes pesa durante annos sobre um nome. Invejosos ou egoistas que guerreassem os Novos, não receberiam tão fraternalmente os que sobre não surgirem do Rio de Janeiro nem no Brasil nasceram.

— Carlos Malheiro Dias chega em 93, com 18 annos, ao Brasil. Filinto d'Almeida faz descer a ponte levadiça do grande forte, e o juvenil guerreiro rompe com um tilintar de aspirações, pelas severas columnas do *Estado-de São Paulo*. Ahi Carlos Dias alcança uma duzia de victorias nos primeiros recontros com esse inimigo universal, que o publico é sempre para os nomes novos. Em 1894 um premio obtido no concurso da *Semana*, com a *Scena Romana* e o successo escandaloso da *Laís*, premiada no concurso da *Gazeta de Noticias* sobem-lhe á cabeça e elle ali abala de S. Paulo. Chegado ao Rio, é Coelho Netto quem lhe dá um editor para os *Scenarios*, Ferreira d'Araujo retribue-lhe a collaboração na *Gazeta* e a *Noticia* nomeia-o successor de Pardal Mallet na chronica litte-

raria, que elle veio a legar a Valentim de Magalhães, com a gloriosa tradição d'uma victoria ganha na lucta com as escolas decadistas, apparecidas em 95 no Rio de Janeiro, nobre campanha litteraria feita a poder de mocidade e de energia. D'ora em diante, tudo era facil: o talento triumphara na heroica lucta da inexperiencia contra a fome, contra a miseria, que assalta todos os que desprevenidos se deitam affoitamente a caminho d'um nome de escriptor. Carlos Malheiro Dias talhára para si o espaço d'uma chronica ou d'um artigo no jornalismo brasileiro, o publico reservavalle um logar. Quando n'isto, após quatro mezes de redacção, ao lado de Patrocínio, certo dia ao descer as escadas da *Cidade do Rio* atirou á rua com a *Mulata* e desapareceu. Nunca mais ninguem soube d'elle, até que agora, fazendo-o já todos perdido, surge jogando á cara da mocidade portugueza, com o *Filho das Hervas*, esse libello accusatorio d'uma educação que dá ao mundo infezadinhos Moraes, incapazes para a lucta pela vida e com a alma encaroçada de escrofulosos preconceitos.

— E a vida d'esse outro guerreiro portuguez, cuja victoria chrisinou, para todo o sempre— João Luso!... A apostar que nunca se ouviu fallar em Portugal de tal nome, nem em certo livro... «Contos da minha terra» se chama elle! Pois, é outro exemplo da solidariedade, que, entre os homens de letras brasileiros, nós encontramos sempre.

Desilludido da vida intellectual com todo o seu *minuete* de derrotas e dissabores, ia elle de sobra cá

da terra ; assim, uma vez no Brasil o João Luso transmigrou para o seio do commercio, onde se pode ainda hoje encontrar a paz, que nós deveríamos ir beber á terra, sachando os campos, abrindo regueiras de eterna ventura, sorvendo o grande amor dos peitos uberes de Mãe-Commum. Após o seu rude trabalho material de doze horas diarias, n'um deposito d'armarinho em S. Paulo, sentiu o João Luso nas primeiras vigílias do seu exilio, a necessidade das almas insatisfeitas, cujo enternecimento se compraz em repassar tristuras. Sem amigos, sem conhecidos a quem fallar da sua vida passada, simples e ditosa, com quem chorar as saudades da sua Beira, o João começou de escrever em singelos contos as memorias da sua mocidade, para se *entreter* e as viver de novo relendo-as ao depois, como o pegureiro, que, desfiando a frauta, pelas montanhas desertas e nevadas — quer ouvir *fallar* alguém e chorar de companhia.

E sem o querer, sem o pensar, soffrendo apenas, aquelles serões para matar a nostalgia eram o trabalho d'um litterato. Succedeu-lhe com os seus contos coisa semelhante á das cartas de D. Maria Alcoforado. Mal sabia aquella mulher ao mandar uma copia do seu coração ao grosseiro official francez, que havia de ser assim profanado o seu amor, e o seu sentimento aproveitado pela vaidade d'um povo ! Mal sabia tambem o João Luso, quando mandava os seus contos pelo correio, á redacção do *Diario Popular*, que ia ser acclamado prosador, contista repassado de sentimento e de verdade, que ia crear um publico,

levantar um batalhão de adoradores e ver cair a vi-seira do seu pseudonymo<sup>1</sup>.

Partidas do mesmo centro—um sentimento fundo, uma dôr sublime.—as suas obras parecem-se tambem. Ambas ellas deixam de ser a obra de litteratos para serem a composição d'uma dôr, embalsamada em singelos e melopaicos periodos. O livro de João Luso não se compõe dos contos d'um litterato que se estreia. É a esculptura d'uma saudade passada á madeira sem uma pintura sequer. São simples os seus assumptos, simples os seus typos, e o seu estylo, simples tambem, faz lembrar esses corpêtes sem varas das camponezas, que vasam esculpturas em corpos fortes. A imagem é um molho de giestas, corredio como uma felicidade o dialogo. Emfim, o livro todo deslisa n'uma manhã de maio, como as da nossa terra, o sol quente, o ceu sem uma nevoa e as rosas frescas a florescer n'um sorriso, sem uma petala crestada, n'um pleniluneo de vida, de saude, de felicidade e alegria, de paz e d'amor. É a obra d'um forte. Não tem paginas tristes, pessimistas, onde os personagens *acabem mal*, acobardados ante a felicidade. Todos os seus typos são cheios de vida, de saude, almas puras e bem temperadas a quem o amor arrasta, movimen-

<sup>1</sup> O seu verdadeiro nome é Armando Erse de Figueiredo. Tal nomeada, porém, teve a sua obra, que mesmo os mais intimos, teimam em chamar-lhe João Luso. Bilac, ao saber d'isso, não pôde deixar de lamentar que os seus contos não houvessem sido antes perfilhados por aquelle nome de novella.

tando-lhes as acções, um grande amor simples que os tortura, que os faz soffrer e que lhes enche a vida, mas cuja lucta acaba sempre no triumpho d'um grande amor. É bem, pois, a obra d'um forte a quem o amor tambem gera a sua acção, e que lucta, como os typos dos seus contos, n'uma ancia de vencer, de ser feliz e de alcançar todo o Bem, para o repartir alfim. Especialmente, na «Resalva» que se vê concretisada a victoria d'esse amor; na pintura ligeira d'essa mulher, que é o typo da nossa mulher do campo, apaixonada, submissa e heroica, a penna carinhosa, poisa de manso sobre o assumpto, affaga-o com dedos de setim e beijos mudos. Uma senhora a quem João Luso offereceu o seu livro escreveu-me: «Quando acordei estava com a cabeça deitada sobre a «Resalva» que é um conto delicioso de simples...» E, confirma mais tarde: «Mais uma vez lhe agradeço os «Contos da minha terra». Ainda hontem me emballaram para adormecer».

A opinião d'uma mulher sobre uma obra d'arte, em que predomina o sentimento, tem sua valia. Estes dois periodos insuspeitos dizem bem que esse conto e os companheiros são, de facto, a obra serena, *inconsciente* d'um coração.

E, assim, sem desejos nem tenções de fazer uma carreira litteraria se creou esse João Luso em S. Paulo, onde a *Semana* o foi buscar para lhe premiar o dramatico «Serafim Tristonho», o que na occasião equivalia a ser consagrado escriptor. Muito mais tarde, tendo-lhe faltado a saude para as soalleiras

e os serenos, foi então que elle se deitou a escriptor de profissão. Ah! mas o jornalismo, no seu insaciavel tragar de talentos, está com geitos de nos querer fazer a esta organização, o que fez á de Salomonde, pois que até agora não deu ao João Luso uma tregua para publicar as suas promettidas *Chronicas d'aquem e d'além mar!*...

Zeferino Candido nos seus longos periodos de jornalista, como ao lançar a *Honra de Vasco da Gama* ou o seu *Portugal*, encontrou sempre a recebello amplos successos de estima.

Na *Folha do Norte* (Pará) ao lado d'esse formoso espirito que é o dr. Enéas Martins, lá está n'um logar d'honra o nosso temido e leal polemista dr. Correia Mendes.

Fran Paxeco ainda bem não deixára de collaborar na *Provincia do Pará* quando apparece assignando uma columna do *Paiz*, bastando apenas que dê mais livros para que se repita o triumpho do *Sangue Latino*.

E Filinto d'Almeida, o camoneano poeta da *Lyrica*, tem já a sua cadeira na Academia, uma vez que o Brasil se pagou com Filinto, nascido em Portugal, da perda do brasileiro Gonçalves Crespo.

Pois não lhes falta nomes para lançar e sobram-lhe glorias nacionaes, á consagração!

A producção assedia-os excessiva de todos os lados. Cada Estado tem poetas para encher uma litteratura. Todavia, por mais esparsos, brotando um dos alcantis do Recife, outros das areias cearenses, estes

do seio da ubere paucicêa, aquelles trazidos nos braços do pampeiro, um mesmo elo os vae reunir a todos sob o tecto espiritual d'essa Geração Nova, cuja obra foi o lar de todos, geração que tres poetas: Murat, Bilac e Alberto d'Oliveira; e dois prosadores Aluizio Azevedo e Coelho Netto tornaram um cyclo de triumphos.

Ouvir Adolpho Araujo recitar a harmonia crebra de qualquer dos seus sonetos:

## IGNOTA

Quem mora aqui, no meio d'esta matta,  
Que ondulosa e frondigera se estende?  
Quem n'este paço azul e aristocrata  
Mora? — fidalgo ou mystico duende?

Mysterio! emtanto, além da columnata,  
Que a idolatrada abobada suspende,  
Entre velorios brancos, côr de prata  
O albor de um rosto feminino esplende.

Céus purpureos de um lado, e a viridante  
Fila dos olmos do outro lado, e adeante  
O rutilar de mûrmura cascata!

Quem mora aqui? — Sitio de um nobre obscuro?  
Talvez! talvez o d'ella, e em vão procuro  
Quem mora aqui no meio d'esta matta.

Sentir a volupia d'esse rythmo, em que o verso se debate torturado n'um contraste de alteados agudos e de suffocações; escutar a arrogancia d'essas rimas soberbas, como o esfarfalhar de sedas; vê-lo

quebrar em dois, na supersensualidade da harmonia uma barra de oiro, —basta para se reconhecer Adolpho Arango um herdeiro legitimo ao sceptro de Bilac, o admiravel poeta parnasiano, soberano da côr e principe do som!

As mesmas *Urzes* do mystico Amadeu Amaral quando não se filiem directamente na dynastia parnasiana de Bilac, pelo menos no verso tiveram-o por mestre.

Carlos Coelho em vão distrahe as suas *Psychoses* por Madrid, por Salamanca, pelo Oriente ou pelos frios inglezes ; o seu verso fica-lhe sempre preso a um ramo de palmeira e, mais *lontano* que a inspiração se afoite, nunca a toada dolente deixa de soluçar *per-to de samambaias e dracenas*.

O joven poeta paulistano Carvalho Aranha, o já afamado João de Deus do Rego, o amazonense Paulino de Brito, como o forte cearense Antonio Salles, toda essa familia de poetas brasileiros, cujos nomes levariam centos de paginas a catalogar, são os ramos verdejantes d'essa arvore collossal, que tem suas rai-zes na inspiração de Raymundo Corrêa, de Luiz Del-phim, de Alberto de Oliveira e Bilac.

B. Lopes, o poeta ducal que na megalomania do seu estro deu em folhear as heraldicas phantasias até encontrar os seus *Brazões*, não pode negar o parentesco com Alberto de Oliveira ; ambos pertencem a esse numero de poetas, que, trocando os instrumentos de trabalho, assassinaram excellentes pintores ou corromperam grandes musicos. Alguns em vão querem emancipar-se do *parnasianismo* : Wenceslau de Queiroz abra-

ça o *satanismo*, mas ninguem o segue e o caso perde-se n'uma excepção desamparada.

O certo é que apesar d'essa carencia de novos rythmos, nem por isso a fonte da inspiração se estanca; dir-se-hia que essa como disciplina poetica, lhes dá a unificação que forma as grandes massas victoriosas. A proliferidade das gerações coimbrans fica incontestavelmente vencida pela fecundidade de qualquer cantão brasileiro. Raro é o dia que Arthur Azevedo, o complacente patriarcha, não annuncia na sua famosa *Palestra* uma d'essas semi-divinas creaturas, que teem por baptisterio fios de lagrimas perfumadas em conchas d'oiro; e, quando se suppõe que o cadete dos poetas brasileiros é aquelle ultimo nome benzido pelo sacerdote da *Joia*, bate-nos á porta, n'uma saudação do seculo aureo, qualquer lindo moço cavalleiro, com o gibão novo em folha, como... como quem?... como Vital Fontenelle, cujas *Satellites* no movimento espheroidal d'uma evolução inevitavel se conglobarão n'um planeta.

Deve ser uma especie de succo da raça, á qual basta o golpe d'uma dôr ou o fulco d'uma alegria para que a estrophe brote, como ao vibrar da machadinha um fio de guta-percha tremeluz das fibras.

Infelizmente, arte da forma, arte pela arte, vasia, enebriando de syncopes o ouvido mas não fallando ao cerebro, o *parnasianismo* esterilisa a funcção social do poeta. Tanto que a Mulher facilmente attingiu no verso a altura dos mais eminentes.

Dona Francisca Julia da Silva, a perfeição; dona

Zalina Rolin, a feminilidade; dona Ibrantina Cardona, o incendio d'um coração ateadado pelo pampeiro, são tres poetisas authenticamente notaveis.

Este requinte de lavor, coincidindo com a porosidade d'uma raça, levava a caminho direito para a intoxicação do decadismo francez. Foi assim que Verlaine, Macterlinck, Vielé Griefin e Eugenio de Castro lograram apostolos no Novo Mundo e o decadismo como o symbolismo lavraram lá tambem a sua má semente. Mas, parallelamente, uma reacção de saude physica e mental oppõe-se-lhe.

Ao producto d'uma civilisação degenerescente, fez face a exuberancia de uma raça nova, submerge-o uma onda de sangue quente, fermentado perpetuamente ao sol caustico.

A dispersão desnacionalisadora encontra-se em campo com uma liga de patriotas.

A lueta pela independencia, outr'ora, passára-se apenas entre uma colonia e a sua metropole, originada na declaração de guerra d'uns romanticos. Mas, agora, o movimento é uma insurreição de conscientes, não contra um reino, mas contra uma das cinco partidas do mundo. Com todo o seu orgulho nas tradições de Portugal, claro que não pensam em seguir-lhe os modelos litterarios, depois de se terem emancipado das suas formulas politicas. Com todo o seu culto pela civilisação, a Europa só lhes infunde desdem.

Os breves protestos de emancipação mental que veem denunciando-se, n'um murmurio pelos seculos fóra, tornam-se um proposito, um programma.

Á tentativa um tanto dispersa do *indianismo* succede uma propaganda nacionalista organizada.

Os prosadores tomam a si a campanha, que um estado maior de pensadores reforça e dirige. Nasce a obra forte do sertão. A côm erotica dos decadistas desmancha-se no céu flammineo da terra brasileira, os seus symbolos hystericos derruba-os a carnadura saudavel e vigorosa do caipira, as lendas e as balladas da nova escola são abafadas pelas narrativas dramaticas da alma nacional.

A poesia é obrigada a acompanhar as forças á batalha, mas por adestrar nas violentas manobras do pensamento, depressa cança e passa então a servir ao resguardo da cruz vermelha, compondo no seu hospital de sangue uma ou outra sonata, para matar o vicio da forma; levada ao seio da natureza virgem, as suas rimas trazem já o ruido das mães-d'agua e das cachoeiras, espelham o céu da sua terra, vestem-se e perfumam-se com a côm da sua flora.

A columna evoluciona, e dentro do quadrado o decadismo fica cercado, esganado á nascença, conseguindo apenas evadir-se para o triumpho esse deslumbrado Cruz e Souza, cuja vida de pathetico soffrimento lhe levedou a alma até á imponderalizacao illuminada do sonho.

E, pelos arraiaes da arte, já não como um rufo de revolta mas como o hymno marcial d'uma victoria, pela segunda vez repercute o mesmo brado: *Independencia ou Morte!*

---

#### IV

##### A CAMINHO DO TRIUMPHO

Essa geração privilegiada, que viu cair um imperio, naufragar uma escola litteraria, proclamar-se a era scientifica d'uma litteratura, é ainda a mesma que vae assistir do poisadoiro d'um seculo novo ao magestoso amanhecer do triumpho.

Foi ella quem preparou a verdadeira litteratura nacional e por ella foi tambem commettido esse esforço heroico que tornou possivel a vida do escriptor n'um meio commercial e agricola, tendo vindo pelos annos fóra regando as sementeiras d'uma lucta epica, que darão pão facil, pão abundante aos homens de letras d'amanhã.

Machado d'Assis, Arthur Azevedo, José Verissimo, Araripe accumulam ainda com a sua vida litteraria cargos publicos. Mas, Aluizio, Bilac e Netto são já puros homens de letras, que tornaram moeda corrente o oiro dos seus versos e da sua prosa. Este o seu grande combate.

Annunciam-se já dias de sol, em que não haverá mais a lamentar a esterilidade de talentos, por desdobramento de acções.

O escriptor está reconhecido, como uma força viva, pelo paiz.

A *Academia de Letras* chegou ainda a tempo de fazer de Machado d'Assis um immortal ; o Visconde de Taunay morreu academico, legando assim ao candidato á sua cadeira, que foi João Ribeiro, o pragmatico dever de lhe julgar a sua obra, da qual pelo menos a *Innocencia* sobreviverá.

Os mortos vão tendo a sua grande hora de justiça; uma subscrição publica, que Bilac tanto impulsionou com as suas scintillações, inscreveu n'um bronze de Bernardelli a admiração nacional por José d'Alencar. Parece que um sublime proposito collocou essa estatua em frente ao Hotel dos Estrangeiros, como na certeza de que só os que chegam de fóra desconhecem ainda o grande cearense das *Minas de Prata*.

E nada mais commovente de bello, de elevado e de justo, do que presenciar esse preito que os homens de letras prestam ao prosador sublimado das *Memorias Posthumas de Braz-Cubas*. Aos fó-r-ó-clook da *Revista Brasileira*, a cathedral da litteratura, Machado d'Assis que alli vae diariamente quasi, é no emtanto tratado com as attencções d'uma recepção, que solemnemente lhe fóra offerecida. Pois a sua figura, que um olhar bom illumina, como o seu trato tão despretencioso, sem ser vulgar, antes com a elegancia do purista, só dariam causa á mais carinhosa familia-

ridade. Mas, não: a sua saúde, a sua futura obra — que elle occulta aos mais intimos — sobressaltam de delicados cuidados; a sua presença nunca é trivial. Os antepassados, que alli estão pelas paredes, não em oleos como a pinturilada imponencia de burguezes ennobrecidos por quaesquer Indias ou quaesquer Africas, mas em artisticas e discretas miniaturas, não tiveram com certeza mais provas d'uma estima ao seu talento, que Machado d'Assis. Basta segui-lo á saída da *Revista Brasileira*, pelo braço de José Verissimo, e ouvir pela Rua do Ouvidor fóra, as saudações:

— Mestre!...

— Mestre!...

Não ha duvida que a litteratura é já um poder, uma entidade; certamente está ainda longe de competir em resultados praticos com uma d'essas carreiras, como a medicina ou a advocacia, que n'esse paiz levam directa e rapidamente á fortuna. Mas, faz já um modo de vida, bem mais desafogado e independente que entre nós.

Com muito trabalho, por emquanto, verdade é, trabalho que desfigura as obras de muitos escriptores.

Arthur Azevedo, poeta lyrico, — o sublime poeta das *Estatuas*, do *Desengano*, do *Meu Epitaphio*, do *Impossivel*, da *Mutação*, do *Dialogo* e de tantas outras *gouaches* d'uma inspiração *crystallina*, — com a sua laboriosa producção de jornalista, de chronista, de gazetilhista, mal tem podido conceber, ao sair do Ministerio do Interior, as alacres coplas das suas revistas. Auctor de theatro acha-se n'um paiz sem theatro, erguendo

peças n'um palco, onde meia-duzia de notabilidades artisticas nacionaes cahem desamparadas, pela falta de figuras secundarias, que as cerquem e as apoiem n'um imprescindivel conjuncto harmonico. Todavia, Arthur Azevedo não atravessa este cyclo da litteratura brasileira, sem deixar um traço de fecundidade.

Pela regalia dos annos foi o irmão mais velho dos seus camaradas de letras. O maior dos tres orphãos d'um consul de Portugal no Maranhão, a actual geração achou-o já no Rio de Janeiro, collocado n'uma repartição publica e possuidor d'uma excellente fortuna, que consistia n'uma larga cama á franceza, n'uma rede, uma commoda, uma meza de pinho e um latorio. Alli, n'aquelle quarto d'aluguer, albergou as suas bellas noites de mocidade uma geração, que dormia ora na rede, o *Maranhão* — distico encontrado para aquelle symbolo da pequena patria, que o pae de Bohemia trouxera comsigo ao emigrar para esse mundo fluminense de lucta e de trabalhos — ora na cama, o *Navio*, que, tendo acoutado cinco e seis bohemios, n'uma só noite, entrou de jogar, escancellada, como uma embarcação. E tal era a concorrência ás vezes, que se recorria ao supplemento do *Maranhão* e do *Navio*: um gavetão da commoda, tirado para o meio da casa, almofadado a casacos, e que valia o mais riquissimo leito.

Matheus de Magalhães bateu-lhe muita noite á porta. E, certa occasião, como estivesse já deitado no *navio* um inimigo figadal de Matheus, Arthur preveniu-o no limiar.

—Não importa! É terreno neutro, é terreno neutro!... resmungou elle, com a sua voz de trovão, invocadora da palavra quente do grande tribuno liberal.

O seu exíguo guarda-roupa vestiu a muitos, n'essa epoca, em que alguém, de alvos collarinhos, flammejantes gravatas e chapéu brunido, não possuindo umas botas sem buracos, dizia:

—Sou como os homens celebres: só tenho busto!...

Mas, além d'este papel de patriarcha, todo de coração, Arthur Azevedo acompanhou sempre a geração em todas as cruzadas. Funda-se o *Centro artistico*, elle adhere a essa commissão d'artistas: Netto aventura-se á criação do theatro nacional, Arthur Azevedo offerece-lhe logo o *Badejo*, que é na opinião do proprio auctor a sua melhor obra, e promette aos actores do *Centro* o original do seu drama sacro *O Christo*, onde elle deixará assignaladas as suas prodigiosas faculdades de lyrico.

Nas suas versões, o ultimo quadro preenche-o a proclamação d'uma grande synthese, uma allegoria á agricultura, ao Trabalho: é a propaganda do missionario mental, que não podendo influir nos costumes e no destino do povo, pela peça de these, nobilita assim esse grosso genero, que a revista representa dentro da arte theatral. E, nos seus artigos, jámais deixou de pôr o seu prestigio ao serviço do nacionalismo na arte; poucas vezes se encontra um escriptor que mais prese e apoie moralmente os seus confr-

des. Nunca se agitou uma tentativa d'arte nacional que o não tivesse ao lado; e só de lá sae para ir buscar um exemplo elevadissimo. Foi assim que elle commandou essa apotheose, que *Os Velhos* de D. João da Camara acabam de receber no theatro Lucinda, do Rio, apotheose que contem a glorificação mais completa a que um escriptor pode aspirar.

Elle é o *Gavroche*, que subscreve essa diaria quadra do *Paiz*, a qual condensando a nota do dia vale bem uma chronica; elle é o A. A. da *Palestra*, e os demais jornaes contam-o semanalmente como um dos mais cotados collaboradores entre o publico.

Olavo Bilac é outro trabalhador, cuja actividade prodigiosa e methodica, dentro da sua vida mundana, assombra. Em 97, apezar do seu quotidiano trabalho para a *Gazeta de Noticias*, uma chronica diaria para o *Estado de São Paulo*, as *Semanaes* na *Noticia*, — a *Bruxa* nunca esperou pela sua chronica primorosa. Podia Julião Machado atrazar um ou dois numeros; Bilac, no dia convencionado, sentava-se á banca e, matassem gente alli na rua, descesse o Padre Eterno a tomar um *cook-taill* no Paschoal, elle não se abalava da redacção, emquanto no seu *carrilhão* não tivesse soado a ultima hora da tarefa. São para elle sagradas as horas do trabalho e um chronometro inglez nunca lhe apontaria, no valor de um segundo, qualquer falta de pontualidade. Assim vive e d'outra coisa não quer viver. No ultimo anno do curso de medicina, nem sequer o martyrio d'essa vida *au-jour-le-jour* do escriptor, uma vez experimentado, o fez voltar os olhos

para essa Faculdade, d'onde saiu sem uma saudade, com um profundo desdem pela sciencia e pelos seus rendimentos.

Hoje um soneto seu, um palmo de prosa são letras á vista, que qualquer jornal paga sem desconto. Tanto ou mais do que os seus versos admiraveis, as columnas dos jornaes consomem-lhe o melhor da sua inspiração; quem detesta uma arte, que, como o *parnasianismo*, veste com a riqueza dos seus brocados, tinindo dobres faustosos, o mirrado esqueleto d'um ideal, vá ás chronicas de Bilac, para encontrar, então, n'uma forma pura, o drama da epopeia ou a ballada d'um soffrimento humano na comprimida synthese d'uma chronica, cuja realisação diz o artista sobrio do sonêto.

Parnasiana, a poesia de Bilac ha-de ser por força pouco de molde a sopesar a cruz d'uma missão social; cidadão, carioca d'alma, vida e coração, o seu verso canta o amor, a musica, as estações, o soffrimento mas, se no rythmo passar o farfalhar da floresta, elle rescenderá aos córos da Flora, não repercutirá no seu tragico sussurro de magestade pantheista o berro das sociaes revoltas. O seu cerebro guardam-o as chronicas, a sua acção de cruzado-novo trava-se com espadins d'oiro nos atalhos d'um folhetim. No verso, domina-o o coração apenas. Por isto elle será sempre o admiravel, o perfeito poeta parnasiano, cujo verso é o molde e o abysmo de todos os poetas da escola, submersos todos na maré viva da sua perfeição incomparavel.

Como Bilac, Murat é um artista do verso; o seu temperamento, porém, menos calmo, arrasta-o para os grandes tumultos do pensamento e do sentimento humanos, e por pouco o não atira para as batalhas da poesia epica.

Monarcha do alexandrino, o seu fôlego impacienta-se na mesquinhez da poesia solta; a sua tempera põe-lhe agitações no sangue, que só se acalmariam n'um tremendo desafio, donde elle voltasse glorioso, havendo conquistado á arte a victoria d'um poema. O poeta das *Ondas* tem ido desde o episodio d'amor, no delicado villancête, ao decadismo por *badinage*, e na pluma crêspa do magestoso alexandrino ao immenso prologo do poema. Conspirador, propagandista democratico, deputado e prisioneiro tem na sua vida como no seu estro com que fazer-se epithetar o Hugo brasileiro.

Um dia de paz na sua vida, as condições da luta adoçadas e elle, que conhece todo o sentimento desde o soffrer stoico da Mãe, até ao fervor civico que o lança nos carceres e o deporta para Santa-Chatharina, elle fará o poema nacional com esse sagrado patriotismo dos campeões d'um povo. É com elle que a poesia brasileira tem a contar, para porta-bandeira das suas cruzadas.

Mas, não ha negal-o; é aos prosadores que cabe maior gloria, n'esta luta pelo nacionalismo da arte.

O romance, excellente meio de vulgarisação e de propaganda, vendo o phenomeno atravez a luneta d'uma sciencia experimental, torna-se a melhor arma de

guerra. Essa formula litteraria, que Zola guindou ás sublimes eminencias d'uma arte e á expressão d'um credo philosophico assumiu já entre elles o seu cargo na tribuna social.

Machado d'Assis, com o seu pessimismo negro, compraz-se em uma psychologia azeda, o qual vae estallar tragicamente na vida de Raul Pompeia o profundo psychologo do *Atheneu*, que como o Mestre se entretinha um ou outro momento a burilar *canções sem metro*.

Adolpho Caminha com a *Normalista* afasta-se dos dramas tenebrosos da alma humana e entra a observar os costumes, atordoando-se no barulho das massas.

Aluizio Azevedo, porém, é o legitimo representante do romance de costumes. O *Mulato*, escripto aos vinte annos, ficará dentro da obra do romancista e dentro da historia da litteratura brasileira, como um glorioso padrão. Ahi se vê o pulso d'um escriptor, feito de talento. Os seus typos ainda hoje se podem reconstruir, S. Luiz n'aquelle tempo devia ser assim: a verdade é flagrante e impõe-se sempre, mesmo áquelles que a não podem confirmar. Descido ao Rio, a sua carreira litteraria continua; elle levava duas especiarías para permutar com o publico — um talento decidido de romancista e uma vocação de desenhista. Sobreviveu aquelle. Tudo o impellia para a vida de escriptor; sua mãe, admiradora de Camillo, obrigava-os, a elle e ao Arthur, a ler em voz alta os romances do escriptor portuguez. Quando já estavam no Rio, a boa senhora mandava-lhes pelo correio dois exemplares d'um

mesmo livro de Camillo, recommendando-lhes muito que os lessem e terminava sempre: «É vossa mãe que vos pede! . . .»

Com essa força guiadora, o talento de Aluizio ia naturalmente sendo dirigido para o romance de costumes, que elle continua a explorar; mas na capital, cidade cosmopolita, os seus typos, são já adulterados e junto d'um brasileiro não se está livre de topar com uma polaca. Comtudo, a *Casa de Pensão* e o *Cortico* só poderiam ser observados no Brasil, nenhuma litteratura, nenhuma civilisação os pode reclamar.

Dirigindo a força inicial, vae concorrendo sempre a sua obrigatoria bohemia de escriptor pobre, que elle prolongou mais que outro. Uma noite que lhe falta uma vela para escrever, concebe aquelle macabro conto *Demonios* em plêna allucinação. A *Casa de Pensão* com os tics dos hospedes, a perversidadesinha da gente da casa, devia tel-a observado n'essa ronda forçada a que o banido do lar está condemnado. Demanda muito talento e muita saude, a resistencia que Aluisio oppoz sempre aos pequeninos raspões da vida, produzindo incessantemente. E a sua alegria de forte era que resolvia, a poder de espirito, essas crises.

— O dono d'uma pensão a quem o romancista devia um mez, deu ordem para não se lhe abrir a porta, quando elle voltasse, alta noite, como de costume. Cumriu-se a cezariana medida. Mas, na noite seguinte, pela mesma hora a que na vespera o escriptor se cançava de bater á porta, foram os hospedes despertados por um estralejar de foguetes, deitados

do portal para a claraboia. Levantou-se um alarido medonho e toda a casa veio ás portas dos quartos, aos corredores, á escada saber o que se passava. O dono do hotel accudiu afflicto, colerico. E o sympathico bohemio, correu-os com esta phrase:

— Ah seus patifes! Pois hontem ninguem me ouviu bater á porta, com pedras, com a bengala, e hoje todo o mundo se sobressalta por meia duzia de peças de fôgo chinez!...

Nas suas continuas excursões de hotel em hotel, que fazem com que nem o irmão saiba d'elle quinzenas seguidas, foi parar em frente a uma d'essas *avenidas*, d'essas *ilhas*, onde se colmeia a miseria e foi alli tirando do natural o drama do *Cortiço*.

Ao cabo de vinte e tantos annos d'uma vida litteraria, o paiz despacha-o consul para Vigo.

Ainda não finda ahi a sua peregrinação. Vigo, apesar da sua aristocracia, é uma cidade hespanhola; o uso diario do banho a que Aluizio vinha habituado, como bom brasileiro, levantou um clamor de incommodas suspeitas:

— O consul do Brasil será homem doente?... Elle trará a febre amarella? Para tomar banho todos os dias!...

— Hombre, que és sucio quien asi tiene necesidad d'agua!...

E, elle lá consegue ser removido para o Japão, onde chega depois d'um naufragio no horisonte visual, para concluir que Pierre Lotti é um intrujão, a sua *M.<sup>me</sup> Chrysantheme* uma refinada *fumisterie* e que

estava por descrever aquelle canto do oriente. Assim se prolonga a sua vida de chromo-romancista.

O seu cartão de despedida ao publico brasileiro, *Livro de uma Sogra*, foi, talvez, o seu peor livro, visto como habituado a trabalhar sobre a observação, a sua casuistica *à posteriori* não se familiarizou com a transição para o romance de these, no qual havia demais a mais a subordinação *tolstoiana*, pouco coherente com os seus irrequietos quarenta annos, em todo o pleno vigor.

Continuando a viver na provincia brasileira, n'uma cidade a que não tivesse chegado a onda dissolvente do cosmopolitismo, Aluizio haveria feito litteratura ainda mais nacional e os espectaculos da natureza virgem acabariam, talvez, por captar a sua robustez.

O papel de grande creador da litteratura sertaneja estava guardado para Coelho Netto. Nascido no Maranhão, mesmo do Interior, emballado com as lendas sertanejas, tendo ido a um acampamento indio em creança, com sua avó, que nunca esqueceu os seus irmãos de tribu, Netto trazia todo o calor do sol patrio, no olhar toda a luz e toda a côr da santa natureza, na alma os dramas ineditos d'uma raça. O seu pantheismo andou peregrinando pelo mundo, dava uma assaltada ao Oriente de quando em quando, n'essa fatal nostalgia das epocas e das raças primitivas; mas por entre o preciosismo das suas primeiras obras a floresta irrompe com o seu fôgo calcinado, a sua arborisação phantastica, epica, arredomando um mun-

do de mysterios, promettendo a narrativa de musicaes segredos, hymnos d'almas desconhecidas. Elle era já «o artista phantastico da ballada, nas cousas mansas e vaporosas das virgens amortalhadas, dos eloendros soluçantes, dos cyprestes meditativos e das rosas. . . »

A sua fôrma primorosa, como a propria alma do escriptor, percorreu ao sabor da sua vida bohemia todos os atrevimentos da imaginativa, que o *Rei Phantasma* corou, e todos os aspectos. Deve ter sido n'esse tempo, em que elle dormia nos bancos dos jardins publicos, tendo por mobilia um *Musset* na algibeira, e, quando na vagabundagem dos *sosinhos*, palmeava a cidade, que reuniu os documentos para a *Capital-Federal*.

Elle nos contará um dia, tudo isso, n'*A Conquista*, que é a historia da conquista do Nome, atravez as miserias primeiras da lucta, e as manhãs frias da bohemia em que se abrigavam uns contra os outros, todos esses obscuros que hoje fazem o clarão d'uma gloria.

Um dia Ruy Barbosa offerece-lhe um logar no *Diario de Noticias*. Netto, com a consciencia do proprio valor, exige pela sua collaboraçã litteraria trezentos mil reis mensaes, como se não puzesse grande empenho em acceitar mais trabalho, elle que não tinha fonte de receita alguma. Quando dias depois o mandaram chamar de novo para lhe perguntar se elle pensára e não queria fazer uma reduçã, Netto responde impondo entre outras esta exigencia: ser publicado e pago, por cincoenta mil reis, aquelle original que trazia alli — e mostrou um soneto de Bilac.

A partir d'essa data, o trabalho litterario entrou

a ser pago ao jornalismo brasileiro. E, de victoria em victoria, o bohemio, o humilde, o filho d'um pobre alemtejano, chega a casar com a filha d'um governador do Rio, tendo por testemunha na cerimonia o Presidente da Republica, Marechal Deodoro. Com a fê que o trouxera até alli ia elle agora atravessar a bella epopeia do amor, contando para base do seu generoso futuro apenas com as fulgurações da sua penna, incomparavelmente fecunda. O amor restituir-lhe-ha, pois, systematisada essa mesma fé, a crença no proprio talento crivada pelo pallio inconsutil do lar sairá transformada n'uma força de convencido.

A producção torna-se, então, assombrosamente, abundante. Os seus livros succedem-se, tres e quatro volumes teem na capa a data do mesmo anno. O estylo curva os espiritos e conquista os corações. Dentro de um fugaz lapso de tempo as suas obras ascendem a milhares de edições. Conta-se com o seu nome para o exito d'um jornal, a sua chronica faz um elemento de successo.

A *Gazeta de Noticias* paga a centos de mil réis as *Fagulhas* que saltam diariamente d'aquella forja de primores; O *Paiz* fecha a sua primeira pagina com um folhetim seu; a *Noticia* não satisfeita com a sua chronica semanal, sobrecarrega-o de artigos especiaes, sobre arte, sobre historia; e do *Commercio de S. Paulo* á *Folha do Norte*, o seu talento desdobra-se em magnificentes paginas dispersas. Para se pôr ao abrigo da concorrência dos outros livreiros, que lhe disputam os livros, um editor monopolisa-lhe toda a producção.

Com uma saude musculosa, o escriptor resiste a esse trabalho, que seria bastante para *surménager* dois europeus, e ainda encontra tempo, alegria e inventiva para collaborar no *Filhote*, ou no *Engrossa* os cantos da *Gazeta* onde se ri de todo o mundo, com o espirito de homens de talento, como Bilac, como Murat, Guimarães Passos, Emilio de Menezes e Pedro Rebello, o inquieto narrador da *Alma Alheia*.

Mas Coelho Netto sente que a sua força, o seu talento, a sua obra pode e deve servir uma grande causa. As batalhas politicas estavam ganhas. Decididamente era a arte, a propria alma do povo que reclamava um grande esforço. Elle não concebia impossiveis, desconhecia derrota, o habito da lucta clamava por elle, agora na quietação do renome e do lar. Do lar elle sairá apenas para dar uma fugida ao editor, a uma bibliotheca. Na sua torre d'amor o encontraremos sempre: abancado das seis da manhã ao meio-dia, produzindo, lendo provas e expedindo delirios de prosa, aos jornaes da capital e dos estados, das duas ás seis; a partir d'essa hora á sua mesa de jantar, onde é sempre facil fazer o conhecimento d'um grande sabio como Erico Coelho ou Simões dos Reis, um grande poeta, um Bilac, um Murat. E á noite são as deliciosas *causeries* d'arte, entre um pedaço de bôa musica, uma *boutade* de Bilac ou um verso de Murat, presididas pelo santo olhar da boa M.<sup>me</sup> Netto, a encarnação da Brasileira pura. De vez em quando, um dos seus sedosos gatos francezes salta para a sua banca, sempre arrumada, sem um papel rasgado, uma penna derru-

bada, com o methodo e a ordem que devem ser parte do segredo d'aquella actividade triumphante de Netto.

Comprehende-se, pois, que o trabalhador não desampare esse altar, onde elle é o adorado entre a admiração cega de sua esposa e de sua cunhada Esmeralda — a regia Perfeição! — comprovada desde o carinho com que lhe classificam, n'uma methodica tarefa, a obra esparsa, até a fidelidade com que recitam paginas inteiras dos seus multiples romances.

Mas, da commodidade do renome para a propaganda da nova cruzada, onde irá talvez encontrar a aggressão sempre possivel nas campanhas antidatadas, não hesitou Coelho Netto sair, com a mesma fé e o mesmo impeto, que o levava aos passados triumphos.

A sua producção torna-se, então, uma vertigem. Nas novas obras, pratica-se o que o critico formula nas suas chronicas, em propaganda da nacionalisação litteraria. O rimador da prosa das *Rapsodias*, n'um appello aos poetas, torna-se o poeta do *Pelo Amor*, vae ser o libretista da *Hostia*, da *Artémis*, dos *Saldunes*; o punho que esboçou o adoravel *Ritornello* das *Baladilhas* conduzirá amanhã a penna ao vigoroso quadro d'*Os Velhos*.

Como não bastasse o que a sua alma guardava de ineditamente dramatico para a epopeia da sua raça, Capistrano d'Abreu leva-lhe todos os dias um novo vocabulo encontrado na sua incessante labuta de mineiro da linguagem typica, mal registrada ainda apesar dos grandes esforços de Sylvio Romero e Mello

Moraes Filho. A intuição de Gregorio de Mattos, ou antes, o que n'aquelle era uma consequencia da sua camaradagem com o povo, que forçosamente o havia de saturar do seu espirito nacional até a penna lhe pingar typicos vocabulos, transforma-se n'uma missão consciente, pela qual Coelho Netto vae dando á lingua em cada um dos seus romances ou dos seus contos um novo dictionario cheio de côr e de melodia. De posse da linguagem, conhecedor da paysagem, facilmente se põe em contacto com os elementos mais esquivos da raça e por ella chegará a reconstruir as tradições. A menor lenda, a mais subtil narração lhe dá imprevistos materiaes para a sua obra; e, uma velha negra é a unica pessoa auctorizada a perturbar-lhe o somno do meio dia ás duas, se a sua memoria cançada avista subito o fogacho d'uma história do sertão.

Já tinham levantado escarcéos de successo alguns dos seus livros, como o *Inverno em Flór*, cujo estudo pathologico lança n'uma polemica a sciencia medica, que vem depôr favoravelmente n'um inquerito instaurado á obra. É, todavia, n'esses dois contos *Cega e Os Velhos*, da sublime brochura do *Sertão*, que elle attinge a maior altura da sua intensidade dramatica, que exgota para 24 horas todo o systema nervoso do leitor.

Em seu redor não tardam a apparecer apostolos e o seu appello aos escriptores e artistas brasileiros, para que se crie a arte nacional, eccôa.

Não daria grande trabalho a fixar a genealogia d'alguns contistas sertanejos, n'esse ramo pujante,

que é a obra nacionalista de Coelho Netto. Valdomiro Silveira, por cunho d'uma personalidade tem flagrantes stereotypias da linguagem do caipira, que lhe dão o direito de se inculcar o creador dos dialoguistas brasileiros. Cada expressão do seu dialogo é uma anatomia viva do sertanejo e talvez seja, pela propria tempera que elle suta a alma dos seus personagens, porque Valdomiro, na sua secca e esguia figura, traz coalhado um pouco de sol do sertão.

E não terá Antonio d'Oliveira, o moço romancista da *Sinhá*, uma costella de Aluizio e outra de Netto? Conhece-se a rodella do frasco que elle emborcou sobre as suas paginas a fim de as perfumar levemente d'uma essencia estranha, e que afinal alastrou n'uma rosêta amarellada; mas que a sua natureza mixta de observador e paysagista muito deve aos romances de costumes de Aluizio e á propaganda sertanegista de Netto, não ha duvidal-o.

Julio Ribeiro, na *Carne*, já nos havia mostrado aspectos da natureza brasileira e, como na *Familia Medeiros* de dona Francisca Lopes d'Almeida, alguns recantos da *Fazenda*; mas Julio Ribeiro *azolaava-se* e a superior romancista da *Viuva Simões*, a contista premiada, a educadora do *Livro das Noivas* não pode, á boa mente furtar-se á influencia dos processos estrangeiros. Escriptores surgem, então, brasileiros, já não só pela paysagem, pelo meio em que se passa a acção dos seus livros, mas pela alma dos seus typos e processos.

Affonso Arinos leva-nos *Pelo Sertão* de Minas e Ja-

cômino Define — a mais luminosa esperança da geração que nasce — narra-nos o drama de *Chagas*, acontecido em terras paulistas.

Papi Junior, com os costumes cearenses do *Simas*, acaba de alistar-se na santa cruzada da nacionalisação.

Pelos Estados vae uma grande corrente de magnetico patriotismo artistico: nascem periodicos, revistas, Cunha Mendes e Valle e Silva, em S. Paulo, prolongam pelos annos além a sua pequena mas fructifera *Revista do Brasil*; a *Padaria Espiritual* do Ceará e a *Mina* do Pará editam as obras brasileiras dos seus «irmãos».

O grande impulso de nacionalisação havia, porém, de cumpril-o uma aggremação representativa da arte brasileira: o *Centro artistico*, que, nascido d'uma d'essas palestras de *bond* em que se fazem meridionaes protestos contra a decadencia dos costumes e a derrocada das artes, celebrando as suas sessões na sala do restaurante que primeiro lembra para os mensaes jantares.

É o *Centro artistico* que organisa em 98 uma exposição d'arte retrospectiva, que tenta a criação do theatre e da opera nacional, que congrega todos os talentos e todas as vontades no mesmo sentido d'essa força. Assegurada a litteratura contra a invasão dissolvente do estrangeirismo, restava defender as outras artes.

A musica, até alli perdida por escolas estrangeiras, purifica-se, e os pintores, ouvindo emfim as suas palavras, começam a pintar o céu da sua patria.

Assim, fixando-se ao solo, pela paysagem, pelas

tradições, pela raça, pelos costumes, a arte brasileira tornar-se-ha, como esse solo uma vez fecundado, pujantissima, invencível.

E tudo isto é a obra d'um só homem que fructificou, é o producto d'uma vida de luctas, d'onde saiu um victorioso que á frente da sua geração leva a arte a caminho do futuro.

Olhos n'essa vida de Coelho Netto! exemplo, divisa nobilissima de todos os que se rojam na lucta pelo Nome. E á sua obra, que, para ser grande, para ser patriótica, para ser immortal bastava o *Sertão*, podereis ir colher a impressão integra e real do que é esse colosso. Se vos sentis já attrahidos arrebatadamente para essa terra de magia, onde bailam as lendas no gorgulhar rythmado dos igarapés bordados, que fará em lendo a obra nacionalista de Coelho Netto, embrenhando-vos com elle pelo coração da sua terra! Porque na vossa derrota marítima, como na anterior peregrinação pelas elegias sertanejas e n'aquella accossada travessia pela floresta millenaria, apenas haveis presentido o Brasil, mal haveis suspeitado os encantos e as riquezas d'esse ôdre d'ouro. Oh! esse Brasil! elle é o valle fecundo das gommas, a floresta milagrosa da therapeutica, a aerea mina das odoríferas madeiras, o celleiro transbordante dos cereaes indigenas, — inextinguivel mina, cujo filão as cabelleiras sombrias dos cafezaes occultam.

Mas, sem fallar na colheita expontanea, que esse solo pujante semeia e germina sosinho, sem ajudas, que seara preciosa não se colheria no dia em que,

com alguma coragem e alguma sciencia, se amanhasse aquella terra! E que de terra por lavar! promettendo ricas fertilidades a quem a fecundar, fertilidades que ninguem colhe, mas que ella — a desdenhada — conserva intactas na sua virgindade de selva, em plena rejuvenescencia.

Rendei-vos á seducção da sua formosura forte! Pensae na miseria da familia humana, resvalando para a ignominia dos vicios e dos crimes, pela ladeira da fome, quando alli sob os humbraes d'aquelle templo pagão se abriga um dogma compassivo e clemente, onde o amor e a felicidade refloresceriam triumphantes, se ella quizesse desertar das cidades, para a vida fecunda e pura dos campos, n'um jurado culto á terra. Ide povoal-a! vós outros que pertenceis á mais fecunda das raças; ide regal-a com o vosso amor incomparavel, fundando com esse vosso temperamento aventureiro as bases d'uma grande, d'uma nova humanidade.

Ha lá em baixo terras virgens, immensas, pelas quaes perpassa um sopro de infinito, onde vós todos achareis logar, onde podereis á vontade deixar pullular a vossa fecundidade, tão opprimida nas estreitas areias portuguezas que parece asphixiar no seu solo antigo. Só a chamma do divino amor — que cria os mundos e as eternas obras — espera essa terra, intumescida de vida, eternamente pubere, que nem que houvesse sido regada pela mesma chuva d'oiro, que além anda farandolando consumições offuscadoras no sol ardente. Só uma nova floração de seres é precisa a esse dominio sem limites, para que as prodigiosas

colheitas brotem do solo, n'um immarcessivel oceano de verdura.

Tendes planicies alfombradas offerecendo-se amorosamente para nutrir os vossos rebanhos sem numero, doando-vos o thrôno da sua côrte de pastores. Algares escachoantes galopam espumando á procura do vosso gado, que ao tornar das pastagens lhes beijará com soffreguidão rejubilante o collo argenteo e fresco.

Leguas e leguas de terra aguardam-vos impacientes, para distribuir comvosco o trigo, o milho, todo um grande celeiro atulhado d'oiro, as grandes ceifas conquistadas ás selvas. Arvores centenarias separam-se dos filhos, n'uma abnegação heroica, para vol-os sacrificar, enviando-os a proteger-vos da inclemencia dos tempos. Troncos herculeos como braços de gigantes, compromettem-se a deixar-vos enxutos em qualquer margem dos esteiros ou a cavalgar comvosco pelas grimpas das cachoeiras. Se vos faltar a caça bravia ou alguma tempestade dissolver os *meetings* agitados dos peixes, pondo-os em fuga, fructos silvestres sustentar-vos-hão com o seu perfumado leite. Desde os prados mysticos do sul ao rebelde acampamento dos indios do Purus e do Madeira, por toda a parte a rainha das floras festejará a vossa passagem com os bailes deslumbrantes da sua côr gloriosa, por toda a parte ouvireis o hymno epico da invencivel fecundidade.

Terras, aguas para as regar, sol para as enxugar, nada vos falta para erigir um grande reino de amor e de trabalho.

Podeis escolher todos os climas e todos os mysteres, reclamar não importa que cantico do divino poema da natureza. Lá muito em baixo, n'um paiz de pastos e gados, o luxo sideral d'um céu invocará o céu que adocelou o primeiro minuto da vossa vida; e os mesmos fructos vos trarão, no perfume e no sabor, a recordação inteira da vossa patria. A propria flora mitigar-vos-ha a nostalgia dos vossos campos abandonados, a ponto de vos parecer que é verdadeiramente aquella a vossa terra. Vereis cahir geadas; e o vento molhado levar-vos-ha os sussuros patheticos do vosso elegiaco inverno. Mas, se em vós borbulhar o sangue aventureiro d'algum antepassado que acabasse nas Indias ou n'outra qualquer epica sortida, e se a perfeição do vosso firmamento d'um azul perpetuo vos der adoentadas melancolias, clamando pelo divino espectaculo das coisas imprevistas, n'uma especie de desejo informulado, fazendo-vos anear por outros céos, por outros rios e outros sóes, então atirae-vos para o mysterio das planicies virgens, luctae com a adustez, ferí a cruzada epica da paz, convertei as terras barbaras ao nêo-christianismo da fertilidade, que saireis gloriosos, tornados os heroes da palingenesia florestal. Se um dia perderdes a vossa Africa, o sol calcinante do Sertão consolar-vos-ha n'esse lucto. Passeando igarapês, as canôas parecer-vos-hão maiores que caravelas e os cotovêlos dos estreitos surgirão terriveis como cabos tenebrosos.

Sereis pastores, navegantes, vivereis da caça ou da pesca, cultivareis cereaes ou cuidareis flores, co-

lhereis a seára facil do café ou da borracha na quasi commoda canceira dos seringaes, que percorrereis sentados em reboques, ou semeareis por vossas mãos o pão que preciseis, expondo-vos ao calor inclemente ou recolhendo-vos á alfombra humida dos logares temperados, ouvindo cantar a agua, espadanando em cascatas por entre córregos velludineos, ou aprendendo a compôr operas com o mar-no estuario onomatopaico da costa.

Ide! ide povoar essa terra! que virá a pertencer ao trabalhader ousado, que com ella coopere na divina obra da vida, creando, amando, alargando incessantemente o seu dominio, luctando pela fecundidade e pelo amor. Prestae-lhe os vossos braços, regae-a com o vosso sangue, protegei-a com a vossa fé, fecundae-a com o vosso amor victorioso, e, do immenso jazigo das selvas desprezadas, vereis surgir ignorados thesoiros, que cantarão em cada aurora a victoria da vida.

No longo recolhimento das solidões sertanejas concebei a cidade da fortuna, da gloria e da paz. As florestas silenciosas, como se estivessem mortas na sua velhice millenaria, agitae-as com os grandes tumultos da vossa força e da vossa fé. Do nada das terras incultas fazei um illimitado imperio de fertilidade, para que, se vos roubarem amanha o que hontem conquistaram os vossos avós—, vos possaes vingar, dando riquezas aos famintos que esmolarem uma côdea, aclamando pela bocca dos revoltados e dos opprimidos a soberania da Verdade e da Justiça.

D'aquella virgindade florestal, arrancae a vida, pela fecundidade imperecivel, que é a verdade santa com resplandecencias rutilas de futuros melhores.

Quem sabe se não está em vós o remedio do tremendo mal humano; se não é de vós que depende a sublime resolução da obra social? Deixae, pois, transbordar a vossa raça, na divina imprevidencia dos que cumprem d'olhos cegos o seu fim, trabalhae com fé, na grande paz agricola, e conquistareis o pão para matar a fome a milhares de miseraveis. Deixae correr o vosso sangue por cima das planicies virgens, atravez do mar, alastrae-vos, inundae o mundo e havereis fundado uma nêo-lusitania que renascerá lá baixo ao sol rejubilante da America e um novo Portugal, gigantesco, amanhacerá no outro polo.

Se tendes sêde de glorias, se sentis a flamma divina dos feitos d'armas, se quereis continuar o vosso passado de fulgurações, povoando e reconquistando o que haveis descoberto, atirae-vos n'uma onda de fé, de vida, de amor, de saude, de trabalho, para esse mundo novo e abri com a charrua clareiras rutilantes, por onde se escõe a raça transbordante, que resurgirá feliz, além, n'aquelle campo abençoado! capaz de dar seáras d'oiro bastantes para nutrir á farta um povo de espartanos.

Março — Julho 1900.

FIM

## ERRATAS

---

PAG.	LINHAS	ONDE SE LÊ:	DEVE LER-SE:
23	24	dos nossos pensamentos	dos vossos pensamentos
23	25	raspareis nas ancas	raspareis nos flancos
31	1	mo perdido	rumo perdido
32	12	viração cahida	viração cálida
45	10	lyricos portuguezes	lyricos brasileiros
59	26	abdica do	abdica o
105	25	fórmaz inglezas	fórmaz inglezas
107	15	zangões	zangãos
111	21	Agglomera-se em	Agglomera-se povo em
117	1	de zinco e apraza	de zinco se apraza
118	20	os Pendores do Corcovado	os pendores do Corcovado
175	10	o emigrando portuguez	o emigrado portuguez
176	17	<i>S. Paul Raill</i>	<i>São-Paulo Railway</i>
179	17	lichnes	lichens
181	2	muda elevação	muda enlevação
212	30	a sua virtude	a sua vontade
238	23	«caçadores de matto»	«capitães de matto»
279	19	torturas da Liberdade	tonturas da Liberdade

Nota: Outros lapsos e certa incoherencia orthographica, a que está sempre sujeita uma impressão precipitada, abstemo-nos de rectificar, pois que em nada desfiguram o texto.

# INDICE

---

## PRIMEIRA PARTE

	Pag.
O Homem e a Terra . . . . .	17
A Mulher . . . . .	45
A Familia . . . . .	65
O Povo . . . . .	83

## SEGUNDA PARTE

As Cidades . . . . .	103
Novas Cidades . . . . .	129
Colonisação Portugueza . . . . .	147
Immigração . . . . .	167

## TERCEIRA PARTE

O Sentimento Civico . . . . .	207
-------------------------------	-----

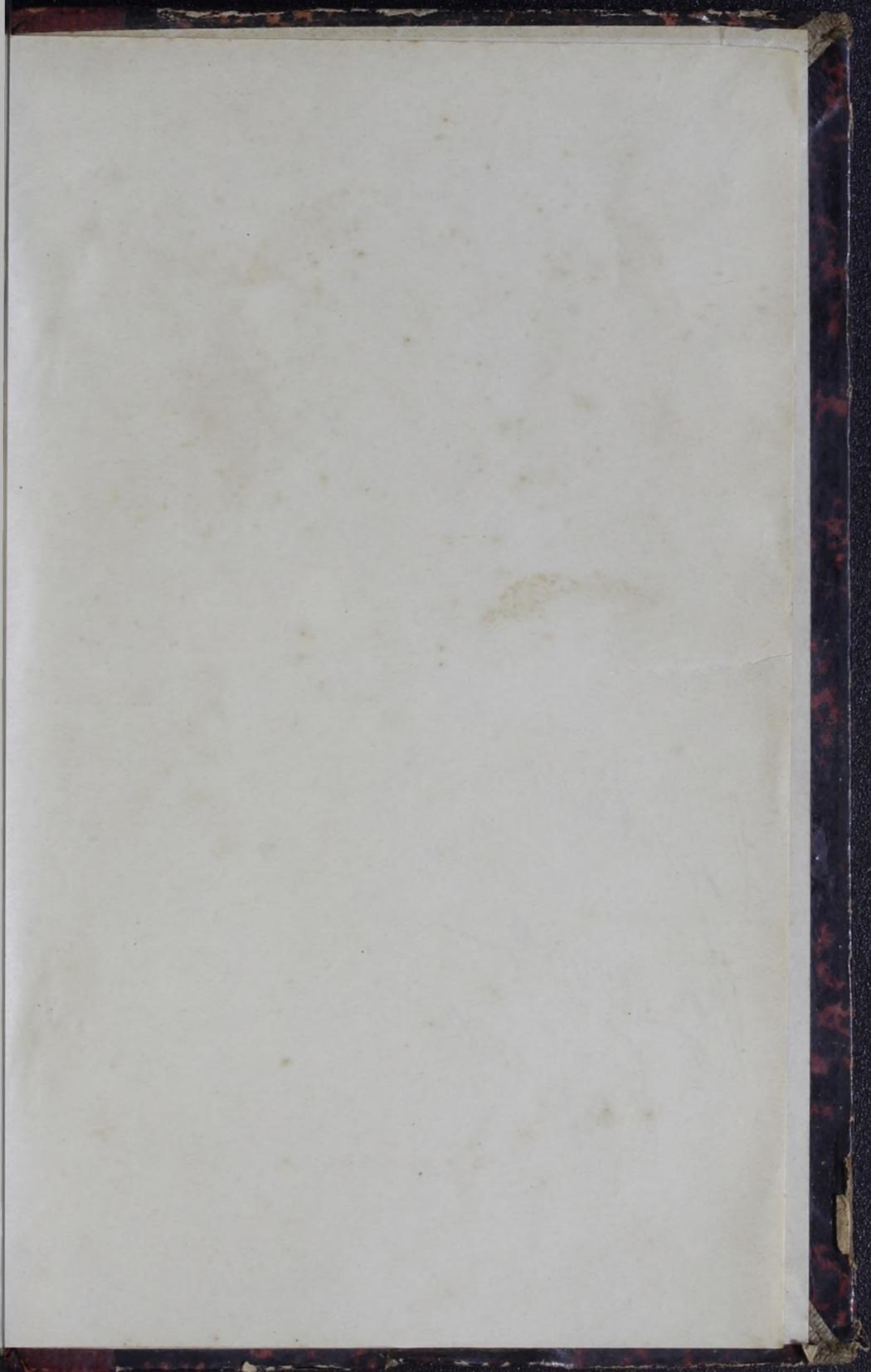
## QUARTA PARTE

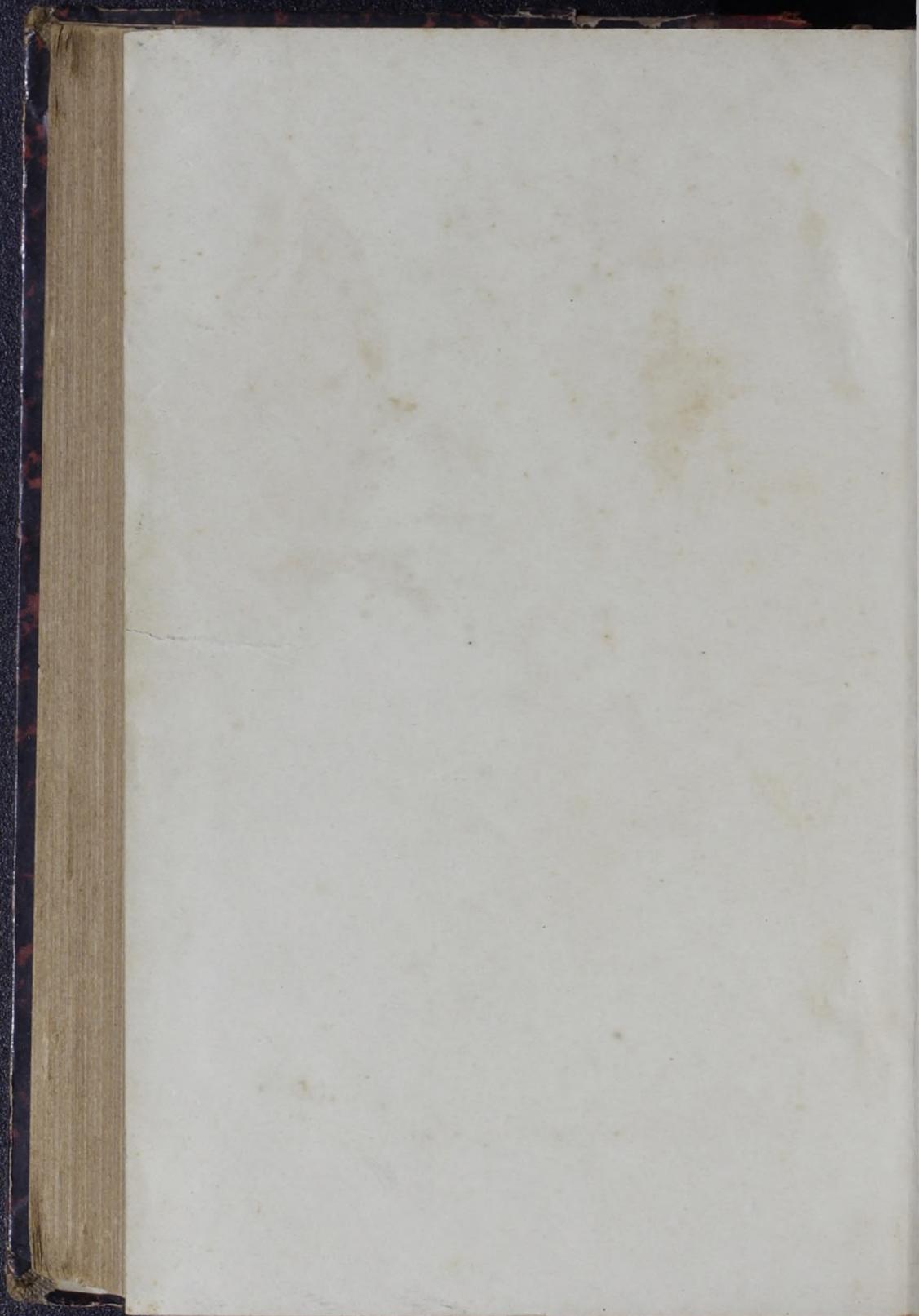
Gestação Nos Seculos. . . . .	261
Mocidade . . . . .	283
Plenitude . . . . .	301
A Caminho do Triumpho . . . . .	325 a 350

---

Santas

1/2 ene  
Ramirez





090  
L548C

